



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RITA DE CÁSSIA SIMÕES MARTELINI

**O DINHEIRO E O JOGO DAS APARÊNCIAS:
TEMAS RECORRENTES NA CONTÍSTICA MACHADIANA**

Londrina
2012

RITA DE CÁSSIA SIMÕES MARTELINI

**O DINHEIRO E O JOGO DAS APARÊNCIAS:
TEMAS RECORRENTES NA CONTÍSTICA MACHADIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar

Londrina
2012

RITA DE CÁSSIA SIMÕES MARTELINI

**O DINHEIRO E O JOGO DAS APARÊNCIAS:
TEMAS RECORRENTES NA CONTÍSTICA MACHADIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Adelaide Caramuru Cezar
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. André Luiz Joaínilho
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Loredana Limoli
UEL – Londrina - PR

Londrina, 02 de maio de 2012.

Para Jean-Michel Massa, exímio divulgador da cultura brasileira em terras europeias e grande admirador da obra de Machado de Assis. Este trabalho não seria possível sem a estimulante e proveitosa leitura de seus escritos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o invisível evidente, sempre a me guiar.

À minha mãe, a quem uma vida não bastaria para agradecer.

Ao meu noivo, Luciano Antonio, pelo carinho e apoio incondicionais, e pelo amor que me deu forças para não desistir frente aos obstáculos.

À professora Adelaide, pela orientação precisa, em todos os momentos.

Aos professores, André Luiz Joaquinho, Regina Célia dos Santos Alves e Loredana Limoli, pelas observações pertinentes à adequação do trabalho durante a Qualificação e a Defesa.

Aos amigos Luís Eduardo Veloso Garcia, Érica Antônia Caetano e Juliana Figueiredo, pelas palavras de incentivo que muito me ajudaram.

Ao Dr. Darcy Closs, mestre e amigo, pelos conselhos valiosos sobre a vida acadêmica.

“O escritor original não é o que não imita ninguém, mas o que ninguém pode imitar”.
Assis Chateaubriand

“[...] não basta que admiremos nossos predecessores, que percebamos a impossibilidade de alcançá-lo. É necessário também que ousemos efetuar saltos em sua direção, assumindo o risco de que tais saltos malogrem, cobrindo-nos de ridículo. Devemos, por certo, cuidar para que não usemos o inatingível como se este fosse feito sob medida para nossos próprios propósitos, mas devemos também nos deixar estimular e inflamar por ele”.

Elias Canetti

O Jogo dos Olhos

“Há uma qualidade que une todos os grandes e duráveis escritores, você não precisa de escolas e universidades para mantê-los vivos. Tirem-nos do currículo, deixem-nos na poeira das bibliotecas, e de repente um leitor casual, não subvencionado e insubornável, vai trazê-lo à luz, sem pedir favores”.

Ezra Pound

“[...] sempre no fundo de cada novo pensamento humano, de cada pensamento de gênio ou mesmo de cada pensamento que emerge do cérebro como altíssima centelha, alguma coisa há que não pode ser comunicada aos outros, mesmo que fossem precisos volumes e mais volumes a respeito e que se levasse mais de trinta e cinco anos a querer explicar; alguma coisa que não sai do cérebro, que não pode emergir, que aí fica para sempre intacta e incomunicável. Morre-se com ela, sem poder participá-la a quem quer que seja. E todavia bem pode ser que essa seja a ideia mais importante entre todas”.

Fiodor Dostoievski

O Idiota

“O gênio [...] pode atravessar uma época sem que ela o compreenda, nem mesmo o conheça; mas adiante está a posteridade que o vinga. Ora, se em vez de avançar para o futuro, ele retrai-se ao passado, quem o há de ler e apreciar?”

José de Alencar

Pós-Escrito à Diva

MARTELINI, Rita de Cássia Simões. **O dinheiro e o jogo das aparências**: temas recorrentes da contística machadiana. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Machado de Assis escreveu cerca de duzentos contos entre 1858 e 1907, período que abrange praticamente toda a sua carreira literária, iniciada em 1855. Neste trabalho, buscamos mostrar que, durante meio século de produção contística, o escritor carioca recorre invariavelmente aos mesmos temas, reelaborando-os em novas estruturas, segundo aperfeiçoava a sua obra. Assim, a nossa análise procura entender a retomada temática como fruto do constante amadurecimento do autor e de sua percepção da sociedade. Destacamos alguns contos que foram publicados em periódicos conservadores e destinados, sobretudo, às mulheres, como o *Jornal das Famílias*, que, de certa forma, limitava a criação artística de Machado. Contudo, acreditamos que nessa mesma época o contista procurou empreender exercícios literários e experimentações discursivas que lhe dariam base para os escritos maduros. No decorrer desta pesquisa, concentramo-nos na busca dos temas mais trabalhados pelo escritor e, entre eles, selecionamos o dinheiro e o jogo das aparências, presentes em vários contos escritos em diferentes épocas. Concluímos que, ao retomar essas temáticas, Machado de Assis parecia deixar implícitos o caráter universal e a atemporalidade de certos sentimentos, como a ganância, a sede de poder, a ambição e a necessidade de se viver de aparências quando a realidade não é bem-vinda em determinadas situações.

Palavras-chave: Machado de Assis. Contos. Dinheiro. Jogo das aparências.

MARTELINI, Rita de Cássia Simões. **The money and the game of appearance: recurring themes in the Machado de Assis' tales.** 2012. 161 p. Dissertation (Master in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

Machado de Assis wrote nearly two hundred short stories between 1858 and 1907, a period spanning almost his entire literary career that began in 1855. In this work, we tried to show that, over the course of almost half a century of writing, one observes that the Brazilian writer invariably reworked some themes, recasting them into new structures as he perfected his work. Then, our analysis has as main goal understanding the reworking of themes as a consequence of his constant maturing as a writer and his evolving perception of the society. Firstly, we show some tales which were published in conservative newspapers and primarily intended for women, such as the *Jornal das Famílias*, which, to some extent, limited the artistic creativity of the writer. On the other hand, we believe that Machado used this period to make some literary exercises and discursive experiments that would form the basis for his mature writings. During the elaboration of this work, we concentrated in the search of the most worked themes by the author, among the writer's most commonly reworked themes are those concerning money, and the game of appearances, present in several tales written at different times. We concluded that by returning to these themes, Machado de Assis appears to imply the universality and timelessness of certain human emotions such as greed, lust for power and unbridled ambition, as well as the need for living by appearances, in cases where the reality would be inappropriate in certain situations.

Keywords: Machado de Assis. Tales. Money. Game of appearances.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 MACHADO DE ASSIS CONTISTA	15
1.1 O POETA SE TORNA PROSADOR	15
1.2 O INTERESSE PELO CONTO A PARTIR DE 1864.....	18
1.3 UM “LABORATÓRIO DE PRÁTICAS REPETIDAS”	30
2 O DINHEIRO ALIADO À IMPRUDÊNCIA NA CONTÍSTICA MACHADIANA	36
2.1 UM DOIDO COM JUÍZO X UM ANCIÃO AMBICIOSO.....	38
2.2 O CASTIGO DOS INTERESSEIROS	43
2.3 MILOCA: BELA, PRETENSIOSA E IMPRUDENTE	49
2.4 A CONFIANÇA TRAÍDA DIANTE DO LUXO E DO PODER	56
3 O JOGO DAS APARÊNCIAS NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS	63
3.1 AUGUSTA: EGOÍSMO E CONIVÊNCIA	66
3.2 VIDROS E JURAMENTOS QUEBRADOS	73
3.3 AFINAL, O QUE É ETERNO?	79
4 CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	95
ANEXO A – “TRÊS TESOUROS PERDIDOS”	96
ANEXO B – “O ESCRIVÃO COIMBRA”	98
ANEXO C – “LUÍS SOARES”	104
ANEXO D – “MILOCA”	117
ANEXO E – “IDENTIDADE”	130
ANEXO F – “O SEGREDO DE AUGUSTA”	136
ANEXO G – “VIDROS QUEBRADOS”	152
ANEXO H – “ETERNO” LIV	155

INTRODUÇÃO

“Como a estátua, a celebridade fixa o indivíduo em atitudes que podem ter sido culminantes, ou características, mas não foram únicas, nem habituais”.

Lúcia Miguel-Pereira

Nas últimas décadas, a obra de Machado de Assis vem sendo relida a partir de estudos que procuram, de certa forma, questionar possíveis rupturas ou fases do escritor, bem como afirmar que ele, durante uma longa carreira literária, retomou vários temas de sua predileção, como exemplificaremos adiante. Assim, propomos realizar neste trabalho uma abordagem crítica e temática envolvendo a contística machadiana e priorizando as opiniões mais recentes sobre o assunto. Ainda que os contos de Machado já estejam, em vários aspectos, distanciados da nossa realidade, acreditamos que novas leituras são fundamentais para a sobrevivência de uma obra literária.

Sobre isso, Leyla Perrone-Moisés (2000, p. 344) comenta: “Deslocar-se não é voltar atrás, para manter imutáveis os valores e métodos do passado, mas reavaliá-los, elaborar novos conceitos e novos discursos adequados à situação presente”. Seguindo esse raciocínio, os textos canônicos não constituiriam propriamente uma base empírica para os contemporâneos, mas uma possibilidade de revisitar o passado e integrá-lo culturalmente ao presente. Concordamos com a autora, quando ela se refere ao “estado agonizante” da atividade crítica que, muitas vezes, tem servido mais para constestar as tradições do que para incentivar as pesquisas (ibid., p. 337).

Por isso, novas abordagens críticas da obra de Machado de Assis são bem-vindas e necessárias, sobretudo, aquelas que contribuem para destacar o escritor principiante, autor de contos considerados menores e leitor assíduo de obras estrangeiras. Sabemos que ao longo do século XX, Machado foi gradualmente envolvido por uma espécie de aura: as gerações aprenderam a cultuá-lo como mestre das letras brasileiras, dono de uma escrita incomparável, irônica, madura e filosófica. Os romances publicados após 1880, sobretudo, contribuíram para a consolidação dessa imagem do escritor e adquiriram um inquestionável selo de boa literatura aceito até hoje. Igualmente, alguns contos dessa época o tornaram célebre, entre eles, “O alienista”, “Teoria do medalhão”, “A chinela turca” e “O espelho”, presentes na coletânea *Papéis Avulsos* (1882).

No entanto, ainda que não se possa negar o valor literário que essas obras encerram, equivocadamente seria imaginar o seu autor, desde sempre, um gênio irrepreensível. Sendo a contística machadiana objeto desta pesquisa, veremos que foi mormente nesse gênero, fruto da atividade jornalística do escritor, que Machado praticou um ofício nem sempre lembrado pela crítica: o editor de si mesmo. O contista carioca teve o privilégio de ver publicados em vida muitos de seus escritos e também a oportunidade de reeditá-los, conforme pensava ser necessário.

Nesse sentido, os estudos biográficos que priorizam a vida intelectual de Machado de Assis são importantes para compreender como ele se tornou o grande mestre das letras brasileiras. Se a posteridade acolheu calorosamente seus escritos “maduros” e, a partir deles, traçou um perfil glamoroso do criador de *Brás Cubas*, não podemos dizer o mesmo, por exemplo, de alguns de seus contemporâneos, que não puderam ler em seus textos iniciais uma nova maneira de “engajamento”:

Lida a princípio como um grande capítulo de negativas, a obra machadiana foi percebida pelos contemporâneos – entre eles, Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo – como um conjunto marcado por ausências. Ali faltariam paisagem, cor local, intriga romanesca, sentimento nacional, engajamento político (Teresa: revista de Literatura brasileira, 2006, p. 10).

É válido lembrar que o romance era a forma literária mais disseminada na sociedade da década de 1860, época a qual se referem os críticos acima mencionados. Portanto, seria até natural que os primeiros estudiosos da contística machadiana procurassem lê-la a partir de uma perspectiva romântica, sobretudo porque o conto ainda não usufruía da boa recepção apresentada pelos romances de José de Alencar e Joaquim Manoel de Macedo, por exemplo. A acolhida da narrativa curta só se daria de forma considerável a partir de Machado de Assis, quando ele passa a publicar seus primeiros contos no meio jornalístico.

Graças a estudos surgidos ainda na primeira metade do século XX, os motivos aparentemente ausentes da obra machadiana assinalados anteriormente foram sendo destrinçados; as entrelinhas passaram a ser consideradas: surgia uma nova forma de se ler Machado de Assis. Destacamos, entre outras, as contribuições

de Lúcia-Miguel Pereira¹ e de Augusto Meyer² que passaram a enfatizar o aprofundamento histórico-social da obra de Machado e também a sua “estatura internacional, tanto no que diz respeito ao valor literário quanto à amplitude das questões ali tratadas” (Teresa: revista de Literatura brasileira, 2006, p. 10).

Nas últimas décadas do século XX, o estudioso francês Jean-Michel Massa publica *A juventude Machado de Assis*, ensaio de biografia intelectual que aborda, entre outros momentos, os quinze anos iniciais de Machado como escritor, de 1855 a 1870. Destacam-se nesse estudo a passagem do contista pelos diversos gêneros literários, as influências das amizades e das leituras, o envolvimento desde cedo com o jornal e, sobretudo, o despertar para a prosa. Massa também procura mostrar que as ideias e atitudes do Machado autor de obras literárias nem sempre estiveram ligadas ao contexto social e político em que ele vivia:

[...] segundo as épocas, Machado de Assis esteve, ou totalmente engajado, ou menos engajado, ou ausente dos conflitos e dos combates que, segundo o momento, se apresentavam como políticos ou ideológicos. A crítica brasileira, seja de que tendência for, parece recusar a Machado de Assis o direito de evoluir ou mudar. Em torno de uma afirmação ou de um texto, cristaliza-se, para sempre, a atitude do escritor (MASSA, 1971, p. 220).

Recentemente, outros estudos, como o de Gustavo Franco, *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*, passaram a destacar a obsessão de Machado de Assis por certas temáticas, invariavelmente retomadas em seus escritos, entre elas, o dinheiro. O ex-presidente do Banco Central faz uma seleção de crônicas inéditas do escritor, publicadas entre 1883 e 1900, que tratam de temas financeiros da época. Para cada uma delas, o economista registra uma breve introdução, que auxilia a compreender o ponto de vista de Machado sobre os diversos momentos econômicos vividos pelo país naqueles anos, além de que esclarece certos termos e expressões não mais em uso em nossos dias.

Outra estudiosa, Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p.38), aponta algumas razões para a sobrevivência da escrita machadiana que, atravessando gerações, ainda instiga novas pesquisas:

¹ Cf. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.

² Cf. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

[...] sua escritura continua a envolver e a surpreender, a dar conta como possibilidade de apresentação e interpretação de uma realidade existencial que, a despeito da defasagem da distância cronológica, em muitos e fundamentais aspectos ainda vigora, é porque o objeto primeiro e último da discussão machadiana é o homem, com toda a sua problemática inerente, sempre escondida sob o disfarce que as convenções da diferentes épocas apenas tratam de realçar.

Surpreende constatar a presença desses estudos sobre escritos já tão distanciados cronologicamente da nossa realidade, mas que, de certa forma, ainda contribuem para revisitar o passado brasileiro sob vários aspectos e entender o presente, haja vista a contemporaneidade dos assuntos tratados. Ainda quanto às publicações mais recentes sobre a obra de Machado de Assis, destacamos a coletânea de Álvaro Marins³, *Páginas esquecidas*: uma antologia diferente de contos machadianos, em que o autor reúne dezesseis contos sob critérios temáticos e cronológicos. Marins trabalha com a hipótese de Machado ter desenvolvido poucos temas em toda sua carreira literária, de maneira obsessiva, a fim de melhor amadurecê-los, conforme as experiências adquiridas e as novas leituras que fazia, por isso selecionou alguns contos escritos num período de quase quarenta anos para ilustrar seu propósito.

A partir desta perspectiva revisionista proposta por Marins, este trabalho procurará explorar as colocações do crítico, analisando alguns contos da mencionada antologia, sob duas temáticas: o dinheiro e o jogo das aparências (e das paixões mais encenadas do que vividas). Outro aspecto a ser ressaltado nesta pesquisa é a ideia de que a contística machadiana não tenha atravessado necessariamente “duas fases”, mas se “moldado” conforme o contexto social e o meio jornalístico em que ela aparecia. O autor de contos disciplinados e escritos, sobretudo, às mulheres leitoras do tradicional *Jornal das Famílias*, em 1873, é o mesmo que dois anos depois, em 1875, escreveria, por exemplo, *A chinela turca*, narrativa incluída em *Papéis Avulsos* (1882), coletânea comumente arrolada às obras-primas do escritor carioca.

Por outro lado, um crítico renomado como Alfredo Bosi afirma que a divisão em fases da obra de Machado de Assis no que se refere aos romances não

³ Álvaro Marins de Almeida é Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e mestre em Literatura Comparada pela mesma instituição (1995). Atualmente é coordenador de pesquisa e inovação museal do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), sendo responsável pelas publicações do instituto, entre as quais se destacam a revista "Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia" e a coleção *Museu, Memória e Cidadania*.

é invenção da crítica. Segundo o estudioso, haveria “dois Machados”, nitidamente separados pelo antes e depois da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na década de 1880. Mas ressaltamos que essa discussão acerca das possíveis fases do romance machadiano não cabe à análise que faremos ao longo deste trabalho, visto que a publicação dos contos, geralmente, esteve mais associada ao meio jornalístico, o que, de certo modo, condicionava a escrita e a divulgação dos mesmos.

Quanto aos contos selecionados para ilustrar as temáticas escolhidas, vale dizer que todos foram publicados originalmente em periódicos, nos quais Machado colaborou ou trabalhou como jornalista e redator, sobretudo os folhetins femininos, *Jornal das Famílias* e *A Estação*, e a *Gazeta de Notícias*. O capítulo dedicado à primeira temática, o dinheiro, sugere uma breve comparação entre os contos inicial e final de Machado de Assis, respectivamente, “Três tesouros perdidos” (1858) e “O escrivão Coimbra” (1907)⁴, pois igualmente tratam de assuntos financeiros. Na sequência, serão analisados os seguintes contos: “Luís Soares” (1869), “Miloca” (1874) e “Identidade” (1887), que trazem a imprudência em relação os assuntos financeiros como um traço marcante de seus protagonistas.

Já a segunda temática, o jogo das aparências, está presente nos contos “O segredo de Augusta” (1868), “Vidros quebrados” (1883) e “Eterno” (1899) em que as personagens mais parecem encenar os acontecimentos nos quais estão envolvidas do que propriamente vivê-los; há a necessidade de uma máscara, como pretendemos mostrar. Nesses três casos, a futilidade dessas paixões não está propriamente relacionada ao dinheiro, mas a um capricho, como acontece, por exemplo, em “Capítulo dos Chapéus” (1883), que integra a coletânea *Histórias sem data* (1884). Nesse conto, Mariana cisma com o chapéu do esposo, o advogado Conrado, depois de ouvir os conselhos do pai. Para o velho, o chapéu do genro era inadequado a um homem público e sugere à filha que convença o esposo a usar um chapéu mais fino. Não obtendo sucesso, Mariana decide sair com uma amiga para passear na Rua do Ouvidor, onde vê muitos outros chapéus. Cansada, a moça se arrepende e sente falta da calma do seu lar. Já em casa, espera ansiosa pelo

⁴ Publicados, respectivamente, na *Marmota Fluminense* e no *Almanaque Brasileiro Garnier*, os dois contos reaparecem em edições da Editora Jackson: “Três tesouros perdidos” em *Páginas recolhidas* (1921), p. 221-224, e “O escrivão Coimbra” em *Relíquias de Casa Velha* (1906), p. 215-232.

marido que aparece usando um novo chapéu, do qual ela não gosta, e pede a ele para voltar a usar o antigo.

É importante ressaltar que esses contos não se restringem apenas às temáticas sugeridas nesta pesquisa. O conto “Luís Soares”, por exemplo, cujo assunto principal é o dinheiro, também trata do parasitismo social: o protagonista pretende viver à custa do tio e manter o *status* perdido com a falência. Assim também “Vidros quebrados”, que retrata o jogo das aparências, permite uma análise pela ótica financeira, uma vez que o dinheiro é o único juiz do conto e o responsável pelo desencontro dos protagonistas. Enfim, as narrativas aqui selecionadas longe de se limitarem às temáticas escolhidas para discussão, possibilitam outras leituras, o que favorece a sobrevivência da obra machadiana nos dias atuais.

1 MACHADO DE ASSIS CONTISTA

1.1 O POETA SE TORNA PROSADOR

“Para que um indivíduo perdure é indispensável adaptar-se às imposições do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante remanso”.

Raul Pompéia, O Ateneu

Machado de Assis não nasceu contista; até 1856 seu interesse literário se voltava quase que exclusivamente para a poesia. O contato precoce com a imprensa jornalística, aos quinze anos de idade, favoreceu a inspiração do seu gênio criador; além de lhe proporcionar oportunidades para publicar os primeiros versos. Ser poeta, na época, era seguir verdadeiramente a carreira de letras: a poesia era o gênero mais forte e consagrado, exercendo verdadeiro fascínio sobre os rapazes estudantes ou autodidatas, como no caso de Machado. Conforme lembra Massa (1971, p. 174): “Era mais lisonjeiro ser poeta do que ser prosador. O vate era cingido com a auréola poética. Os literatos entravam na carreira escrevendo versos. Machado de Assis não fora exceção”. Posteriormente, em 1864 e 1870, o escritor publicaria, respectivamente, dois livros reunindo algumas de suas poesias: *Crisálidas* e *Falenas*. No entanto, segundo o crítico francês, depois de 1856, o entusiasmo de Machado pela arte poética já parecia comprometido:

Exercitando-se em direções diferentes, pouco a pouco, surgia algo de mais pessoal, mesmo sendo trabalho de principiante [...]. À medida que seu gosto, cultura e senso literário se afirmavam, ele se afastou, sem rejeitá-las inteiramente, das tradições que, em 1855, representavam para ele um ideal a seguir cegamente (ibid., p. 141).

Massa observa ainda que os poemas já deixavam entrever que, para Machado, “seguir a carreira de letras correspondia ao desejo de sentir de determinada maneira as coisas do espírito” (ibid., p.141). Sendo assim, o futuro contista, mesmo com expressão desajeitada, já tateava outros caminhos que a poesia não comportaria. Sem deixar de fazer versos, Machado publica na revista de Paula Brito, *Marmota Fluminense*, seu primeiro conto, em 1858, “Três tesouros perdidos”, assinalando sua estreia como prosador. É quando também ele passa a escrever textos teóricos sobre a literatura brasileira, entre eles “O passado, o

presente e o futuro da literatura”⁵ (1858) e “Ideias sobre o teatro”⁶ (1859) . Conforme as leituras que fazia ou as pessoas que conhecia, ligadas ao jornalismo ou à arte em geral, Machado ia aprimorando suas ideias e amadurecendo o seu ponto de vista sobre a literatura. Sem desviar os olhos da contemporaneidade, o escritor não ignorava a tradição advinda da leitura de seus predecessores, como lembra o crítico francês:

O autor elaborava lentamente a sua construção, estabelecia-lhe as fundações, levantava as paredes. Veremos como seu pensamento nunca se cristalizou era sempre reformulado e evoluía à medida que acontecimentos ou novas leituras o enriqueciam. Em virtude dessas oscilações, destas mudanças, surge um Machado de Assis bastante contraditório, mas sem hierarquismos. [...] Por outro lado, sem que isso possa comportar uma atenuação dos seus méritos e de seu valor, mostraremos que a cultura, transmitida principalmente através da leitura, desempenhou um papel importantíssimo na elaboração da sua obra (ibid., p.14-15).

Antonio Candido (1993, p. 104) também comenta que Machado, desde o início, “se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores”, e que “sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente” dessa orientação. Segundo o crítico brasileiro, Machado “pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza [...]”, pois “aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores”. Entretanto, Candido reconhece que o talento do criador de *Brás Cubas* não se restringe apenas às inspirações proporcionadas pelos mestres do passado; “pelo contrário, seguiu-os porque era um gênio com força suficiente para superá-los e dispensar os modelos estrangeiros”.

Ainda muito jovem, Machado de Assis começou a frequentar algumas sociedades de intelectuais e grupos criados para debater as correntes literárias e políticas do momento⁷, o que poderia contribuir para que ele mudasse constantemente de opinião sobre o que elogiar ou criticar em seus textos para os jornais. Como ressalta Massa (1971, p. 256), Machado, em 1859, “ao mesmo tempo

⁵ Publicado originalmente em *A Marmota*, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858. Consta em *Obra Completa de Machado de Assis*, RJ: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

⁶ Publicado originalmente em *O Espelho*, I, 25 de set.; II, 02 de out.; 25 de dez. de 1859; *A Marmota*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1860. Consta em *Obra Completa de Machado de Assis*, RJ: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

⁷ Trata-se de associações políticas, patrióticas ou literárias frequentadas por Machado de Assis, a partir de 1855. Entre elas, a Petalógica, fundada pelo editor Paulo Brito, a Ipiranga, a Sociedade de Recreação Campestre e o Clube Fluminense. As indicações são de Jean Michel-Massa, in: *A juventude de Machado de Assis*. RJ: Civilização Brasileira, 1971, p. 85-86.

em que se tornava o ardente defensor de princípios democráticos que não eram os da sociedade onde os disseminava, [...] se mostrava fascinado por esta sociedade”. Esse fascínio, mais tarde, se converteria em grandes temáticas presentes em muitos contos machadianos, entre elas, o dinheiro e o jogo das aparências, como veremos nos capítulos seguintes.

Desde os primeiros poemas publicados na revista *Marmota Fluminense*⁸ já é possível notar que Machado de Assis não faria da literatura um pano de fundo para a defesa de ideais políticos e sociais. Cabe ressaltar que o periódico em questão, segundo Juliana Siani Simionato (2009, p. 37), trazia ao público “elementos moralizantes e formadores, reforçando, por meio deles, o ideário do Segundo Reinado – catolicismo, obediência às leis do Estado monárquico e formação da família burguesa”. Isso significa dizer que o contista carioca se envolveria nas questões não-literárias de seu tempo, tais como as de ordem social, política e econômica, porém para esses assuntos, a militância do jovem Machado se aproveitaria de outros gêneros textuais, não comprometendo, em parte, as poesias e os contos iniciais, tampouco os futuros romances. As questões do momento eram expressas em artigos, críticas e em cartas publicadas nos jornais, assinadas, muitas vezes, com um pseudônimo.

Machado de Assis tinha dezenove anos de idade, ao publicar seu primeiro conto, “Três tesouros perdidos” (1858). Nessa época, ele precisava conciliar a escrita literária com outras atividades modestas que lhe garantiam a subsistência. Massa (ibid., p. 205) levanta a hipótese de que nesse período ele tenha trabalhado como revisor de provas no jornal *Correio Mercantil*, onde já publicara algumas poesias. Depois de “Três tesouros perdidos”, Machado só voltaria a escrever contos em 1862, quando publica “No país das quimeras”, no periódico *O Futuro*. Sua atividade como contista será praticamente ininterrupta a partir de 1864, quando começa a publicar no *Jornal das Famílias*.

Embora a política e a vida pública tenham acompanhado Machado durante grande parte de seu percurso literário, as decepções que estas lhe trouxeram tiveram, às vezes, consequências benéficas. Até mesmos seus primeiros textos críticos carregados de julgamentos precipitados (ou equivocados), com o

⁸ *Marmota Fluminense* era uma revista carioca editada por Francisco de Paula Brito, que circulou no Rio de Janeiro na década de 1850. A partir de 03/07/1857, passou a denominar-se *A Marmota*. Foi nesse periódico que Machado de Assis publicou seu primeiro trabalho literário, a poesia *Ela* (12/1/1855). A colaboração do escritor carioca na revista foi até maio de 1861, usando como assinatura, Assis ou apenas As.

tempo, o fizeram ver que se está ao alcance do escritor “transformar a sociedade” é igualmente possível à sociedade, com seus costumes inconstantes e sua inevitável evolução, reformar o ponto de vista daquele que a retrata. O Machado pós 1880, aclamado pela crítica e autor de obras-primas incontestáveis, possivelmente, seria o fruto dessa reflexão artista-sociedade, como salienta Hélio de Seixas Guimarães (2006, p. 143):

Por ter sido o escritor que foi, sempre tão consciente do fazer literário, não surpreende que Machado de Assis tenha refletido muito sobre a condição do artista e as possibilidades da arte. Deixou registros disso na crítica teatral e literária, que praticou com regularidade até o final da década de 1870, mas a partir de 1880 parece ter deslocado a reflexão problemática sobre a relação entre artista e sociedade para o âmbito da sua ficção.

Se a poesia foi, aos poucos, se tornando um meio exíguo para expressar as ideias, o conto foi se configurando para Machado de Assis uma nova possibilidade, mais ampla, de se registrar os costumes da época. Porém, como explica Luíz Roncari (2006, p. 86), “para não se render às expectativas dominantes”, Machado buscou uma forma indireta de narrar que, “além de ocultar os juízos tirados dos fatos”, lhe permitia “incubar nos elementos simbólicos das narrativas a possibilidade de uma outra leitura, mais profunda, ao mesmo tempo crítica e transcendente às contingências factuais [...]”. O conto começava a ser visto pelo escritor como um instrumento leve e protegido das pressões externas que eram dirigidas, sobretudo, aos artigos e às cartas veiculadas na imprensa. Por meio da linguagem literária e do texto curto, as impressões machadianas, ao longo de meio século, se converteram num material precioso para se entender a aristocracia carioca do Segundo Reinado, amplamente citada em seus contos.

1.2 O INTERESSE PELO CONTO A PARTIR DE 1864

“Uma antologia de contos de Machado de Assis há de ser o descanso de qualquer antologador: é praticamente impossível fazê-la má. Breve ou alongada, comentada ou sozinha, com critérios severos de seleção ou dispensando-se de os explicitar, os contos, esses resistem bem, e o conjunto fica sempre, ou quase sempre, competentemente representado. Não se veja nisto exagero da qualidade superlativa, embora se justifique. Se nem todos contos de Machado de Assis são excepcionais, o decisivo assenta noutra qualidade: serem

exemplos brilhantes do gênero 'conto' e, ao mesmo tempo, absolutamente singulares, como se Machado fosse o inventor dum gênero por que ninguém mais se tivesse interessado”.

Abel Barros Baptista, crítico português

Desde o início de sua carreira literária, antes mesmo dos vinte anos de idade, Machado de Assis já estava envolvido com o meio jornalístico. As diversas atividades que ele exercia nos periódicos da época favoreciam-lhe o contato com outros escritores e o interesse pelos assuntos contemporâneos; conforme o momento e as oportunidades, Machado se dedicava a uma modalidade textual. Segundo Massa (1971, p. 531), o interesse do escritor carioca pelo gênero conto só se manifestaria de forma considerável a partir de 1864, quando ele começa a publicar seus textos no *Jornal das Famílias*, a revista de moda do editor francês Baptiste Louis Garnier⁹. Impresso em Paris e com grande aceitação entre o público feminino, o periódico teve 108 números durante os quinze anos em que foi editado (1863-1878).

Machado descobria um novo público, as mulheres, e para elas destinaria grande parte dos setenta contos que publicou na revista de Garnier. Ivan Teixeira (2010, p. 65) comenta que “Machado de Assis desempenhou papel decisivo no processo de inclusão da mulher nas camadas letradas do período”, incorporando-a aos quadros de percepção crítica da vida do Segundo Reinado. John Gledson também menciona a atenção dada pelo contista às mulheres:

Machado estava muito ciente de que escrevia para um público majoritariamente feminino. A maioria das mulheres dos contos é como as leitoras do *Jornal das Famílias* e *A Estação*: ricas ou pelo menos de classe média, casadas ou no mercado matrimonial (GLEDSON, 1998, p. 45).

Durante os quinze anos de existência do *Jornal das Famílias*, Machado foi o seu colaborador mais assíduo. Posteriormente, os contos que ali publicou até 1873 viriam a compor as duas primeiras coletâneas organizadas pelo autor: *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873). Machado de Assis não apenas publicou muitos contos nessa revista como também nela se

⁹ “O francês Baptiste Louis Garnier foi um dos editores de maior destaque do Brasil no século XIX. Instalada na famosa Rua do Ouvidor, a editora “Garnier Irmãos”, depois “B.L. Garnier”, permaneceu de 1844 a 1934, sendo considerada uma das editoras de maior consolidação no mercado da época. Além de várias obras importantes, Garnier, sempre atento aos interesses do público leitor, editou o periódico *Revista Popular* (1858-1862), posteriormente transformado no duradouro e bem sucedido *Jornal das Famílias* (1863-1878)”. (MELLO, Kátia Rodrigues. In: *Jornal das Famílias* e Machado de Assis: um perfil do periódico de Garnier e seu principal colaborador. FAAC/UNESP, Bauru, Outubro, 2005, p. 1)

posicionou como um espírito orientador nas questões literárias e cotidianas em geral. Nesse exercício, encontrou um campo propício ao desenvolvimento das técnicas da história curta, como salienta Kátia Rodrigues Mello (2005, p. 7):

Foi no *Jornal das Famílias* que Machado teve a oportunidade de exercitar de forma intensa sua capacidade para a produção ficcional, aprimorando-a de forma a ser reconhecido, futuramente, como o maior contista brasileiro. Dessa forma, [...], o *Jornal das Famílias* também foi um laboratório para sua formação de renomado contista.

Os contos publicados até 1873 e que resultaram na composição das duas antologias mencionadas são, geralmente, atribuídos a uma “primeira fase” machadiana, assim como acontece aos primeiros romances: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Se para boa parte da crítica *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) marca o início de uma “segunda fase” do romance de Machado de Assis, com o conto a virada se daria a partir da publicação de *Papéis Avulsos* (1882), ideia aceita por Sônia Brayner (1981, p. 9): “Seus melhores contos foram publicados nas coletâneas que, a partir de 1882, reuniu em vida”, ou então por Herman Lima (1971, p. 48), quando compara as duas primeiras antologias de contos publicadas por Machado à famosa coletânea: “Mas, entre aquelas histórias e as reunidas nos *Papéis Avulsos* (1882), o salto é grande para o domínio perfeito do gênero”. Classificados, muitas vezes, como românticos e arraigados ao convencionalismo da época, os contos e os romances iniciais passaram a compor um quadro isolado daquilo que viria no pós 1880.

De acordo com a cronologia de contos machadianos elaborada por Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p. 206), haveria também os contos pertencentes a uma “fase de transição”, que compreende os nove anos que separam *Histórias da meia-noite* (1873) e *Papéis Avulsos* (1882). A autora os denomina “precursores”, pois ainda que integrem a famosa antologia de 1882, tais contos foram escritos antes de 1880, são eles: “A chinela turca” (1875), “Uma visita de Alcibíades” (1876) e “Na arca” (1878)¹⁰. Para a pesquisadora, o conceito de segunda fase é enfraquecido diante dessa constatação:

¹⁰ “A chinela turca” (1875), “Na arca” (1878) e “Uma visita de Alcibíades” (1876) foram publicados, pela primeira vez, respectivamente, em *A Época*, *O Cruzeiro* e no *Jornal das Famílias*.

[...] na verdade, a chamada ‘segunda fase’ machadiana é antecedida, quanto aos contos, de um período de pelo menos cinco anos, em que já ruminavam as ideias e os processos de escritura, que sobejamente vigorariam a partir de então. Prova disso é a inclusão de três contos, por assim dizer, ‘antigos’ num volume ‘novo’, que se suporia de rupturas inevitáveis e descobertas reveladoras (ibid., p. 56).

Lúcia-Miguel Pereira (1988, p. 136) acredita que o Machado do início “teve muita fantasia, e nenhuma imaginação”. Analisando os *Contos Fluminenses*, a biógrafa mineira conclui que neles não há “nem um só trecho onde se sinta o contato quente da realidade. Tudo artifício, tudo jogo de palavras”. Outros estudiosos, entretanto, ainda que não descartem a rotulação dos momentos literários de Machado de Assis, chamam a atenção para a continuidade da obra do escritor, sem que ela sofra necessariamente um lapso, mas sim um contínuo aprofundamento, como infere Roberto Schwarz (2004, p. 17): “Note-se que nessa segunda maneira, a das grandes obras, o universo da primeira continuava presente, como substância anedótica”.

Ainda que tais discussões sejam relevantes aos estudos críticos da obra machadiana, é importante não perder de vista que a atuação de Machado nos espaços representacionais da cultura de massa de seu tempo lhe permitia experimentações diversas. Daí a inconsistência dos julgamentos que procuram qualificar os contos iniciais a partir daqueles que vieram depois. A esse respeito, Jayme Loureiro afirma:

Tal tipo de leitura comparativa acaba normalmente por marcar a produção contística inicial de Machado com um duplo estigma: inferioridade e imaturidade. E mais: resulta em lê-la ou com o propósito de verificar a ausência daqueles elementos que dão o perfil das obras maduras ou em busca das sementes que desabrochariam nos anos vindouros. Perde-se em consequência, toda a particularidade dos textos produzidos ao longo da década de 1860 e início da de 1870 (LOUREIRO, 2006, p.104-105).

A colaboração no *Jornal das Famílias*, aos poucos, proporcionava notoriedade literária a Machado de Assis, além de que, por meio dela, o contista aprendia a conciliar inspiração e espaço, conforme explica John Gledson (1998, p. 17): “[...] conhecer algo sobre essas publicações pode explicar até mesmo características aparentemente desimportantes, como a extensão das histórias, feitas

até certo ponto sob medida”. O escrever “sob medida” e para um público com repertório definido não era provavelmente o grande objetivo de Machado; já em 1866 é perceptível sua busca pela liberdade criadora que lhe garantisse certa autonomia em relação ao conto. Massa (1971, p. 527) acredita que por essa época Machado já “sentia confusamente que o destino de um escritor é sobretudo individual”, conforme desenvolve na seguinte passagem:

Era um autor em busca de si mesmo, dentro de um meio particular em que conhecia os caminhos e as saídas, o que limitava e determinava a natureza de uma obra, porque o escritor está ligado ao seu público e a um clima intelectual, ainda que escreva para si mesmo, para os homens seus contemporâneos ou para o dia de amanhã. [...]. Em 1866, um tal desejo poderia ser o seu desejo, à procura de autonomia e da liberdade que já se surpreendem nos seus escritos críticos, mas permanecem latentes, porque um sem-número de ligações o prendem e o retêm ainda ao passado.

Os contos do final da década de 1870 já mostram certas preocupações de Machado em relação às configurações de sua obra, daí serem chamados de “precursores” por Patrícia Lessa Flores da Cunha. Em relação às personagens machadianas, Lúcia-Miguel Pereira (1988, p. 164) comenta que, nesse momento, “tudo se torna relativo, contingente. As criaturas perdem completamente a direção, não obedecem mais a nenhuma ideia preestabelecida”.

Em “A chinela turca” (1875), por exemplo, há uma mistura de sonho e realidade, sem que necessariamente o narrador delimite os espaços em que ambas as situações acontecem. Cabe ao leitor identificá-las, o que já conferia certa novidade aos contos que Machado de Assis vinha publicando até então. A transição da cena “real” para a imaginária é sutil e muito bem elaborada, não permitindo ao leitor sequer imaginar que se trata de outra história dentro da história principal. O narrador em terceira pessoa inicia o conto descrevendo a ansiedade do bacharel Duarte que está prestes a sair para um baile, onde encontraria Cecília, a dona dos “mais finos cabelos louros e os mais pensativos olhos azuis” (ASSIS, 2007, p. 173), mas é avisado da inoportuna visita do major Lopo Alves, amigo da família. Mais de nove horas da noite e o visitante vinha ler ao rapaz o drama que acabara de compor, dividido em sete longos quadros. Depois de algumas horas e estando perdido o baile, o bacharel adormece e sonha que vinham lhe prender por haver furtado “impunemente chinelas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elas”... (ibid.

p. 177). No sonho, Duarte é obrigado a se casar com uma moça loira, que não é Cecília, depois a assinar um testamento deixando tudo à moça e, em seguida, a tomar veneno. Acaba fugindo, desesperado, para acordar diante do major Lopo Alves, que acabava de terminar a leitura do drama, quando já passavam das duas horas da manhã. Apenas no último parágrafo do conto, o sonho é fato admitido, ainda que o leitor já o suspeitasse linhas acima, quando reaparece a figura do major.

Um ano depois, em 1876, Machado de Assis retomava a temática do sonho, em “Uma visita de Alcibíades”, mas de uma maneira mais elaborada, e que refletia sua constante busca pelo aprimoramento dos temas de sua predileção. Nesse conto, o escritor parece tecer uma crítica reflexiva aos costumes estéticos da sociedade de seu tempo, ao fazer figurar entre os vivos o espírito do ilustre estadista ateniense, Alcibíades (450-404 a.C.), invocado para opinar sobre o vestuário contemporâneo. O conto é, na verdade, uma carta, enviada pelo desembargador X ao chefe de polícia da corte, para providenciar o transporte do cadáver de Alcibíades ao necrotério. Devotado aos gregos, o desembargador sempre lia sobre eles, após o jantar, o que considerava “uma verdadeira digestão literária” (ibid., p. 91). Abrindo seu tomo aleatoriamente, encontra a história de vida do estadista grego em questão e nela se aprofunda, como se absorto da realidade. A interrupção do moleque de recados faz com que o desembargador olhe para si mesmo, para as roupas que usava, e indague sobre a impressão que daria a Alcibíades o vestuário moderno. Confessa que há meses era espiritista e, por isso, decide evocar o ateniense para saber sua opinião: “E aqui começa o extraordinário da aventura. Não se demorou Alcibíades em acudir ao chamado; dois minutos depois estava ali, na minha sala [...]” (ASSIS, 2007, p. 92). Trêmulo, se limitava a ouvir o que dizia o espectro e a responder suas perguntas sobre a atualidade, desistindo de questioná-lo acerca do vestuário. De repente, a ideia de que Alcibíades poderia ter vindo buscá-lo o aterrou; comenta que precisava sair e ir a um baile, palavra desconhecida pelo fantasma: “Um baile? Que coisa é um baile?” (ibid., p. 94). Confuso, o estadista critica o traje moderno, repleto de cores escuras, ao ver o amigo se aprontar para sair: “O mundo deve andar imensamente melancólico, se escolheu para uso uma cor tão morta e triste. Nós éramos mais alegres; vivíamos...” (ibid., p. 97). Alcibíades morre “pela segunda vez”, assim que o desembargador coloca o chapéu, última peça a compor o figurino para o baile. O pedido para a remoção do corpo encerra o conto, sem que haja, como em “A chinela turca”, a confirmação de que se tratava de um sonho.

Finalmente, no terceiro conto “precursor” que integra a coletânea *Papéis Avulsos*, intitulado “Na arca” (1878), o narrador parodia a história bíblica do dilúvio para mostrar a ganância entre os homens, no caso, entre dois irmãos, filhos de Noé. O subtítulo “Três capítulos inéditos de gênesis” lembra o tom irônico e presunçoso retomado mais tarde em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), quando o narrador compara seu livro aos cinco iniciais do Velho Testamento¹¹. O conto é dividido em três capítulos A, B e C e cada um deles é composto de trechos numerados, que imitam versículos bíblicos; os diálogos são constantes e há breves interferências do narrador onisciente. Jafé, Sem e Cam, filhos de Noé, estão com o pai, suas respectivas esposas e com os animais na arca, aguardando um sinal divino para deixarem a embarcação. Noé profere o discurso sobre a bondade de Deus em livrá-los da catástrofe e preservá-los na arca, chamando a atenção dos filhos para a necessidade de se viver em concórdia assim que descerem. Jafé e Sem começam a fazer planos de como ocupar a terra que lhes caberá e, sozinhos, traçam as divisões do futuro patrimônio até que se desentendem. Acusam-se de “gatunos” e se agriem; Cam procura separá-los e é ferido também. Noé é avisado da discussão e aparece para contê-los e entender o que aconteceu. Ciente do motivo da briga, o patriarca proíbe qualquer negociação a respeito de onde se instalariam; triste, alça os olhos ao céu e comenta: “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites”. (ASSIS, 2007, p. 37). O conto trata do perigo da ganância, que cega Jafé e Sem a ponto de quase se matarem por algo não concreto, lembrando que navegavam sob o abismo e estavam expostos a muitos riscos. No entanto, é importante também destacar a analogia que o narrador faz no “versículo” 10 do capítulo B, ao usar a discórdia dos irmãos como raiz para a tradicional história do lobo e do cordeiro. Os dois animais, ouvindo rumores da discussão, vieram espreitar a briga e, após dias de convivência pacífica, começaram a vigiar-se um ao outro com desconfiança. Assim, como se dá nos capítulos A e B, o C é também encerrado pelo mesmo mote, como se o que ocorria dentro da barca fosse insignificante diante da imensidão das águas que, em segundos, tudo poderia ruir: “A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo” (ibid., p. 37).

Notemos que tais enredos não se distanciam apenas tematicamente dos contos publicados no *Jornal das Famílias*, mas também deixam de abordar

¹¹ O trecho está no primeiro capítulo, “Óbito do autor”: “Moisés, que também contou sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco”.

exclusivamente a sociedade carioca e seus costumes, especialmente os dois últimos contos citados. Talvez, a grande inovação desses contos seja a ênfase dada ao relato e não ao desfecho; a ideia de começo, meio e fim é substituída pela tensão constante e independente de cronologias. De acordo com John Gledson (1988, p. 39), essa nova maneira machadiana de narrar está relacionada às mudanças externas:

Trata-se menos de uma questão de influência de escritores específicos do que de mudanças de gosto e atmosfera. Notícias, ideias e modas punham-se em movimento cada vez mais rápido ao longo do século XIX, e Machado sentiu também seus efeitos, sabendo adaptar-se a eles.

O crítico também comenta que, a partir da década de 1870, Machado estava “visivelmente desgostoso” com a tipologia das histórias que escrevia para o *Jornal das Famílias* (GLEDSON, 2007, p. 10). Provavelmente, a insatisfação do escritor se relacionava ao fato de que nessa época o gênero conto “estava conquistando uma nova dignidade, uma consciência nova dos seus poderes” (GLEDSON, 2007, p. 8). Tendo desenvolvido a técnica da narrativa curta durante o longo período em que colaborou no *Jornal das Famílias*, Machado começava a arriscar enredos mais complexos. Massa (1971, p. 14) explica que não se trata de uma evolução linear, “mas sinuosa, cheia de meandros e mesmo de numerosos recuos”.

Em dezembro de 1878, o *Jornal das Famílias* deixou de ser editado e, a partir de 1879, Machado começou a publicar seus contos no jornal de modas *A Estação*, fundado por Henri Gustave Lombaerts, em 1872, com o nome de “La Saison” – Jornal de Modas Parisienses. A parte literária do jornal só foi criada em 1879, quando o periódico passou a se chamar *A Estação – Jornal Ilustrado para a Família*, que circulou até 1904, conforme explica Ivan Teixeira (2010, p. 47). Segundo John Gledson, o momento de transição de um jornal para o outro foi bem significativo para Machado de Assis que há mais de dez anos vinha buscando certa autonomia para escrever como realmente desejava:

Os anos setenta são de experimentação, de dúvidas, de hesitação entre as várias opções, no romance, no conto, na poesia; principalmente, talvez, de duas ambições que precisava conciliar – o desejo de ser um escritor brasileiro, fiel ao ‘sentimento íntimo do seu tempo e do seu país’, para citar o ensaio famoso, ‘Instinto de nacionalidade’, de 1873, e sua consciência, que sempre o acompanha, de que a grande literatura precisa *também* ser, em algum sentido difícil de definir, universal (GLEDSON, 2007, p. 9).

Um dos escritos mais famosos de Machado de Assis, “O alienista” (1881), foi publicado originalmente n’*A Estação*, onde o escritor publicou trinta e sete contos. Outras obras-primas da contística machadiana, igualmente, saíram pela primeira vez em jornais ou revistas, para depois ganharem o formato de livro. Desde as primeiras publicações no *Jornal das Famílias*, em 1864, Machado parecia ter despertado para a arte da história curta; sua produção de contos seria praticamente ininterrupta até 1907. Segundo Teixeira (ibid., p.16), há uma “[...] possibilidade de que a preferência pelo conto e pelo capítulo curto decorra, sobretudo, da adequação da arte ao espaço físico do jornal”. O ensaísta ainda comenta que o vínculo de Machado com *A Estação* favorecia a ambos, pois, ao mesmo tempo em que Machado auxiliava o jornal com o negócio da publicação, era por ele favorecido: “é possível supor que a folha tenha participado do processo de produção do conceito Machado de Assis, que acabou por se transformar numa das maiores verdades da cultura brasileira” (TEIXEIRA, 2010, p. 119).

Machado editou sete coletâneas de contos em vida, onde reuniu mais de setenta escritos, uma quantidade pequena se comparada à produção registrada em revistas e jornais, que ultrapassa os cento e sessenta contos¹². Ao lado do *Jornal das Famílias* e d’*A Estação*, há um terceiro periódico onde o escritor publicou mais de cinquenta contos, entre 1881 e 1897: a *Gazeta de Notícias*. Contos como “Teoria do Medalhão” (1881) e “O espelho” (1882) saíram em primeira mão na *Gazeta*, antes de integrarem a coletânea *Papéis Avulsos* (1882). Como se pode notar, os três veículos respondem praticamente por toda carreira do Machado contista, desde as primeiras manifestações até as produções finais. Para Luis Roncari, o fato de que quase toda a produção de Machado passasse primeiramente pela imprensa, talvez, tenha impulsionado o escritor a escrever cada vez mais, ainda que, em alguns momentos, sua criação se limitasse ao gosto dos leitores da época:

¹² Patrícia Lessa Flores da Cunha faz um quadro das publicações dos contos machadianos, citando datas e editoras. Conf. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998, p. 197-218

Esse fato se devia estimular a produção do autor, pela publicação imediata, e contribuía para ampliar o seu público-leitor, trazia também limites, que eram dados pelo próprio leitor a quem se destinavam as publicações, principalmente as mulheres da família burguesa brasileira da segunda metade do século XIX (RONCARI, 2006, p.81).

Diante disso, é possível imaginar que, aos poucos, Machado de Assis foi encontrando no conto não apenas uma forma literária ajustável ao meio jornalístico do qual ele participava, mas também um instrumento artístico eficaz para a realização da crítica suave, camuflada em enredos que iam de convencionais a complexos, conforme amadureciam as observações do escritor. De acordo com Teixeira, é exatamente essa ausência de agressividade direta nos textos de Machado que o fez permanecer:

Machado tornava-se um artista tanto mais interessante e assimilável pelos novos tempos quanto menos incorporasse a denúncia agressiva [...]. Sua opção pela alegoria moralizante explica em parte a aceitação maciça que ele teve entre os contemporâneos (TEIXEIRA, 2010, p. 72).

Antonio Candido (2004, p. 18-19) também destaca a sutileza do escritor carioca, sobretudo nos pós 1880, quando os ideais do Naturalismo começam a figurar no espaço literário brasileiro: “Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos [...]”, isso porque seus contos e romances “não chocavam as exigências da moral familiar”. Mesmo nos contos iniciais, escritos para veicular em periódicos conservadores e moralistas, Machado já parece encontrar uma forma de chamar a atenção para determinadas situações, envolvendo a sociedade em que vivia; descobrira nessa arte de narrar que muitos assuntos taxados como impróprios ou ofensivos, se publicados em forma de artigos, por exemplo, poderiam ser abordados pelo viés literário e ficcional num espaço de linguagem mais abrangente.

Alguns contos de *Histórias Fluminenses* (1870), tais como “O segredo de Augusta” (1868) e “Luís Soares” (1869), denunciam o parasitismo social e as futilidades patrocinadas pela elite carioca da segunda metade do século XIX; entretanto, mantêm o estilo leve e a intriga linear de que fala Jean-Michel Massa (1971, p. 558). Diferentemente de alguns críticos que, de certa forma, subestimaram

o talento do Machado principiante¹³, Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p. 54) afirma:

Com certeza, a escritura de Machado de Assis paga tributo à época e aos acontecimentos que vivenciou – a linguagem que plasma e molda para expressar os pensamentos, sentimentos e situações dos seus ‘caracteres’ é prova incontestante disso; no entanto a argúcia e o entendimento particulares que soube imprimir à sua experimentação pessoal, enquanto criador e processador de uma experiência literária determinada, transformaram-na irresistivelmente num momento único e singular do panorama das letras brasileiras.

Alguns críticos observaram que a dedicação de Machado de Assis à história curta, iniciada consideravelmente em 1864, se faria visível até mesmo nos romances mais famosos do escritor. Se para o leitor da época não era muito conveniente o fato de que os contos mais longos e alguns romances, muitas vezes, fossem publicados capítulo a capítulo nos jornais, durante meses; para o autor, o benefício poderia estar no desenvolvimento da técnica de escrever episódios curtos e independentes. A esse respeito, o crítico português, Abel Barros Baptista (2006, p.210) comenta que

O gosto pela história breve é perfeitamente visível nos romances de Machado, todos eles, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, recheados de episódios demarcados do enredo principal, a ponto de quase se autonomizarem; são, porém, introduzidos pela forma livre da composição romanesca, através de procedimentos de digressão que arrastam inevitavelmente o problema da integração no todo. A forma breve do conto impede o trânsito para outra forma mais ampla, ou talvez melhor, circunscreve-o a limites estreitos. Como todos os grandes contistas, Machado inscreve na particularidade do conto uma teoria implícita da forma, como se esta incluísse necessariamente a própria justificação e ao mesmo tempo a fizesse sempre precária.

John Gledson (1998, p. 15-16) acredita que “[...] há boas razões para se imaginar que o conto seria mais condizente com o gênio do autor”, isso porque “Machado gosta muito de anedotas, e de focalizar detalhes aparentemente triviais, mas que lançam uma luz inesperada sobre assuntos ‘importantes’”. O crítico também chama a atenção para a forma não convencional dos romances que contêm “episódios que em si poderiam ser contos: os capítulos que tratam de Eugênia em

¹³ Citamos, como exemplo, a biógrafa Lúcia Miguel-Pereira: “Machado custou muito a firmar-se como contista; entre 1860 e 1870, quando já é destro nas crônicas, no conto ainda é fraco e indeciso”. (In: *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1988, p. 225).

Memórias póstumas de Brás Cubas, ou a ‘Confeitaria do Custódio’, em *Esaú e Jacó*, para dar dois exemplos bem contrastantes”.

Outro dado que vem ao encontro das ideias dos dois últimos pesquisadores citados é o fato de que Machado de Assis tenha, ele mesmo, teorizado sobre o conto, em diversas oportunidades, deixando transparecer a sua afeição pelo gênero. Ivan Teixeira, em seu ensaio “Doutrina do conto em Machado”¹⁴, reúne alguns fragmentos do que chama de “textos doutrinários” do escritor a respeito do conto, destacando as advertências das coletâneas *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882) e de *Várias Histórias* (1896). O crítico também menciona um pequeno trecho, mas significativo, do famoso ensaio “Instinto de Nacionalidade”, publicado originalmente no periódico *O Novo Mundo*, em 24 de março de 1873. Nele, Machado aponta para a dificuldade do gênero o qual se supõe fácil e diz crer que é justamente essa aparente fragilidade que desfavorece esse tipo textual, afastando dele os escritores.

Cabe ainda enfatizar que Machado, provavelmente, tenha sido o crítico mais consciente de sua própria contística, sobretudo, por ter publicado grande parte de sua obra em vida, um privilégio não comum a muitos escritores na época. O acompanhamento diário de suas publicações e a recepção junto ao público, de certa forma, devia estimulá-lo a escrever mais e melhor, daí o constante aprimoramento de seus escritos. Foi nesse contexto que o conto veio a se instalar definitivamente no fazer literário machadiano, a partir de 1864, quando o gênero começa a se firmar também no país, ou seja, ambas as constatações se relacionam. Por isso, para muitos críticos, Machado de Assis é considerado um dos grandes gênios do conto brasileiro, sobretudo porque, segundo Herman Lima (1971, p. 47), “[...] quer pela temática, quer pela técnica, quer pelo estilo, ninguém, na verdade, compreendeu melhor o gênero, desde as suas primeiras produções, a partir de 1860”.

¹⁴ cf. TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 364

1.3 UM “LABORATÓRIO DE PRÁTICAS REPETIDAS”¹⁵

“[...] o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.

Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas

O percurso literário de Machado de Assis é tão instigante quanto as obras que ele produziu. Escrever e publicar durante mais de cinquenta anos de maneira quase ininterrupta não é façanha comum a muitos escritores, sobretudo àqueles que foram contemporâneos do autor de *Brás Cubas*. Ainda que o contato precoce com o jornal e as inúmeras amizades tenham favorecido a divulgação dos textos do escritor, bem como a sua consolidação no meio literário, é importante destacar o trabalho crítico do próprio Machado, em relação àquilo que escrevia. Talvez, o seu grande mérito tenha sido a capacidade de se autoexaminar constantemente, buscando o aperfeiçoamento, como destaca Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p.58):

Sempre é importante, assinalar e reiterar a persistência do trabalho de seleção do próprio artista – um dado que acrescenta à relação criador x criatura, poeta x crítico – desenvolvido sempre pelo escritor fluminense, ao longo de sua carreira, visando à publicação de seus contos, tendo em vista, naturalmente, a recepção de sua obra, visto que Machado, explícita e programaticamente, jamais se descuidava de seu ‘*caro leitor*’.

No entanto, tendo iniciado a carreira de contista em jornais conservadores, Machado precisou se adaptar a certos limites impostos às publicações da época. Os contos que ele escrevia nesse momento, de certa forma, apresentam algumas características da escola romântica: ainda se punem os rapazes perjuros e caçadores de dote ou então se exaltam as heroínas virtuosas, como em “Luís Soares” (1869), que integra os *Contos Fluminenses* (1870). Essa primeira coletânea reúne personagens estereotipados, que reagem de maneira esperada diante das situações, fazendo-as caminhar para um final salvador e moralizante. Massa (1971, p. 615) comenta que na época desses contos o relato dos acontecimentos não era o que mais preocupava Machado: “A obra se desdobra

¹⁵ Expressão usada por Paul Dixon, ao se referir aos contos machadianos. Ver: “Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis”. In: *Teresa: revista de Literatura brasileira* [6 / 7]; São Paulo, Ed. 34: Imprensa Oficial, 2006, p. 187.

como uma corrida em que o resultado, o ponto de chegada conta mais do que as peripécias que até aí são conduzidas”. Ao público machadiano interessava saber como os contos iriam terminar; que lição extrair da leitura, cabendo ao autor não decepcionar seu “caro leitor”.

Mesmo diante dessas constatações, seria inviável classificar o autor de *Contos Fluminenses* como “romântico” ou atribuir-lhe uma “primeira fase”, completamente desconexa daquela que viria depois, a conhecida “fase madura” do pós 1880. Ainda que nos primeiros contos, as personagens mais pareçam bonecos e “a plástica é fria e como que abstrata”, conforme observa Massa (ibid., p. 614), é perceptível uma acusação à sociedade que, muitas vezes, acatava os exageros denunciados nos contos: “Uma análise marxista mostraria facilmente que Machado de Assis, talvez inconscientemente, pôs no banco dos réus a sociedade que apresentava” (MASSA, 1971, p. 614). O escritor parecia entender que os ideais revolucionários da juventude não seriam bem-vindos a um público acomodado em seus moldes tradicionais. Era preciso aclimatar-se, primeiramente, conquistar esses leitores, e depois, com o tempo, ir-lhes alterando o gosto literário.

Analisando os primeiros romances machadianos que, de uma forma ou outra, compartilham as características ideológicas dos primeiros contos, Roberto Schwarz observa que, mesmo se tratando de textos convencionais, já denunciam certo inconformismo de seu autor em relação aos costumes da época; é como se Machado já possuísse as ferramentas necessárias para modificar o cenário, mas ainda não estivesse autorizado a usá-las:

Embora (esses romances) afirmem a santidade da ordem e da família, não está aí a sua maior, nem a sua melhor parte. É como se o conformismo nas coisas essenciais autorizasse, para proveito e edificações gerais, a investigação das razões às vezes insólitas que ocorria serem as verdadeiras da vida familiar. Daí a liberdade na transcrição de costumes, a disposição de ver muito e complexamente, de que vão resultar os assuntos propriamente novos e notáveis. Tolhida embora pela reverência, é onde a força do escritor salta aos olhos, no número e na qualidade das suas observações, das formulações e mesmo do vocabulário, mal contidos na camisa de força dos bons princípios (SCHWARZ, 2000, p. 68).

Com o tempo e as novas oportunidades de publicação, Machado pôde ir se libertando da “camisa de força” de que fala o crítico e, assim, retomar os assuntos de sua predileção em novas estruturas mais elaboradas. O ciúme, por

exemplo, uma das temáticas mais recorrentes na obra machadiana é, geralmente, estudado a partir do romance *Dom Casmurro* (1899); contudo, ele já aparece em escritos anteriores, tais como os contos “O segredo de Augusta” (1868), “A parasita azul” (1872), “O machete” (1878), “A chave” (1880), entre outros. No primeiro conto, por exemplo, Vasconcelos, o marido de Augusta, sente ciúmes da mulher por imaginá-la apaixonada por Gomes, o pretendente da filha do casal. Augusta não quer que Adelaide se case com o rapaz e isso leva o esposo a crer em uma suposta traição. À maneira de Bento Santiago, em *Dom Casmurro*, o homem passa a ser atormentado pelas suas próprias dúvidas:

Pela primeira vez, Vasconcelos sentiu morder-lhe no coração a serpe do ciúme. [...] Uma vez supeitoso de que sua honra estava afetada, Vasconcelos começou a recapitular toda a sua vida. Gomes frequentava a sua casa há seis anos, e tinha nela plena liberdade. A traição era fácil. Vasconcelos entrou a recordar as palavras, os gestos, os olhares, tudo que antes lhe foi indiferente, e que naquele momento tomava um caráter suspeitoso (ASSIS, 2008, p. 77)

Desta forma, é possível notar que Machado não só valorizou a tradição dos predecessores, como lembra Antonio Candido (1993, p. 104), mas também retomou durante toda sua vida literária a própria tradição, ou seja, as obras da juventude, reelaborando-as continuamente. Sobre isso, Carlos Fuentes (2000, p. 6) comenta que “as imitações absurdas do período das independências pautavam-se em uma civilização Nescafé”, ou seja, “podíamos ser instantaneamente modernos abolindo o passado, negando a tradição”. Para o autor mexicano, o “gênio de Machado reside exatamente no contrário. Sua obra é permeada por uma convicção: não existe criação sem tradição que a nutra, assim como não existe tradição sem criação que a renove”. Se, ao longo dos anos, as práticas são “repetidas”, ou seja, os temas retornam sob outros enfoques, isso não significa dizer que faltou a Machado de Assis criatividade suficiente para tratar de outros assuntos, mas sim que lhe sobrou talento para aprimorar aqueles mais interessantes, segundo seu ponto de vista.

Silviano Santiago (2000, p. 27) também chama a atenção para o processo de criação da obra machadiana que se baseia na reconstrução de algumas estruturas definidas desde os primeiros escritos:

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas.

Em outro momento, Santiago lamenta o fato de que muitas leituras que têm sido feitas da obra de Machado busquem apenas os “melhores momentos” do escritor, o que dificulta o reconhecimento de umas das qualidades essenciais de Machado: “a busca, lenta e medida do esforço criador em favor de uma profundidade que não é criada pelo talento inato, mas pelo exercício consciente e duplo, da imaginação e dos meios de expressão [...]”. O crítico não concorda com a divisão da obra machadiana em duas fases distintas, pois também reconhece em obras menores, como no primeiro romance *Ressurreição* (1872), as “raízes do arbusto que é *Dom Casmurro*” (SANTIAGO, 2000, p. 28).

Outrossim, vale destacar que as ideias de Santiago têm encontrado apoio de grande parte da crítica machadiana do nosso século. Na introdução deste trabalho, citamos alguns estudos e coletâneas de contos mais recentes que, de um modo geral, abordam os temas recorrentes em Machado de Assis e valorizam a obra de juventude do escritor. Ainda que um crítico renomado como Roberto Schwarz (1990, p. 208) afirme que “a descontinuidade entre *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a literatura apagada da primeira fase machadiana é irrecusável”, novos pontos de vista acerca dos textos machadianos iniciais podem contribuir para revelar um Machado, de certa forma, contrastante com o gênio das obras da maturidade.

Paul Dixon, em seu livro *Os contos de Machado de Assis* chama a atenção para a insuficiência de estudos sobre os contos machadianos no século XX. Segundo ele, “os contos de Machado de Assis têm sido muito elogiados, mas pouco estudados”, ainda que o escritor seja considerado o primeiro grande contista brasileiro (DIXON, 1992, p. 10). É possível que o comentário do estudioso americano tenha instigado estudos como o de Patrícia Lessa Flores da Cunha, que relêem alguns contos de Machado pelo viés do insólito. A pesquisadora também acredita que a retomada temática esteja relacionada ao constante aperfeiçoamento do escritor:

Em primeiro lugar, é evidente que há um progressivo enriquecimento e aprofundamento da prosa machadiana, quer em nível de expressão linguística, quer em nível de maturação temática, concorrendo isso tudo para um maior e natural aproveitamento da leitura e interpretação de suas obras. O próprio Machado de Assis, em muitas de suas “Advertências” e “Prefácios”, esclarece e admite que mudou ao longo de sua carreira como escritor. O importante, pois, reside no fato de se assinalar e não desmerecer essa evolução; ao contrário, admiti-la como necessária até para atingir-se a compreensão cabal de sua obra literária (CUNHA, 1998, p. 53).

Assim, é preciso cautela ao analisar os contos do início da carreira do escritor, sobretudo, os que foram publicados no *Jornal das Famílias* sob a vigilância de uma sociedade ainda conservadora e de alto poder de censura. Para Maria Aparecida Junqueira (2003, p. 238), a produção dessa época não significa muito, “dada a importância dos volumes da segunda”, mas “isto não quer dizer que Machado abandonasse procedimentos e temas anteriormente abordados”. A opinião da estudiosa, à primeira leitura, parece ir ao encontro daquilo que escreveu a biógrafa de Machado, Lúcia Miguel-Pereira,¹⁶ ao atribuir um valor inferior à produção inicial do escritor, ao passo que reservou os elogios às publicações após *Papéis Avulsos* (1882). Entretanto, Junqueira enfatiza que as primeiras coletâneas da chamada primeira fase constituem importante pecúlio sobre o qual o próprio Machado refinaria mais tarde o seu humor, até atingir a técnica ideal ao gênero conto:

Contos Fluminenses e Histórias da meia-noite, então, tornam-se o preparo para a consumação do gênero conto machadiano, na década de 1880. O aprimoramento técnico, redimensionado no decorrer da produção, buscava produzir o efeito desejado. Machado foi, aos poucos, detendo a técnica até dar ao conto a estrutura peculiar das virtualidades machadianas (JUNQUEIRA, 2003, p. 239).

Tendo encontrado no conto um gênero propício para divulgar, analisar e criticar os costumes da sociedade burguesa da época, natural seria que Machado procurasse trabalhar, a cada escrito, as técnicas de composição da história curta. Talvez, daí resulte o retorno aos mesmos assuntos, ou seja, uma forma de aprimorá-los não só pelo viés temático, mas também estético. Dessa forma, entendemos que a recorrência dos temas na contística machadiana esteja relacionada a uma busca consciente do escritor para acomodar sua visão de mundo

¹⁶ Conf. nota 13, p. 29.

complexa e permeada de leituras estrangeiras. Retornando aos temas, num primeiro momento, não desenvolvidos como desejava, Machado pôde afirmar o projeto liberal que está implícito na sua obra da maturidade – é quando então começa admitir a ironia contra os velhos quadros do poder que continuariam a existir no Brasil republicano.

2 O DINHEIRO ALIADO À IMPRUDÊNCIA NA CONTÍSTICA MACHADIANA

“O dinheiro não traz felicidade – para quem não sabe o que fazer com ele”.

Machado de Assis

Entre os temas recorrentes na obra de Machado de Assis, o dinheiro ocupa importante espaço não restrito a um só gênero, mas constante nas diversas modalidades textuais as quais o escritor se dedicou. Sob enfoques variados, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, o dinheiro aparece como tema principal em três capítulos, embora esteja subentendido em outros pontos do romance, associado à ideia de poder. Nos capítulos XXI (“O almocreve”), LII (“O embrulho misterioso”) e LXX (“D. Plácida”) ele é, respectivamente, a mola propulsora das ações humanas; o corruptor de caráter e o comprador de consciências. Mesmo num Machado principiante do conto “Três tesouros perdidos” (1858), as relações sociais e sentimentais já não são completamente puras: as razões financeiras, de certa forma, sobrepujam as demais – o dinheiro passa a mover os relacionamentos. Nessa linha estão também as personagens machadianas que buscam no casamento a ascensão social; algumas são prudentes e fingem indiferença, para obter aquilo que desejam, como Isabel, do conto “A parasita azul” (1872); outras, como Miloca, do conto homônimo, acabam se perdendo em seu próprio esnobismo e deixam passar a chance de mudar de vida. O matrimônio, nesse contexto, pode ser entendido como uma questão de sobrevivência para essas mulheres, isso porque a sociedade que Machado retrata não oferecia a elas muitas opções: casar-se era, em alguns casos, uma saída para não viver de favores, como vemos em “Miloca”, ou então, um bom negócio para se manter o padrão de vida da casa paterna, situação mostrada em “A parasita azul”.

A retomada temática não é incomum à obra de Machado; muitos outros temas, ao longo de sua carreira literária, foram constantemente revisitados e aprimorados. O que chama verdadeiramente atenção é a capacidade do autor em abordar por diversos ângulos o mesmo assunto. Os contos selecionados para análise neste capítulo, por exemplo, têm como eixo principal o dinheiro, são eles: “Luís Soares” (1869), “Miloca” (1874) e “Identidade” (1887). A partir dessa perspectiva, tomaremos como ponto de partida uma breve comparação entre o primeiro e o último conto de Machado, respectivamente, “Três tesouros perdidos”

(1858) e “O escrivão Coimbra” (1907). A distância cronológica entre os dois escritos leva a crer, de imediato, que eles não se relacionam entre si tematicamente. No entanto, uma leitura mais atenta poderá constatar que, salvas as diferenças contextuais, trata-se, em parte, do mesmo assunto: o dinheiro sempre a mover as ações das personagens.

Ao publicar o conto “Miloca”, no final de 1874, Machado parecia estar retomando a questão monetária abordada em “Luís Soares”, conto publicado em 1869, numa versão feminina e mais atraente. Inicialmente, não se nota qualquer semelhança entre os dois enredos, mas uma releitura criteriosa identificará pontos de contato entre eles relacionados ao dinheiro. Tanto Soares quanto Miloca desprezam aqueles que os amam verdadeiramente por julgá-los indignos de seu amor, mas a causa da recusa é financeira: os que os amam são pobres. Melhor seria dizer: “estão pobres”, porque na maioria nos contos de Machado de Assis, a narração conduz à ideia de que as condições econômicas são instáveis. Os pretendentes rejeitados por Soares e Miloca, respectivamente, Adelaide e Adolfo, se tornarão ricos, ambos por meio de herança, e passarão a conduzir as ações dos rejeitados.

Já o terceiro conto analisado, “Identidade”, integra a galeria dos escritos machadianos pós 1880, tendo sido publicado em 1887. Trata-se de um conto-fábula que traz uma alegoria irônica sobre o dinheiro. Parodiando o gênero “era uma vez”, Machado opta por uma narrativa deslocada no tempo e distante do ambiente urbano carioca para mostrar que a eterna cobiça e o poder de sedução da riqueza são heranças dos povos antigos. Novamente, a imprudência caracterizará o protagonista abastado que, levado por ela, perderá os seus bens e sua dignidade.

Ivan Teixeira (2010, p.173) defende a ideia de que a tendência em usar o riso “contra a presumida tolice humana” não é decorrente da “disposição psicológica” de Machado de Assis, mas da escolha de uma tradição literária responsável pela formação de seu repertório técnico e temático. O ensaísta comenta, de forma especial, a influência do filósofo grego Teofrasto¹⁷, autor de *Os caracteres*, na construção das personagens machadianas. Sedentos de poder e riqueza, os tipos humanos extraídos da Atenas antiga seriam fonte de inspiração

¹⁷ Filósofo grego (372 a.C. - 287 a.C.), cujo nome original era Tirtamos, mas que recebeu a acunha de 'Teofrasto' (aquele que tem eloquência divina), dada por Aristóteles, para indicar suas qualidades de orador. Sua obra *Caracteres* (-325/ -300) descreve alguns 'tipos morais' (dissimulação, bajulação, tagarelice, insolência, vaidade, avareza, etc) e pode, segundo Ivan Teixeira, ter influenciado Machado de Assis.

para o autor de *Brás Cubas*: mudam-se os tempos, alteram-se os costumes, mas o homem permanece igual a si mesmo, nas suas virtudes e nos seus defeitos.

Por outro lado, a cobiça representada pelas personagens de contos como “Miloca” (1874) e “Luís Soares” (1869) pode ser entendida como um reflexo da mudança de costumes e ideias que ocorria no país desde a vinda da Família Real, em 1808. Ainda que se trate de um período distante daquele em que viviam as personagens machadianas, os hábitos de frequentar a Corte e viajar para a Europa parecem ter sobrevivido; são rotinas ainda almeçadas pelas Milocas e pelos Soares da época, dispostos a alcançá-las de qualquer forma. Sendo assim, apenas o dinheiro é capaz de mantê-los ou reinseri-los dignamente na sociedade, onde podem mascarar o grande mal que os atinge: a solidão. Desprezados pela família ou apartados dela por obra do destino, eles passarão a “pagar” por seus crimes; terminam loucos ou suicidas, completamente esquecidos pela sociedade. Em “Identidade”, a busca é outra: o faraó pretende se afastar de seu reino para encontrar-se a si mesmo e acaba traído por um simples escriba, aparentemente, homem simples e sem ambição. Mas mesmo em um contexto diverso, o fim é semelhante e a imprudência leva à morte.

2.1 UM DOIDO COM JUÍZO X UM ANCIÃO AMBICIOSO

Antes de iniciarmos as análises dos contos selecionados para este trabalho e mencionados na introdução, cotejaremos a seguir o conto inicial e final de Machado de Assis, respectivamente, “Três tesouros perdidos” (1858) e “O escrivão Coimbra” (1907)¹⁸, procurando mostrar como o tema do dinheiro é retomado em diferentes momentos na constância machadiana. Os dois contos não integram propriamente o *corpus* da pesquisa, e deles serão abordados apenas os aspectos mais relevantes e que contribuem para reforçar a ideia da retomada temática em Machado.

Em janeiro de 1858, a *Marmota Fluminense*, revista carioca editada por Paula Brito, publica o primeiro conto machadiano: “Três tesouros perdidos”. O escritor tinha então dezenove anos de idade e fazia sua estreia como contista,

¹⁸ Todas as citações de “Três tesouros perdidos” e “O escrivão Coimbra” foram extraídas da edição virtual desses contos, constante na página do Ministério da Educação, criada em comemoração aos 100 anos de falecimento do escritor. Disponível em: http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=174&Itemid=

publicando um texto moralista, simples e sem grandes notações psicológicas, mas, de certa forma, já voltado para os problemas das relações humanas. O talento machadiano para a história curta só se manifestaria alguns anos mais tarde, a partir de 1864, quando Machado iniciará propriamente sua carreira como contista. Segundo Herman Lima (1971, p. 45), o conto, como forma literária, assim como o romance e a novela, teriam começado no Brasil no final da primeira metade do século XIX, mas é com Machado, a partir da década de 1860, que ele adquire consistência e características próprias do gênero.

A primeira narrativa de Machado já é uma história de desconfiança: O sr. F, casado com senhora E, desconfia que ela o esteja traindo e, buscando se entender com o suposto amante da consorte, oferece-lhe uma boa quantia de dinheiro para deixar a Corte. Trata-se do sr. X que, mesmo afirmando não conhecer tal senhora, acaba aceitando a oferta, retirando-se para Minas Gerais, diante da ameaça de levar um tiro. Por fim, o infeliz marido descobre que o traidor era seu melhor amigo, o sr. P, que foge com sua esposa. Desgraçado, conclui que perdeu três tesouros: a mulher amada, o melhor amigo e o dinheiro, entregue ao homem errado. No entanto, de todas as fatalidades que o acometem, a perda dos dois contos de réis parece ser o grande prejuízo.

Para Massa (1971, p. 187), ainda que se trate de um texto pobre em comparação com os trabalhos posteriores, “o ter encontrado a ideia para um conto, imaginado uma história, construído um relato – tudo isto parecia já preencher as ambições ainda modestas de Machado de Assis”. As ações se desenrolam em dois lugares não descritos, mas apenas mencionados: as respectivas casas dos senhores F e X. Há uma lição a ser extraída do episódio: de nada adianta o dinheiro (usado para salvar um casamento), se ao possuidor da riqueza não cabem prudência e discrição. O que seria um ato de heroísmo acaba se tornando um patético equívoco; o herói se torna a vítima e sua tolice o leva à loucura.

Concordamos com o crítico francês quando sinaliza que algumas ambições literárias de Machado já estão presentes nesse conto inicial. Observamos ainda que nada é desproposital quanto à estrutura narrativa: as personagens são apresentadas na sequência em que aparecem na trama; o narrador manifesta claramente o seu ponto de vista (“Neste último ponto, o doido tem razão, e parece ser um doido com juízo”); o tempo é cronológico e os cenários são verossímeis, tudo numa lógica linear e encadeada.

No fim do conto, mesmo dado como “louco varrido”, o sr. F é considerado lúcido, talvez, porque, diante do infortúnio, não tenha deixado de sentir pela “linda carteira cheia de encantadoras notas” que poderiam lhe aquecer as algibeiras. A constatação do narrador de que o protagonista tinha ainda algum juízo por não desprezar o dinheiro, mesmo quando interesses sentimentais estavam em jogo, já permite entrever a ironia e o deboche que posteriormente consolidariam a posição de destaque que esse narrador assumiria na obra machadiana. Chamamos atenção também para a economia de palavras que perpassa todo o conto, em que se sobressai a tendência para o desfecho. Logo no início do conto, ao apresentar o sr. X, o suposto amante, o narrador, em poucas linhas, já anuncia um conflito:

Uma tarde, eram quatro horas, o Sr. X... voltava à sua casa para jantar. O apetite que levava não o fez reparar em um cabriolé que estava parado à sua porta. Entrou, subiu a escada, penetra na sala e ... dá com os olhos em um homem que passeava a largos passos como agitado por uma interna aflição (p. 1).

Desta forma, a brevidade do texto e a iminência do fim incentivam o seguimento da leitura. Numa época em que o público estava acostumado à linguagem prolixa e rebuscada trazida por boa parte dos romancistas, o conto se configurava como uma novidade não só temática mas também formal. Machado, seguindo a linha de pensamento da época, poderia ter iniciado com um conto romântico, cujo “final feliz” viesse delineado desde as primeiras linhas ou fosse presumido no desenrolar da trama. No entanto, o autor de *Brás Cubas* preferiu explorar temas não convencionais, como o dinheiro que, a propósito, atravessaria toda sua constística. Assim, em seu primeiro trabalho como contista, Machado já aposta no ambiente da grande sociedade para desenvolver o seu enredo, onde, como lembra Raimundo Faoro (1976, p. 4), “o dinheiro é a chave e o deus desse mundo, dinheiro que mede todas as coisas e avalia todos os homens”.

Machado de Assis retomará obsessivamente o tema do dinheiro ligado à imprudência em contos posteriores, como veremos na sequência. José Cezar de Castro Rocha (2006, p.172) também chama a atenção para a presença de elementos e características próprios dos textos machadianos mais maduros já nos contos iniciais: “Não estou sugerindo que ‘Três tesouros perdidos’ seja mais do que um pálido esboço; mas é relevante observar que mesmo num esboço sem maior inspiração certos temas e estruturas já estejam presentes”. Parte dos grandes

romances de Machado também desenvolverá a mesma temática do dinheiro, entre eles, *Memórias póstumas de Brás Cubas*: quando o protagonista mede o amor de Marcela de forma cronológica e financeira, por exemplo, reconhece a sua tolice juvenil do passado, por confiar na “boa Marcela”, que sempre amou a outro e não a ele. O inexperiente apaixonado não enlouqueceu, como o Sr. F, de “Três tesouros perdidos”, mas precisou deixar o país contra a sua vontade.

Fechando a temática do dinheiro, em 1907, o *Almanaque Brasileiro Garnier* publica o último conto de Machado de Assis: “O escrivão Coimbra”, que posteriormente viria incluído na coletânea *Relíquias de Casa Velha*, organizada pela Editora Jackson¹⁹. Comparando-o ao conto inicial, à primeira vista, o último trabalho de Machado como contista em nada se parece com o primeiro, escrito quase meio século antes. No entanto, numa segunda leitura, alguns pontos em comum podem ser encontrados entre “Três tesouros perdidos” e “O escrivão Coimbra”, no que diz respeito à temática financeira que envolve os dois contos. Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p.171) faz uma leitura comparativa entre eles e, ainda que a análise priorize a questão do duplo, a autora não deixa de mencionar a presença incomum do dinheiro, “elemento redutor e reificador das relações pessoais, no âmbito da vida e do cotidiano das cidades”.

“O escrivão Coimbra” narra a história de um velho que, apesar de ter fé e esperança, aos sessenta anos tornara descrente de tudo, menos dos bilhetes da sorte, que comprava regularmente. No tempo em que vivia a esposa, ele fundou uma irmandade e a batizou de S. Bernardo, santo de seu nome. Solitário, após o falecimento da consorte, e com a idade avançada, começa a empregar o seu dinheiro em bilhetes de loteria, ainda que nunca ganhasse um prêmio grande. Homem sistemático, uma só vez deixou o Rio de Janeiro e, quando o fez, foi com intenções de enriquecer: esteve no Espírito Santo, procurando diamantes, mas jamais os encontrou. O narrador informa que Coimbra morrerá nos fins de 1899, deixando apenas conselhos como herança, todos eles sintetizados em uma só palavra: “persistir”. Isso porque, finalmente, ganhara na loteria, pouco antes de falecer, e havia recebido os tão almejados quinhentos contos. O bilhete comprado no Natal de 1898 saíra premiado e, como havia prometido, doou cem contos de réis para a Escola de S. Bernardo, fundada pela irmandade que ele havia criado.

¹⁹ 1955, v.16, p. 215-232

No início, Coimbra encontra um subterfúgio para sustentar o seu vício pelo jogo: sempre ganhava alguma coisa, entre trinta e cinquenta mil réis e isso era um motivo para jogar constantemente. Percebera o escrivão que nem todos os bilhetes saíam em branco, já que “a Fortuna negaceava com gentileza”; além disso, era influenciado por um colega de trabalho, Amaral, a comprar mais bilhetes:

O escrevente juramentado, um Amaral que ainda vive, foi o demônio tentador nos seus desfalecimentos. Tão depressa descobriu a devoção do escrivão, começou a animá-lo nela, contando-lhe lances de pessoas que tinham enriquecido de um momento para outro (p. 1-2).

Habitando-se ao vício, deixou de usar esse argumento e passou a encarar o jogo como uma obsessão. Em “Três tesouros perdidos”, a tentativa patética do sr. F em reaver o dinheiro mal empregado confere certo humor ao conto: as notas, se recuperadas, amenizariam o sofrimento. Já em “O escrivão Coimbra” não é exatamente a imprudência que confere um tom patético à ação do protagonista, mas a obsessão de um velho em ficar rico, quando pouco tempo lhe resta para desfrutar a riqueza. Chegado o Natal de 1898 e a possibilidade de ganhar quinhentos contos, o escrivão promete ao colega Amaral que deixaria de jogar, caso não tirasse a sorte grande: estava simplesmente obcecado pela ideia de receber aquela quantia.

Raimundo Faoro (1976, p. 231) comenta que, para Machado de Assis, “ganhar dinheiro – fora do sistema da classe proprietária, a herança ou o casamento – induz sempre uma forma de fazer que os outros percam”. No entanto, no caso de Coimbra, a sorte tirada na loteria acaba beneficiando a terceiros: a escola de S. Bernardo. Mas concordamos com o crítico quando diz que na ficção machadiana, “o mundo do dinheiro tem sua divindade, que preside a cobiça dos homens, submetida à regras e princípios” (ibid., p. 244). O narrador informa que o escrivão, aos sessenta anos, já não cria em nada, apenas na loteria, mas tal ceticismo é colocado em cheque diante da possibilidade de enriquecer. Após comprar o bilhete, Coimbra sonha que havia ganhado o prêmio: “lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas. Ainda apalpou as mãos ao acordar; pura ilusão” (p. 5).

Na tarde do dia 21, passando em frente a igreja de S. Bernardo, lembra-se do tempo em que acreditava em santos e poderia recorrer a uma

promessa. Desiludido, vai para a casa lamentando a falta da fé religiosa quando tem uma visão do santo o chamando e estendendo a ele as notas do sonho. No dia 24, Coimbra entra na igreja e promete a doção dos cem réis à escola da irmandade, depois de muito calcular: “Já na rua, considerou bem que não perdia nada se não tirasse a sorte, e ganharia quatrocentos contos, se a tirasse” (p. 7). Ganhando na loteria, o escrivão cumpre sua promessa, doando o dinheiro à escola; quanto aos quatrocentos contos restantes, o narrador não informa sobre a aplicação que o ganhador dera a eles. Provavelmente, eles não tenham sobrevivido à morte de Coimbra, pois o ancião deixou como herança apenas conselhos.

2.2 O CASTIGO DOS INTERESSEIROS

Uma característica comum à contística de Machado de Assis é a tendência narrativa à apresentação indireta dos personagens, presente, sobretudo, nos contos iniciados com uma cena doméstica. Nesses contos, as primeiras ações já delineiam o caráter dos envolvidos na história, antes mesmo que eles sejam devidamente apresentados. Raramente, essa introdução exclui as condições financeiras do indivíduo em questão, segundo comenta Luiz Roncari (2006, p. 90): “Ao lado do bom ou mau caráter e da mulher mais ou menos pura o número de contos de réis é sempre uma sombra que os acompanha e dá a dimensão das suas pessoas”.

“Luís Soares” é um típico exemplo desse modo machadiano de narrar. O conto foi publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, em 1869, e republicado na antologia *Contos Fluminenses* (1870), a primeira organizada por Machado de Assis. Já nas primeiras linhas, um discurso indireto livre mistura as falas do narrador e do protagonista, Luís Soares, cujo desejo é não se sujeitar “à lei absurda” que a sociedade lhe impõe em relação ao sono, portanto, velará de noite e dormirá de dia. O narrador segue descrevendo a rotina de Soares, própria de quem possui uma boa vida: “Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se” (19).²⁰

²⁰ Todas as citações de “Luís Soares” serão feitas a partir da coletânea *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*. (org. Álvaro Marins). RJ: Língua Geral, 2008.

O conto é relativamente longo, dividido em seis capítulos, sem que chegue a ser monótono, devido, mormente, aos diálogos constantes. Herdando a fortuna do pai, Soares passa a ter uma vida de dissipações, abstendo-se de qualquer compromisso que pudesse fatigá-lo: “Não lia jornais. Achava que um jornal era a coisa mais inútil deste mundo, depois da câmara dos deputados, das obras dos poetas, e das missas” (20). Indiferente a tudo e a todos, confiava apenas no prazer proporcionado pelo dinheiro, que julgava eterno. Sua grande vantagem, segundo ele mesmo dizia, era não ter nada dentro do peito e da cabeça, assim, desconhecia o juízo e o sentimento, verdadeiros mistérios a sua pessoa. Considerava-se um homem de sorte, “mas esquecia que a fortuna, apesar de generosa, é exigente, e quer da parte dos seus afilhados algum esforço próprio” (20).

O destino de Soares começa a se delinear a partir dessa observação do narrador, culminando com a notícia de que certo dia o herdeiro se encontrou pobre, quando menos esperava. De acordo com Antonio Candido (2004, p. 28), é a partir daí que as personagens machadianas sofrem uma “transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual”. Tudo poderia acontecer a Soares, menos ficar pobre. Nesse ponto, o narrador machadiano, como já ocorrera no conto inicial, relaciona à perda do capital à imprudência de seu possuidor. De maneiras diferentes, o sr. F, de “Três tesouros perdidos”, e Soares dissipam seus patrimônios irracionalmente, movidos por fins pessoais, e se darão conta do prejuízo quando já é tarde para reagir ou, se reagem, suas vidas nunca mais serão as mesmas:

Pela primeira vez na sua vida Soares sentiu uma grande comoção. A ideia de não ter dinheiro nunca lhe havia acudido ao espírito; não imaginava que um dia se achasse na posição de qualquer outro homem que precisava de trabalhar (21).

Soares não sabia, mas começava a deixar de ter “amigos”, quando recebe a carta do banqueiro informando-lhe dos seis contos restantes, que para ele “eram menos que seis vinténs” (21). Tenta ainda se distrair, saindo com alguns rapazes, mas nada lhe fazia esquecer o golpe recentemente sofrido. Sendo homem de dinheiro, ditava a moda no ambiente social em que vivia; estando ele triste, seus companheiros acharam que era de bom tom se fazer melancólicos também.

Desesperado, confessa a Pires, um de seus amigos, a sua real situação financeira e a ideia de suicídio, caso não encontrasse outra solução, demais, seria “apenas meio suicídio, porque a pobreza já é meia morte” (23). Pires, adivinhando um possível e indesejado pedido de empréstimo, trata logo de sugerir ao amigo falido três saídas, sendo a última aceita por Soares: procurar pelo tio rico, fingir estima e arrependimento da vida de dissipações, pedir-lhe um emprego e, por fim, constituir-se herdeiro universal do velho.

O capítulo inicial do conto é concluído com a informação de que Pires nunca mais visitou Luís Soares, após saber do infortúnio do amigo; além de que espalhou a notícia aos “rapazes e raparigas”, mesmo tendo prometido silenciar-se sobre o fato. Desta forma, o primeiro castigo de Soares não é propriamente a perda da fortuna do pai, desfrutada até então, uma vez que ele já tinha planos de como recuperá-la, ainda que isso lhe custasse sacrifícios antes inimagináveis: o afastamento social que tal imprudência lhe causara, talvez, tenha sido o golpe que mais sentira. A pessoa de Luís Soares é reduzida aos contos de réis; de repente, já não é bem-vindo ao meio social que frequentava, e dele tampouco poderia esperar ajuda.

Em muitos contos machadianos, os rapazes financeiramente inconsequentes são punidos. Às vezes, a punição serve para corrigi-los definitivamente, convertendo-os em novos homens, como é o caso de Camilo Seabra, em “A parasita azul”, que se torna um filho obediente e um marido exemplar, após esbanjar o dinheiro do pai em farras parisienses; outras vezes, o castigo é apenas um susto sem poder algum de reabilitá-los da vida dispendiosa, que continuará a atraí-los, como acontece a Gonçalves, em “Vinte anos! Vinte anos!”. Notável na vida desses rapazes é a presença de um ancião abastado, conservador, moralista e virtuoso, disposto a “corrigir” os filhos pródigos, os sobrinhos dissipadores – como o caso de Soares – ou os afilhados dissimulados. Esses homens, geralmente, são majores, oficiais ou desembargadores que, aposentados e desfrutando de boa renda e reputação, acolhem os mais jovens com a promessa de lhes arranjar um bom emprego, sem perder de vista a carreira política. No caso de Soares, a história não alcançará o final feliz bíblico: à medida que oportunidades de enriquecer lhe aparecem, longe de se redimir, ele buscará sempre novas estratégias para espoliar o patrimônio alheio.

É assim que no segundo capítulo do conto, aparece o major Luís da Cunha Vilela, tio de Soares, “homem já velho e adoentado” que, apesar dos seus “bons sessenta anos”, dava a entender que não morreria tão cedo. Vivia com uma sobrinha, Adelaide, e uma velha parenta. A chegada inesperada de Soares causa-lhe surpresa e desconfiança; ele bem conhecia o caráter do rapaz, mas estava disposto a dar-lhe mais uma chance, diante das circunstâncias: – “Se o teu arrependimento é sincero, abro-te a minha porta e o meu coração. Se não é sincero podes ir embora; há muito tempo não frequento a casa da ópera: não gosto de comediantes” (27).

O segundo castigo de Soares é a perda da autonomia: o emprego público que consegue não está relacionado aos seus méritos pessoais, mas à influência do tio. De qualquer forma, o rapaz não decepciona o seu protetor e desempenha seu trabalho com dedicação, ainda que todo esse esforço visasse “perpetuar uma vida de dissipação”, pois aquele momento de sua vida “não passava de um parêntese mais ou menos extenso” (29). Ainda que o velho não desconfiasse dos planos de Soares, temia que ele novamente se entregasse às farras e, portanto, passa a lhe incentivar a carreira política, ideia não refutada pelo rapaz, que até chegou a ler livros sobre o assunto.

Adelaide aparece definitivamente no terceiro capítulo, quando o narrador a apresenta de uma maneira a sugerir um caráter romântico e até ingênuo: “[...] tinha 24 anos, e a sua beleza, no pleno desenvolvimento da sua mocidade, tinha em si o condão de fazer morrer de amores (31)”. No entanto, tal sugestão é imediatamente desconstruída pelo próprio narrador: “Há de lembrar-se o leitor do frio cumprimento trocado entre Adelaide e seu primo; também há de se lembrar que Soares disse ao amigo Pires ter sido amado por sua prima. Ligam-se essas duas coisas” (31). Os narradores machadianos, geralmente, mostram a situação sem nela inferir julgamentos, cabe ao leitor apanhar nas entrelinhas o sentido das frases ou expressões, à primeira vista, insignificantes. Adelaide fazia parte da segunda saída que Pires havia dado a Soares quando, desesperado, se aconselha com o amigo. Lembrando da afeição antiga da moça pelo companheiro falido, Pires havia sugerido que ele se casasse com ela; não era rica, mas tinha “trinta contos”. Soares, como dito, preferiu a terceira solução, afinal, trinta contos era “despesa de um ano”, e de nada lhe servia.

A partir do momento em que o narrador desenrola a história da moça, é possível prever o final do conto. Ser desprezada pelo primo no passado não lhe doera tanto quanto saber do motivo do desprezo: não era rica suficiente. Para Soares, quem tinha uma fortuna como a sua não se casava, a não ser com quem tivesse mais. Os bens de prima era a quinta parte dos seus e, se para ela era “negócio da China”, para ele seria “mau negócio”. No entanto, mal sabia o imprudente rapaz que o dote de trinta contos não era toda a riqueza deixada pelo irmão do major à filha. Se no passado ele a desprezara por supô-la pobre, agora, certo de que era amado novamente, fazia o mesmo para evitar um enlace aparentemente nada convencional a seus planos; “a herança sem o casamento” era o seu ideal.

Fazendo jus a algumas personagens femininas de Machado, cuja fibra e coragem sobressaem em seus perfis – como Marcelina, do conto “A chave”, ou Helena, do romance homônimo –, Adelaide, mesmo fulminada pela antiga paixão, não dirigia uma palavra ao primo; fingia-se indiferente porque conhecia o caráter daquele que um dia a maltratara. O major, vendo aquela tristeza e não ignorando o passado da moça, propõe o casamento entre os primos; Soares, afetando obediência cega ao tio, aceita o matrimônio. Adelaide expõe ao tio a situação pelo qual passara um dia; nega a aceitar a união com o primo, sustentando “o orgulho da mulher que preferia o sofrimento à humilhação” (35).

O terceiro e, talvez, mais doloroso castigo de Soares começa a ser esboçado no início do quarto capítulo. A chegada de Anselmo, vindo da Bahia, é a jogada machadiana para fustigar o caçador de dotes, que mascara a sua avidez com galantes cumprimentos. Bento, o pai de Adelaide, antes de morrer, confiara ao amigo baiano a maior parte de sua fortuna (trezentos contos), juntamente com uma carta que só deveria ser aberta, na presença da família, dez anos mais tarde. O desejo do falecido irmão do major favorecia, em primeira instância, os ideais de Soares:

Se nessa época a minha filha Adelaide for viva e casada entrega-lhe a fortuna. Se não estiver casada, entrega-lha também, mas com uma condição: é que se case com o sobrinho Luís Soares, filho de minha irmã Luísa; quero-lhe muito, e apesar de ser rico, desejo que entre na posse da fortuna com minha filha (39).

Como lembra Massa (1971, p. 612), os *Contos Fluminenses*, coletânea em que reaparece “Luís Soares”, apresenta sete contos, dos quais apenas um era inédito – “Miss Dolar”, ou seja, “o escritor se valeu da revista de Garnier, de onde retirou seis obras”. O periódico ao qual o crítico francês se refere é o *Jornal das Famílias*, conservador e altamente consumido pela família brasileira na segunda metade do século XIX, sobretudo, pelas mulheres. Portanto, é natural a esses contos certo convencionalismo ou até mesmo um idealismo desmedido em relação à punição das personagens consideradas más. Num primeiro momento, tem-se a impressão de que a carta lida postumamente culminará no tradicional “foram felizes para sempre”, uma vez que era desejo do pai da menina que ela se casasse com o primo. No entanto, as orientações prévias do narrador não permitem que se incuta nesse equívoco.

Luiz Roncari (2006, p. 87) nota que alguns contos de Machado “começam com observações realistas sobre as práticas sociais, mas logo depois cedem às aspirações que seriam as do leitor e desenvolvem uma trama ao seu gosto pelas intrigas romanescas”. O desejo de vingança, lento e moderado, da mulher humilhada é o que move o conto, desde que Adelaide aparece; o fato de ela voltar a conviver com o responsável por sua grande dor faz o conto caminhar para um desfecho esperado. Desta forma, a figura da moça poderia comprometer a “crítica das práticas sociais” inata à trama, mas a desenvoltura da heroína acaba colaborando para “reparar a ordem ameaçada no desenvolvimento do conto” (RONCARI, 2006, p. 88).

Julgando-se astuto, Soares não contava a reação de Adelaide nos dias que se seguiram à leitura da carta; as negativas da prima diante de suas investidas para conquistá-la eram por ele consideradas normais: “Quer vender o peixe caro”, pensava. Nem mesmo o tio imaginava qualquer obstáculo: “[...] Tens uma moça que te ama loucamente. De repente, cai-lhe nas mãos uma fortuna inesperada; e essa fortuna só pode havê-la com a condição de se casar contigo. Até os mortos trabalham a teu favor” (40). Se havia alguma expectativa de romance, ela é completamente destruída no quinto capítulo do conto, quando Soares se ajoelha diante da menina, numa tentativa patética de confessar que a amava, como se observa na seguinte passagem: “Adelaide sorriu e soltou lentamente estas palavras: – Trezentos contos! É muito dinheiro para comprar um miserável” (44). O rapaz,

“petrificado”, a vê se afastar vitoriosa, “nem uma palavra de ódio, nem um indício de raiva; apenas um calmo desdém, um desprezo tranquilo e soberano” (45).

No sexto e último capítulo, novamente Anselmo aparece com uma novidade: após saber da recusa de Adelaide em se casar com Soares e também dos motivos que a levaram a essa decisão, o ex-amigo de Bento propõe à família uma viagem à Europa, já que moça possuía agora uma “grande fortuna”. É importante ressaltar que, segundo o desejo do falecido, o estimado amigo ficaria com a fortuna, caso a filha não se casasse com o Soares. No entanto, Anselmo não a aceita: “Então sou algum ratoneiro? Que me importa a mim a fantasia de um generoso amigo? O dinheiro é desta menina, sua legítima herdeira, e não meu, que aliás tenho bastante” (47).

Finalmente, o último castigo do rapaz é o abandono. A família parte sem ele para a Europa, restando-lhe apenas uma saída:

Abandonado, pobre, tendo por única perspectiva o trabalho diário, sem esperanças no futuro, e além do mais, humilhado e ferido em seu amor-próprio, Soares tomou a triste resolução dos cobardes. Um dia de noite o criado ouviu no quarto dele um tiro; correu, achou um cadáver (47).

O conto termina com um diálogo aparentemente ingênuo e desconexo entre Pires e sua companheira, Vitória. Os dois comentam de forma rápida e fria o suicídio de Soares, enquanto a moça se arruma para ir ao Alcazar, casa de espetáculos da época, onde seria cantada a *Barbe-Bleue*. Trata-se da ópera de Jacques Offenbach, de 1866, inspirada no conto homônimo de Charles Perrault, “Barba azul”, em que a esposa destemida e racional descobre os crimes do marido, um nobre sem escrúpulos, e se livra dele, ficando com toda a sua fortuna.

2.3 MILOCA: BELA, PRETENSIOSA E IMPRUDENTE

O conto “Miloca” foi publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, entre novembro de 1874. Em 1955, ele reaparece na coletânea da Editora Jackson, intitulada *Histórias românticas* e também na antologia da Aguilar, *Outros contos*, de 1962. Nele, Machado de Assis retoma a temática do dinheiro, presente em contos anteriores, mas dessa vez personificada em uma figura feminina. Seguindo a linha dos textos machadianos publicados na revista do editor francês Garnier, o conto se

desenrola no ambiente familiar, onde as leis morais e sociais acabam determinando o comportamento e as ações das personagens.

Aos dezessete anos, Miloca era “a mais formosa cara do bairro e a mais elegante figura da Cidade Nova”. Moça arrogante, vaidosa e indiferente aos olhares dos rapazes da vizinhança, “parecia ignorar ou desdenhar a admiração dos outros”²¹ (195). Vivia com o pai, Rodrigo, comerciante à beira da falência, dono de armarinho, e com uma tia, dona Pulquéria, que fora morar na casa do cunhado assim que ficou viúva. A velha senhora é uma espécie de voz da Providência, alertando Miloca para o perigo da soberba e para a necessidade de se tratar melhor as pessoas. É uma personagem menor e com participação breve no conto, mas seus conselhos à sobrinha sugerem que algo de ruim virá a suceder à moça, caso não mude de comportamento.

Miloca não pensava em se casar simplesmente por amor; era sagaz, interesseira e buscava ascender socialmente por meio do casamento. Aparece-lhe, então, Adolfo, moço de “excelente reputação, econômico, morigerado, laborioso”, apaixonado, mas pobre. A timidez do rapaz o faz procurar pelo pai da menina e a ele pedir a mão de sua amada; Rodrigo fica perplexo ao saber que Adolfo jamais falara com Miloca e nega-lhe o pedido: “Não lhe quero mal, disse ele; faça-se amado e volte. Nada mais lhe concedo” (197). Miloca fingia não notar o interesse de Adolfo, fato também ignorado por Rodrigo e dona Pulquéria. Para a velha, Adolfo era uma salvação, “enviado pela Providência Divina”, mas afastado da sobrinha pela imprudência do cunhado que lhe negara o pedido para frequentar a casa. A condição social e o nascimento de Miloca não eram motivos para que ela ostentasse tanto orgulho; era pobre como Adolfo, mas tinha mania de soberba por ter frequentado um colégio para moças onde conheceu “as filhas das mais elevadas senhoras da capital”. Consequentemente, “Miloca bebeu assim um ar que não era precisamente o do armarinho da Cidade Nova” (209).

O ano de publicação do conto, 1874, coincide com o lançamento do segundo romance de Machado de Assis, *A mão e a luva*. Lendo o fragmento de Roberto Schwarz a seguir, podemos inferir que, Guiomar, a protagonista do romance, tenha inspirado a criação de Miloca:

²¹ Todas as citações de “Miloca” serão feitas a partir da coletânea *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*. (org. Álvaro Marins). RJ: Língua Geral, 2008.

Mas sempre é verdade que Guiomar procede com tino e sagacidade... Mesma coisa quanto ao casamento da moça, que resulta da 'fria eleição do espírito', recaindo a escolha em cavalheiro rico e ambicioso, que além do mais será deputado. O cálculo, que aos românticos parecerá contrário ao sentimento, na verdade, era 'todo filho do coração', pois a heroína desde pequena tinha queda para a vida elegante que ia bem com o seu instinto (SCHWARZ, 2000, p. 74).

Adolfo tem a oportunidade de salvar a moça e sua família de um pequeno desastre: o coche em que estavam, ao voltar do teatro, sofre uma queda e ele, que esperava sua amada para vê-la de longe, os ajuda prontamente. Orgulhosa, Miloca deixa os agradecimentos por conta do pai e da tia e se retira sem olhar para o seu salvador. No entanto, a partir desse episódio, o rapaz começa a frequentar a casa, contudo esse fato não altera o comportamento de Miloca, que continua a desdenhá-lo:

A causa de Adolfo estava condenada, e pareceu que ele ajudava o seu triste destino. Já vemos que Miloca aborrecia nele a sua não brilhante condição social, que era aliás um ponto de contato entre ambos, coisa que a moça não podia compreender (208).

Miloca integra a galeria de personagens machadianos ambiciosos e imprudentes; indivíduos destemidos e dispostos a ascender socialmente a qualquer preço, mas que terminam por fracassar. A razão do insucesso é, geralmente, a mesma: apostam em grandes destinos, em pessoas de classes superiores para atingirem seus objetivos. Miloca e Luís Soares, protagonista do conto homônimo analisado anteriormente, são castigados por desprezarem o amor e buscarem no dinheiro o único meio de ser feliz. Ironicamente, aqueles que são por eles desprezados se convertem em pessoas ricas, de repente: Adelaide, em "Luís Soares", herda a fortuna do pai e Adolfo, em "Miloca", a do padrinho. Outro ponto que aproxima "Miloca" e "Luís Soares" é que ambos foram publicados originalmente no *Jornal das Famílias*, revista de moda da época e de grande popularidade entre as leitoras. Segundo observa Luís Filipe Ribeiro (2008, p. 15), tratava-se de uma publicação "monarquista e conservadora, como não podia deixar de ser, tendo como público a aristocracia carioca". Portanto, natural seria que os contos ali editados suprimissem de seus contextos agressões à moral vigente e às tradições. Machado

conhecia esse público e para ele escrevia de maneira consciente, conforme lembra o crítico:

Machado de Assis era homem e não era anjo. Era mulato numa sociedade escravocrata – é fundamental não esquecer! [...]; culto num meio absurdamente medíocre. Tinha, por força, que aprender a pisar nesse chão devagarinho [...]. Era isso ou era ser literalmente varrido da vida literária! O exemplo de Lima Barreto é insuperável! Este resolveu bater de frente, ainda que um pouco depois da morte de Machado. Foi banido dos arraiais literários e culturais. Só ressuscitou na década de 60 do século XX, [...] (ibid., p. 15).

Assim é que em “Miloca” a providência divina e o castigo supremo punem os ambiciosos e fazem triunfar os humilhados. Talvez, Machado de Assis se sentisse incomodado com essa saída ora ou outra encontrada para os contos publicados no *Jornal das Famílias* e depois em *A Estação*. Isso porque, apesar da grande quantidade de contos que escreveu para esses periódicos conservadores e monárquicos, pouca coisa aproveitou para compor suas antologias. Boa parte do que republicou em livros provém da *Gazeta de Notícias*, jornal republicano e populista, onde aparece, por exemplo, o conto “Identidade” (1887). Enfim, conforme salienta Ribeiro (2008, p. 16), “não há como não pensar que Machado [...] não haja sempre levado em conta, quer na hora de escrever, quer na hora de publicar, o público para o qual escrevia e publicava”.

Retomando a análise, vimos que a “providência divina” age em favor de Adolfo no episódio do acidente com o coche, dando a ele a oportunidade de frequentar a casa de Miloca. No entanto, o infeliz apaixonado, ao visitá-la, só encontra desprezo e frieza, acentuados durante um baile em que dançam juntos e ela o abandona, no meio do salão, após saber que era amada. A partir desse episódio, o conto segue um final presumível e até mesmo típico aos contos machadianos daquele momento: pune-se a soberba com um golpe financeiro. Passados alguns meses do baile, “a família de Miloca sofreu um grave revés pecuniário; Rodrigo perdeu o pouco que tinha, e não tardou que a este acontecimento sucedesse outro não menos sensível: a morte de dona Pulquéria” (213-214).

É importante, porém, ressaltar que em nenhum momento do conto, o narrador relaciona explicitamente as atitudes de Miloca a um possível fim trágico, ainda que isso seja previsível nas falas de dona Pulquéria ou nas passagens do

próprio narrador: “Felizes aqueles cujos dias correm com a insipidez de uma crônica vulgar” (213). De acordo com Paul Dixon (2006, p. 206), “é preciso, afinal, reconhecer que Machado de Assis é mestre do ‘não dito’, e que cria uma arte em que o leitor é constantemente convidado para funcionar como co-produtor dos significados”.

O pai de Miloca falece tempos depois: era “o último golpe que vinha ferir a moça, e esse não o suportou com a mesma coragem até ali manifestada”. Restava-lhe a carreira no professorado, mas “custava-lhe isto ao orgulho, e era com certeza a morte de suas esperanças aristocráticas” (214). Aparece-lhe, então, Leopoldina, amiga rica do tempo do colégio, casada com um jovem deputado, que acolhe Miloca, mesmo sob os protestos da moça: “Orgulhosa como era, doía-lhe a posição dependente em que se achava” (215). No entanto, de volta à sociedade que tanto prezava, a vergonha de sua condição desaparece, restando-lhe apenas uma preocupação: “Casar-se, mas casar-se bem” (216). Muitos rapazes frequentavam a casa de Leopoldina, sendo que Miloca não sentia amor por nenhum deles, “mas essa circunstância era puramente secundária no sistema adotado por ela” (216). Consecutivas “derrotas” não destroem o orgulho da moça, que era sempre vencida pelas rivais mais favorecidas economicamente. Miloca, mesmo quando vê surgir a imagem de Adolfo em seu “espírito atribulado e abatido”, não se arrepende do que fizera ao rapaz pois, mesmo imersa em tristeza e solidão, reconhece que ele não poderia realizar seus sonhos ambiciosos.

Surpreende constatar que essa lucidez financeira, comum às protagonistas dos escritos “maduros” de Machado – assim são Virgília e Marcela, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo – já estava presente em contos moralistas e destinados aos leitores conservadores do *Jornal das Famílias*. O narrador machadiano, em “Miloca” e também em “Luís Soares”, preserva suas personagens femininas de emoções exageradas; o racionalismo prevalece, ainda que o amor esteja em jogo. Adelaide, mesmo amando Soares, deixa-o pobre e sozinho, para gastar a fortuna recém adquirida na Europa. Miloca, perseguindo um futuro promissor, não se deixa abater pelo arrependimento por ter recusado o amor de Adolfo, que era pobre. Desse modo, compartilhamos a opinião de Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p. 151) quando afirma que “mesmo nas narrativas que trazem ‘ressaios’ românticos, não se vê por parte do narrador qualquer exagero

desmesurado na descrição dos sentimentos e dos possíveis dilemas que daí decorrem”.

Miloca só vem a mudar de opinião sobre Adolfo quando o vê em um camarote de teatro, cercado de moças e rapazes elegantes e descobre, pelo marido da amiga, que o ex-pretendente havia se tornado rico: “Miloca estremeceu; involuntariamente, não de amor, não de saudade, mas de inveja. Seria uma daquelas moças esposa dele?” (218). Adolfo herdara uma fortuna do padrinho e, por ter se desiludido com “um amor infeliz outrora”, decidiu não se casar. Miloca procura reconquistar o rapaz e ele, a convite do marido de Leopoldina, passa a frequentar a casa onde a ex-amada vivia.

O narrador informa que a moça começava a amar Adolfo e que esse amor lhe parecia “uma espécie de castigo que a Providência lhe infligia” (220). Nesse ponto, ele procura lançar uma dúvida, mas de uma forma sutil e, provavelmente, não perceptível ao público do *Jornal das Famílias*. Recapitulando, vimos que a imagem de Adolfo surge no pensamento de Miloca, quando ela se vê desesperada por não encontrar um bom casamento; no entanto, lamenta que ele não fosse rico, sem se arrepender de tê-lo enfeitado. A cena encerra o quarto capítulo e o próximo se inicia com o episódio do teatro, quando, ao saber da nova condição de Adolfo, Miloca começa a “amá-lo”.

Em “Luís Soares”, Machado trabalha a questão do dinheiro ainda de maneira óbvia, sem ambicionar situações duvidosas e permeadas de ironia, sobretudo, para não correr o risco de não ser compreendido pelos leitores do *Jornal das Famílias*. Soares tenta reconquistar a prima porque está interessado na fortuna que a moça receberia e isso é claro no conto. Já em “Miloca”, ao menos duas dúvidas poderiam assaltar os leitores: Miloca começava realmente a amar Adolfo ou esse amor “nasceu” com a notícia da herança recebida pelo rapaz? E Adolfo? Um dia verdadeiramente a amou?

Se Adolfo ainda a amasse, seriam ambos felicíssimos; mas sem o amor dele que esperança teria a moça? Digamos a verdade toda: Adolfo era em toda a extensão da palavra um rapaz cínico, mas cobria o cinismo com uma capa de seda, que o fazia apenas indiferente; de maneira que se algum raio de esperança podia entrar no ânimo de Miloca bem depressa se lhe devia esvaecer. (221)

Analisando “O espelho” e “Missa do galo”, Cilaine Alves Cunha (2006, p. 32) comenta que Machado de Assis aproveita o contexto dessas histórias para avaliar “o fracasso da consciência romântica quer para interpretar as causas sociais e psicológicas que regem o comportamento feminino, quer para relativizar o curso dos acontecimentos”. Talvez, o Machado colaborador do *Jornal das Famílias*, entre 1864 e 1878, já começasse a amadurecer essa ideia de que fala a autora. Ao revelar, quase no fim do conto, que Adolfo era um rapaz cínico, o narrador desconstrói a imagem de bom moço sustentada até então. Com esses lances, Machado parecia compensar o uso de alguns recursos os quais, geralmente, empregava em seus contos produzidos para os folhetins e que, de certa maneira, o incomodavam; entre eles, o recorrer à providência divina para solucionar algumas situações.

Já no fim do conto, desesperada para reconquistar Adolfo, Miloca começa a trocar com ele longas cartas de amor, em que o antigo afeto figura como o tema principal. O casamento entre os dois era certo, mas “quem sabe o que guarda o futuro? E a que desvairamento não arrasta o amor quando os corações são fracos?” (222). Imprudente, a moça se deixa levar pelas promessas de Adolfo e com ele foge. Cerca de um ano depois, reaparecem: “Casados? Não; e esse passo dado no caminho do erro foi funesto à ambiciosa moça. Que outra coisa podia ser? O mal engendra o mal” (223). Tempos depois, Adolfo embarca para a Europa, sem dizer adeus a Miloca, que desaparece também: “Uns dizem que fora à cata de novas aventuras; outros que se matara” (223).

Enfim, de acordo com Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p. 151) sobre a constítica machadiana, podemos dizer que em “Miloca” o contista carioca evita palpites moralizantes, “A situação é mostrada, o leitor dela se inteira; a ‘*moral da estória*’ não é dada pelo autor, mas é forjada na consciência e no poder de avaliação de quem lê a estória”.

2.4 A CONFIANÇA TRAÍDA DIANTE DO LUXO E DO PODER

“Sabemos aquilo que somos, mas não sabemos aquilo
que podemos ser”.
William Shakespeare

Em 1887, Machado de Assis publica o conto “Identidade” na *Gazeta de Notícias*, jornal republicano e populista fundado em 1875, responsável pela edição de cinquenta e seis contos do escritor, entre 1881 e 1897. A *Gazeta* era um jornal liberal e que apoiava as “boas produções literárias”; seu redator-chefe, Ferreira de Araújo, foi um grande amigo de Machado de Assis e editou pela primeira vez o famoso conto “Teoria do Medalhão”, em 1881 (GLEDSON, 1998, p. 20). Em 1955, com acréscimos da Editora Jackson, “Identidade” reaparece numa antologia homônima à publicada por Machado em 1906: *Relíquias de Casa Velha*. Além dos nove títulos da publicação original, selecionados pelo autor, os editores agregaram mais onze contos à nova coletânea.²²

Diferentemente dos contos “Luís Soares” e “Miloca”, publicados originalmente no *Jornal das Famílias*, “Identidade” não cumpre um “projeto editorial”, para usar a expressão de Ivan Teixeira (2010, p. 65), quando se refere às narrativas machadianas publicadas no periódico *A Estação*, cujo objetivo era, sobretudo, atrair o público feminino. Nesse conto, Machado retoma o tema do dinheiro relacionado à imprudência, mas de uma forma singular, distante da Corte carioca e do contexto histórico em que vivia. O escritor já não era um simples colaborador de jornais e revistas, mas o renomado autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance publicado em 1881, e de *Papéis Avulsos*, coletânea lançada em 1882, onde aparecem alguns dos seus melhores contos.

O narrador em terceira pessoa inicia o conto chamando a atenção para o “fenômeno da semelhança completa entre dois indivíduos não parentes” o que, segundo ele, é algo raro, principalmente, quando inquestionável, “ao ponto de estabelecer identidade entre duas pessoas estranhas”²³ (325). A seguir, busca apoiar suas ideias na tradição, citando Montaigne, Shakespeare e Plauto, autor de “Os menecmas” (206 a.C). De certa forma, a introdução do conto faz lembrar o

²² Conf. nota 12, p. 28.

²³ Todas as citações de “Identidade” serão feitas a partir da coletânea *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*. (org. Álvaro Marins). RJ: Língua Geral, 2008.

primeiro capítulo das *Memórias* destinado ao leitor e ancorado na tradição que Brás Cubas teria adotado: “[...] a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre” (ASSIS, 1998, p. 17). Em “Identidade”, como em outros contos e romances do período, o gosto machadiano pelas citações da literatura universal se acentua e reflete, de certa forma, a dedicação do escritor à leitura de obras estrangeiras.

Ao iniciar a narração sobre a história de um faraó egípcio, “cujo nome se perdeu na noite das velhas dinastias” (325), mas que se supõe fosse Pha-Nohr, o narrador já confere ao conto ares de fábula, procurando afastar o compromisso com a verossimilhança. Trata-se de uma forma irônica de representar as origens da traição motivada pela ganância que, desde os tempos remotos, figura entre a humanidade: Pha-Nohr soube que havia no Egito um homem fisicamente idêntico a ele; de início, ouviu a notícia com indiferença, porém, movido por uma crise de melancolia, ordenou que buscassem o tal homem e que lhe dessem o que pedisse:

Não tardou que os emissários tornassem a Mênfis com o menecma do rei. Era um pobre escriba, por nome Bachtan, sem pais, nem mulher, nem filhos, nem dívidas, nem concubinas. A cidade e a corte ficaram alvoroçadas ao ver entrar o homem, que era a própria figura do faraó. [...] Eram mais que dois homens parecidos; eram dois exemplares de uma só pessoa (326).

Durante dois meses, tendo abrigado o escriba em um quarto ao lado do seu, o faraó fez com que ninguém mais o visse, dizendo que se tratava de “um trabalho de interesse público” (326). No entanto, o interesse era apenas pessoal: desejando se livrar do poder e do reino, ele instruíra o escriba para assumir o seu lugar – “reinas ou morres”. O segredo da troca ficaria entre eles e, assim, Pha-Nohr é despedido do reino, levando consigo “algum dinheiro e muitas pedras preciosas” (327). O faraó reinava por vinte anos; iniciara aos vinte e dois, cheio de ideias e de esperanças que logo se converteram em “tédio, desconfiança, aversão pelas pessoas” (328). No fim de dois anos, vieram as crises melancólicas que o fizeram desistir de tudo, após dezoito anos à frente do reino.

Pha-Nohr “persuadira-se de que não podia conhecer o caráter nem o coração dos homens, através da linguagem curial, ataviada naturalmente, e que lhe parecia oblíqua, dúbia, sem vida própria nem contrastes” (328). Nesse sentido, a integralidade do ser humano é associada à simplicidade decorrente da pobreza e,

por isso, ele procura um lugar humilde para se instalar. Mas até onde estava disposto a mudar de vida? O narrador parece aproveitar a situação do conto para mostrar como os bens materiais, em muitos casos, são indissociáveis do conceito de felicidade. Pha-Nohr abre mão da riqueza e do poder, mas não deixa de levar consigo dinheiro e pedras preciosas, que futuramente lhe trarão mais dissabores do que alegrias.

Longe do reino, o faraó viverá experiências perfeitamente ajustáveis a qualquer momento da humanidade, salvas as diferenças contextuais. Segundo Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p.41), “Machado de Assis já intuía que nem só do conteúdo próprio, local, serve-se a expressão de uma autêntica literatura”, e talvez por isso criasse enredos distantes no tempo e no espaço, “experiências outras, assimilando-as e transformando-as com a dimensão da universalidade”. Pha-Nohr, assim que deixou Mênfis, foi bater à porta de um simples tecelão cuja esposa, Charmion, tinha “os olhos cheios de mistérios do Nilo” (328). O casal lhe oferece comida, ao ouvi-lo dizer que era um pobre escriba, portando apenas “uma caixa de pedras preciosas”. Depois do jantar, o anfitrião explica ao recém-chegado que a cidade era “um covil de sacripantes”, e que a fortuna lhe dera uma “má casta de vizinhos” (329). Encantado com Charmion, mas entediado com a conversa daquele que o acolheu, Pha-Nohr se despede, porém o tecelão não consente que ele saia e lhe oferece pouso, com intenção de roubá-lo durante a noite. A esposa não concorda com o plano, que vem a ser descoberto pelo hóspede, pois havia escutado a conversa; o falso escriba, “embasbacado” com o que ouvira, parte pela manhã, deixando como lembrança a Charmion “uns brincos de cristal e um bracelete de ouro” (330).

Antonio Candido (2004, p. 23) lembra que “um dos problemas fundamentais” apresentados na obra machadiana é o da identidade. “Quem sou eu? O que sou eu? Em que medida eu só existo por meio dos outros? Eu sou mais autêntico quando penso ou quando existo? Haverá mais de um ser em mim?”. Esse questionamento aparece no conto a partir do momento em que o faraó, decepcionado com o que ouvira na casa do tecelão, segue sem rumo pela cidade, pois “morria por andar à toa, desconhecido, misturado à outra gente” (330); queria se encontrar e saber quem era. No entanto, termina por se envolver em uma briga de rua, para ajudar duas mulheres e o magistrado da cidade lhe inflige uma multa. Pha-Nohr, “esquecendo a abdicação temporária” (332), pede a prisão do homem e

termina por levar nova multa. Entristece-se, confuso e desiludido e, por um momento, dá-se conta que naquele lugar ele não era mais quem sempre fora.

O espírito abatido do faraó se alegra com a chegada de Charmion que, fugindo do marido, vinha se juntar a ele. A moça lhe propõe fuga daquela cidade para irem a um “lugar mais ermo e áspero” (332), mas para isso Pha-Nohr precisa vender duas pedras preciosas; cego de amor, ele começa imprudentemente a dispor do seu pequeno tesouro para conseguir meios até que, finalmente, estabelece numa cidade distante o seu “ninho de amor”, completamente administrado por Charmion:

Já não era a pobre namorada sem adornos; podia agora desbancar as ricas donas de Mênfis. Jóias, finas túnicas, vasos de aromas, espelhos de bronze, alcatifas por toda a parte e mulheres que a servissem, umas do Egito, outras da Etiópia; mas a melhor joia de todas, a melhor alcatifa, o melhor espelho és tu, dizia ela a Pha-Nohr (334).

Charmion é a Marcela do conto machadiano: bela, sedutora e ambiciosa. Os brincos de cristal e o bracelete de ouro que recebera de Pha-Nohr não seriam o motivo que a faz buscar pelo desconhecido promissor e com ele seguir viagem? Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a visão de um pente de diamantes faz Marcela mudar o discurso, dando a entender a Brás Cubas que ela iria com ele à Europa: “Marcela teve um sobressalto, ergueu metade do corpo, e, apoiada num cotovelo, olhou para o pente durante alguns instantes curtos; depois retirou os olhos; tinha-se dominado” (ASSIS, 1998, p. 51).

Entre os inúmeros amigos que frequentavam o luxuoso lar de Charmion e Pha-Nohr, havia um “rapaz que andara por Babilônia” (335) e que lhes narrava histórias de outras terras, além de um velho letrado, enfadonho e prolixo, que estava compondo um livro sobre as origens do Nilo. As conversas dessa gente começam a irritar o faraó e ele, num momento de desespero, sente saudades do reino, do poder que concedera ao escriba, “e até dos homens que lhe falavam tremendo e aos quais fugira” (335). Perdera sua identidade e só em Mênfis, voltando a ser rei, poderia encontrá-la novamente.

Analisando o conto machadiano “O espelho”, Antonio Candido (2004, p.24) mostra que no caso do protagonista Jacobina “a integridade pessoal estava, sobretudo, na opinião e manifestações dos outros; na sociedade que o

uniforme representa [...]”. Assim, o poder confere ao faraó o mesmo que a farda de alferes a Jacobina: o reencontro com o “eu” que o faz feliz, pois lhe proporciona visibilidade. Voltando para a casa, saudoso do reino e da vida de outrora, Pha-Nohr não encontra a bela Charmion:

Não achou nada, nem a moça, nem as pedras preciosas, nem as jóias, túnicas, espelhos, muitas outras coisas de valia. Não achou sequer o moço viajante, que provavelmente, à força de falar da Babilônia, despertou na dama o desejo de ir visitá-la juntos...
(335)

Abatido, o faraó permanece na cidade, exercendo várias profissões, na esperança de um dia reencontrar Charmion, até que decide retornar a Mênfis, onde todos o reconhecem como o tal escriba parecido com o rei. Pha-Nohr estremece ao saber de um velho que a única diferença entre os dois – rei e escriba – era o peso: o falso soberano estava muito gordo e isso dificultaria a permuta. Mas ainda assim decidiu ir ao palácio e revelar toda a verdade. O segredo já não era mais necessário. O verdadeiro faraó, sentindo-se rei de novo, exige o reino de volta e ordena ao impostor que deixe o trono:

Bachtan riu-se para os outros, os outros riram-se e o paço estremeceu com a gargalhada universal. Pha-Nohr fechou as mãos e ameaçou a todos; mas a corte continuou a rir. Bachtan, porém, se fez sério e declarou que esse homem sedicioso era um perigo para o Estado (337).

Diante do luxo e do poder que lhe foram entregues, o escriba trai a confiança que lhe depositara o faraó. O dinheiro, um dos responsáveis pela corrupção de caráter na obra de Machado de Assis, havia cegado aquele homem simples: a ideia de abrir mão do mundo de posses e de conforto fez surgir um ser antes desconhecido por ele mesmo, completamente destituído de humanidade. De acordo com Raimundo Faoro (1976, p. 228), “[...] o dinheiro, avassalando os negócios, invade as consciências, infundindo torpeza em toda parte, na queda de escrúpulos, virtudes e valores”. São raras as personagens machadianas que não se deixam levar por essa onda de destruição moral de que fala o crítico e que advém do apego excessivo à riqueza. Segundo Ivan Teixeira (2010, p. 72), a forma alegórica usada por Machado de Assis em diversas situações, inclusive em assuntos

finaceiros, para transmitir a moral da história é um dos fatores responsáveis pela permanência do escritor.

Pha-Nohr é preso, julgado e condenado à morte, diante de grande multidão: “morreu tranquilo, rindo do escriba e de toda a gente, menos talvez de Charmion” (338). Trata-se do “riso oblíquo da descrença” (ibid., p. 150), o único remédio para se enfrentar a estupidez dos seres humanos. O povo saúda o falso Pha-Nohr com gritos de “viva”, ao que Bachtan, sorrindo, agradeceu.

Nos contos estudados neste capítulo, o dinheiro aparece sob vários ângulos pelos quais o narrador machadiano observa a cobiça dos homens. Com a análise do primeiro e do último conto, respectivamente, “Três tesouros perdidos” e “O escrivão Coimbra”, procuramos mostrar como a temática financeira ressurge em diferentes contextos, sendo aprimorada ao curso do tempo e das novas tendências. A ideia de que a visão da riqueza torna o homem imprudente parece não ter abandonado a pena de Machado, ao longo de meio século de produção literária: É imprudente um homem que investe num suposto amante de sua esposa, com vista a afastá-lo, quanto um velho solitário que gasta suas economias comprando bilhetes de loteria.

Já a imprudência mostrada em “Luís Soares” está relacionada às consequências advindas do mau uso da herança, entre elas, o isolamento, que leva o indivíduo à loucura ou ao suicídio. Talvez seja o conto de Machado que melhor retrate o parasita social que, uma vez privado da boa vida, recorre aos meios mais sórdidos para recuperá-la. A falência decorrente do esbanjamento nunca é uma lição a ser aprendida ou uma oportunidade para repensar a vida. O dinheiro é o “ouro maldito” de que fala Antonio Candido (2004, p. 29), ao analisar o personagem Rubião, do romance *Quincas Borba*, que herda não só a fortuna, como também a loucura do amigo.

Herdeiro também se torna Adolfo, no conto “Miloca”, passando a ser um “amável vadio”, sendo que nos tempos de pobreza “gozava de excelente reputação”. A nova condição lhe proporciona meios para se vingar da ambiciosa Miloca: o amor se converte em desdém e o conto termina com dois prejuízos de personalidade, causados pelo dinheiro: se, por um lado, a ambição da moça a torna imprudente e libertina, por outro, o bom rapaz revela-se um frívolo vingativo. Como lembra Ariel Kostman (2008, p. 34), é o poder do dinheiro “a quantificar, ironicamente, o valor dos afetos e atos humanos”. Finalmente, em “Identidade”,

procuramos ressaltar a corrupção de caráter causada pela ganância e personificada em duas personagens: o escriba Bachtan e a esposa do tecelão, Charmion. Ambos traem o faraó Pha-Nohr movidos pela cobiça despertada frente ao poder e ao luxo, respectivamente. O faraó morre por ser imprudente e acreditar que a fidelidade está acima do poder corrosivo do dinheiro. Segundo Candido (ibid., p. 31), “o ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse” movem os personagens machadianos, transformando os “modos de ser e de fazer” desses indivíduos. Há um receio entre eles de permanecer numa condição humilde ou a ela retonar e esse medo acaba por sufocar quaisquer escrúpulos.

3 O JOGO DAS APARÊNCIAS NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

“Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa e a hipocrisia, que é um vício hediondo”.

Machado de Assis
Memórias póstumas de Brás Cubas
(Cap. XXIV “Curto, mas alegre”)

Desde os primeiros contos de Machado de Assis, publicados a partir de 1864, já é possível notar, em alguns deles, o jogo que o narrador faz para confundir o leitor quanto ao caráter das personagens. Geralmente, são indivíduos de uma classe média urbana, cujos exageros são denunciados, entre eles, a excessiva imitação dos modelos estrangeiros e o viver de aparências. Alfredo Bosi traz um exemplo desse universo machadiano em seu ensaio “A máscara e a fenda”²⁴, sobretudo, com a análise do conto “A parasita azul”, publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, entre junho e setembro de 1872, que integra a coletânea *Histórias da meia-noite* (1873).

Segundo o crítico, a protagonista Isabel é uma “falsa ingênua”, pois recusa todos os pretendentes simplesmente porque “encobre o desejo de casar com o melhor dos partidos possíveis” (BOSI, 1982, p. 439). Trata-se de Camilo Seabra, filho de um rico fazendeiro de Goiás, que retorna de Paris e se casa com a moça que era a grande paixão de seu melhor amigo, Leandro Soares. Gastando o dinheiro do pai em farras parisienses enquanto o velho o supunha estudante aplicado, Camilo se revela tão falso como Isabel e, talvez por isso, terminam juntos. O ensaísta comenta que o desdém da moça era intencional para fisgar o antigo amor de infância, que ela sabia ser herdeiro de fazendas e futuro deputado: “Isabel já sabe que é preciso fingir-se fria e distante para excitar o gosto da conquista” (ibid., p. 439).

Analisando também outros contos da mesma coletânea, Bosi afirma que

²⁴ In: *Machado de Assis: antologia e estudos*. SP: Ática, 1982, p. 437-457.

o narrador das *Histórias da meia-noite* já está em trânsito para um ‘tempo’ moral em que o que se julgaria cálculo frio ou cinismo (segundo a concepção de Alencar, por exemplo) começa a eleger-se como prática do cotidiano até mesmo no coração das relações primárias (BOSI, 1982, p. 439).

Dessa forma, podemos dizer que é a partir desses contos que Machado de Assis começa a introduzir na literatura nacional o que Bosi chama de “necessidade da máscara como uma constante”, o que, segundo ele, “era um fato relativamente novo na história da ficção brasileira” (ibid., p. 439). Não se trata, entretanto, de uma novidade que desprezasse as instituições literárias estabelecidas até então: Machado permanece fiel a elas no que se refere ao modo “realista” de narrar, em que os detalhes favorecem a imaginação das cenas. Porém, ele será mais econômico nas descrições de paisagens e situações, fazendo sobressair as relações humanas e o jogo das aparências que as envolvem. O narrador machadiano começa a investir na trama, em como se desenvolvem as situações, deixando para um segundo plano o desfecho e a expectativa do “final”: importa mais como se conta e não propriamente o que se conta.

Neste capítulo, analisaremos três contos que trazem como temática esse jogo que requer das personagens o uso da máscara. Optamos por trabalhar com as seguintes narrativas, escritas em épocas diferentes: “O segredo de Augusta” (1868), “Vidros quebrados” (1883) e “Eterno” (1887). Mesmo que a consciência da máscara não seja ainda evidente em *Contos Fluminenses* (1870), de onde provém o primeiro conto selecionado, notamos que ela já começa a se desenhar a partir dessa primeira coletânea. É como se o escritor, aos poucos, fosse percebendo que o viver de aparências não era mais uma opção gratuita e exibicionista, mas uma questão de sobrevivência em sociedade, como assinala Bosi (ibid., p. 441):

À medida que cresce em Machado a suspeita de que o engano é necessidade, de que a aparência funciona universalmente como essência, não só na vida pública mas no segredo da alma, a sua narração se vê impelida a assumir uma perspectiva mais distanciada e, ao mesmo tempo, mais problemática, mais amante do contraste. Rompe-se por dentro o ponto de vista ainda oscilante dos primeiros contos. A ambiguidade do eu-em-situação impõe-se como uma estrutura objetiva e insuperável.

Tal estrutura acaba sedimentando a personalidade do indivíduo, a ponto de a própria narração se incumbir de sufocar a “verdadeira face”, oculta pela

necessidade da máscara. Em “O segredo de Augusta”, por exemplo, a protagonista não se abre com a própria filha sobre a possível traição do marido, Vasconcelos, que dorme fora de casa todos os dias por “necessidades políticas”. Augusta finge ser uma esposa compreensiva, quando diz à filha: “Teu pai tem que fazer de noite” (49)²⁵, isso porque há um jogo de interesses por trás dessa aparente convivência, como apontaremos na análise do conto.

Nesse caso, marido e mulher vivem de aparências porque ela lhes é conveniente, mas nem sempre as partes envolvidas estarão de acordo quanto a usar a máscara, ou então, uma das partes ficará em desvantagem por acreditar naquilo que parece, mas não é, como acontece em “Vidros quebrados” (1883). Venâncio ama Cecília, filha de uma viúva rica, que enfrenta a fúria da mãe para ficar com ele, mas que acaba se casando com o filho de um desembargador, quando se vê privada temporariamente da presença do namorado.

Já em “Eterno” (1887), temos um triângulo amoroso em que a máscara é supostamente usada pelas três personagens principais, Simeão, Norberto e a baronesa Iaiá Lindinha, como a narrativa leva a crer. O conto é uma sucessão de enganos e hipocrisia: o próprio título do conto é uma ironia ao termo usado por uma das personagens para definir o amor que julgava sentir. Esses contos acabam gerando no leitor uma “expectativa de romance”, como lembra Luís Roncari, além de promoverem um jogo entre ficção e realidade:

O que se nota desde os primeiros contos de Machado é que ele se esforça para combinar uma observação realista, crítica das práticas sociais e intelectuais, com uma trama ficcional bem urdida, romanesca, compondo-se quase sempre em torno das dificuldades e dos obstáculos do encontro e da realização amorosa. É recorrente nos contos o jogo que faz o narrador com a expectativa de ‘romance’ do leitor, e a sua intenção de autor de dizer ‘a realidade’ (RONCARI, 2006, p. 86- 87).

Essa expectativa é o fio condutor dos contos machadianos que tratam de assuntos amorosos, incluindo os iniciais, destinados, sobretudo, às leitoras do *Jornal das Famílias*, como ocorre em “O segredo de Augusta” (1868). Entretanto, essa probabilidade é geralmente destruída pelas circunstâncias: os

²⁵ Todas as citações de “O segredo de Augusta” serão feitas a partir da coletânea *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*. (org. Álvaro Marins). RJ: Língua Geral, 2008

juramentos são quebrados e o amor “eterno” dura alguns meses, como acontece, respectivamente, em “Vidros quebrados” (1883) e “Eterno” (1887).

3.1 AUGUSTA: EGOÍSMO, FUTILIDADE E CONIVÊNCIA

Publicado em 1868 no *Jornal das Famílias* e, posteriormente, incluído em *Contos Fluminenses* (1870), “O segredo de Augusta”, ao lado de “Luís Soares” (1869), pode ser considerado um laboratório de experimentações para os grandes temas que Machado de Assis desenvolveria ao longo de sua carreira literária, entre eles o ciúme, o dinheiro e o jogo das aparências. Com exceção de “Miss Dolar” (1869), todas as outras seis narrativas da primeira coletânea já haviam sido publicadas no periódico de Garnier e, provavelmente, Machado de Assis tenha escolhido as melhores para a reedição em livro. Ainda que não se possa encontrar na obra de estreia a complexidade psicológica dos personagens da antologia seguinte, *Histórias da meia-noite* (1873), já é notável a tentativa do escritor de se libertar de certas práticas de estilo, convencionais às revistas femininas com as quais colaborava.

Para Maria Aparecida Junqueira (2003, p. 238) a produção de Machado de Assis para o *Jornal das Famílias* é significativa na medida em que proporciona ao leitor uma nova experiência narrativa: “O interessante é observar que, embora taxados de românticos, o leitor vivencia o texto sem sofrimento e lágrimas; aprende-se, parece, o jogo das aparências, ou melhor, Machado o está experimentando”. Massa (1971, p. 544-545) define “O segredo de Augusta” como “um brado de alerta às mães de família que recusam às suas filhas o direito de casar a fim de não virem a ser avós”. Entretanto, optamos por explorar outras possibilidades de análises que o conto oferece, entre elas, o viver de máscaras instituído pelo casal Augusta e Vasconcelos e a ironia mordaz ao Romantismo, presente, sobretudo, nas falas de Gomes, o pretendente de Adelaide, a filha do casal.

A história se passa no Rio de Janeiro do século XIX e versa sobre a decadência da elite da época, abarcando sua vida e seus costumes. Grande parte das ações se desenrola na casa de Augusta, a protagonista e, provavelmente pela influência do teatro daquele tempo, as cenas são repletas de diálogos. Supõe-se que o conflito central é o medo que Augusta tem de envelhecer, daí viria o título do

conto, mas, dos sete capítulos que o compoem, o segundo e o terceiro se destacam, sobretudo, por não abordarem esse conflito. Inclusive, é possível inferir que o título do conto, de certa forma, atrativo para as leitoras do *Jornal das Famílias*, despiste a real intenção do narrador de criticar a sociedade e ironizar os ideais românticos.

Quanto às personagens, a primeira a ser apresentada é Adelaide, filha de Augusta e Vaconcelos, que até a idade de cinco anos viveu no meio rural, com os avós e, dez anos depois, está de volta à cidade, onde estão seus pais e sua verdadeira origem. No entanto, o espaço urbano não parece seduzi-la: Augusta é quem promove a elegância da filha, comprando-lhe vestidos tão caros quanto os que ela própria usava. Desde cedo, a mãe procura impor à menina os hábitos citadinos: “És uma roceira, disse ela; dormes com as galinhas. Aqui o costume é outro” (49). Entre os novos hábitos que Adelaide precisa incorporar a sua realidade, estaria o fingimento constante, que ela ainda nem imagina necessário ao novo meio social. A continuação da frase de Augusta, após chamar a filha de “roceira”, é: “Teu pai tem o que fazer de noite”, referindo-se ao comentário da menina sobre o pai, que sempre está ausente quando ela vai se deitar.

Augusta, bela, jovem e vaidosa, conhecia os afazeres noturnos de Vasconcelos, seu marido de quarenta anos, que “possuía uma boa fortuna e não trabalhava, isto é, trabalhava muito na destruição da referida fortuna” (54), obra em que ela contribuía bastante. O viver de aparências é uma opção acertada entre o casal, devido à compensação que o acordo trazia aos dois. Por um lado, o marido vivia livremente, como solteiro, saindo de casa à tarde e voltando na madrugada seguinte; por outro, Augusta aumentava as despesas da casa, gastando com futilidades:

Só uma pessoa tinha o direito de exigir de Vaconcelos mais alguma assiduidade em casa: era Augusta; mas ela nada lhe dizia. Nem por isso se davam mal, porque o marido em compensação da tolerância de sua esposa não lhe negava nada, e todos os caprichos dela eram de pronto satisfeitos (54).

Vasconcelos tinha dois grandes amigos, Batista e Gomes, ambos, como ele, são atraídos pela cidade e pelos prazeres que o meio urbano proporciona aos amantes da vida noturna. Batista “era o tipo acabado do pândego; excelente companheiro numa ceia de sociedade equívoca, nulo conviva numa sociedade honesta” (55). Durante uma visita a Vasconcelos, eles conversam sobre Gomes, que

andava desaparecido do “círculo de costume”, quando o criado avisa da chegada do terceiro integrante, que completa a “trindade do prazer e da dissipação” (57). Sobre esse aspecto citadino na obra de Machado de Assis, Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998, p. 148) chama a atenção para as “modalidades” por meio das quais acontecem as narrativas, geralmente, condicionadas pelos limites de duas situações existenciais bem delineadas. A primeira, de ordem espacial, se refere ao *locus* preferencialmente urbano dos contos; e a outra, de ordem moral, inclui os relacionamentos amorosos triangulares e geradores de dúvidas e conflitos. A cidade, com seus atrativos, é um fator estimulante das ações e não apenas um pano de fundo para o desenvolvimento delas:

Decididamente são os saraus, os bailes, as missas, os passeios públicos, a Rua do Ouvidor, o teatro, enfim, que compõem esse retrato multiforme. É um organismo vivo, palpitante, mas, na visão de Machado de Assis, já se configuram os inícios da lei da selva. A cidade é o palco das paixões, das intrigas, dos amores e das decepções das pessoas que ali habitam. Não é um organismo solidário – há muito ciúme e interesse rondando os destinos das pessoas; mas, paradoxalmente, as pessoas acompanham os seus pulsos com indisfarçado prazer. Pois as personagens machadianas gostam de viver na cidade, embora ali sejam tratadas com absoluta indiferença e cinismo (CUNHA, 1998, p. 148-149).

Gomes se declara cansado dessa indiferença encontrada na cidade que, apesar dos seus inúmeros atrativos, é um lugar impróprio para se encontrar o amor “casto e puro”, sem o qual a vida não tem sentido: “Que fui eu até hoje? Um verdadeiro estróina, um perfeito pândego, gastando às mãos largas a minha fortuna e o meu coração. Mas isto é bastante para encher a vida? Parece que não...” (58) Revela, então, aos companheiros que ama e deseja se casar. Vasconcelos se surpreende, ao saber que Gomes amava Adelaide, sua filha, mas não desaprova o namoro, apenas exige que haja reciprocidade: “O meu coração aprova tua escolha; és meu amigo, estás apaixonado, e uma vez que ela te ame...” (60).

O rapaz estava realmente disposto a se regenerar ou usava uma máscara de bom moço, de olho na fortuna de que Adelaide era herdeira? Vasconcelos, ciente do caráter libertino de Gomes, entregar-lhe-ia mesmo a filha, com a única exigência de que ela também amasse o seu grande amigo? O narrador procura despistar essas suspeitas, antes que elas sejam confirmadas e, para isso, vale-se de passagens exageradamente irônicas. Por exemplo, quando Gomes

descreve o seu atual estado de espírito: “[...] estou criando asas de anjo, e quero voar para o céu do amor” (58), o narrador confirma que o rapaz estava mudado: “[...] falava tão seriamente, insistia com tanta gravidade naqueles projetos de regeneração, que o dois amigos acabaram por ouvi-lo com igual seriedade” (59).

A aprovação de Vasconcelos em relação ao namoro da filha com Gomes também cria uma expectativa romântica: o pai finge acreditar que o amor “casto e puro” fosse capaz de regenerar o companheiro de libertinagem. Mas e a sociedade? Vanconcelos não está preocupado com a opinião daqueles que, como ele, vivem de aparências, pois acredita que “a sociedade é uma grande caluniadora e uma famosa indiscreta” (61). O conto foi escrito em 1868, quando Machado de Assis contava apenas vinte e nove anos de idade, mas já surpreende por seu aspecto moderno presente na intertextualidade que mantém com outros textos. O tema da redenção da cortesã por amor, trabalhado por Victor Hugo na peça *Marion Delorme* (1829)²⁶ aparece aqui pincelado na fala de Gomes. Ao se declarar apaixonado, o rapaz é questionado: “Mas afinal de contas, disse Vasconcelos, onde está a tua Marion? Pode-se saber quem ela é?” (59). A princípio é o libertino que se rende por amor, mas o desenrolar da história mostrará que a ‘rendição’ faz parte de um jogo, em que ambos os jogadores saem perdendo.

A máscara de Vasconcelos começa a cair, a partir de momento em que ele recebe a visita de José Brito, que vinha cobrá-lo de uma letra vencida: “Ao ouvir este nome o alegre Vasconcelos franziu o sobrolho”, pois a visita inesperada era “um verdadeiro fantasma, um eco do abismo, uma voz da realidade: era um credor” (61). Dessa informação do narrador onisciente, podemos inferir que Vasconcelos já sabia que estava pobre, ao conceder a mão de Adelaide a Gomes, que julgava rico. Após confessar a Brito que não tinha o valor da dívida e que a pagaria no outro dia, Vasconcelos fica sabendo que está completamente falido: há casas hipotecadas, os escravos desapareceram e as despesas recentes que ele fez para “montar uma casa a certa dama da sociedade equívoca” (63) contribuíram para a ruína. Pensa, então, em um meio de convencer Adelaide a se casar com Gomes, pois a fortuna do futuro genro lhe garantia o *status* social.

Antonio Candido (2004, p. 31) chama a atenção para a importância do *status* na obra machadiana: “O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do

²⁶ Peça em 5 atos, encenada pela primeira vez em 1831, em Paris, discorre sobre a vida de uma famosa cortesã francesa, Marrison Delorme, morta em 1650, e conhecida por se envolver com importantes homens do período.

interesse são molas dos seus personagens”. Dificilmente, as ações desses indivíduos não estão voltadas para a manutenção de um alto estilo de vida, ainda que isso signifique abrir mão de alguns escrúpulos. O irmão de Vasconcelos, Lourenço, o repreende por querer entregar a filha a um libertino como Gomes: “O que me interessa é que não sacrifiques tua filha por um capricho, entregando-a a um dos teus companheiros de vida solta...” (69). Irredutível, Vasconcelos defende o rapaz, dizendo que está completamente reformado e que o casamento deverá ocorrer, mas, no fundo, ele não acredita naquilo que diz ao irmão; o casamento da filha é a única saída que lhe resta.

Até essa parte do conto, final do quarto capítulo, tem-se a impressão de que Augusta, praticamente desaparecida da história, não é a protagonista e pouco importava a participação dela nas decisões acerca do futuro da filha. Entretanto, ela reaparece no quinto capítulo em que Vasconcelos a consulta sobre o casamento de Adelaide. Sem ainda saber da ruína do esposo, Augusta nega a aceitar Gomes para marido da filha, alegando que ela é muito jovem para casar e o rapaz não lhe parece adequado. O narrador está praticamente ausente na cena composta, sobretudo, por diálogos que, aparentemente, deixam entrever em Augusta uma mãe preocupada, ainda que esposa conivente com os atos reprováveis de Vasconcelos. Mesmo ao saber da falência do marido, não aceita que a filha se case com Gomes: “[...] se a nossa fortuna está abalada, creio que o senhor tem coisa melhor para fazer do que estar conversando; é reconstruí-la” (73). O viver de aparências, sustentado há muito tempo pelo casal, vem à tona com a discussão e ambos se mostram cientes do papel que representaram até hoje aos outros e a eles mesmos. Vasconcelos reprova os gastos excessivos da esposa e é também por ela censurado:

[...] o senhor queria ter por sua parte uma vida livre e independente; vendo que eu me entregava a essas despesas imaginou comprar a minha tolerância com a sua tolerância. [...] Se eu fazia despesas em casa o senhor as fazia na rua... É inútil negar, porque eu sei de tudo; conheço, de nome, as rivais que sucessivamente o senhor me deu, e nunca lhe disse uma única palavra, nem agora lho censuro, porque seria inútil e tarde (74-75).

Em tudo isso, Gomes seguia fazendo a corte à Adelaide, pois lhe garantiria o futuro sogro que o casamento era coisa certa, ainda que notara a frieza

de Augusta ao recebê-lo. Vasconcelos que conhecia bem a esposa não entende o porquê de tanto zelo com a filha, uma vez que a própria Augusta a mandou para a roça, quando pequena, a fim de não ter cuidados e poder se dedicar somente a si. Passa, então, a desconfiar que a esposa amasse Gomes em silêncio ou já o tivesse amado há algum tempo e, por isso, não desejava o casamento da filha. Tendo o narrador desfeito qualquer suspeita acerca da traição, o conto segue com o suspense da negativa de Augusta quanto ao casamento da filha: a essa altura, já sabe o leitor que ela não era mãe dedicada e tampouco amava Gomes. Finalmente, o rapaz é desmascarado por Lourenço, que também acusa o irmão de especular com o futuro da sobrinha:

- Uma especulação? perguntou Vasconcelos.
- Igual à tua, disse Lourenço. Tu dás-lhe a filha com olhos na fortuna dele; ele aceita com os olhos na tua fortuna...
- Mas ele possui...
- Não possui nada; está arruinado como tu. Indaguei e soube da verdade. Quer naturalmente continuar a mesma vida dissipada que teve até hoje, e a tua fortuna é um meio... (78)

Os constantes diálogos do conto lembram, de certa forma, uma peça teatral. Sobre esse aspecto, Valentim Faccioli comenta que o período em que Machado de Assis se dedicou à crítica teatral, por volta de 1859, sobretudo com as colaborações que posteriormente enviou à revista *O Espelho*²⁷, despertou no escritor o gosto pela dramaturgia, embora ele não tenha se destacado de forma considerável nessa área. Entretanto, segundo o crítico, os escritos que sobrevieram a essa época trazem alguns resquícios do Machado de Assis crítico e censor de teatro:

[...] na sua produção posterior há repercussões constantes de uma concepção teatral, uma espécie de teatro implícito que articula a organização da narrativa e das personagens nos contos, romances e mesmo nas crônicas e poemas. Já foi notado que no texto machadiano há forte presença das imagens visuais; certamente a intensidade dessas imagens está relacionada com esse teatro implícito, como projeção de um *jogo* integrativo do estético e do social (FACIOLI, 1982, p. 20).

²⁷ Antes de se interessar de modo considerável pela escrita dos contos, Machado de Assis escreveu algumas peças teatrais, entre elas: *Desencantos* (1861), *O caminho da porta* (1863), *O protocolo* (1863), *Quase ministro* (1864), entre outras. Na página eletrônica da Academia Brasileira de Letras, consta a relação completa das peças machadianas, disponível em http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&nfoid=11&sid=88 Acesso em 30 jan.2012.

É possível inferir que não apenas as características destacadas por Facioli aproximam o conto em questão do teatro, mas também toda a farsa que envolve a narrativa. O discurso final entre Vasconcelos e Gomes é uma cena apropriada ao palco e típica das comédias românticas. Vasconcelos chama Gomes para conversar e, antes de abrir-lhe o jogo sobre sua falência, questiona o pretendente da filha se o amor que ele sente “está acima de todas as circunstâncias” (80). Gomes responde afirmativamente, esperando ainda contar a herança do provável sogro. Mesmo depois que Vasconcelos revela a sua real situação, o rapaz ainda insiste com a farsa: “– Não foi por certo o dinheiro que me inspirou este amor; creio que me farás a justiça de crer que estou acima dessas considerações. Além de que, no dia em que eu te pedi a querida do meu coração, acreditava estar rico” (80).

A partir de então, Vanconcelos fica sabendo da falência de Gomes, mas não abandona o projeto de casar a filha com o rapaz, já que ele tem planos de ir ao governo pedir uma colocação, ou seja, havia ainda uma “tábua de salvação”, conforme indica o narrador. Gomes também finge não abandonar a ideia do casamento: “Aceito dona Adelaide, mediante uma condição: é que ela queira esperar algum tempo, a fim de que eu comece a minha vida” (81). Os dois se despedem com a promessa de se falarem no dia seguinte, quando o pai consultaria a filha sobre a nova proposta, mesmo ciente de que a menina não desejava se casar com ninguém. Aparentemente, o acordo é fechado entre os dois enganadores, impressão logo desfeita pelo narrador que informa o pensamento de cada um, ao se afastarem:

Vasconcelos ficou fazendo esta reflexão:

– De tudo quanto ele disse só acredito que já não tem nada. Mas é inútil esperar: duro com duro não faz bom muro.

Pela sua parte Gomes desceu a escada dizendo consigo:

– O que acho singular é que estando pobre viesse dizer-mo assim tão antecipadamente quando eu estava caído. Mas esperarás debalde: duas metades de cavalo não fazem um cavalo (82).

Ainda embaraçado com a recusa de Augusta, Vasconcelos procura-a para contar-lhe sobre a conversa com Gomes. Antes de chegar à sala, percebe que a esposa falava com uma amiga sobre o casamento de Adelaide. A visitante defende o rapaz e diz não compreender a cisma de Augusta, uma vez que mais cedo ou mais tarde a menina se casará. O motivo é finalmente revelado: “Tu pensas

em tudo, menos numa coisa. Eu tenho medo por causa dos filhos dela que serão meus netos! A ideia de ser avó é horrível, Carlota” (83). A cena final remete à outra anterior, quando há a discussão do casal por Augusta insistir em não aceitar que Adelaide se case com Gomes: o que parecia zelo de mãe revela-se egoísmo de mulher vaidosa. Na verdade, a preocupação não era entregar a filha a um mau caráter, mas envelhecer com a possibilidade de ser avó. Vasconcelos se supreende com a causa dos terrores da esposa, pois não imaginava que o amor da própria beleza levasse a um gesto como esse. Se Vasconcelos “tinha a cabeça nos prazeres ruidosos da mocidade” (84), a esposa só a tinha em si.

O conto termina com uma cena patética, em que Gomes, recebendo uma carta de Vasconcelos sobre o ‘não’ de Adelaide, acende com ela um charuto, não sem refletir onde encontraria uma nova herdeira que o quisesse por marido. Desmascarados, os dois amigos ultrapassam os limites do cinismo e continuam a se encontrar nas noites cariocas, conforme indica o narrador: “[...] conversam, fumam, dão o braço um ao outro, exatamente como dois amigos, que nunca foram, ou como dois velhacos que são” (84).

3.2 VIDROS E JURAMENTOS QUEBRADOS

Em 1883, Machado de Assis publicou mais de vinte contos, entre os quais onze foram reunidos na coletânea *Histórias sem data*, lançada no ano seguinte. Por essa época, o escritor carioca já era reconhecido no mundo das letras, sobretudo, pelo romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* e pelo livro de contos *Papéis avulsos*, publicados, respectivamente, em 1881 e 1882. Machado ainda escrevia para a revista *A Estação*, atividade que realizaria até 1898, mas havia também outros jornais e revistas nos quais colaborava, inclusive, periódicos mais simples e de breve circulação, como a *Gazeta Literária*, editada no Rio de Janeiro entre 1883 e 1884.

Grande parte dos contos machadianos lançados nesse período trata do matrimônio, da convivência amorosa e dos relacionamentos em geral. Nessa linha, estão, por exemplo, “Singular ocorrência”, “Questão de maridos”, “Capítulo dos chapéus”, “Três consequências” e “Vidros quebrados”. Com esses contos, Machado de Assis parece retomar, de forma mais desenvolvida, a temática das aparências já presente nos primeiros contos, ainda que sujeita ao conservadorismo dos periódicos

destinados mormente às famílias tradicionais do Segundo Reinado, como o *Jornal das Famílias*. O aprimoramento de temas é visível em toda obra machadiana, sobretudo porque o próprio autor fazia questão de assinalar não sua “evolução” enquanto escritor mas uma disposição particular em mudar e acompanhar novos segmentos, conforme se alterava o seu modo de ver os homens e as coisas²⁸.

“Vidros quebrados” foi publicado originalmente na *Gazeta Literária*, em 1883, e reaparece também em 1962, na coletânea da Editora Aguilar, *Outros contos*. A história se inicia durante um jantar entre amigos e é contada por Venâncio, o narrador-personagem; há, no entanto, uma breve interferência de um narrador-observador, que aparece apenas no segundo e no quarto parágrafos do conto. É ele quem apresenta Venâncio e sinaliza onde estão acontecendo as cenas dos diálogos que abrem a narrativa; ou seja, tem uma participação restrita e meramente explicativa. O enredo gira em torno de uma experiência amorosa do passado que o narrador-personagem relata aos convivas masculinos, enquanto as senhoras deixam a sala para conversar. Venâncio conta que amara uma moça chamada Cecília, cuja mãe, a viúva Faria, a proibira de se casar com ele, porque tinha “outros projetos” para a filha. Desesperado, o rapaz tenta tirar a amada “por justiça” da casa da mãe, mas acalma-se mediante as cartas da moça, com juramentos de amor. Proibida de ir ao baile, Cecília e o namorado se encontram às escondidas, com ajuda de uma escrava da casa. Após descobrir a traição da filha e seguindo os conselhos do irmão, a viúva Faria encaminha Cecília para um convento até arranjar-lhe um noivo. Com a ajuda de José Regadas, desembargador e amigo de Venâncio, a moça deixa o convento e se hospeda na casa do velho, que morava com a esposa e dois filhos, um casado e o outro viúvo. Mesmo sob os protestos da mãe, Cecília não volta para a casa. O casamento é marcado, mas Venâncio se ausenta do Rio e vai a Santos pedir o consentimento do pai, que o abençoa, ainda que discorde da atitude do filho. Juntamente com a mãe de Venâncio, ele aceita voltar para o Rio, quando ocorre um imprevisto: a esposa sofre uma queda, retardando em um mês o retorno. Ao voltar,

²⁸ Na “Advertência ao leitor”, que abre o romance *Ressurreição* (1872), o escritor afirma: “Cada dia que passa me faz conhecer melhor o agro destas tarefas literárias – nobres e consoladoras, é certo –, mas difíceis quando as perfaz a consciência (...)”. Vinte e seis anos depois, na carta a José Veríssimo, em 15 de dezembro de 1898, Machado de Assis comenta: “O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, que a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje”. Ambas as citações foram observadas por Silvano Santiago (2000, p. 28) em seu ensaio “Retórica da verossimilhança”. Para o crítico, a qualidade essencial de Machado de Assis é “a busca, lenta e medida do esforço criador em favor de uma profundidade que não é criada pelo talento inato, mas pelo exercício consciente e duplo, da imaginação e dos meios de expressão de que dispõe todo e qualquer romancista”.

Venâncio procura por Cecília, que está de casamento marcado com Jaime, o filho viúvo do desembargador.

O comportamento da mãe de Cecília, em certos aspectos, remete ao da mãe de Adelaide, no conto “O Segredo de Augusta”. Ainda que a viúva Faria tenha cinquenta anos, e não seja tão jovem quanto Augusta, com seus trinta anos, ambas recusam às filhas o direito de se casarem, supostamente, por serem as moças jovens demais. Augusta temia envelhecer e protelava o enlace de Adelaide para que não viesse a ser avó; a mãe de Cecília também não a quer casada no momento e, ainda que deseje para a filha um bom partido futuramente, encerra-a em um convento até que um pretendente à altura apareça. O seu medo não é o mesmo de Augusta, mas podemos inferir que também estivesse pensando em si, pois, casando a filha com um homem de posses garantiria o próprio bem-estar.

Venâncio, com seus vinte dois anos, confiava indubitavelmente na integridade do desembargador e em sua família, por isso aceitou que sua amada fosse hospedada naquela casa, mesmo sabendo que lá vivia Jaime, rapaz viúvo e bem sucedido. Haveria, da parte da família do desembargador, uma intenção camuflada em simpatia, ao acolher a moça? Provavelmente sim, uma vez que grande parte das personagens machadianas está disposta a esconder a essência para ostentar uma máscara social, principalmente quando interesses de ordem sentimental e financeira estão em jogo. Jaime era moço, viúvo e bem posicionado, nada mais natural que desejasse se casar novamente e com uma moça bela e de família socialmente diferenciada.

Tanto o incidente com a mãe de Venâncio quanto a hospedagem de Cecília na casa do desembargador são, em partes, circunstâncias que acabam por alterar os planos dos dois namorados. No entanto, se por um lado o narrador-personagem, que está distante cronologicamente dos acontecimentos, procura amenizar a culpa de Cecília, ao invocar esses episódios; por outro, ironiza a situação ao subjulgá-la a uma causa mítica. Dessa forma, o conto assume um efeito cíclico, pois se inicia com a conversa dos senhores sobre o assunto casamento e assim termina, além de que a ideia inicial, lançada por Venâncio: – “Homem, cá para mim isto de casamentos são coisas talhadas no céu” (311), é retomada também por ele ao final do conto: “Realmente, se os casamentos não fossem talhados no céu, como se explicaria que uma moça, de casamento pronto, vendo pela primeira vez outro sujeito, casasse com ele, assim de pé para mão?” (316).

Geralmente, o narrador machadiano não faz julgamentos, mas, por meio de detalhes aparentemente insignificantes, anuncia o futuro dos acontecimentos. Quando Cecília é tirada do convento, por exemplo, a ênfase narrativa volta-se para o furor da mãe, que não aceita a afronta e corre à casa do desembargador para recuperar a filha. Ainda que a cena se concentre na atitude da viúva, permite também entrever que Cecília será hospedada em uma casa onde mora um rapaz desimpedido e bem sucedido: “A mulher do desembargador foi que a recebeu, e não sabia que dizer; o marido não estava em casa. Felizmente, chegaram os filhos, o Alberto, casado de dois meses, e o Jaime, viúvo, ambos advogados [...]” (314). No fim do conto, quando Venâncio relata o desfecho de sua história com Cecília, menciona novamente o rival, como a completar a informação inicial: “[...] o tal que morava com o pai” (316).

Às vezes, o narrador utiliza de outro recurso mais sutil para antecipar ao leitor os rumos a serem tomados pela história, que é a sugestão do caráter psicológico da personagem, não por meio de descrições, mas pelas ações desta. O seguinte fragmento pode ser considerado um exemplo desse método machadiano de antecipação dos acontecimentos: “[...] começamos o namoro logo na primeira noite; continuamos, correspondemo-nos; enfim, estávamos ali, estávamos apaixonados, em menos de quatro meses” (312). A partir desse trecho, é possível inferir que Cecília possuía certa facilidade em se apaixonar rapidamente, logo, isso explicaria, em parte, o envolvimento da moça com o filho do desembargador, assim que Venâncio se ausenta. Se, por um lado, essa rapidez se relaciona com a tendência de Cecília em mudar de opinião, por outro se choca com sua atitude, ao ser contrariada pela mãe:

Cecília ficou desesperada. Chorou de raiva, bateu o pé, gritou, quebrou os vidros do carro, fez uma alagazarra de mil diabos. Era um escândalo nas ruas por onde o carro ia passando. A mãe já lhe pedia pelo amor de Deus que sossegasse; mas era inútil. Cecília bradava, jurava que era asneira arranjar noivos e conventos; e ameaçava a mãe, dava socos em si mesma... Podem imaginar o que seria (314).

Há casos ainda em que o narrador, por meio de uma personagem secundária, anuncia o que se deve fazer e o que se deve abandonar. Geralmente, ele não faz julgamentos, mas deixa entrever o seu ponto de vista sobre determinado

assunto na fala desses personagens. É o que acontece quando o pai de Venâncio fica sabendo que ele se casará contra a vontade da sogra e adverte o filho: “Andaste mal, Venâncio; nunca se deve desgostar uma mãe... [...] O que acontece é que vais casar contra a vontade da tua sogra, separas a mãe da filha, e ensinaste a tua mulher a desobedecer. Enfim, Deus te faça feliz” (315). Dificilmente, poderia se esperar um enlace feliz com tal vaticínio proferido pelo ancião.

A tradicional punição dos maus seguida da recompensa dos bons está ausente no conto: o amor sincero, como parece ser o de Venâncio por Cecília, não é mais suficiente para garantir a felicidade e, tampouco, sobra um castigo aos enganadores. A vida, “enxurro perpétuo²⁹”, nas palavras de Brás Cubas, leva constantemente as alegrias, mas também as aflições, cabendo ao homem viver aquilo que lhe resta – as aparências – como se elas fossem propriamente a essência do ser. Cecília estaria mesmo doente, quando Venâncio a procura? O próprio narrador-personagem lança a dúvida: “... corri a ver Cecília. Estava doente, recolhida ao quarto; foi a mulher do desembargador que me recebeu, mas tão fria que desconfieei. Voltei no dia seguinte, e a recepção foi ainda mais gelada” (316).

Venâncio integra a galeria de personagens machadianos que, movidos por sentimentalismos, minimizam alguns valores caros à sociedade, como se eles fossem insignificantes diante do amor, o que acaba gerando grandes decepções. Analisando o conto “Noite de almirante” (1884), Alfredo Bosi apresenta um exemplo típico dessas personagens de Machado que, como o narrador-personagem de “Vidros quebrados”, tem um juramento rompido, sobretudo, por questões financeiras, como os enredos levam a crer. O crítico salienta que, nessas situações, geralmente, o narrador procura dissuadir o leitor da ideia de que houve culpa, como se procurasse mostrar que a realidade é assim mesmo e não adianta negá-la; os interesses pessoais acabam triunfando e comprometendo os pactos: “A palavra – símbolo da relação interpessoal – é uma coisa; outra, muito outra, é o peso da autoconservação, o eterno retorno do egoísmo” (BOSI, 1982, p. 452).

Na visão de Bosi, esses personagens sofrem as consequências do rompimento, pois se relacionam com o outro desprovidos de certo cuidado, ou seja, não usam a máscara, quando deveriam usá-la:

²⁹ O termo aparece no capítulo LXXXVII – “Geologia”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Nos contos em que se defrontam *pares*, é frequente ver os sujeitos se disporem em relações assimétricas em torno do bem desejado. Nesse confronto, é mais fraco, e acaba mal, sempre aquele que age aberta e desprotegidamente na sua relação com o outro. O vencedor, ao contrário, é aquele que correu firmemente para o interesse individual, para o *status*; e que, em situações de risco, não deixou jamais cair a máscara (ibid., p. 452).

Cecília se usava a máscara, jamais a deixou cair até encontrar um casamento conveniente. Dessa forma, podemos dizer que o interesse da narrativa não está propriamente em seu enredo, uma vez que ele trata de uma situação vulgar e comum à obra machadiana; está, antes, na reação do interlocutor, muito bem colocada, após a narração do caso, e que lança uma reflexão sobre o título do conto. Após ouvir de Venâncio que Cecília iria se casar com outro, um dos ouvintes questiona se ela teria feito as pazes com a mãe, o que é negado pelo narrador-personagem. A seguir, o mesmo ouvinte indaga: “Mas as lágrimas, os vidros quebrados?...” (316), ou seja, tanto escândalo para nada? A resposta retoma a ideia inicial de que os assuntos amorosos estão subordinados à vontade Divina: “Qual! la casar com o filho viúvo do desembargador, o tal que morava com o pai. Digam-me se não é mesmo obra talhada no céu?”

Essa crença, que inicia e fecha o conto, talvez, seja uma forma encontrada por Venâncio para disfarçar a “vergonha da realidade”, como o que acontece a Deolindo, em “Noite de Almirante”, conto analisado por Bosi (1982, p. 453). Ciente da traição da noiva com um mascate, após retornar de viagem, o marujo esconde dos amigos o caso, dizendo que tivera uma “grande noite”. Não se passaria o mesmo com Venâncio? Submetendo as causas do desenlace à Providência Divina, responsabiliza o destino pelo que lhe aconteceu, mas isso não significa que tenha deixado de enxergar o outro lado das coisas. Nas últimas linhas do conto, ele faz uma comparação entre sua história e o jogo de cartas, deixando entrever que ele mesmo não acreditava naquilo que dissera aos presentes, sobre a interferência celestial: “Mal comparado, é como no voltarete: eu tinha licença em paus, mas o filho do desembargador, que tinha outra em copas, preferiu e levou o bolo” (317).

Venâncio assume uma posição romântica ao idealizar Cecília e imaginar que o amor que sentiam um pelo outro fosse capaz de vencer qualquer obstáculo. Ele não contava com as circunstâncias de ordem financeira e,

principalmente, com as aparências que não enganam sem mostrar posteriormente o motivo do equívoco. Os fatos externos acabam se revelando condutores das ações das personagens ou elas já são concebidas previamente com um caráter definido? Cecília, desde o início, já mostra predisposição para a desobediência, pois se recusa a atender ao pedido da mãe que a proíbe de se casar com Venâncio.

Machado de Assis voltará a abordar a questão dos juramentos no romance *Dom Casmurro* (1899), no capítulo XLVIII – “Juramento do poço”, quando Capitu jura a Bentinho que só se casará com ele e mais ninguém. Casam-se, mas ela supostamente o trai. Cecília não se casa, mas igualmente jura que seria apenas de Venâncio, até se hospedar na casa do desembargador. Mudaria ela de ideia se tivesse se alojado em uma casa simples, cujo filho do proprietário fosse um homem sem posses? A decisão de Cecília de não mais se casar é tão inesperada por Venâncio – afinal, estavam separados apenas há um mês – que ele atribui a mudança de opinião da moça a uma possível reconciliação com a mãe: “No terceiro dia, não pude mais e perguntei se Cecília teria feito as pazes com a mãe, e queria desfazer o casamento” (316). O título do conto parece resumir a obra em si: Os “vidros quebrados” não se referem apenas àqueles do tálburi, destruídos pela fúria de Cecília, mas também ao juramento da moça, frágil como o vidro e, igual a ele, facilmente quebrável.

3.3 AFINAL, O QUE É ETERNO?

Entre 1881 e 1897, Machado de Assis escreveu assiduamente para a *Gazeta de Notícias*, onde publicou mais de cinquenta contos³⁰. A *Gazeta* era um jornal republicano e liberal que proporcionava a Machado a oportunidade de escrever sem algumas limitações que os periódicos conservadores impunham, muitas vezes, aos primeiros contos. Era um momento propício para o escritor carioca retomar alguns temas de sua predileção e aprofundá-los, conforme suas novas experiências e observações. Massa observa que Machado de Assis costumava demarcar em seus próprios textos as mudanças relacionadas à sua arte literária:

³⁰ Na página eletrônica da Academia Brasileira de Letras, há uma relação completa dos periódicos nos quais Machado de Assis publicou seus contos, romances e poesias, entre outros textos. Os títulos dos contos veiculados na *Gazeta de Notícias* estão disponíveis em: http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&rom%5Finfo%5Findex=9&infoid=83&sid=1155 Acesso em 30 jan. 2012.

[...] durante muitos anos e, por assim dizer, até a sua morte, ele gostava, a cada modificação, a cada transformação de seu credo estético ou a cada virada na atividade literária, de definir, num texto, o sentido desta virada. Era uma pesquisa, um esforço de consciência para compreender e se compreender (MASSA, 1971, p. 160).

Ivan Teixeira (2010, p. 72) ressalta que, após 1880, “é pouco provável que Machado escrevesse para um leitor sem repertório definido”, principalmente porque desde cedo esteve envolvido com redações de jornais e sabia reconhecer a importância do público quanto à recepção de uma obra. No entanto, para Robert Schwarz (1990, p. 112 e 180), na época de *Brás Cubas*, Machado “escrevia para um público ainda inexistente”, como se estivesse à frente de seus contemporâneos. Essa ideia se aproxima do pensamento de Lúcia Miguel-Pereira, contido em seu livro *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, observado e contestado por Teixeira. Segundo ele, a biógrafa de Machado diz que, ao escrever para alguns jornais, o escritor não estava preocupado com o leitor e esperava que eles se adaptassem ao seu jeito:

A formulação da ensaísta parece fundar-se no pressuposto de que Machado escrevia para satisfazer impulsos psicológicos ou para contribuir com o acervo universal do espírito humano, abstratamente considerado. Para preservar sua legítima condição de artista, ele deveria criar uma voz ideal – completamente independente de grupos, de instituições ou interesses. Estaria, por determinação do gênio, destinado a escrever para a humanidade, e não para um leitor constituído por uma situação histórica específica (TEIXEIRA, 2010, p. 64).

Alguns contos do período levam a crer que Machado de Assis apostava nesse “leitor constituído” de que fala Teixeira, entre eles, “Eterno”, publicado em 1887, na *Gazeta de Notícias* e, posteriormente, incluído no volume *Páginas recolhidas* (1899), da editora Aguilar. Retomando a temática das aparências, Machado dá voz a um narrador em primeira pessoa, Simeão, rapaz de vinte anos, órfão e tutelado por um tio que está prestes a lhe cortar a mesada, caso não abandone o Rio e vá estudar na Bahia, onde as despesas seriam menores. Ainda perturbado com a situação, Simeão recebe uma carta de seu grande amigo, Norberto, que também está com problemas e espera por conselhos. Norberto ama uma moça casada, a baronesa Iaiá Lindinha, que em breve partirá com o marido para a Bahia. Simeão tem, então, uma ideia: partirá com o casal, assim agradaria ao

tio e ajudaria o amigo; faria amizade com os barões e, quando oportuno, tocaria no nome de Norberto, procurando sondar se a moça correspondia aos sentimentos do companheiro. Os dois amigos trocam correspondências por um tempo, entretanto, na medida em que Simeão se torna íntimo do casal, as cartas vão cessando, até pararem completamente. Morre o barão, Simeão e a baronesa se casam e três anos se passam antes que retornem ao Rio, onde Simeão procura pelo amigo e o descobre casado, com filhos e muito feliz.

A narração em primeira pessoa confere ao conto um ar de dúvida, uma vez que prevalece a versão do narrador-personagem, Simeão, para os fatos narrados. No entanto, ele não se coloca no papel de vítima, como Bento Santiago, em *Dom Casmurro* (1899), por exemplo. Bentinho, como era conhecido, conta a sua história amorosa com Capitu, também a partir de seu ponto de vista, mas completamente movido pelo ciúme, o que acaba sugerindo ao leitor que fora traído pela esposa. Simeão, por sua vez, é quem trai não a mulher, mas a confiança que lhe depositara o amigo, passando a se mascarar para si mesmo: “Comecei a escrever menos ao Norberto e a falar pouco de Iaiá Lindinha, como quem não ia à casa dela. [...] Não relia as cartas, para não encarar minha hipocrisia” (373).

Essa consciência da máscara não é uma exclusividade da contística machadiana do pós 1880; ela já está presente em contos iniciais, como visto em “O segredo de Augusta” (1868). A grande diferença, entretanto, é que, na época dos periódicos conservadores, havia certa necessidade de se “punir” a falsidade, restando ao contista o papel de moralizador da sociedade por meio de seus escritos. Como podemos notar, não há da parte do narrador de “Eterno” preocupação alguma em se defender ou convencer o leitor de alguma coisa, o que favorece alguns questionamentos sobre a conduta das personagens: Iaiá Lindinha, no início, desconfia do plano de Simeão para uni-la a Norberto e, se o suspeita, finge não saber de nada? Simeão estava realmente empenhado em ajudar o amigo, quando parte com o casal para a Bahia? Norberto, passados três anos e tendo cessado as cartas, cogita a traição do amigo? Essas dúvidas apontam para um jogo de aparências instituído desde o início e sustentado até o fim do conto. O narrador parece deixar implícito que as personagens principais, Iaiá Lindinha, Simeão e Norberto, têm consciência de que usam máscara e que ela é necessária ao convívio em sociedade, principalmente, quando estão em jogo interesses pessoais.

Quanto à primeira indagação proposta, não há indícios de que Iaiá Lindinha desconfiasse do suposto plano de Simeão, que consistia em se aproximar dela para falar-lhe de Norberto. No entanto, o narrador sugere que ela não amava o esposo e vivia um casamento de aparências; nesse ponto, ele já começa a justificar a sua aproximação da moça: “Gastei mais de meio (ano) em bater à porta daquele coração, a ver se lá encontrava o Norberto; mas ninguém me respondia de dentro, nem o próprio marido” (372). À proporção que ela começa a demonstrar interesse em Simeão, as cartas dele a Norberto vão diminuindo e o envolvimento é certo:

Já então as nossas relações eram familiares. Visitava-os a miúdo. Quando lá não ia três noites seguidas, vivia aflito e inquieto; corria a vê-los na quarta noite, e era ela que me esperava ao portão da chácara, para dizer-me nomes feios, ingrato, preguiçoso, esquecido. Os nomes foram cessando, mas a pessoa não deixava de estar ali à espera, com a mão prestes a apertar a minha, – às vezes, trêmula, – ou seria a minha que tremia; não sei (373).

O relacionamento de Iaiá Lindinha e Simeão só se concretiza com a morte do barão: “A morte resolveu o problema, levando consigo o barão, por meio de um ataque de apoplexia, no dia 23 de março de 1861, às 6h da tarde” (373). O que, num primeiro momento, parece uma saída romântica para evitar o escândalo do adultério, pode ser visto como uma tirada irônica, se levado em conta o trecho anterior: “Beirávamos o abismo, ambos teimando que era um reflexo da cúpula celeste, – incongruência para os que não andam namorados” (373). No entanto, para alguns críticos, como Raimundo Faoro, até mesmo no Machado de Assis maduro, é possível encontrar resquícios dos ideais românticos:

A decepção que os arranjos mal concluídos revelam estão a mostrar um teimoso resto de romantismo. O cinismo frio, calculado, comercial não toma o lugar da consciência da hipocrisia e do pecado, sem que um repelão interior não sobressalte a cena. [...]. Há, no fundo do cinismo, uma censura moral, de conteúdo romântico, que se alimenta de raízes religiosas. (FAORO, 1976, p 224)

Preferimos acreditar que o “conteúdo romântico” de que fala o crítico seja, mais acertadamente, um conteúdo irônico disposto a abalar elegantemente as estruturas de certas convenções. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no capítulo LXVII – “A casinha”, por exemplo, há claramente a consciência do pecado, de que fala Faoro, mas o narrador está disposto a silenciá-la, sem culpa ou censura:

“Para mim era aquilo uma situação nova do nosso amor, uma aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto, alguma coisa que me faria adormecer a consciência e resguardar o decoro” (ASSIS, 1998, p. 110).

Em relação ao segundo questionamento sugerido, não podemos afirmar que Simeão objetivava desde o início trair a confiança de Norberto, principalmente, pelo fato de que não havia ainda estreitado relações com a baronesa. Os diálogos entre Simeão e Iaiá Lindinha mostram que ele, timidamente, procura falar a ela do amigo apaixonado, mas vai, aos poucos, desistindo diante das circunstâncias, entre elas, a ausência de interesse da moça por Norberto e a vergonha que Simeão sentia de si mesmo devido ao papel que representava:

Não insisti para não atropelar os acontecimentos... Que o leitor me não condene sem remissão nem agravo. Sei que o papel que eu fazia não era bonito; mas já lá vão 27 anos. Confio no Tempo que é um insigne alquimista. Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes; quando menos, em cascalho (371).

A terceira e última dúvida sugerida à narração parece ser a mais relevante, no mínimo, por dois motivos: primeiramente, porque se relaciona com aquela que seria a “vítima” da história, Norberto, mas que, na verdade, surpreende aquele que está contando a história, Simeão, ao se casar com outra mulher e viver feliz ao lado dela. Depois, o próprio narrador-personagem não está seguro em relação à possibilidade de Norberto saber de tudo. Simeão vive com uma leve culpa que não pode ser considerada um remorso, por ter traído a confiança do amigo, mas que o incomoda mesmo depois de passados três anos. Somente quando descobre Norberto feliz e casado se sente finalmente aliviado. Antes, porém, cede ao pedido da esposa para vir ao Rio, mas não sem receios de encontrar Norberto:

Cedi ao pedido, confesso que um pouco atordoado. Cá viria achar o meu amigo Norberto, se é que ele ainda residia aqui. Ia em mais de três anos que nos não escrevíamos; já antes disso as nossas cartas eram breves e sem interesse. Saberá do nosso casamento? Dos precedentes? (374).

Essa mentira social como saída à manutenção das conveniências, já está embrionária em alguns dos *Contos Fluminenses* (1870), como observamos anteriormente em “O segredo de Augusta” (1868), publicado originalmente no *Jornal das Famílias*. Retomando o tema em contos posteriores, Machado de Assis foi, aos

poucos, renovando os modos de representar os relacionamentos humanos na literatura, ao mesmo tempo em que não se afasta completamente da tradição, como explica Alfredo Bosi (1982, p. 439):

O jovem Machado introjeta a nova economia das relações humanas que começa a regular, cada vez mais conscientemente, os móveis da vida privada. Assim, é no trato das personagens que a novidade se torna ostensiva. Em outros aspectos da narração, Machado se mantém fiel, sobriamente fiel, às instituições literárias do romance brasileiro romântico, que sempre se quis 'realista' [...].

A “nova economia” de que fala o crítico inclui, na visão machadiana, os exageros românticos já não aceitáveis para se falar de amor e de relacionamentos. Há implícita no conto uma ironia à efemeridade dos sentimentos que a escola romântica pintava como “eternos”. O vocabulário do narrador é intencionalmente empolado quando descreve o desespero do amigo apaixonado e não correspondido: “Para peitar a minha sagacidade, afirmou que o desengano o matá-lo-ia, porque esse amor, eterno como era, iria fartar-se na morte e na eternidade” (369). É a primeira vez que a palavra “eterno” aparece, dita por Norberto, conforme se deduz da narração, para se referir ao amor que sentia pela baronesa. Veremos que, ao final, quando Simeão o reencontra três anos depois, casado e com filhos, novamente Norberto usará o mesmo termo para se referir ao amor que o uni à esposa atual, Carmela: “Não te digo o sentimento que nos prende, estas coisas sentem-se, não se exprimem. De que sorris? Achas-me naturalmente criança. Creio que sim; criança eterna, como é eterno o meu amor” (376).

Simeão está distante cronologicamente dos acontecimentos contados por ele, o que parece amenizar qualquer peso de consciência que ele possa ter em relação ao papel que representou um dia. O passar dos anos atua como um minimizador de julgamentos; tudo o que se viveu e se registrou não estará mais a mercê do olhar inquisidor dos homens, mas apenas ao alcance de olhos curiosos:

... Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Não de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo, a maneira de amar, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que se faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículo tínhamos, se os relógios eram trazidos ou à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima. Daí a esperança que me fica, de não ser condenado absolutamente pela consciência dos que me lêem. Já lá vão 27 anos! (372).

Simeão usava a máscara até mesmo para a esposa, que não sabia do caso das cartas e do favor que ele ficou de fazer ao amigo Norberto. A este, ele também não conta do casamento com Iaiá Lindinha, quando retorna ao Rio de Janeiro: “Saberia do nosso casamento? Dos precedentes? Viemos; não contei nada a minha mulher” (374). Na casa de Norberto, diante da mulher e dos filhos do amigo, Simeão ainda temia que o assunto da baronesa viesse à tona e, por isso, continua a se mascarar: “Eu fingia não ver nada; falava dos tempos acadêmicos, de alguns amigos, da política, da guerra, tudo para evitar que ele me perguntasse se estava ou não casado” (376).

O jogo das aparências se torna completo quando há o reencontro de Simeão e Norberto, ambos casados e felizes, como se pode deduzir. Se o primeiro não conta de seu casamento com a baronesa ao amigo, o segundo revela que está feliz por ter encontrado o amor “eterno”. Simeão, antes de visitá-lo, engendra mil maneiras de dizer ao amigo que está casado, mas não suspeitava que Norberto também se casara, ou seja, tanto ensaio para nada. Simeão se punia silenciosamente porque acreditava ter ofendido uma longa amizade, mas não esperava que o amigo tivesse superado tão rapidamente aquele amor que dizia ser “eterno”.

Simeão deixa a casa de Norberto, repetindo para si mesmo a palavra “eterno” e se lembrando que era assim também o amor que o amigo nutria pela sua atual esposa, Iaiá Lindinha. Volta-se, então, para o cocheiro do tálburi e o questiona sobre o que é eterno. A resposta do simples homem elimina de vez qualquer vestígio de romantismo que o termo poderia assumir na narrativa:

– Com perdão de vossa senhoria, acudiu ele, mas eu acho que eterno é o fiscal da minha rua, um maroto que, se não lhe quebro a cara um destes dias, a minha alma se não salve. Pois o maroto parece eterno no lugar; tem aí não sei que compadres... Não me meto nisso... Lá quebrar-lhe a cara... (377).

O efeito desse questionamento sobre o que é afinal eterno é similar ao causado pela pergunta feita por um dos interlocutores de Venâncio, no conto “Vidros Quebrados”, quando ele questiona sobre as lágrimas de Cecília e os vidros que foram quebrados, ou seja, novamente o narrador machadiano retoma o tema do amor aparente, do teatro das futilidades, pois se tratam de paixões muito mais encenadas do que vividas. Neste último conto, há uma convivência aparente, mas ela existe: Cecília parece amar Venâncio tanto quanto ele a ama, ou seja, a realização amorosa – o casamento – só não acontece porque a moça decide se casar com outro. Em “Eterno”, apenas um ama e, de fato, não é correspondido. Dessa forma, não poderia o amor durar, diante das circunstâncias que permaneciam negativamente inalteradas. Em ambos os casos, temos um narrador onisciente e em primeira pessoa, que faz prevalecer sua visão sobre os fatos.

Dos três contos analisados, podemos inferir que o narrador machadiano, ao abordar a temática das aparências, procura mostrar que a palavra nem sempre é garantia de confiabilidade. Embora de maneira diversa, essas narrativas deixam entrever um tom de falsidade que conduz toda a história: o viver de aparências não é exatamente advindo do mau caráter das personagens, mas, antes, uma necessidade incorporada à vida em sociedade. Alfredo Bosi (1982, p. 453) comenta que existe em muitos dos primeiros contos de Machado de Assis uma mistura de “sinceridade e engano” que condiciona as relações humanas. Mas essa mistura seria involuntária? Em partes. Buscando *status* social, o indivíduo minimiza ou deixa de lado alguns valores que obstarão o caminho, caso sejam mantidos.

Em “O segredo de Augusta” (1868), a protagonista abre mão da fidelidade do esposo, desde que o alto padrão de vida lhe seja garantido; mascaram-se a si mesmo em nome das aparências. No entanto, à medida que Vasconcelos a irrita com a insistência de casar Adelaide com Gomes e salvar as finanças da casa, ela deixa transparecer os aborrecimentos que o matrimônio de fachada lhe causa. Mesmo quando há convivência, há também a consciência do erro: ambos se reconhecem culpados, mas nenhum dos dois pensa em abandonar os vícios. O

papel do narrador não é o de julgar as atitudes das personagens, mas ele está ali, conduzindo o ponto de vista do leitor, sutilmente.

Valentim Facioli comenta que a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, há uma mudança de posição no foco narrativo e o narrador passa a ser uma voz representante da alta camada social: “[...] ele vê de cima, com trânsito livre entre os membros das classes dominantes, que é reconhecido como um deles e entre eles circula com suas armas carregadas de humor e ironia” (1982, p. 39). No entanto, essa característica do narrador da ‘fase madura’ observada por Facioli já está presente em contos iniciais, como “O segredo de Augusta”, sobretudo, se levado em consideração o seguinte comentário do crítico:

[...] as personagens viverão o arbítrio de uma errância social que lhes rouba o sentido da vida; sua existência parecerá determinada por forças superiores e incontroláveis; [...] enfim, as personagens machadianas parecerão joguetes, ao mesmo tempo aproveitadores e desfrutados, determinados por um circuito de relações cuja significação transcende suas consciências, porém não a do narrador. Este adere e sobrepaira ao texto a fim de *questionar o sentido dado*. (FACIOLI, 1982, p. 40).

“Vidros quebrados” (1883) também apresentará personagens sujeitas a uma “errância social”, onde a busca pelo *status* continua sendo a grande inspiradora das ações e a responsável pelo uso da máscara, em diversas situações. A recusa da mãe de Cecília em relação ao namoro da filha com Venâncio assim como a inesperada decisão da moça de se casar com o filho do desembargador podem ser vistas como atitudes impulsionadas pelo desejo de se manter o *status* social. Independentemente do contexto e da época, grande parte das personagens machadianas têm suas ações determinadas pelos interesses em jogo, daí a dificuldade de traçar um perfil desses indivíduos que, como Cecília, ocupam posições instáveis no conto.

Em “Eterno” (1887) Machado de Assis retoma de maneira mais irônica possível o tema do jogo das aparências, ao dar voz a um narrador em primeira pessoa ciente de sua própria hipocrisia. Simeão é o Brás Cubas que não morreu e continua a rir em vida das mazelas humanas, inclusive das suas próprias. Poderia ser também um Bentinho às avessas: não foi traído, mas, traindo, vive cismado com a culpa por ter se casado com a baronesa Iaiá Lindinha, a amada de seu melhor amigo, Norberto. O título do conto é uma ironia ao amor que Norberto

dizia sentir pela moça, haja vista “eterno” ser também o seu amor pela atual esposa, Carmela. Diante da efemeridade dos sentimentos e da necessidade de seguir os caminhos tortuosos da vida em sociedade, resta ao homem o viver de aparências. De acordo com Junqueira (2003, p. 249), Machado de Assis ameniza, por meio da ironia e do humor, a crítica à sociedade implícita em grande parte de sua obra:

Machado troca a moralidade explícita por uma que se insinua mediante imagem metafórica, assim como a troca pelo humor, pela fina ironia a mostrar a essência do ser, a revelar a miséria moral humana, a demonstrar do homem mais vícios que as virtudes.

Por isso, a “necessidade da máscara” de que fala Bosi (1982, p. 439) se torna cada vez mais constante nos contos machadianos, a partir das duas primeiras coletâneas, publicadas, respectivamente, em 1870 e 1873. Algumas condutas fundamentais à sociedade tradicional, tais como: o recato feminino e fidelidade conjugal vão se tornando raras, diante da sedução do espaço urbano e dos vícios que tendem a aumentar, justificando o uso da máscara. A verdade parece incompatível com o mundo dos saraus e das altas rodas, onde a essência do ser é ofuscada pelo brilho dos salões. Talvez, essa opção metafórica de que fala Bosi seja um dos fatores que contribuíram para a permanência de Machado de Assis no mundo das letras, muito tempo depois de sua morte.

4 CONCLUSÃO

Delimitando nosso campo de pesquisa à contística machadiana, buscamos antes conhecer o Machado principiante, envolvido com o universo jornalístico e nele ocupando diversas funções, para assim entender o autor de obras primas inquestionáveis e até hoje estudadas no meio acadêmico. Para isso, muito contribuiu a leitura de *A juventude de Machado de Assis*, do pesquisador francês Jean-Michel Massa, pois trata-se de uma biografia voltada praticamente para os quinze primeiros anos de vida intelectual do escritor carioca.

Tendo iniciado no mundo das letras ainda jovem e como poeta, Machado de Assis descobriu precocemente que a poesia não poderia abarcar as ideias que já começava a desenvolver sobre a sociedade e seus costumes. No entanto, atento às mudanças e à necessidade de adequar-se ao contexto vigente, soube progredir sem se desprender daquilo que o cercava. Enquanto publicava suas primeiras poesias nos jornais e em revistas literárias, Machado foi entendendo que nenhum escritor sobrevive sem que seja lido e que os periódicos eram um excelente meio para tornar seus textos conhecidos. No entanto, era preciso certa estabilidade financeira para que ele pudesse dedicar-se aos contos, que já começara a escrever em 1858, aos dezenove anos de idade, quando publica “Três tesouros perdidos”. A partir de 1864, de contrato assinado com a editora do francês Baptiste Louis Garnier, Machado inicia propriamente a carreira de contista que só se interromperia com a sua morte, quarenta e quatro anos depois.

A partir de estudos realizados para esta pesquisa, entendemos que a contística machadiana abarca poucos temas e que eles são retomados e reelaborados em obras posteriores. Longe de sugerir um esgotamento artístico, procuramos mostrar que esse procedimento de reescritura, além de favorecer a articulação de ideias para os enredos dos contos também contribuía para que Machado repensasse frequentemente sua própria visão acerca do fazer literário. Entre outros textos críticos do próprio escritor, a leitura de prefácios e advertências nos levou a conhecer o lado exigente e perfeccionista do Machado de Assis contista em relação ao que ele mesmo produzia, desde as primeiras publicações. Daí sua passagem por diversos periódicos e a reedição em vida de muitos de seus contos, resultado da busca constante pelo aperfeiçoamento. Vale destacar ainda que tal exercício literário pode ser entendido como uma espécie de “laboratório” onde

Machado, sob diversas óticas, manipulou as várias faces do mesmo tema. Disso inferimos que não seria viável compreender sua contística a partir de leituras que atribuem a ela possíveis rupturas ou fases, como se representasse dois momentos distintos, geralmente, antes e depois da publicação da coletânea *Papéis Avulsos* (1882).

Quanto à opção por trabalhar com narrativas menos populares, a ideia foi explorar enredos pouco citados nos diversos artigos que encontramos sobre os textos machadianos e também sugerir que os temas da predileção do autor perpassaram toda a sua contística. Críticos respeitados, como Alfredo Bosi (1982, p. 437), afirmam que aqueles que fazem uma antologia de contos machadianos preferem excluir as narrativas iniciais, “menos sugestivas esteticamente”. Isso porque há uma grande tendência em selecionar os contos da “fase madura” do escritor, sobretudo aqueles pertencentes à coletânea *Papéis Avulsos* (1882), como menciona John Gledson (2007, p. 12), na apresentação da antologia de contos que organizou: “Tenho que confessar que muitas, se não a maioria das histórias que mais me agradam, foram escritas entre 1883 e 1888 [...]; e não estou sozinho, pois muitas estão entre as mais populares de Machado”.

Assim, sugerimos que os primeiros contos constituem um espaço de experiências limitadas em vários aspectos, sobretudo, pelo contexto de veiculação dos textos, mas que nem por isso se distanciam das temáticas e do modo de narrar encontrados em contos que viriam depois. Acreditamos que é a partir deles que já figuram personagens, a princípio menos densos, mas que, de certa forma, retornam em contos ou romances posteriores e mais conhecidos do público. Vasconcelos, do conto “O segredo de Augusta” (1868), por exemplo, parece antecipar o modo desconfiado de Bento Santiago, o narrador-personagem do romance *Dom Casmurro* (1899), ao imaginar-se traído pela esposa Augusta. Da mesma forma, Miloca, a protagonista do conto homônimo, de 1874, apresenta características facilmente encontradas nas mulheres retratadas por Machado em obras futuras, tais como, a Virgília, de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), ou a Sofia, de *Quincas Borba* (1891): são mulheres que buscam estabilidade social ou o enriquecimento ilícito, desprezando os preceitos morais da sociedade em que vivem.

Analisando a presença do dinheiro na contística machadiana, o relacionamos a uma conduta imprudente daqueles que o possuem: os personagens ganaciosos, Luís Soares e Miloca, por exemplo, ambos protagonistas dos contos

homônimos de 1869 e 1874, respectivamente, acabam por destruir a possibilidade de reinserção na sociedade a que pertenciam por não saberem lidar com a estabilidade financeira ou desejarem enriquecer via matrimônio por interesse. Quando Machado de Assis, anos mais tarde, em 1887, retoma a questão do dinheiro em “Identidade”, a punição não cabe exatamente à personagem ambiciosa, o escriba Bachtan, algo previsível nos primeiros contos, mas, ao contrário, é reservada aos que acreditam na fidelidade e na palavra dada, como o faraó Pha-Nohr. O moralismo, aos poucos, cede espaço para a ironia, reflexo do empenho do autor em melhorar sua obra juntamente com as novas possibilidades editoriais que lhe apareciam.

Não abandonando completamente o modo “realista” de narrar, Machado apostou em outros aspectos menos descritivos para compor os enredos dos contos cuja temática é o jogo das aparências. As personagens já não são exatamente o que parecem ser; há uma novidade apresentada pelo narrador: o uso de um artifício social, a máscara, ou seja, uma segunda personalidade incorporada conforme a situação. Segundo Bosi (1982, p.334), por trás dela existe a vontade de viver, encoberta pelas conveniências sociais; no entanto, essa capa é necessária, pois há interesses que são e devem permanecer ocultos. Por exemplo, nos contos “Segredo de Augusta” (1869) e “Vidros Quebrados” (1883) o narrador apresenta duas mulheres aparentemente preocupadas com a família e com o namoro, respectivamente, Augusta e Cecília, mas que, no fundo, pensam apenas em si próprias e em como manter um padrão de vida elevado.

Por fim, a pesquisa nos proporcionou um agradável contato com um universo machadiano, de certo modo, menos conhecido. O contista Machado de Assis, ao longo dos anos, parece ter sido sufocado pelo romancista genial das obras primas. Felizmente, pesquisadores como Patrícia Lessa Flores e Paul Dixon, entre outros, têm contribuído para a releitura crítica da constística machadiana e estimulado os estudos acerca dos contos iniciais.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado de Assis*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&from%5Finfo%5Findex=9&infoid=83&sid=1155> Acesso em: 30 jan. 2012.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado de Assis: teatro*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&infoid=11&sid=88>. Acesso em: 30 jan. 2012.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: FDT, 1998. (Coleção Grandes leituras).

_____. *50 contos de Machado de Assis: seleção, introdução e notas de John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAPTISTA, Abel Barros. A emenda de Sêneca: Machado de Assis e a forma do conto. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7; 2006.

BOSI, Alfredo et al. "A máscara e a fenda". In: _____. *Machado de Assis: Antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. Os dois Machados: A divisão em fases não é invenção da crítica. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 mar. 2012. Ilustríssima, p.3.

BRASIL. Ministério da Educação. *Machado de Assis: obra completa*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=174&Itemid=/>. Acesso em: 22 mar. 2012.

BRAYNER, Sônia. *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CANDIDO, Antonio. O esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades/ São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993. v.2.

CUNHA, Cilaine Alves. Tristezas de uma geração que termina. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7; 2006.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998.

DIXON, Paul. Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7; 2006.

_____. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1992.

FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre: biografia intelectual. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FUENTES, Carlos. O milagre de Machado de Assis. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 out. 2000. Caderno Mais! p. 4.

GLEDSOON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 1-2.

_____. Uma breve introdução aos contos de machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *50 contos de Machado de Assis: seleção, introdução e notas de John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Pobres-diabos num beco. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7, 2006.

JUNQUEIRA, Maria Aparecida et al (Orgs.). Projeto estético-literário machadiano: uma visão preliminar. _____. *Recortes machadianos*. São Paulo: EDUC, 2003.

KOSTMAN, Ariel. As obsessões de Machado de Assis. *Revista Bravo!* v. 11, n. 133, set. 2008.

LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971.

LOUREIRO, Jayme. Leitura, escrita e crítica em 'Aurora sem dia'. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7, 2006.

MARINS, Álvaro (Org.). *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MELLO, Kátia Rodrigues. *Jornal das Famílias e Machado de Assis: um perfil do periódico de Garnier e seu principal colaborador*. Bauru: FAAC/UNESP, 2005. out. p. 1. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/eventos/jornada2005/trabalhos/67_katia_rodrigues.htm>. Acesso em: 1 out. 2011.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. Belo Horizonte, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária. In: _____. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Luís Filipe. Machado, um contista desconhecido. *Machado de Assis em Linha*, v. 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://machadodeassis.net/revista/numero01/rev_num01_artigo02.asp>. Acesso em: 5 set. 2011.

ROCHA, José Cezar de Castro. “Rosebud” e o Santo Graal: uma hipótese para a leitura dos contos de Machado de Assis. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6/7, 2006.

RONCARI, Luiz. Machado de Assis: o aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n. 6/7, 2006.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: _____. *Uma literatura dos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Robert. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

_____. A viravolta machadiana. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 69, jul. 2004. p. 15-34.

_____. *Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SIMIONATO, Juliana Siani. *A marmota e seu perfil editorial: contribuição para edição e estudo dos textos machadianos publicados nesse periódico (1855-1861)*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: dinâmica do poder em o alienista*. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ANEXOS

ANEXO A

TRÊS TESOURELOS PERDIDOS

Machado de Assis

Texto Fonte:

Páginas Recolhidas de Machado de Assis, RJ: Edições W. M. Jackson, 1938.

Publicado originalmente em *A Marmota*, 1858.

Uma tarde, eram quatro horas, o Sr. X... voltava à sua casa para jantar. O apetite que levava não o fez reparar em um *cabriolet* que estava parado à sua porta. Entrou, subiu a escada, penetra na sala e... dá com os olhos em um homem que passeava a largos passos como agitado por uma interna aflição.

Cumprimentou-o polidamente; mas o homem lançou-se sobre ele e com uma voz alterada, diz-lhe:

— Senhor, eu sou F..., marido da senhora Dona E...

— Estimo muito conhecê-lo, responde o Sr. X...; mas não tenho a honra de conhecer a senhora Dona E...

— Não a conhece! Não a conhece! ... quer juntar a zombaria à infâmia?

— Senhor!...

E o Sr. X... deu um passo para ele.

— Alto lá!

O Sr. F... , tirando do bolso uma pistola, continuou:

— Ou o senhor há de deixar esta corte, ou vai morrer como um cão!

— Mas, senhor, disse o Sr. X., a quem a eloqüência do Sr. F... tinha produzido um certo efeito: que motivo tem o senhor...

— Que motivo! É boa! Pois não é um motivo andar o senhor fazendo a corte à minha mulher?

— A corte à sua mulher! não compreendo!

— Não compreende! oh! não me faça perder a estribeira.

— Creio que se engana...

— Enganar-me! É boa! ... mas eu o vi... sair duas vezes de minha casa...

— Sua casa!

— No Andaraí... por uma porta secreta... Vamos! ou...

— Mas, senhor, há de ser outro, que se pareça comigo...

— Não; não; é o senhor mesmo... como escapar-me este ar de tolo que resalta de toda a sua cara?

Vamos, ou deixar a cidade, ou morrer... Escolha!

Era um dilema. O Sr. X... compreendeu que estava metido entre um cavalo e uma pistola. Pois toda a sua paixão era ir a Minas, escolheu o cavalo.

Surgiu, porém, uma objeção.

— Mas, senhor, disse ele, os meus recursos...

— Os seus recursos! Ah! tudo previ... descanse... eu sou um marido providente.

E tirando da algibeira da casaca uma linda carteira de couro da Rússia, diz-lhe:

— Aqui tem dois contos de réis para os gastos da viagem; vamos, parta! parta imediatamente. Para onde vai?

— Para Minas.

— Oh! a pátria do Tiradentes! Deus o leve a salvamento... Perdôo-lhe, mas não volte a esta corte...

Boa viagem!

Dizendo isto, o Sr. F... desceu precipitadamente a escada, e entrou no *cabriolet*, que desapareceu em uma nuvem de poeira.

O Sr. X... ficou por alguns instantes pensativo. Não podia acreditar nos seus olhos e ouvidos; pensava sonhar. Um engano trazia-lhe dois contos de réis, e a realização de um dos seus mais caros sonhos. Jantou tranqüilamente, e daí a uma hora partia para a terra de Gonzaga, deixando em sua casa apenas um moleque encarregado de instruir, pelo espaço de oito dias, aos seus amigos sobre o seu destino.

No dia seguinte, pelas onze horas da manhã, voltava o Sr. F. para a sua chácara de Andaraí, pois tinha passado a noite fora.

Entrou, penetrou na sala, e indo deixar o chapéu sobre uma mesa, viu ali o seguinte bilhete:

— “Meu caro esposo! Parto no paquete em companhia do teu amigo P... Vou para a Europa. Desculpa a má companhia, pois melhor não podia ser. — Tua E...”.

Desesperado, fora de si, o Sr. F... lança-se a um jornal que perto estava: o paquete tinha partido às 8 horas.

— Era P... que eu acreditava meu amigo... Ah! maldição! Ao menos não percamos os dois contos! Tornou a meter-se no *cabriolet* e dirigiu-se à casa do Sr. X..., subiu; apareceu o moleque.

— Teu senhor?

— Partiu para Minas.

O Sr. F... desmaiou.

Quando deu acôrdo de si estava louco... louco varrido!

Hoje, quando alguém o visita, diz ele com um tom lastimoso:

— Perdi três tesouros a um tempo: uma mulher sem igual, um amigo a toda prova, e uma linda carteira cheia de encantadoras notas... que bem podiam aquecer-me as algibeiras!...

Neste último ponto, o doido tem razão, e parece ser um doido com juízo.

ANEXO B

O ESCRIVÃO COIMBRA

Machado de Assis

Texto Fonte:

Relíquias de Casa Velha, Machado de Assis, RJ: Edições W. M. Jackson, 1938.

Publicado originalmente em *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1906.

Aparentemente há poucos espetáculos tão melancólicos como um ancião comprando um bilhete de loteria. Bem considerado, é alegre; essa persistência em crer, quando tudo se ajusta ao descrer, mostra que a pessoa é ainda forte e moça. Que os dias passem e com eles os bilhetes brancos, pouco importa; o ancião estende os dedos para escolher o número que há de dar a sorte grande amanhã — ou depois — um dia enfim, porque todas as coisas podem falhar neste mundo, menos a sorte grande a quem compra um bilhete com fé.

Não era a fé que faltava ao escrivão Coimbra. Também não era a esperança. Uma coisa não vai sem outra. Não confundas a fé na Fortuna com a fé religiosa. Também tivera esta em anos verdes e maduros, chegando a fundar uma irmandade, a irmandade de S. Bernardo, que era o santo de seu nome; mas aos cinquenta, por efeito do tempo ou de leituras, achou-se incrédulo. Não deixou logo a irmandade; a esposa pôde contê-lo no exercício do cargo de mesário e levava-o às festas do santo; ela, porém, morreu, e o viúvo rompeu de vez com o santo e o culto. Resignou o cargo da mesa e fez-se irmão remido para não tornar lá. Não buscou arrastar outros nem obstruir o caminho da oração; ele é que já não rezava por si nem por ninguém. Com amigos, se eram do mesmo estado de alma, confessava o mal que sentia da religião. Com familiares, gostava de dizer pilhérias sobre devotas e padres.

Aos sessenta anos já não cria em nada, fosse do céu ou da terra, exceto a loteria. A loteria, sim, tinha toda a sua fé e esperança. Poucos bilhetes comprava a princípio, mas a idade, e depois a solidão, vieram apurando aquele costume e o levaram a não deixar passar loteria sem bilhete.

Nos primeiros tempos, não vindo a sorte grande, prometia não comprar mais bilhetes, e durante algumas loterias cumpria a promessa. Mas lá aparecia alguém que o convidava a ficar com um bonito número, comprava o número e esperava. Assim veio andando pelo tempo fora até chegar aquele em que loterias rimaram com dias, e passou a comprar seis bilhetes por semana; repousava aos domingos. O escrevente juramentado, um Amaral que ainda vive, foi o demônio tentador nos seus desfalecimentos. Tão depressa descobriu a devoção do escrivão, começou a animá-lo nela, contando-lhe lances de pessoas que tinham enriquecido de um momento para outro.

— Fulano foi assim, Sicrano assim, dizia-lhe Amaral expondo a aventura de cada um.

Coimbra ouvia e cria. Já agora cedia às mil maneiras de convidar a sorte, a que a superstição pode emprestar certeza, número de uns autos, soma de umas custas, um arranjo casual de algarismos, tudo era combinação para encomendar bilhetes, comprá-los e esperar. Na primeira loteria de cada ano comprava o número do ano; empregou este método desde 1884. Na última loteria de 1892 inventou outro, trocou os algarismos da direita para a esquerda e comprou o número 2981. Já então não cansava por duas razões fundamentais e uma accidental. Sabeis das primeiras, a necessidade e o costume, a última é que a Fortuna negaceava com gentileza. Nem todos os bilhetes saíam brancos. Às vezes (parecia de propósito) Coimbra dizia de um bilhete que era o último e não compraria outro se lhe saísse branco; corria a roda, tirava cinquenta mil-réis, ou cem, ou vinte, ou ainda o mesmo dinheiro. Quer dizer que também podia tirar a sorte grande; em todo caso, aquele dinheiro dava para comprar de graça alguns bilhetes. “Comprar de graça” era a sua própria expressão. Uma vez a sorte grande saiu dois números adiante do dele, 7377; o dele era 7375. O escrivão criou alma nova.

Assim viveu os últimos anos do império e os primeiros da república, sem já crer em nenhum dos dois regimes. Não cria em nada. A própria justiça em que era oficial, não tinha a sua fé; parecia-lhe uma instituição feita para conciliar ou perpetuar os desacordos humanos, mas por diversos e contrários caminhos, ora à direita, ora à esquerda. Não conhecendo as Ordenações do Reino, salvo de nome, nem as leis imperiais e republicanas, acreditava piamente que tanto valiam na boca de autores como de réus, isto é, que formavam um repositório de disposições avessas e cabidas a todas as situações e pretensões. Não lhe atribua nenhum ceticismo elegante; não era dessa casta de espíritos que temperam a descrença nos homens e nas coisas com um sorriso fino e amigo. Não, a descrença era nele como uma capa esfarrapada.

Uma só vez saiu do Rio de Janeiro; foi para ir ao Espírito Santo à cata de uns diamantes que não achou. Houve quem dissesse que essa aventura é que lhe pegou o gosto e a fé na loteria; também não faltou quem sugerisse o contrário, que a fé na loteria é que lhe dera a vista antecipada dos diamantes. Uma e outra explicação é possível. Também é possível terceira explicação, alguma causa comum a diamantes e prêmios. A alma humana é tão sutil e complicada que traz confusão à vista nas suas operações exteriores. Fosse como fosse, só daquela vez saiu do Rio de Janeiro. O mais do tempo viveu nesta cidade, onde envelheceu e morreu. A irmandade de S. Bernardo tomou a si dar-lhe cova e túmulo, não que lhe faltassem a ele meios disso, como se vai ver, mas por uma espécie de obrigação moral com o seu fundador.

Morreu no começo da presidência Campos Sales, em 1899, fins de abril. Vinha de assistir ao casamento do escrevente Amaral, na qualidade de testemunha, quando foi acometido de uma congestão, e antes da meia-noite era defunto. Os conselhos que se lhe acharam no testamento podem todos resumir-se nesta palavra: *persistir*. Amaral requereu traslado daquele documento para uso e guia do filho, que vai em cinco anos, e entrou para o colégio. Fê-lo com sinceridade, e não sem tristeza, porque a morte de Coimbra sempre lhe pareceu efeito de seu caiporismo; não dera tempo a nenhuma lembrança afetuosa do velho amigo, testemunha do casamento e provável compadre.

Antes do golpe que o levou, Coimbra não padecia nada, não tinha a menor lesão, apenas algum cansaço. Todos os seus órgãos funcionavam bem, e o mesmo cérebro, se nunca foi grande coisa, não era agora menos que dantes. Talvez a memória acusasse alguma debilidade, mas ele consolava-se do mal dizendo que “com a memória lhe saíram muitas coisas ruins da cabeça”. No foro era benquisto e no cartório respeitado. Em 1897, pelo S. João, o escrevente Amaral insinuou-lhe a conveniência de descansar e propôs-se a ficar à testa do cartório para seguir “o exemplo fortificante do amigo”. Coimbra recusou, agradecendo. Entretanto, não deixava de temer que viesse a fraquear e cair de todo, sem mais corpo nem alma que dar ao ofício. Já não saía do cartório, às tardes, sem um olhar de saudades prévias.

Chegou o Natal de 1898. Desde a primeira semana de dezembro foram postos à venda os bilhetes da grande loteria de quinhentos contos, chamada por alguns cambistas, nos anúncios, loteria-monstro. Coimbra comprou um. Parece que dessa vez não cedeu a nenhuma combinação de algarismos; escolheu o bilhete dentre os que lhe apresentaram no balcão. Em casa, guardou-o na gaveta da mesa e esperou.

— Desta vez, sim, disse ele no dia seguinte ao escrevente Amaral, desta vez cesso de tentar fortuna; se não tirar nada, deixo de jogar na loteria.

Amaral ia aprovar a resolução, mas uma idéia contrária suspendeu a palavra antes que ela lhe caísse da boca, e ele trocou a afirmação por uma consulta. Por que deixar para sempre? Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia.

— Já não estou em idade de esperar, retrucou o escrivão.

— Esperança não tem idade, sentenciou Amaral, recordando uns versos que fizera outrora, e concluiu com este velho adágio: Quem espera sempre alcança.

— Pois eu não esperarei e não alcançarei, teimou o escrivão; este bilhete é o último.

Tendo afirmado a mesma coisa tantas vezes, era provável que ainda agora desmentisse a afirmação, e, malgrado no dia de Natal, voltaria à sorte no dia de Reis. Foi o que Amaral pensou e não insistiu em convencê-lo de um vício que estava no sangue. A verdade, porém, é que Coimbra era sincero. Tinha aquela tentação por última. Não pensou no caso de ser favorecido, como de outras vezes, com alguns cinquenta ou cem mil-réis, quantia mínima para os efeitos da ambição, mas bastante para convidá-lo a reincidir. Pôs a alma nos dois extremos: nada ou quinhentos contos. Se fosse nada, era o fim. Faria como fez com a irmandade e a religião; deitaria o hábito às urtigas, remia-se de freguês e iria ouvir a missa do Diabo.

Os dias começaram a passar, como eles costumam, com as suas vinte e quatro horas iguais umas às outras, na mesma ordem, com a mesma sucessão de luz e trevas, trabalho e repouso. A alma do escrivão aguardava o dia 24, véspera do Natal, quando devia correr a roda, e continuou os traslados, juntadas e conclusões dos seus autos. Convém dizer, em louvor deste homem, que nenhuma preocupação estranha lhe tirara o gosto à escrivania, por mais que preferisse a riqueza ao trabalho.

Só quando o dia 20 alvoreceu e pôs a menor distância à data fatídica é que a imagem dos quinhentos contos veio interpor-se de vez aos papéis do foro. Mas não foi só a maior proximidade que trouxe este efeito, foram as conversas na rua e no mesmo cartório acerca de sortes grandes, e, mais que conversas, a própria figura de um homem beneficiado com uma delas, cinco anos antes. Coimbra recebera um tal Guimarães, testamenteiro de um importador de sapatos, que ali foi assinar um termo. Enquanto se lavrava o termo, alguém que ia com ele perguntou-lhe se estava “habilitado para a loteria do Natal”.

— Não, disse Guimarães.

— Também nem sempre há de ser feliz.

Coimbra não teve tempo de perguntar nada; o amigo do testamenteiro deu-lhe notícia de que este, em 1893, tirara duzentos contos. Coimbra fitou o testamenteiro cheio de espanto. Era ele, era o próprio, era alguém que, mediante uma pequena quantia e um bilhete numerado, entrara na posse de duzentos contos de réis. Coimbra olhou bem para o homem. Era um homem, um feliz.

— Duzentos contos? disse ele para ouvir a confirmação do próprio.

— Duzentos contos, repetiu Guimarães. Não foi por meu esforço nem desejo, explicou; não costumava comprar, e daquela vez quase quebro a cabeça ao pequeno que me queria vender o bilhete; era um italiano. *Guardate, signore*, implorava ele metendo-me o bilhete à cara. Cansado de ralar, entrei num corredor e comprei o bilhete. Três dias depois tinha o dinheiro na mão. Duzentos contos.

O escrivão não errou o termo porque nele já os dedos é que eram escrivães; realmente, não pensou em nada mais que decorar esse homem, reproduzi-lo na memória, escrutá-lo, bradar-lhe que também tinha bilhete para os quinhentos contos do dia 24 e exigir-lhe o segredo de os tirar. Guimarães assinou o termo e saiu; Coimbra teve ímpeto de ir atrás dele, apalpá-lo, ver se era mesmo gente, se era carne, se era sangue... Então era verdade? Havia prêmios? Tiravam-se prêmios grandes? E a paz com que aquele sujeito contava o lance da compra! Também ele seria assim, se lhe saíssem os duzentos contos, quanto mais os quinhentos!

Essas frases cortadas que aí ficam dizem vagamente a confusão das idéias do escrivão. Até agora trazia em si a fé, mas já reduzida a costume só, um costume longo e forte, sem assombros nem sobressaltos. Agora via um homem que passara de nada a duzentos contos com um simples gesto de fastio. Que ele nem sequer tinha o gosto e a comichão da loteria; ao contrário, quis quebrar a cabeça da Fortuna; ela, porém, com olhos de namorada, fê-lo trocar a impaciência em condescendência,

pagar-lhe cinco ou dez mil-réis, e três dias depois... Coimbra fez todo o mais trabalho do dia automaticamente.

De tarde, caminhando para casa, foi-se-lhe metendo na alma a persuasão dos quinhentos contos. Era mais que os duzentos do outro, mas também ele merecia mais, teimando como vinha de anos estirados, desertos e brancos, mal borrifados de algumas centenas, raras, de mil-réis. Tinha maior direito que o outro, talvez maior que ninguém. Jantou, foi à casa pegada, onde nada contou pelo receio de não tirar coisa nenhuma e rirem-se dele. Dormiu e sonhou com o bilhete e o prêmio; foi o próprio cambista que lhe deu a nova da felicidade. Não se lembrava bem, de manhã, se o cambista o procurou ou se ele procurou o cambista; lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas. Ainda apalçou as mãos ao acordar; pura ilusão!

Ilusão embora, deixara-lhe nas palmas a maciez do sonho, o fresco, o verde, o avultado dos contos. Ao passar pelo Banco da República pensou que poderia levar ali o dinheiro, antes de o empregar em casas, títulos e outros bens. Esse dia 21 foi pior, em ânsia, que o dia 20. Coimbra estava tão nervoso que achou o trabalho demasiado, quando de ordinário ficava alegre com a concorrência de papéis. Melhorou um pouco, à tarde; mas, ao sair, entrou a ouvir meninos que vendiam bilhetes de loteria, e esta linguagem, gritada da grande banca pública, novamente lhe fez agitar a alma.

Ao passar pela igreja onde era venerada a imagem de S. Bernardo, cuja irmandade ele fundou, Coimbra deitou olhos saudosos ao passado. Tempos em que ele cria! Outrora faria uma promessa ao santo; agora...

— Infelizmente, não! suspirou consigo.

Sacudiu a cabeça e guiou para casa. Não jantou sem que a imagem do santo viesse espreitá-lo duas ou três vezes, com o olhar seráfico e o gesto de imortal bem-aventurança. Ao pobre escrivão vinha agora mais esta mágoa, este outro deserto árido e maior. Não cria; faltava-lhe a doce fé religiosa, dizia consigo. Saiu a passeio, à noite e, para encurtar caminho, enfiou por um beco. Deixando o beco, pareceu-lhe que alguém chamava por ele, voltou a cabeça e viu a pessoa do santo, agora mais celeste; já não era a imagem de madeira, era a pessoa, como digo, a pessoa viva do grande doutor cristão. A ilusão foi tão completa que lhe pareceu ver o santo estender-lhe as mãos, e nelas as notas do sonho, aquelas notas largas e frescas.

Imagina essa noite de 21 e a manhã de 22. Não chegou ao cartório sem passar pela igreja da irmandade e entrar outra vez nela. A razão que deu a si mesmo foi saber se a gente local trataria a sua instituição com o zelo do princípio. Achou lá o sacristão, um velho zeloso que veio para ele com a alma nos olhos, exclamando:

— Vossa senhoria por aqui!

— Eu mesmo, é verdade. Passei, lembrou-me saber como é aqui tratado o meu hóspede.

— Que hóspede? perguntou o sacristão sem entender a linguagem figurada.

— O meu velho S. Bernardo.

— Ah! S. Bernardo! Como há de ser tratado um santo milagroso como ele é? Vossa Senhoria veio à festa deste ano?

— Não pude.

— Pois esteve muito bonita. Houve muitas esmolas e grande concorrência. A mesa foi reeleita, sabe?

Coimbra não sabia, mas disse que sim, e sinceramente achou que devia sabê-lo; chamou-se descuidado, relaxado, e voltou para a imagem olhos que supôs contritos e pode ser que o fossem. Ao sacristão pareceram devotos. Também este elevou os seus à imagem e fez a reverência habitual, inclinando meio corpo e dobrando a perna. Coimbra não foi tão extenso, mas imitou o gesto.

— A escola vai bem, sabe? disse o sacristão.

— A escola? Ah! sim. Ainda existe?

— Se existe? Tem setenta e nove alunos.

Tratava-se de uma escola que ainda em tempo da esposa do escrivão, a irmandade fundara com o nome do santo, a escola de S. Bernardo. O desapego religioso do escrivão chegara ao ponto de não acompanhar a prosperidade do estabelecimento, quase esquecê-lo de todo. Ouvindo a notícia, ficou pasmado. No tempo dele não houve mais de uma dúzia de alunos, agora eram setenta e nove. Por algumas perguntas sobre a administração, soube que a irmandade pagava a um diretor e três professores. No fim do ano ia haver a distribuição dos prêmios, grande festa a que esperavam trazer o arcebispo.

Quando saiu da igreja, trazia Coimbra não sei que ressurreições vagas e cinzentas. Propriamente não tinham cor, mas esta expressão serve a indicar uma feição nem viva, como dantes, nem totalmente morta. O coração não é só berço e túmulo, é também hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como, convalesce do mal, sacode a paralisia e dá um salto em pé. No coração de Coimbra o enfermo não deu salto, entrou a mover os dedos e os lábios, com tais sinais de vida que pareciam chamar o escrivão e dizer-lhe coisas de outro tempo.

— O último! Quinhentos contos! bradavam os meninos, quando ele ia a entrar no cartório. Quinhentos contos! O último!

Estas vozes entraram com ele e repetiram-se várias vezes durante o dia, ou da boca de outros vendedores ou dos ouvidos dele mesmo. Quando voltou para casa, passou novamente pela igreja mas não entrou; um diabo ou o que quer que era desviou o gesto que ele começou a fazer.

Não foi menos inquieto o dia 23. Coimbra lembrou-se de passar pela escola de S. Bernardo; já não era na casa antiga; estava em outra, uma boa casa assobradada, de sete janelas, portão de ferro ao lado e jardim. Como é que ele fora um dos primeiros autores de obra tão conspícua? Passou duas vezes por ela, chegou a querer entrar, mas não saberia que dissesse ao diretor e temeu o riso dos meninos. Foi para o cartório e, de caminho, mil recordações lhe restituíam o tempo em que aprendia a ler. Que ele também andou na escola, e evitou muita palmatoada com promessas de orações a santos. Um dia, em casa, ameaçado de apanhar por haver tirado ao pai um doce, aliás indigesto, prometeu uma vela de cera a Nossa Senhora. A mãe pediu por ele, e alcançou perdoá-lo; ele pediu à mãe o preço da vela e cumpriu a promessa. Reminiscências velhas e amigas que vinham temperar o árido preparo dos papéis. Ao mesmo S. Bernardo fizera mais de uma promessa, quando era irmão efetivo e mesário, e cumpriu-as todas. Onde iam tais tempos?

Enfim, surdiu a manhã de 24 de dezembro. A roda tinha de correr ao meio-dia. Coimbra acordou mais cedo que de costume, mal começava a clarear. Conquanto trouxesse de cor o número do bilhete, lembrou-se de o escrever na folha da carteira para havê-lo bem fixo, e no caso de tirar a sorte grande... Esta idéia fê-lo estremecer. Uma derradeira esperança (que o homem de fé nunca perde) lhe perguntou sem palavras: que é que lhe impedia tirar os quinhentos contos? Quinhentos contos! Tais coisas viu neste algarismo que fechou os olhos deslumbrados. O ar, como um eco, repetiu: Quinhentos contos! E as mãos apalparam a mesma quantia.

De caminho, foi à igreja, que achou aberta e deserta. Não, não estava deserta. Uma preta velha, ajoelhada diante do altar de S. Bernardo, com um rosário na mão, parecia pedir-lhe alguma causa, se não é que lhe pagava em orações o benefício já recebido. Coimbra viu a postura e o gesto. Advertiu que ele era o autor daquela consolação da devota e olhou também para a imagem. Era a mesma do seu tempo. A preta acabou beijando a cruz do rosário, persignou-se, levantou-se e saiu.

Ia a sair também, quando duas figuras lhe passaram pelo cérebro: a sorte grande, naturalmente, e a escola. Atrás delas veio uma sugestão, depois um cálculo. Este cálculo, por mais que digam do escrivão que ele amava o dinheiro (e amava), foi desinteressado; era dar de si muita coisa, contribuir para elevar mais e mais a escola, que era também obra sua. Prometeu dar cem contos de réis para o ensino, para a escola, Escola de S. Bernardo, se tirasse a sorte grande. Não fez a promessa

nominalmente, mas por estas palavras sem sobrescrito, e todavia sinceras: “Prometo dar cem contos de réis à Escola de S. Bernardo, se tirar a sorte grande”. Já na rua, considerou bem que não perdia nada se não tirasse a sorte, e ganharia quatrocentos contos, se a tirasse. Picou o passo e ainda uma vez penetrou no cartório, onde buscou enterrar-se no trabalho.

Não se contam as agonias daquele dia 24 de dezembro de 1898. Imagine-as quem já esperou quinhentos contos de réis. Nem por isso deixou de receber e contar as quantias que lhe eram devidas por atos judiciais. Parece que entre onze horas e meio-dia, depois de uma autuação e antes de uma conclusão, repetiu a promessa de cem contos à Escola: “Prometo dar, etc.” Bateu meio-dia e o coração do Coimbra não bateu menos, com a diferença que as doze pancadas do relógio de S. Francisco de Paula foram o que elas são desde que se inventaram relógios, uma ação certa, pausada e acabada, e as do coração daquele homem foram precipitadas, convulsas, desiguais, sem acabar nunca. Quando ele ouviu a última de S. Francisco, não se pôde ter que não pensasse mais vivo na roda ou o que quer que era que faria sair os números e os prêmios da loteria. Era agora... Teve idéia de ir dali saber notícias, mas recuou. Mal se concebe tanta impaciência em jogador tão velho. Parece que estava adivinhando o que lhe ia acontecer.

Desconfias o que lhe aconteceu? Às quatro horas e meia, acabado o trabalho, saiu com a alma nas pernas e correu à primeira casa de loterias. Lá estavam, escritos a giz em tábua preta, o número do bilhete dele e os quinhentos contos. A alma, se ele a tinha nas pernas, era de chumbo, porque elas não andaram mais, nem a luz lhe tornou aos olhos senão alguns minutos depois. Restituído a si, consultou a carteira, era o número exato. Ainda assim, podia ter-se enganado, ao copiá-lo. Voou num títburi a casa; não se enganara, era o número dele.

Tudo se cumpriu com lealdade. Cinco dias depois, a mesa da irmandade recebia os cem contos de réis para a Escola de S. Bernardo e expedia um ofício de agradecimento ao fundador das duas instituições, entregue a este por todos os membros da mesa em comissão.

No fim de abril, casara o escrevente Amaral, servindo-lhe Coimbra de testemunha, e morrendo na volta, como ficou dito atrás. O enterro que a irmandade lhe fez e o túmulo que lhe mandou levantar no cemitério de S. Francisco Xavier corresponderam aos benefícios que lhe devia. A escola tem hoje mais de cem alunos e os cem contos dados pelo escrivão receberam a denominação de patrimônio Coimbra.

ANEXO C

LUÍS SOARES
Machado de Assis

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, em 1870.

CAPÍTULO I

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia doze horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a coisa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes coisas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

Graças a uma boa fortuna que lhe deixara o pai, Soares podia gozar a vida que levava, esquivando-se a todo o gênero de trabalho e entregue somente aos instintos da sua natureza e aos caprichos do seu coração. Coração é talvez demais. Era duvidoso que Soares o tivesse. Ele mesmo o dizia. Quando alguma dama lhe pedia que ele a amasse, Soares respondia:

— Minha rica pequena, eu nasci com a grande vantagem de não ter coisa nenhuma dentro do peito nem dentro da cabeça. Isso que chamam juízo e sentimento são para mim verdadeiros mistérios. Não os compreendo porque os não sinto.

Soares acrescentava que a fortuna suplantara a natureza deitando-lhe no berço em que nasceu uma boa soma de contos de réis. Mas esquecia que a fortuna, apesar de generosa, é exigente, e quer da parte dos seus afilhados algum esforço próprio. A fortuna não é Danaide. Quando vê que um tonel esgota a água que se lhe põe dentro vai levar os seus cântaros a outra parte. Soares não pensava nisto. Cuidava que os seus bens eram renascentes como as cabeças da hidra antiga. Gastava às mãos largas; e os contos de réis, tão dificilmente acumulados por seu pai, escapavam-se-lhes das mãos como pássaros sequiosos por gozarem do ar livre.

Achou-se, portanto, pobre quando menos o esperava. Um dia de manhã, quer dizer às ave-marias, os olhos de Soares viram escritas as palavras fatídicas do festim babilônico. Era uma carta que o criado lhe entregara dizendo que o banqueiro de Soares a havia deixado à meia-noite. O criado falava como o amo vivia: ao meio-dia chamava meia-noite.

— Já te disse, respondeu Soares, que eu só recebo cartas dos meus amigos, ou então...

— De alguma rapariga, bem sei. É por isso que lhe não tenho dado as cartas que o banqueiro tem trazido há um mês. Hoje, porém, o homem disse que era indispensável que lhe eu desse esta.

Soares sentou-se na cama, e perguntou ao criado meio alegre e meio zangado:

- Então tu és criado dele ou meu?
- Meu amo, o banqueiro disse que se trata de um grande perigo.
- Que perigo?
- Não sei.
- Deixa ver a carta.

O criado entregou-lhe a carta. Soares abriu-a e leu-a duas vezes. Dizia a carta que o rapaz não possuía mais que seis contos de réis. Para Soares seis contos de réis eram menos que seis vinténs.

Pela primeira vez na sua vida Soares sentiu uma grande comoção. A idéia de não ter dinheiro nunca lhe havia acudido ao espírito; não imaginava que um dia se achasse na posição de qualquer outro homem que precisava de trabalhar.

Almoçou sem vontade e saiu. Foi ao Alcazar. Os amigos acharam-no triste; perguntaram-lhe se era alguma mágoa de amor. Soares respondeu que estava doente. As Laís da localidade acharam que era de bom gosto ficarem tristes também. A consternação foi geral.

Um dos seus amigos, José Pires, propôs um passeio a Botafogo para distrair as melancolias de Soares. O rapaz aceitou. Mas o passeio a Botafogo era tão comum que não podia distraí-lo. Lembraram-se de ir ao Corcovado, idéia que foi aceita e executada imediatamente.

Mas que há que possa distrair um rapaz nas condições de Soares? A viagem ao Corcovado apenas lhe produziu uma grande fadiga, aliás útil, porque, na volta, dormiu o rapaz a sono solto.

Quando acordou mandou dizer ao Pires que viesse falar-lhe imediatamente. Daí a uma hora parava um carro à porta: era o Pires que chegava, mas acompanhado de uma rapariga morena que respondia ao nome de Vitória. Entraram os dois pela sala de Soares com a franqueza e o estrépito naturais entre pessoas de família.

- Não está doente? perguntou Vitória ao dono da casa.
 - Não, respondeu este; mas por que veio você?
 - É boa! disse José Pires; veio porque é a minha xícara inseparável... Querias falar-me em particular?
 - Queria.
 - Pois falemos aí em qualquer canto; Vitória fica na sala vendo os álbuns.
 - Nada, interrompeu a moça; nesse caso vou-me embora. É melhor; só imponho uma condição: é que ambos hão de ir depois lá para casa; temos ceata.
 - Valeu! disse Pires.
- Vitória saiu; os dois rapazes ficaram sós.

Pires era o tipo do bisbilhoteiro e leviano. Em lhe cheirando novidade preparava-se para instruir-se de tudo. Lisonjeava-o a confiança de Soares, e adivinhava que o rapaz ia comunicar-lhe alguma coisa importante. Para isso assumiu um ar condigno com a situação. Sentou-se comodamente em uma cadeira de braços; pôs o castão da bengala na boca e começou o ataque com estas palavras:

- Estamos sós; que me queres?

Soares confiou-lhe tudo; leu-lhe a carta do banqueiro; mostrou-lhe em toda a nudez a sua miséria. Disse-lhe que naquela situação não via solução possível, e confessou ingenuamente que a idéia do suicídio o havia alimentado durante longas horas.

- Um suicídio! exclamou Pires; estás doido.
- Doido! respondeu Soares; entretanto não vejo outra saída neste beco. Demais, é apenas meio suicídio, porque a pobreza já é meia morte.
- Convenho que a pobreza não é coisa agradável, e até acho...

Pires interrompeu-se; uma idéia súbita atravessara-lhe o espírito: a idéia de que Soares acabasse a conferência por pedir-lhe dinheiro. Pires tinha um preceito na sua vida: era não emprestar dinheiro aos amigos. Não se empresta sangue, dizia ele.

Soares não reparou na frase cortada do amigo, e disse:

- Viver pobre depois de ter sido rico... é impossível.
 - Nesse caso que me queres tu? perguntou Pires, a quem pareceu que era bom atacar o touro de frente.
 - Um conselho.
 - Inútil conselho, pois que já tens uma idéia fixa.
 - Talvez. Entretanto confesso que não se deixa a vida com facilidade, e má ou boa, sempre custa morrer. Por outro lado, ostentar a minha miséria diante das pessoas que me viram rico é uma humilhação que eu não aceito. Que farias tu no meu lugar?
 - Homem, respondeu Pires, há muitos meios...
 - Venha um.
 - Primeiro meio. Vai para Nova Iorque e procura uma fortuna.
 - Não me convém; nesse caso fico no Rio de Janeiro.
 - Segundo meio. Arranja um casamento rico.
 - É bom de dizer. Onde está esse casamento?
 - Procura. Não tens uma prima que gosta de ti?
 - Creio que já não gosta; e demais não é rica; tem apenas trinta contos; despesa de um ano.
 - É um bom princípio de vida.
 - Nada; outro meio.
 - Terceiro meio, e o melhor. Vai à casa de teu tio, angaria-lhe a estima, dize que estás arrependido da vida passada, aceita um emprego, enfim vê se te constituis seu herdeiro universal.
- Soares não respondeu; a idéia pareceu-lhe boa.
- Aposto que te agrada o terceiro meio? perguntou Pires rindo.
 - Não é mau. Aceito; e bem sei que é difícil e demorado; mas eu não tenho muitos à escolha.
 - Ainda bem, disse Pires levantando-se. Agora o que se quer é algum juízo. Há de custar-te o sacrifício, mas lembra-te que é o meio único de teres dentro de pouco tempo uma fortuna. Teu tio é um homem achacado de moléstias; qualquer dia bate a bota. Aproveita o tempo. E agora vamos à ceia da Vitória.
 - Não vou, disse Soares; quero acostumar-me desde já a viver vida nova.
 - Bem; adeus.
 - Olha; confiei-te isto a ti só; guarda-me segredo.
 - Sou um túmulo, respondeu Pires descendo a escada.

Mas no dia seguinte já os rapazes e raparigas sabiam que Soares ia fazer-se anacoreta... por não ter dinheiro nenhum. O próprio Soares reconheceu isto no rosto dos amigos. Todos pareciam dizer-lhe: É pena! que pândego vamos nós perder!

Pires nunca mais o visitou.

CAPÍTULO II

O tio de Soares chamava-se o Major Luís da Cunha Vilela, e era com efeito um homem já velho e adoentado. Contudo não se podia dizer que morreria cedo. O Major Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns bons sessenta anos. Era um velho alegre e severo ao mesmo tempo. Gostava de rir, mas era implacável com os maus costumes. Constitucional por

necessidade, era no fundo de sua alma absolutista. Chorava pela sociedade antiga; criticava constantemente a nova. Enfim foi o último homem que abandonou a cabeleira de rabicho.

Vivia o Major Vilela em Catumbi, acompanhado de sua sobrinha Adelaide, e mais uma velha parenta. A sua vida era patriarcal. Importando-se pouco ou nada com o que ia por fora, o major entregava-se todo ao cuidado de sua casa, aonde poucos amigos e algumas famílias da vizinhança o iam ver, e passar as noites com ele. O major conservava sempre a mesma alegria, ainda nas ocasiões em que o reumatismo o prostrava. Os reumáticos dificilmente acreditarão nisto; mas eu posso afirmar que era verdade.

Foi num dia de manhã, felizmente um dia em que o major não sentia o menor achaque, e ria e brincava com as duas parentas, que Soares apareceu em Catumbi à porta do tio.

Quando o major recebeu o cartão com o nome do sobrinho, supôs que era alguma caçoadada. Podia contar com todos em casa, menos o sobrinho. Fazia já dois anos que o não via, e entre a última e a penúltima vez tinha mediado ano e meio. Mas o moleque disse-lhe tão seriamente que o nhonhô Luís estava na sala de espera, que o velho acabou por acreditar.

— Que te parece, Adelaide? A moça não respondeu. O velho foi à sala de visitas.

Soares tinha pensado no meio de aparecer ao tio. Ajoelhar-se era dramático demais; cair-lhe nos braços exigia certo impulso íntimo que ele não tinha; além de que, Soares vexava-se de ter ou fingir uma comoção. Lembrou-se de começar uma conversação alheia ao fim que o levava lá, e acabar por confessar-se disposto a arrear carreira. Mas este meio tinha o inconveniente de fazer preceder a reconciliação por um sermão, que o rapaz dispensava. Ainda não se resolvera a aceitar um dos muitos meios que lhe vieram à idéia, quando o major apareceu à porta da sala.

O major parou à porta sem dizer palavra e lançou sobre o sobrinho um olhar severo e interrogador.

Soares hesitou um instante; mas como a situação podia prolongar-se sem benefício seu, o rapaz seguiu um movimento natural: foi ao tio e estendeu-lhe a mão.

— Meu tio, disse ele, não precisa dizer mais nada; o seu olhar diz-me tudo. Fui pecador e arrependo-me. Aqui estou. O major estendeu-lhe a mão, que o rapaz beijou com o respeito de que era suscetível. Depois encaminhou-se para uma cadeira e sentou-se; o rapaz ficou de pé.

— Se o teu arrependimento é sincero, abro-te a minha porta e o meu coração. Se não é sincero podes ir embora; há muito tempo que não frequento a casa da ópera: não gosto de comediantes.

Soares protestou que era sincero. Disse que fora dissipado e doido, mas que aos trinta anos era justo ter juízo. Reconhecia agora que o tio sempre tivera razão. Supôs ao princípio que eram simples rabugices de velho, e mais nada; mas não era natural esta leviandade num rapaz educado no vício? Felizmente corrigia-se a tempo. O que ele agora queria era entrar em bom viver, e começava por aceitar um emprego público que o obrigasse a trabalhar e fazer-se sério. Tratava-se de ganhar uma posição.

Ouvindo o discurso de que fiz o extrato acima, o major procurava adivinhar o fundo do pensamento de Soares. Seria ele sincero? O velho concluiu que o sobrinho falava com a alma nas mãos. A sua ilusão chegou ao ponto de ver-lhe uma lágrima nos olhos, lágrima que não apareceu, nem mesmo fingida.

Quando Soares acabou, o major estendeu-lhe a mão e apertou a que o rapaz lhe estendeu também.

— Creio, Luís. Ainda bem que te arrependeste a tempo. Isso que vivias não era vida nem morte; a vida é mais digna e a morte mais tranqüila do que a existência que malbarataste. Entras agora em casa como um filho pródigo. Terás o melhor lugar à mesa. Esta família é a mesma família.

O major continuou por este tom; Soares ouviu a pé queto o discurso do tio. Dizia consigo que era a amostra da pena que ia sofrer, e um grande desconto dos seus pecados. O major acabou levando o rapaz para dentro, onde os esperava o almoço. Na sala de jantar estavam Adelaide e a velha parenta. A Sra. Antônia de Moura Vilela recebeu Soares com grandes exclamações que envergonharam sinceramente o rapaz. Quanto a Adelaide, apenas o cumprimentou sem olhar para ele; Soares retribuiu o cumprimento. O major reparou na frieza; mas parece que sabia alguma coisa, porque apenas deu uma risadinha amarela, coisa que lhe era peculiar. Sentaram-se à mesa, e o almoço correu entre as pilhérias do major, as recriminações da Sra. Antônia, as explicações do rapaz e o silêncio de Adelaide. Quando o almoço acabou, o major disse ao sobrinho que fumasse, concessão enorme que o rapaz a custo aceitou. As duas senhoras saíram; ficaram os dois à mesa.

— Estás então disposto a trabalhar?

— Estou, meu tio.

— Bem; vou ver se te arranjo um emprego. Que emprego preferes?

— O que quiser, meu tio, contanto que eu trabalhe.

— Bem. Levarás amanhã, uma carta minha a um dos ministros. Deus queira que possas obter o emprego sem dificuldade. Quero ver-te trabalhador e sério; quero ver-te homem. As dissipações não produzem nada, a não serem dívidas e desgostos... Tens dívidas?

— Nenhuma, respondeu Soares.

Soares mentia. Tinha uma dívida de alfaiate, relativamente pequena; queria pagá-la sem que o tio soubesse. No dia seguinte o major escreveu a carta prometida, que o sobrinho levou ao ministro; e tão feliz foi, que daí a um mês estava empregado em uma secretaria com um bom ordenado.

Cumprir fazer justiça ao rapaz. O sacrifício que fez de transformar os seus hábitos da vida foi enorme, e a julgá-lo pelos seus antecedentes, ninguém o julgara capaz de tal. Mas o desejo de perpetuar uma vida de dissipação pode explicar a mudança e o sacrifício. Aquilo na existência de Soares não passava de um parêntesis mais ou menos extenso. Almejava por fechá-lo e continuar o período como havia começado, isto é, vivendo com Aspásia e pagodeando com Alcibíades.

O tio não desconfiava de nada; mas temia que o rapaz fosse novamente tentado à fuga, ou porque o seduzisse a lembrança das dissipações antigas, ou porque o aborrecesse a monotonia e a fadiga do trabalho. Com o fim de impedir o desastre, lembrou-se de inspirar-lhe ambição política. Pensava o major que a política seria um remédio decisivo para aquele doente, como se não fosse conhecido que os louros de Lovelace e os de Turgot andam muita vez na mesma cabeça. Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar a sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.

— Pois eu verei se te posso arranjar isto, respondeu o tio. O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente é preciso que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.

Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das câmaras.

Soares não morava com o tio, mas passava lá todo o tempo que lhe sobrava do trabalho, e voltava para casa depois do chá, que era patriarcal, e bem diferente das ceatas do antigo tempo.

Não afirmo que entre as duas fases da existência de Luís Soares não houvesse algum elo de união, e que o emigrante das terras de Gnido não fizesse de quando em quando excursões à pátria. Em todo o caso essas excursões eram tão secretas que ninguém sabia delas, nem talvez os habitantes das referidas terras, com exceção dos poucos escolhidos para receberem o expatriado. O caso era singular, porque naquele país não se reconhece o cidadão naturalizado estrangeiro, ao contrário da Inglaterra, que não dá aos súditos da rainha o direito de escolherem outra pátria.

Soares encontrava-se de quando em quando com Pires. O confidente do convertido manifestava a sua amizade antiga oferecendo-lhe um charuto de Havana e contando-lhe algumas boas fortunas havidas nas campanhas do amor, em que o alarve supunha ser consumado general.

Havia já cinco meses que o sobrinho do Major Vilela se achava empregado, e ainda os chefes da repartição não tinham tido um só motivo de queixa contra ele. A dedicação era digna de melhor causa. Exteriormente via-se em Luís Soares um monge; raspando-se um pouco achava-se o diabo.

Ora, o diabo viu de longe uma conquista...

CAPÍTULO III

A prima Adelaide tinha vinte e quatro anos, e a sua beleza, no pleno desenvolvimento da sua mocidade, tinha em si o condão de fazer morrer de amores. Era alta e bem proporcionada; tinha uma cabeça modelada pelo tipo antigo; a testa era espaçosa e alta, os olhos rasgados e negros, o nariz levemente aquilino. Quem a contemplava durante alguns momentos sentia que ela tinha todas as energias, a das paixões e a da vontade.

Há de lembrar-se o leitor do frio cumprimento trocado entre Adelaide e seu primo; também se há de lembrar que Soares disse ao amigo Pires ter sido amado por sua prima. Ligam-se estas duas coisas. A frieza de Adelaide resultava de uma lembrança que era dolorosa para a moça; Adelaide amara o primo, não com um simples amor de primos, que em geral resulta da convivência e não de uma súbita atração. Amara-o com todo o vigor e calor de sua alma; mas já então o rapaz iniciava os seus passos em outras regiões e ficou indiferente aos afetos da moça. Um amigo que sabia do segredo perguntou-lhe um dia por que razão não se casava com Adelaide, ao que o rapaz respondeu friamente:

— Quem tem a minha fortuna não se casa; mas se se casa é sempre com quem tenha mais. Os bens de Adelaide são a quinta parte dos meus; para ela é negócio da China; para mim é um mau negócio.

O amigo que ouvira esta resposta não deixou de dar uma prova da sua afeição ao rapaz indo contar tudo à moça. O golpe foi tremendo, não tanto pela certeza que lhe dava de não ser amada, como pela circunstância de nem ao menos ficar-lhe o direito de estima. A confissão de Soares era um corpo de delito. O confidente officioso esperava talvez colher os despojos da derrota; mas Adelaide, tão depressa ouviu a delação como desprezou o delator. O incidente não passou disto.

Quando Soares voltou à casa do tio, a moça achou-se em dolorosa situação; era obrigada a conviver com um homem ao qual nem podia dar apreço. Pela sua parte, o rapaz também se achava acanhado, não porque lhe doessem as palavras que dissera um dia, mas por causa do tio, que ignorava tudo. Não ignorava; o moço é que o supunha. O major soube da paixão de Adelaide e soube também da repulsa que tivera no coração do rapaz. Talvez não soubesse das palavras textuais repetidas à moça pelo amigo de Soares; mas se não conhecia o texto, conhecia o espírito; sabia que, pelo motivo de ser amado, o rapaz entrara a aborrecer a prima, e que esta, vendo-se repelida, entrara a aborrecer o rapaz. O major supôs até durante algum tempo que a ausência de Soares tinha por motivo a presença da moça em casa.

Adelaide era filha de um irmão do major, homem muito rico e igualmente excêntrico, que morrera havia dez anos deixando a moça entregue aos cuidados do irmão. Como o pai de Adelaide fizera muitas viagens, parece que gastou nelas a maior parte da sua fortuna. Quando morreu apenas coube a Adelaide, filha única, cerca de trinta contos, que o tio conservou intactos para serem o dote da pupila. Soares houve-se como pôde na singular situação em que se achava. Não conversava com a prima; apenas trocava com ela as palavras estritamente necessárias para não chamar a atenção do tio. A moça fazia o mesmo. Mas quem pode ter mão ao coração? A prima de Luís Soares sentiu que pouco a pouco lhe ia renascendo o antigo afeto. Procurou combatê-lo sinceramente; mas não se impede o crescimento de uma planta senão arrancando-lhe as raízes. As raízes existiam ainda. Apesar dos

esforços da moça o amor veio pouco a pouco invadindo o lugar do ódio, e se até então o suplício era grande, agora era enorme. Travara-se uma luta entre o orgulho e o amor. A moça sofreu consigo; não articulou uma palavra.

Luís Soares reparava que quando os seus dedos tocavam os da prima, esta experimentava uma grande emoção: corava e empalidecia. Era um grande navegador aquele rapaz nos mares do amor: conhecia-lhe a calma e a tempestade. Convenceu-se de que a prima o amava outra vez. A descoberta não o alegrou; pelo contrário, foi-lhe motivo de grande irritação. Receava que o tio, descobrindo o sentimento da sobrinha, propusesse o casamento ao rapaz; e recusá-lo não seria comprometer no futuro a esperada herança? A herança sem o casamento era o ideal do moço. "Dar-me asas, pensava ele, atando-me os pés, é o mesmo que condenar-me à prisão. É o destino do papagaio doméstico; não aspiro a tê-lo."

Realizaram-se as previsões do rapaz. O major descobriu a causa da tristeza da moça e resolveu pôr termo àquela situação propondo ao sobrinho o casamento. Soares não podia recusar abertamente sem comprometer o edifício da sua fortuna.

— Este casamento, disse-lhe o tio, é complemento da minha felicidade. De um só lance reúno duas pessoas que tanto estimo, e morro tranqüilo sem levar nenhum pesar para o outro mundo. Estou que aceitarás.

— Aceito, meu tio; mas observo que o casamento assenta no amor, e eu não amo minha prima.

— Bem; hás de amá-la; casa-te primeiro...

— Não desejo expô-la a uma desilusão.

— Qual desilusão! disse o major sorrindo. Gosto de ouvir-te falar essa linguagem poética, mas casamento não é poesia. É verdade que é bom que duas pessoas antes de se casarem se tenham já alguma estima mútua. Isso creio que tens. Lá fogos ardentes, meu rico sobrinho, são coisas que ficam bem em verso, e mesmo em prosa; mas na vida, que não é prosa nem verso, o casamento apenas exige certa conformidade de gênio, de educação e de estima.

— Meu tio sabe que eu não me recuso a uma ordem sua.

— Ordem, não! Não te ordeno, proponho. Dizes que não amas tua prima; pois bem, faze por isso, e daqui a algum tempo casem-se que me darão gosto. O que eu quero é que seja cedo, porque não estou longe de dar à casca.

O rapaz disse que sim. Adiou a dificuldade não podendo resolvê-la. O major ficou satisfeito com o arranjo e consolou a sobrinha com a promessa de que podia casar-se um dia com o primo. Era a primeira vez que o velho tocava em semelhante assunto, e Adelaide não dissimulou o seu espanto, espanto que lisonjeou profundamente a perspicácia do major.

— Ah! tu pensas, disse ele, que eu por ser velho já perdi os olhos do coração? Vejo tudo, Adelaide; vejo aquilo mesmo que se quer esconder.

A moça não pôde reter algumas lágrimas, e como o velho a consolasse dando-lhe esperanças, ela respondeu abanando a cabeça:

— Esperanças, nenhuma!

— Descansa em mim! disse o major.

Conquanto a dedicação do tio fosse toda espontânea e filha do amor que votava à sobrinha, esta compreendeu que semelhante intervenção podia fazer supor ao primo que ela esmolava os afetos do seu coração. Aqui falou o orgulho da mulher, que preferia o sofrimento à humilhação. Quando ela expôs estas objeções ao tio, o major sorriu-se afavelmente e procurou acalmar a suscetibilidade da moça.

Passaram-se alguns dias sem mais incidente; o rapaz estava no gozo da dilação que lhe dera o tio. Adelaide readquiriu o seu ar frio e indiferente. Soares compreendia o motivo, e àquela manifestação do orgulho respondia com um sorriso. Duas vezes notou Adelaide essa expressão de desdém da parte do primo. Que mais precisava para reconhecer que o rapaz sentia por ela a mesma indiferença de

outro tempo! Acrescia que sempre que os dois se encontravam sós, Soares era o primeiro que se afastava dela. Era o mesmo homem.

"Não me ama, não me amará nunca!" dizia a moça consigo.

CAPÍTULO IV

Um dia de manhã o major Vilela recebeu a seguinte carta:

Meu valente major.

Cheguei da Bahia hoje mesmo, e lá irei de tarde para ver-te e abraçar-te. Prepara um jantar. Creio que me não hás de receber como qualquer indivíduo. Não esqueças o vatapá.

Teu amigo, Anselmo.

— Bravo! disse o major. Temos cá o Anselmo; prima Antônia, mande fazer um bom vatapá.

O Anselmo que chegara da Bahia chamava-se Anselmo Barroso de Vasconcelos. Era um fazendeiro rico, e veterano da independência. Com os seus setenta e oito anos ainda se mostrava rijo e capaz de grandes feitos. Tinha sido íntimo amigo do pai de Adelaide, que o apresentou ao major, vindo a ficar amigo deste depois que o outro morrera. Anselmo acompanhou o amigo até os seus últimos instantes; e chorou a perda como se fora seu próprio irmão. As lágrimas cimentaram a amizade entre ele e o major.

De tarde apareceu Anselmo galhofeiro e vivo como se começasse para ele uma nova mocidade. Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, a quem felicitou pelo desenvolvimento das suas graças.

— Não se ria de mim, disse-lhe ele, eu fui o maior amigo de seu pai. Pobre amigo! morreu nos meus braços.

Soares, que sofria com a monotonia da vida que levava em casa do tio, alegrou-se com a presença do galhofeiro ancião, que era um verdadeiro fogo de artifício. Anselmo é que pareceu não simpatizar com o sobrinho do major. Quando o major ouviu isto, disse:

— Sinto muito, porque Soares é um rapaz sério.

— Creio que é sério demais. Rapaz que não ri...

Não sei que incidente interrompeu a frase do fazendeiro.

Depois do jantar Anselmo disse ao major:

— Quantos são amanhã?

— Quinze.

— De que mês?

— É boa! de dezembro.

— Bem; amanhã 15 de dezembro preciso ter uma conferência contigo e os teus parentes. Se o vapor se demora um dia em caminho pregava-me uma boa peça.

No dia seguinte verificou-se a conferência pedida por Anselmo. Estavam presentes o major, Soares, Adelaide e D. Antônia, únicos parentes do finado.

— Faz hoje dez anos que faleceu o pai desta menina, disse Anselmo apontando para Adelaide. Como sabem, o Dr. Bento Varela foi o meu melhor amigo, e eu tenho consciência de haver correspondido à sua afeição até aos últimos instantes. Sabem que ele era um gênio excêntrico; toda a sua vida foi uma grande originalidade. Ideava vinte projetos, qual mais grandioso, qual mais impossível, sem chegar ao cabo de nenhum, porque o seu espírito criador tão depressa compunha uma coisa como entrava a planear outra.

— É verdade, interrompeu o major.

— O Bento morreu nos meus braços, e como derradeira prova da sua amizade confiou-me um papel com a declaração de que eu só o abrisse em presença dos seus parentes dez anos depois de sua morte. No caso de eu morrer os meus herdeiros assumiriam essa obrigação; em falta deles, o major, a Sra. D. Adelaide, enfim qualquer pessoa que por laço de sangue estivesse ligada a ele. Enfim, se ninguém houvesse na classe mencionada, ficava incumbido um tabelião. Tudo isto havia eu declarado em testamento, que vou reformar. O papel a que me refiro, tenho aqui no bolso.

Houve um movimento de curiosidade. Anselmo tirou do bolso uma carta fechada com lacre preto.

— É este, disse ele. Está intacto. Não conheço o texto; mas posso mais ou menos saber o que está dentro por circunstâncias que vou referir. Redobrou a atenção geral.

— Antes de morrer, continuou Anselmo, o meu querido amigo entregou-me uma parte da sua fortuna, quero dizer a maior parte, porque a menina recebeu apenas trinta contos. Eu recebi dele trezentos contos, que guardei até hoje intactos, e que devo restituir segundo as indicações desta carta.

A um movimento de espanto em todos seguiu-se um movimento de ansiedade. Qual seria a vontade misteriosa do pai de Adelaide? D. Antônia lembrou-se que em rapariga fora namorada do defunto, e por um momento lisonjeou-se com a idéia de que o velho maníaco se houvesse lembrado dela às portas da morte.

— Nisto reconheço eu o mano Bento, disse o major tomando uma pitada; era o homem dos mistérios, das surpresas e das idéias extravagantes, seja dito sem agravo aos seus pecados, se é que os teve...

Anselmo tinha aberto a carta. Todos prestaram ouvidos. O veterano leu o seguinte:

Meu bom e estimadíssimo Anselmo.

Quero que me prestes o último favor. Tens contigo a maior parte da minha fortuna, e eu diria a melhor se tivesse de aludir à minha querida filha Adelaide. Guarda esses trezentos contos até daqui a dez anos, e ao terminar o prazo, lê esta carta diante dos meus parentes. Se nessa época a minha filha Adelaide for viva e casada entrega-lhe a fortuna. Se não estiver casada, entrega-lha também, mas com uma condição: é que se case com o sobrinho Luís Soares, filho de minha irmã Luísa; quero-lhe muito, e apesar de ser rico, desejo que entre na posse da fortuna com minha filha. No caso em que esta se recuse a esta condição, fica tu com a fortuna toda.

Quando Anselmo acabou de ler esta carta seguiu-se um silêncio de surpresa geral, de que partilhava o próprio veterano, alheio até então ao conteúdo da carta. Soares tinha os olhos em Adelaide; esta tinha-os no chão. Como o silêncio se prolongasse, Anselmo resolveu rompê-lo.

— Ignorava, como todos, disse ele, o que esta carta contém; felizmente chega ela a tempo de se realizar a última vontade do meu finado amigo.

— Sem dúvida nenhuma, disse o major.

Ouvindo isto, a moça levantou insensivelmente os olhos para o primo, e os dela encontraram-se com os dele. Os dele transbordavam de contentamento e ternura; a moça fitou-os durante alguns instantes. Um sorriso, já não zombeteiro, passou pelos lábios do rapaz. A moça sorriu com tamanho desdém às zumbaias de um cortesão. Anselmo levantou-se.

— Agora que estão cientes disto, disse ele aos dois primos, espero que resolvam, e como o resultado não pode ser duvidoso, desde já os felicito. Entretanto, não de dar-me licença, que tenho de ir a outras partes.

Com a saída de Anselmo dispersara-se a reunião. Adelaide foi para o seu quarto com a velha parenta. O tio e o sobrinho ficaram na sala.

- Luís, disse o primeiro, és o homem mais feliz do mundo.
- Parece-lhe, meu tio? disse o moço procurando disfarçar a sua alegria.
- És. Tens uma moça que te ama loucamente. De repente cai-lhe nas mãos uma fortuna inesperada; e essa fortuna só pode havê-la com a condição de se casar contigo. Até os mortos trabalham a teu favor.
- Afirmo-lhe, meu tio, que a fortuna não pesa nada nestes casos, e se eu assentar em casar com a prima será por outro motivo.
- Bem sei que a riqueza não é essencial; não é. Mas enfim vale alguma coisa. É melhor ter trezentos contos que trinta; sempre é mais uma cifra. Contudo não te aconselho que te cases com ela se não tiveres alguma afeição. Nota que eu não me refiro a essas paixões de que me falaste. Casar mal, apesar da riqueza, é sempre casar mal.
- Estou convencido disto, meu tio. Por isso ainda não dei a minha resposta, nem dou por ora. Se eu vier a afeiçoar-me à prima estou pronto a entrar na posse dessa inesperada riqueza.

Como o leitor terá adivinhado, a resolução do casamento estava assentada no espírito de Soares. Em vez de esperar a morte do tio, parecia-lhe melhor entrar desde logo na posse de um excelente pecúlio, o que se lhe afigurava tanto mais fácil, quanto que era a voz do túmulo que o impunha. Soares contava também com a profunda veneração de Adelaide por seu pai. Isto, ligado ao amor que a rapariga sentia por ele, devia produzir o desejado efeito.

Nessa noite o rapaz dormiu pouco. Sonhou com o Oriente. Pintou-lhe a imaginação um harém recendente das melhores essências da Arábia, forrado o chão com tapetes da Pérsia; sobre moles divãs ostentavam-se as mais perfeitas belezas do mundo. Uma circassiana dançava no meio do salão ao som de um pandeiro de marfim. Mas um furioso eunuco, precipitando-se na sala com o iatagã desembainhado, enterrou-o todo no peito de Soares, que acordou com o pesadelo, e não pôde mais conciliar o sono. Levantou-se mais cedo e foi passear até chegar a hora do almoço e da repartição.

CAPÍTULO V

O plano de Luís Soares estava feito. Tratava-se de abater as armas pouco a pouco, simulando-se vencido diante da influência de Adelaide. A circunstância da riqueza tornava necessária toda a discrição. A transição devia ser lenta. Cumpria ser diplomata. Os leitores terão visto que, apesar de certa argúcia da parte de Soares, não tinha ele a perfeita compreensão das coisas, e por outro lado o seu caráter era indeciso e vário. Hesitara em casar com Adelaide quando o tio lhe falou nisso, quando era certo que viria a obter mais tarde a fortuna do major. Dizia então que não tinha vocação de papagaio. A situação agora era a mesma; aceitava uma fortuna mediante uma prisão. É verdade que se esta resolução era contrária à primeira, podia ter por causa o cansaço que lhe ia produzindo a vida que levava. Além de que, desta vez, a riqueza não se fazia esperar; era entregue logo depois do consórcio.

"Trezentos contos, pensava o rapaz, é quanto basta para eu ser mais do que fui. O que não hão de dizer os outros!"

Antevendo uma felicidade que era certa para ele, Soares começou o assédio da praça, aliás praça rendida. Já o rapaz procurava os olhos da prima, já os encontrava, já lhes pedia aquilo que recusara até então, o amor da moça. Quando, à mesa, as suas mãos se encontravam, Soares tinha o cuidado de demorar o contato, e se a moça retirava a sua mão, o rapaz nem por isso desanimava. Quando se encontrava a sós com ela, não fugia como outrora, antes lhe dirigia alguma palavra, a que Adelaide respondia com fria polidez.

"Quer vender o peixe caro", pensava Soares.

Uma vez atreveu-se a mais. Adelaide tocava piano quando ele entrou sem que ela o visse. Quando a moça acabou, Soares estava por trás dela.

— Que lindo! disse o rapaz; deixe-me beijar-lhe essas mãos inspiradas.

A moça olhou séria para ele, pegou no lenço que pusera sobre o piano, e saiu sem dizer palavra. Esta cena mostrou a Soares toda a dificuldade da empresa; mas o rapaz confiava em si, não porque se reconhecesse capaz de grandes energias, mas por espécie de esperança na sua boa estrela.

— É difícil subir a corrente, disse ele, mas sobe-se. Não se fazem Alexandres na conquista de praças desarmadas.

Contudo, as desilusões iam-se sucedendo, e o rapaz, se o não alentasse a idéia da riqueza, teria abatido as armas.

Um dia lembrou-se de escrever-lhe uma carta. Lembrou-se de que era difícil expor-lhe de viva voz tudo quanto sentia; mas que uma carta, por muito ódio que ela lhe tivesse, sempre seria lida. Adelaide devolveu a carta pelo moleque da casa que lha havia entregue. A segunda carta teve a mesma sorte. Quando mandou a terceira, o moleque não a quis receber. Luís Soares teve um instante de desengano. Indiferente à moça, já começava a odiá-la; se casasse com ela era provável que a tratasse como inimigo mortal.

A situação tornava-se ridícula para ele; ou antes, já o era há muito, mas Soares só então o compreendeu. Para escapar ao ridículo, resolveu dar um golpe final, mas grande. Aproveitou a primeira ocasião que pôde, e fez uma declaração positiva à moça, cheia de súplicas, de suspiros, talvez de lágrimas. Confessou os seus erros; reconheceu que não a havia compreendido; mas arrependera-se e confessava tudo. A influência dela acabara por abatê-lo.

— Abatê-lo! disse ela; não compreendo. A que influência alude?

— Bem sabe; à influência da sua beleza, do seu amor... Não suponha que lhe estou mentindo. Sinto-me hoje tão apaixonado que era capaz de cometer um crime!

— Um crime?

— Não é crime o suicídio? De que me serviria a vida sem o seu amor? Vamos, fale!

A moça olhou para ele durante alguns instantes sem dizer palavra. O rapaz ajoelhou-se.

— Ou seja a morte, ou seja a felicidade, disse ele, quero recebê-la de joelhos.

Adelaide sorriu e soltou lentamente estas palavras:

— Trezentos contos! É muito dinheiro para comprar um miserável. E deu-lhe as costas.

Soares ficou petrificado. Durante alguns minutos conservou-se na mesma posição, com os olhos fitos na moça que se afastava lentamente. O rapaz dobrava-se ao peso da humilhação. Não previra tão cruel desforra da parte de Adelaide. Nem uma palavra de ódio, nem um indício de raiva; apenas um calmo desdém, um desprezo tranqüilo e soberano. Soares sofrera muito quando perdeu a fortuna; mas agora que o seu orgulho foi humilhado, a sua dor foi infinitamente maior.

Pobre rapaz!

A moça foi para dentro. Parece que contava com aquela cena; porque entrando em casa, foi logo procurar o tio, e declarou-lhe que, apesar de quanto venerava a memória do pai, não podia obedecer-lhe, e desistia do casamento.

— Mas não o amas tu? perguntou-lhe o major.

— Amei-o.

— Amas a outro?

— Não.

— Então explica-te.

Adelaide expôs francamente o procedimento de Soares desde que ali entrara, a mudança que fizera, a sua ambição, a cena do jardim. O major ouviu atentamente a moça, procurou desculpar o sobrinho, mas no fundo ele acreditava que Soares era um mau caráter.

Este, depois que pôde refrear a sua cólera, entrou em casa e foi despedir-se do tio até o dia seguinte. Pretextou que tinha um negócio urgente.

CAPÍTULO VI

Adelaide contou miudamente ao amigo de seu pai os sucessos que a obrigavam a não preencher a condição da carta póstuma confiada a Anselmo. Em conseqüência desta recusa, a fortuna devia ficar com Anselmo; a moça contentava-se com o que tinha. Não se deu Anselmo por vencido, e antes de aceitar a recusa foi ver se sondava o espírito de Luís Soares.

Quando o sobrinho do major viu entrar por casa o fazendeiro suspeitou que alguma coisa houvesse a respeito do casamento. Anselmo era perspicaz; de modo que, apesar da aparência de vítima com que Soares lhe aparecera, compreendeu ele que Adelaide tinha razão. Assim pois tudo estava acabado. Anselmo dispôs-se a partir para a Bahia, e assim o declarou à família do major.

Nas vésperas de partir achavam-se todos juntos na sala de visitas, quando Anselmo soltou estas palavras:

— Major, está ficando melhor e forte; eu creio que uma viagem à Europa lhe fará bem. Esta moça também gostará de ver a Europa, e creio que a Sra. D. Antônia, apesar da idade, lá quererá ir. Pela minha parte sacrifique a Bahia e vou também. Aprovam o conselho?

— Homem, disse o major, é preciso pensar...

— Qual pensar! Se pensarem não embarcarão. Que diz a menina?

— Eu obedeco ao tio, respondeu Adelaide.

— Além de que, disse Anselmo, agora que D. Adelaide está de posse de uma grande fortuna, há de querer apreciar o que há de bonito nos países estrangeiros a fim de poder melhor avaliar o que há no nosso...

— Sim, disse o major; mas você fala de grande fortuna...

— Trezentos contos.

— São seus.

— Meus! Então sou algum ratoneiro? Que me importa a mim a fantasia de um generoso amigo? O dinheiro é desta menina, sua legítima herdeira, e não meu, que aliás tenho bastante.

— Isso é bonito, Anselmo!

— Mas o que não seria se não fosse isto?

A viagem à Europa ficou assentada.

Luís Soares ouviu a conversa toda sem dizer palavra; mas a idéia de que talvez pudesse ir com o tio sorriu-lhe ao espírito. No dia seguinte teve um desengano cruel. Disse-lhe o major que, antes de partir, o deixaria recomendado ao ministro. Soares procurou ainda ver se alcançava seguir com a família. Era simples cobiça na fortuna do tio, desejo de ver novas terras, ou impulso de vingança contra a prima? Era tudo isso, talvez.

À última hora foi-se a derradeira esperança. A família partiu sem ele. Abandonado, pobre, tendo por única perspectiva o trabalho diário, sem esperanças no futuro, e além do mais, humilhado e ferido em seu amor-próprio, Soares tomou a triste resolução dos covardes.

Um dia de noite o criado ouviu no quarto dele um tiro; correu, achou um cadáver. Pires soube na rua da notícia, e correu à casa de Vitória, que encontrou no toucador.

— Sabes de uma coisa? perguntou ele.

- Não. Que é?
- O Soares matou-se.
- Quando?
- Neste momento.
- Coitado! É sério?
- É sério. Vais sair?
- Vou ao Alcazar.
- Canta-se hoje *Barbe-Bleue*, não é?
- É.
- Pois eu também vou.

E entrou a cantarolar a canção de *Barbe-Bleue*.

Luís Soares não teve outra oração fúnebre dos seus amigos mais íntimos.

ANEXO D

MILOCA

Machado de Assis

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, novembro de 1874 a janeiro de 1875.

CAPÍTULO I

D. Pulquéria da Assunção era uma senhora de seus sessenta anos, arguta, devota, gorda, paciente, crônica viva, catecismo ambulante. Era viúva de um capitão de cavalaria que morrera em Monte Caseros deixando-lhe uma escassa pensão e a boa vontade de um irmão mais moço que possuía alguma coisa. Rodrigo era o nome desse único parente a quem o Capitão Lúcio confiara D. Pulquéria na ocasião de partir para o Rio da Prata. Era bom homem, generoso e franco; D. Pulquéria não sentiu muito por esse lado a morte do marido.

Infelizmente, o cunhado não era tão remediado como parecia à viúva, e além disso não tinha meios nem tino para fazer crescer os poucos cabedais que ajuntara durante longos anos no negócio de armarinho. O estabelecimento de Rodrigo, excelente e afreguesado em outros tempos, não podia competir com os muitos estabelecimentos modernos que outros comerciantes abriram no mesmo bairro. Rodrigo vendia de vez em quando algum rapé, lenços de chita, agulhas e linhas, e outras coisas assim; sem poder oferecer ao freguês outros gêneros que aquele ramo de negócio havia adotado. Quem lá ia procurar um corte de vestido, uma camisa feita, uma bolsa, um sabonete, uns brincos de vidrilho, tinha o desgosto de voltar com as mãos vazias. Rodrigo estava atrás do seu tempo; a roda começou a desandar-lhe.

Além deste inconveniente, Rodrigo era generoso e franco, como disse acima, de maneira que, se por um lado não lhe crescia a bolsa, por outro ele próprio a desfalcava. D. Pulquéria resolveu ir viver com o cunhado e foi uma felicidade para este, que tinha uma filha e precisava de lhe dar uma mãe. Ninguém melhor para esse papel do que a viúva do capitão, que, além de parenta da menina, era um símbolo de ordem e austeridade.

Miloca tinha dezessete anos. Até os quinze ninguém diria que viria a ser bela; mas, dessa idade em diante *enfeitou* muito, como dizia D. Pulquéria. Era a mais formosa cara do bairro e a mais elegante figura da Cidade Nova. Não tinha porém a viveza das moças da sua idade; era séria e empertigada

demais. Quando saía olhava para diante de si sem volver a cabeça para nenhum lado nem se preocupar com os olhares de admiração que os rapazes lhe deitavam. Parecia ignorar ou desdenhar a admiração dos outros. Esta circunstância, não menos que a beleza, tinha dado à filha de Rodrigo uma celebridade real. Os rapazes chamavam-lhe *Princesa*; as moças puseram-lhe a alcunha de *Pescoço de pau*. A inveja das outras explorou o mais que pôde o orgulho de Miloca; mas se ela desdenhava a admiração, parecia também desdenhar a inveja.

D. Pulquéria reconhecia na sobrinha essa altivez singular e procurava persuadi-la de que a modéstia é a primeira virtude de uma moça; perdoava-lhe porém o defeito, por ver que em tudo mais a sobrinha era um modelo. Havia já cinco anos que a viúva do capitão Lúcio morava com a família do cunhado, quando este foi procurado por um rapaz desconhecido que lhe pediu meia hora de conversa particular.

— Chamo-me Adolfo P***, disse o moço quando se achou a sós com Rodrigo, e sou empregado no Tesouro. Pode informar-se do meu comportamento. Quanto ao meu caráter, espero que com o tempo conhecerá. Pretendo...

Aqui estacou o rapaz. Rodrigo, que era homem sagaz, percebeu qual era a pretensão de Adolfo. Não o auxiliou entretanto; preferiu saborear-lhe a perplexidade.

— Pretendo, repetiu Adolfo ao cabo de alguns segundos de silêncio, pretendo... ousou pedir-lhe a mão de sua filha.

Rodrigo ficou alguns instantes calado. Adolfo continuou...

— Repito; pode informar-se a meu respeito...

— Como pai, reconheço que me cumpre velar pelo futuro de minha filha, disse Rodrigo, mas a primeira condição de um casamento é a afeição recíproca. Tem autorização dela para?...

— Nunca nos flamos, disse Adolfo.

— Então... escrevem-se? perguntou Rodrigo.

— Nem isso. Duvido até que ela me conheça.

Rodrigo deu um salto na cadeira.

— Mas então, disse ele, que vem o senhor fazer à minha casa?

— Eu lhe digo, respondeu o pretendente. Amo sua filha apaixonadamente, e não há dia em que não procure vê-la; infelizmente, ela parece ignorar que eu existo no mundo. Até hoje, nem por distração, recebi um olhar dela. Longe de me desagradar esta indiferença, dou-me por feliz em achar tamanha discrição numa idade em que geralmente as moças gostam de ser admiradas e requestadas. Sei que não sou amado, mas não acho impossível vir a sê-lo. Seria porém impossível se continuasse a situação em que ambos nos achamos. Como saberia ela que eu a adoro, se nem suspeita que eu existo? Depois de refletir muito neste assunto, tive a idéia de vir pedir-lhe a mão de sua filha, e no caso de que o senhor não me achasse indigno dela, pediria para ser apresentado à sua família, caso este em que eu poderia saber se realmente...

— Paremos aqui, interrompeu Rodrigo. O senhor pede-me uma coisa singular; pelo menos não conheço semelhantes usos. Estimaria muito que o senhor fosse feliz, mas não me presto a isso... por semelhante modo.

Adolfo insistiu no pedido; mas o pai de Miloca cortou a conversa levantando-se e estendendo a mão ao pretendente.

— Não lhe quero mal, disse ele; faça-se amado e volte. Nada mais lhe concedo.

Adolfo saiu de cabeça baixa. Nesse mesmo dia procurou Rodrigo sondar o espírito da filha, a fim de saber se ela, ao contrário do que parecia a Adolfo, tinha dado fé do rapaz. Pareceu-lhe que não. “Tanto pior para ele”, disse Rodrigo consigo.

No domingo seguinte estava ele à janela com a cunhada, quando viu passar Adolfo, que lhe tirou o chapéu.

— Quem é aquele moço? perguntou D. Pulquéria.

Um leve sorriso foi a resposta de Rodrigo, — quanto bastou para aguçar a curiosidade de D. Pulquéria.

— Você ri-se, disse ela. Que mistério é esse?

— Mistério nenhum, disse Rodrigo.

Insistiu a velha; e o cunhado não hesitou em lhe contar a conversa e o pedido do rapaz, acrescentando que, na sua opinião Adolfo era um palerma.

— E por quê? disse D. Pulquéria.

— Porque a um rapaz como ele não faltam meios de se fazer conhecido da dama de seus pensamentos. Eu vendo muito papel bordado e muita tinta azul, e onde a palavra não chega, chega uma carta.

— Não faltava mais nada! exclamou D. Pulquéria. Mandar cartas à rapariga e transtornar-lhe a cabeça... Seu irmão nunca se atreveu a tanto comigo...

— Meu irmão era um maricas em tempo de paz, observou Rodrigo sorvendo uma pitada.

D. Pulquéria protestou energicamente contra a opinião do cunhado, e este foi obrigado a confessar que o irmão era pelo menos um homem prudente. Passada essa questão incidente, voltou D. Pulquéria ao assunto principal e condenou a resposta que Rodrigo dera a Adolfo, dizendo que era talvez um excelente marido para Miloca.

— Miloca, acrescentou a velha, é uma rapariga muito metida consigo. Pode ser que não ache casamento tão cedo, e nós não havemos de viver sempre. Quer você que ela aí fique sem proteção no mundo?

— Não, decerto, retorquiu Rodrigo, mas que devia eu fazer?

— O que devia fazer era informar-se do rapaz, e se lhe parecesse digno dela, apresentá-lo cá. Eu aqui estou para velar por ela.

D. Pulquéria desenvolveu este tema com a autoridade de uma senhora convencida. Rodrigo não deixou de lhe achar alguma razão.

— Pois bem, disse ele, eu indagarei do procedimento do rapaz, e se vir que merece, cá o trago... Mas isso é impossível, agora reparo; não acho bonito, nem decente que eu vá agora buscá-lo; parecerá que lhe meto a rapariga à cara.

— Tem razão, concordou a cunhada. E a culpa da dificuldade é toda sua. Em suma, é bom indagar; depois veremos o que se há de fazer.

As informações foram excelentes. Adolfo gozava de excelente reputação; era econômico, morigerado, laborioso, a pérola da repartição, o beijinho dos superiores. Nem com uma lanterna se encontraria marido daquela qualidade, tão à mão.

— Bem me dizia o coração, ponderou D. Pulquéria, que este rapaz era cá enviado pela Providência Divina. E você estragou tudo. Mas Deus é grande; esperemos que ele nos favoreça.

CAPÍTULO II

Não confiava de balde na Providência Divina a Sr^a. D. Pulquéria da Assunção. Cinco dias não eram passados quando um acontecimento desastroso veio atar as relações entre Adolfo e a família de Miloca.

Rodrigo era um dos mais extremos partidários da escola romântico-estragada. Ia ver algum drama de senso comum só por comprazer à família. Mas sempre que podia assistir a um daqueles matadouros literários tão em moda há vinte anos, — e ainda hoje —, vingava-se da condescendência a que o obrigava às vezes o amor dos seus. Estava então fazendo bulha um drama em seis ou oito quadros e outras tantas mortes, obra que o público aplaudia com delírio. Rodrigo tinha ido ver o drama, e viera para casa entusiasmadíssimo, a tal ponto que D. Pulquéria também se entusiasmou e ficou assentado que iriam no dia seguinte ao teatro. Miloca tentou impedir a resolução, mas não teve força para o conseguir. De tarde caiu sobre a cidade uma daquelas trovoadas de que o nosso clima vai perdendo a tradição, e Rodrigo, que em tempo seco preferia andar de carro, com mais razão desta vez mandou vir um e lá foi a família ver a peça da moda.

Não nos interessa saber que impressões trouxeram de lá as duas senhoras; ambas começaram a dormir apenas entraram no carro, e se em Miloca era talvez aborrecimento, em D. Pulquéria era evidentemente cansaço. A boa velha já não era para dramas tão compridos nem paixões tão fortes. Encostou a cabeça e começou a risonar.

Rodrigo ficou reduzido a um completo monólogo. Elogiava ele o drama, soltava exclamações, interrogava inutilmente as senhoras, e parecia engolfado na idéia de tudo que vira quando sentiu que o carro descambava docemente para o lado esquerdo. O cocheiro passara a casa e dera uma volta com o

fim de chegar mais à porta; nessa ocasião as rodas da frente ficaram debaixo e isto produziu a queda suave do veículo. Os três passageiros deram um grito, que foi o prelúdio de muitos outros gritos, principalmente de D. Pulquéria que misturava atrapalhadamente preces e pragas. Felizmente havia na vizinhança um baile, e os cocheiros de outros carros acudiram depressa para impedir que os burros disparassem. Esta providência era de todo ponto inútil porque os burros, em cujo ânimo parece que também influíra o drama, aproveitaram a queda para dormir completamente.

O cocheiro saltou no chão e tratou de salvar os náufragos; mas já encontrou junto da portinhola que ficara voltada para cima um rapaz desconhecido, que parecia ter a mesma idéia.

Dizer-lhes que esse rapaz era Adolfo seria supor que os leitores nunca leram romances. Adolfo não passara por acaso; estava ali havia muito aguardando a volta de Miloca para ter a satisfação de a ver de longe. Quis a fortuna dele que houvesse desastre do carro. Levado por um duplo sentimento de humanidade e de egoísmo, o bom rapaz atirou-se ao veículo e começou a pescar as vítimas. A primeira pessoa que saiu foi D. Pulquéria, que apenas se achou sã e salva, deu graças a Nossa Senhora e descompôs em termos brandos o cocheiro. Enquanto ela falava, estendia Adolfo a mão para dentro do carro, para tirar Miloca. A moça estendeu-lhe a mão, e o rapaz estremeceu. Daí a dois minutos saía ela do carro, e Adolfo tirava a terceira vítima, que gemia com a dor de uma ferida no nariz. Miloca apenas teve uma contusão no rosto. D. Pulquéria parece que por ser gorda ofereceu mais resistência ao choque.

Rodrigo estancava o sangue com o lenço; Miloca entrara no corredor da casa, o cocheiro tratava de levantar o carro ajudado por alguns colegas, quando D. Pulquéria, que já durante alguns minutos tinha os olhos pregados em Adolfo, exclamou:

- Foi o senhor quem nos salvou! Ó mano Rodrigo, aqui está a pessoa que nos salvou... Olhe!
- Mas não me salvou o nariz! objetou Rodrigo com mau humor. Pois quê! é o senhor! continuou ele aproximando-se do rapaz.
- É verdade, respondeu modestamente Adolfo.
- Rodrigo estendeu-lhe a mão.
- Oh! fico-lhe muito obrigado!
- Devemos-lhe a vida, observou Dona Pulquéria, e creio que lhe seremos eternamente gratos. Quer descansar?
- Obrigado, minha senhora.
- Mas ao menos prometa que há de vir à nossa casa, disse D. Pulquéria.
- Se me permitem essa honra...
- Não permitimos, exigimos, disse Rodrigo.
- O meu serviço não vale nada, respondeu Adolfo; fiz o que faria outra qualquer pessoa. Todavia, se me permite, virei saber da saúde do senhor...
- Da saúde do meu nariz, emendou galhofeiramente Rodrigo; venha que nos dará grande prazer. Deixe-me apresentá-lo a minha filha...

Era tarde. Miloca, menos grata que os dois velhos, ou mais necessitada de descanso que eles, tinha subido havia já cinco minutos. Adolfo despediu-se de Rodrigo e de D. Pulquéria e foi esperar na esquina a passagem do carro. Chamou o cocheiro e deu-lhe uma nota de cinco mil-réis.

- Aqui está o que você perdeu quando o carro tombou.
- Eu? perguntou o cocheiro que sabia não ter um vintém na algibeira.
- É verdade, disse Adolfo.

E sem mais explicações foi andando. O cocheiro era sagaz como bom cocheiro que era. Sorriu e guardou o dinheiro no bolso.

Adolfo não era tão pouco fino que fosse logo apresentar-se em casa de Rodrigo. Esperou quarenta e oito horas antes que desse sinal de si. E não foi à casa da família, mas à loja de Rodrigo, que já lá estava com um pequeno emplastro no nariz. Rodrigo agradeceu outra vez o serviço que lhe prestara assim como à sua família na noite do desastre e procurou estabelecer desde logo uma salutar familiaridade.

— Não sabe, lhe disse ele quando o rapaz se dispunha a sair, não sabe como minha cunhada ficou morrendo pelo senhor...

— Parece ser uma excelente senhora, disse Adolfo.

— É uma pérola, respondeu Rodrigo. E se quer que lhe fale franco, eu estou sendo infiel à promessa que lhe fiz.

— Como assim?

— Prometi a minha cunhada que o levaria lá em casa apenas o encontrasse, e separo-me do senhor sem desempenhar a minha palavra.

Adolfo curvou levemente a cabeça.

— Muito agradeço essa prova de bondade, disse ele, e sinto realmente não poder corresponder ao desejo de sua cunhada. Estou pronto porém a lá ir apresentar-lhe os meus respeitos no dia e hora que me designar.

— Quer que lhe diga uma coisa? disse alegremente o comerciante. Eu não sou homem de etiqueta; sou cá do povo. Simpatizo com o senhor, e sei a simpatia que minha cunhada lhe tem. Faça uma coisa: venha jantar conosco domingo.

Adolfo não pôde conter a sua alegria. Evidentemente não contava com tamanha maré de felicidade. Agradeceu e aceitou o convite de Rodrigo e saiu.

No domingo seguinte, apresentou-se Adolfo em casa do comerciante. Ia de ponto em branco, sem que esta expressão se deva entender no sentido da alta elegância fluminense. Adolfo era pobre e vestia com apuro relativamente à sua classe. Estava longe porém do rigor e da opulência aristocrática. D. Pulquéria recebeu o pretendente com aquelas carícias que as velhas de bom coração costumam ter. Rodrigo desfez-se em solícitos cumprimentos. Só Miloca parecia indiferente. Estendeu-lhe a ponta dos dedos, e nem olhou para ele enquanto o mísero namorado murmurou algumas palavras relativas ao desastre. O intróito foi mau. D. Pulquéria percebeu isso, e tratou de animar o rapaz, falando-lhe com animada familiaridade. Nunca a filha de Rodrigo parecera tão formosa aos olhos de Adolfo. A mesma severidade lhe dava um ar distinto e realçava a incomparável beleza das suas feições. Mortificava-o, é verdade, a indiferença; mas podia ele esperar mais alguma coisa logo da primeira vez?

Miloca tocou piano a convite do pai. Era excelente pianista, e entusiasmou deveras o pretendente, que não pôde disfarçar a sua impressão e murmurou um respeitoso cumprimento. Mas a moça limitou-se a um gesto de cabeça, acompanhado de um olhar que parecia dizer: “O senhor entende disto?”.

Durante o jantar, a velha e o cunhado fizeram galhardamente as honras da casa. Adolfo ia perdendo a pouco e pouco as maneiras cerimoniosas, conquanto a atitude de Miloca lhe acanhasse o espírito. Era inteligente, polido e galhofeiro; a boa vontade dos olhos e as qualidades reais dele venceram em pouco tempo grande caminho. No fim do jantar era um conhecido velho.

— Tenho uma idéia, disse Rodrigo quando chegaram à sala. Vamos dar um passeio?

A idéia foi aceita por todos, exceto por Miloca que declarou estar incomodada, pelo que a idéia ficou sem execução.

Adolfo saiu de lá mal impressionado; e teria desistido da empresa, se o amor não fosse engenhoso em derrubar imaginariamente todas as dificuldades deste mundo. Continuou a frequentar a casa de Rodrigo, onde era recebido com verdadeira satisfação, menos por Miloca que parecia cada vez mais

indiferente ao namorado. Vendo que a situação do rapaz não melhorava, e parecendo-lhe que a sobrinha não acharia melhor marido do que ele, interveio D. Pulquéria, não por meio da autoridade, mas com as armas dóceis da persuasão.

- Acho singular, Miloca, a maneira por que tratas o Sr. Adolfo.
- De que maneira o trato? perguntou a moça mordendo os beiços.
- Secamente. E não compreendo isto porque ele é um excelente moço, muito bem-educado, e além disso já nos prestou um serviço em ocasião séria.
- Tudo isso é verdade, respondeu Miloca, mas eu não sei como quer que o trate. Meu modo é esse. Não posso afetar o que não sinto; e a sinceridade creio que é uma virtude.
- É também a virtude do sr. Adolfo, observou D. Pulquéria sem parecer abalada com a sequidão da sobrinha; devias ter reparado que é um moço muito sincero, e eu...

Aqui parou D. Pulquéria por um artifício que lhe pareceu excelente: esperou que a curiosidade de Miloca lhe pedisse o resto. Mas a sobrinha parecia completamente ausente dali, e não deu mostras de querer saber o resto do período. D. Pulquéria fez um gesto de despeito, e não disse palavra, enquanto Miloca folheava os jornais em todos os sentidos.

- Não acho casa, disse ela depois de algum tempo.
- Casa? perguntou D. Pulquéria admirada.
- É verdade, minha tia, disse Miloca sorrindo, eu pedi a papai para que nos mudássemos daqui. Acho isto muito feio: não faria mal que morássemos em algum bairro mais bonito. Papai disse que sim, e eu ando a ler os anúncios...
- Ainda agora sei disso, disse D. Pulquéria.
- Casas aparecem muitas, continuou a moça, mas as ruas não prestam. Se fosse no Catete...
- Estás doida? perguntou D. Pulquéria; lá as casas são mais caras do que aqui, e além disso transtornaria o negócio de teu pai. Admira como ele consente em semelhante coisa!

Miloca pareceu não atender às objeções da tia. Esta, que era sagaz, e vivia com a sobrinha havia muito tempo, atinava com a razão do recente capricho. Levantou-se e pôs a mão na cabeça da moça.

- Miloca, por que hás de ser assim?
- Assim como?
- Por que hás de olhar tanto para cima?
- Se titia está de pé, respondeu maliciosamente a moça, eu hei de por força olhar para cima.
- D. Pulquéria achou graça à resposta evasiva que a sobrinha lhe deu e não pôde reter um sorriso.
- Tonta! lhe disse a boa velha.
- E acrescentou:
- Tenho pensado muito em ti.
- Em mim? perguntou ingenuamente Miloca.
- Sim; nunca pensaste no casamento?
- Nunca.
- E se aparecesse um noivo digno de ti?
- Digno de mim? Conforme; se eu o amasse...
- O amor vem com o tempo. Há bem perto de nós alguém que te ama, um moço digno de toda a estima, laborioso, grave, um marido como não há muitos.
- Miloca desatou a rir.
- E titia viu isso primeiro que eu? perguntou ela. Quem é esse achado?
- Não adivinhas?
- Não posso adivinhar.
- O Adolfo, declarou D. Pulquéria depois de um minuto de hesitação.
- Miloca franziu o sobrolho; depois deu uma nova risada.
- De que te ris?

— Acho engraçado. Com que então o Sr. Adolfo dignou-se olhar para mim? Não tinha percebido; não podia esperar tamanha felicidade. Infelizmente, não o amo... e por mais digno que seja o noivo, se eu o não amar vale para mim o mesmo que um vendedor de fósforos.

— Miloca, disse a velha contendo a indignação que lhe causavam estas palavras da sobrinha, o que acaba de dizer não é bonito, e eu...

— Perdão, titia, interrompeu Miloca, não se dê por ofendida; respondia gracejando a uma notícia que também me pareceu gracejo. A verdade é que eu não desejo casar-me. Quando vier a minha hora, saberei tratar seriamente o noivo que o céu me destinar. Creio porém que não há de ser o sr. Adolfo, um pé-rapado...

Aqui a boa velha cravou um olhar de indignação na sobrinha, e saiu. Miloca levantou os ombros e foi tocar umas variações de Thalberg.

CAPÍTULO III

A causa de Adolfo estava condenada, e parece que ele ajudava o seu triste destino. Já vemos que Miloca aborrecia nele a sua não brilhante condição social, que era aliás um ponto de contato entre ambos, coisa que a moça não podia compreender. Adolfo, entretanto, além desse pecado original, tinha a mania singular de fazer discursos humanitários, e mais do que discursos, ações; perdeu-se de todo.

Miloca não era cruel; pelo contrário, tinha sentimentos caridosos; mas, como ela mesma disse um dia ao pai, nunca se deve dar esmola sem luvas de pelica, porque o contato da miséria não aumenta a grandeza da ação. Um dia, em frente da casa, caiu uma preta velha ao chão, abalroada por um tálburi; Adolfo, que ia a entrar, correu à infeliz, levantou-a nos braços e levou-a à botica da esquina, onde a deixou curada. Agradeceu ao céu o ter-lhe proporcionado o ensejo de uma bela ação diante de Miloca que estava à janela com a família, e subiu alegremente as escadas. D. Pulquéria abraçou o herói; Miloca mal lhe estendeu a ponta dos dedos.

Rodrigo e D. Pulquéria conheciam o caráter da moça e procuravam modificá-lo por todas as maneiras, lembrando-lhe que o nascimento dela não era tão brilhante que pudesse ostentar tamanho orgulho. A tentativa era sempre inútil. Duas causas havia para que ela não mudasse de sentimentos: a primeira era proveniente da natureza; a segunda da educação. Rodrigo estremecia a filha, e buscou dar-lhe uma educação esmerada. Fê-la entrar como pensionista em um colégio, onde Miloca ficou em contato com as filhas das mais elevadas senhoras da capital. Afeiçãoou-se a muitas delas, cujas famílias visitou desde a infância. O pai tinha orgulho em ver que a filha era assim tão festejada nos primeiros salões, onde aliás ele nunca passou de um intruso. Miloca bebeu assim um ar que não era precisamente o do armarinho da Cidade Nova.

Que vinha pois fazer o mísero Adolfo nesta galera? Não era assim o marido que a moça sonhava; a imaginação da orgulhosa dama aspirava a maiores alturas. Podia não exigir tudo quanto quisera ter, um príncipe ou um duque se os houvesse cá disponíveis; mas entre um príncipe e Adolfo a distância era enorme. Donde resultava que a moça não se limitava a um simples desdém; tinha ódio ao rapaz porque a seus olhos era grande afronta, não já nutrir esperanças, mas simplesmente amá-la.

Para completar esta notícia do caráter de Miloca, é mister dizer que ela sabia do amor de Adolfo muito antes que o pai e a tia tivessem conhecimento dele. Adolfo estava persuadido que a filha de Rodrigo nunca tinha reparado nele. Iludia-se. Miloca possuía essa qualidade excepcional de ver sem olhar. Percebeu que o rapaz gostava dela, quando o via na igreja ou em alguma partida em casa de amizade no mesmo bairro. Perceber isto foi condená-lo.

Ignorando todas estas coisas, Adolfo atribuía à sua má ventura o não ter ganho a menor plegada de terreno. Não ousava comunicar as suas impressões ao comerciante nem à cunhada, posto descobrisse que ambos eram favoráveis ao seu amor. Meditou longamente no caso, e resolveu dar um golpe decisivo.

Um ex-comerciante abastado da vizinhança casou uma filha, e convidou a família de Rodrigo para as bodas. Adolfo também recebeu convite e não deixou de comparecer, disposto a espreitar ali uma ocasião de falar a Miloca, o que não lhe fora possível nunca em casa dela. Para os amantes *multidão* quer dizer solidão. Não acontece o mesmo com os pretendentes. Mas Adolfo tinha um plano feito; alcançaria dançar com ela, e nessa ocasião soltaria a palavra decisiva. A fim de obter uma concessão que julgava difícil na noite do baile, pediu-lhe uma quadrilha, na véspera, em casa dela, em presença da tia e do pai. A moça concedeu-lha sem hesitação, e se o rapaz pudesse penetrar no espírito dela, não teria aplaudido, como fez, a sua resolução.

Miloca estava deslumbrante na sala do baile, e ofuscou completamente a noiva, objeto da festa. Se Adolfo estivesse nas boas graças dela, teria sentido legítimo orgulho ao ver a admiração que ela despertava em torno de si. Mas para um namorado repellido não há pior situação do que ver desejado um bem que lhe não pertence. A noite foi pois um suplício para o rapaz.

Afinal chegou a quadrilha concedida. Adolfo atravessou a sala trêmulo de comoção e palpitante de incerteza, e estendeu a mão a Miloca. A moça levantou-se com a graça do costume e acompanhou o par. Durante as primeiras figuras, Adolfo não ousou dizer palavra sobre coisa nenhuma. Ao ver porém que o tempo corria, e era necessário uma decisão, dirigiu-lhe algumas palavras banais como são as primeiras palavras de um homem pouco afeito a tais empresas.

Pela primeira vez Miloca encarou o namorado, e, longe do que se poderia supor, não havia em seu gesto a menor sombra de aborrecimento; pelo contrário, parecia animar o novel cavalheiro a mais positivo ataque.

Animado com esse intróito, Adolfo foi direto ao coração do assunto.

— Talvez, D. Emília, disse ele, talvez tenha notado que eu...

E parou.

— Que o senhor... o quê? perguntou a moça que parecia saborear a perplexidade do rapaz.

— Que eu sinto...

Nova interrupção. Era chegada a *Chaine des Dames*. Miloca deixou o rapaz meditar nas dificuldades da sua posição.

“Sou um asno, dizia Adolfo consigo. Pois que razão me arriscarei a deixar para depois uma explicação que vai em tão bom caminho? Ela parece disposta...”

No primeiro intervalo reatou a conversação.

— Dir-lhe-ei tudo de uma vez... Amo-a. Miloca fingiu-se admirada.

— A mim? perguntou ela ingenuamente.

— Sim... atrevi-me a... Perdoa-me?

— Com uma condição.

— Qual?

— Ou antes, com duas condições. A primeira é que se há de esquecer de mim; a segunda é que não há de voltar lá à casa.

Adolfo olhou espantado para a moça e durante alguns segundos não achou resposta que lhe dar. Preparou-se para tudo, mas aquilo ia além dos seus cálculos. A única coisa que lhe pôde dizer foi esta pergunta:

— Fala sério?

Miloca fez um gesto de cólera, que reprimiu logo; depois sorriu e murmurou:

— Que se atreva a amar-me, é muito, mas injuriar-me, é demais!

— Injúria pede injúria, retorquiu Adolfo.

Miloca desta vez não olhou para ele. Voltou-se para o cavalheiro que ficava próximo e disse:

— Quer conduzir-me ao meu lugar?

Deu-lhe o braço e atravessou a sala, no meio do pasmo geral. Adolfo humilhado, vendo-se alvo de todas as vistas, procurou esquivar-se. D. Pulquéria não viu o que se passou; estava conversando com a dona da casa em uma saleta contígua; Rodrigo jogava nos fundos da casa.

Aquele misterioso lance teatral foi o assunto das palestras durante o resto da noite. Impossível foi porém saber a causa dele. O dono da casa, sabedor do acontecimento, pediu desculpa dele à filha de Rodrigo, pois julgava ter parte indireta nele pelo fato de haver convidado Adolfo. Miloca agradeceu a atenção, mas nada revelou do que se passara.

Nem o pai nem a tia souberam de nada; no dia seguinte porém recebeu Rodrigo uma longa carta de Adolfo relatando o sucesso da véspera e pedindo desculpa ao velho de ter dado causa a um escândalo. Nada ocultou do que se passara, mas absteve-se de moralizar a atitude da moça. Rodrigo conhecia o defeito da filha e não lhe foi difícil perceber que a causa primordial do acontecimento fora ela. Todavia não lhe disse nada. D. Pulquéria porém foi menos discreta na primeira ocasião que se lhe ofereceu, disse amargas verdades à sobrinha, que lhas ouviu sem replicar.

CAPÍTULO IV

Felizes aqueles cujos dias correm com a insipidez de uma crônica vulgar. Geralmente os dramas da vida humana são mais toleráveis no papel que na realidade.

Poucos meses depois da cena que deixamos relatada, a família de Miloca sofreu um grave revés pecuniário; Rodrigo perdeu o pouco que tinha, e não tardou que a este acontecimento sucedesse outro não menos sensível: a morte de D. Pulquéria. Reduzido à extrema pobreza e achacado de moléstias, Rodrigo viveu ainda alguns meses atribulado e aborrecido da vida. Miloca mostrou nesses dias amargos uma grande força de ânimo, maior do que se podia esperar daquele espírito quimérico. Bem sabia ela que o seu futuro era negro e nenhuma esperança poderia vir animá-lo. Todavia, parecia completamente alheia a essa ordem de considerações.

Rodrigo faleceu repentinamente uma noite em que parecia começar a recobrar a saúde. Era o último golpe que vinha ferir a moça, e esse não o suportou ela com a mesma coragem até ali manifestada. Uma família da vizinhança ofereceu-lhe asilo logo na noite do dia em que se enterrou o pai. Miloca aceitou o favor, disposta a dispensá-lo por qualquer maneira razoável e legítima. Não tinha muito que escolher. Só uma carreira lhe estava aberta: a do professorado. A moça resolveu-se a ir ensinar em algum colégio. Custava-lhe isto ao orgulho, e era com certeza a morte de suas esperanças aristocráticas. Mas segundo ela disse a si mesma, era isso menos humilhante do que comer as sopas alheias. Verdade é que as sopas eram servidas em pratos modestos...

Nesse projeto estava, — apesar de combatido pela família que tão afetuosamente lhe abria as portas, — quando apareceu em cena um anjo enviado do céu. Era uma de suas companheiras de colégio, casada de fresco, que vinha pedir-lhe o obséquio de ir morar com ela. Miloca recusou o pedido com alguma resolução; mas a amiga vinha disposta a esgotar todos os argumentos possíveis até vencer as repugnâncias de Miloca. Não lhe foi difícil; a altiva órfã cedeu e aceitou.

Leopoldina era o nome da amiga que lhe aparecera como um *deus ex machina*, acompanhada pelo marido, jovem deputado do Norte, governista inabalável e aspirante a ministro. Quem conversava com ele durante meia hora, nutria logo algumas dúvidas sobre se os negócios do Estado ganhariam muito em que ele os dirigisse. Dúvida realmente frívola, que ainda não fechou a ninguém as avenidas do poder.

Leopoldina era o contraste de Miloca; tanto uma tinha de altiva, imperiosa e seca, quanto a outra de dócil, singela e extremamente afável. E não era esta a única diferença. Miloca era sem dúvida uma moça distinta; mas era mister estar só. A sua distinção precisava não ser comparada com outra. Nesse terreno também Leopoldina lhe levava muita vantagem. Tinha uma distinção mais própria, mais

natural, mais inconsciente. Onde porém Miloca lhe levava a melhor era nos dotes físicos, o que não quer dizer que Leopoldina não fosse bela.

Para ser exato devo dizer que a filha de Rodrigo não aceitou alegremente, nos primeiros dias, a hospitalidade de Leopoldina. Orgulhosa como era, doía-lhe a posição dependente em que se achava. Mas isso durou pouco, graças à extrema habilidade da amiga, que empregou todos os esforços para disfarçar a aspereza das circunstâncias, colocando-a na posição de pessoa de família.

Alcançara Miloca os seus desejos. Vivia numa sociedade bem diferente daquela em que vivera a família. Já não via todas as tardes o modesto boticário da esquina ir jogar o gamão com o pai; não suportava as histórias devotas de D. Pulquéria; não via à mesa uma velha doceira amiga de sua casa; nem parava à porta do armário quando voltava da missa nos domingos. Era muito outra sociedade, era a única que ela ambicionava e compreendia. Aceitaram todos a posição em que Leopoldina tinha a amiga; muitas das moças que lá iam foram suas companheiras de colégio; tudo lhe correu fácil, tudo se lhe tornou brilhante.

Uma só coisa, porém, vinha de quando em quando escurecer o espírito de Miloca. Ficaria ela sempre naquela posição, que apesar de excelente e brilhante, tinha a desvantagem de ser equívoca? Esta pergunta, cumpre dizê-lo, não lhe surgia no espírito por si mesma, mas como prelúdio de outra idéia, capital para ela. Por outras palavras, o que a agitava principalmente era o problema do casamento. Casar-se, mas casar-se bem, eis o fim e a preocupação de Miloca. Não faltava onde escolher. Iam à casa de Leopoldina muitos rapazes bonitos, elegantes, distintos, e não poucos ricos. Talvez Miloca ainda não sentisse amor verdadeiro por nenhum deles; mas essa circunstância era puramente secundária no sistema adotado por ela.

Parece que Leopoldina também pensara nisso, porque mais de uma vez tocara nesse assunto com a liberdade que lhe dava a afeição. Miloca respondia evasivamente, mas não repelia de todo a idéia de um consórcio feliz.

— Por ora, acrescentava ela, ainda o meu coração não bateu; e o casamento sem amor é uma coisa terrível, penso eu; mas quando vier o amor, espero em Deus que serei feliz. Sê-lo-ei?

— Sê-lo-ás, respondeu comovida a amiga hospitaleira. Nesse dia conta que eu te ajudarei. Um beijo terminava estas confidências.

Infelizmente para Miloca, estes desejos pareciam longe da realização. Dos rapazes casadoiros nenhum contestava a beleza da moça; mas corria entre eles uma teoria de que a mais bela mulher deste mundo precisa de não vir com as mãos abanando. Ao cabo de dois anos de inúteis esperanças, Miloca transigiu com a sua altivez, trocou o papel de praça que pede assédio pelo de exército sitiador.

Um primo segundo de Leopoldina foi o seu primeiro objetivo. Era um jovem bacharel, formado poucos meses antes em S. Paulo, rapaz inteligente, alegre e franco. Os primeiros fogos das baterias de Miloca produziram efeito; sem ficar apaixonado de todo, começou a gostar da rapariga. Infelizmente para ela, coincidiu este ataque de frente com um ataque de flanco, e a praça foi tomada por uma rival mais feliz. Não desanimou a moça. Dirigiu os seus tiros para outro ponto, desta vez não pegaram as bichas, o que obrigou a bela pretendente a lançar mão de terceiro recurso. Com mais ou menos felicidade, andou Miloca nesta campanha durante um ano, sem alcançar o seu máximo desejo.

A derrota não lhe quebrou o orgulho; antes lhe deu um toque de azedume e hipocondria, que a fez um tanto insuportável. Mais de uma vez pretendeu deixar a casa da amiga e ir professar em algum colégio. Mas Leopoldina resistia sempre a esses projetos, já mais veementes que ao princípio. O despeito parecia aconselhar à bela órfã o completo esquecimento de seus planos matrimoniais. Compreendia agora que, talvez pela mesma razão com que ela recusara o amor de Adolfo, recusavam-lhe agora o amor dela. A punição, dizia ela consigo, fora completa.

A imagem de Adolfo surgiu então em seu espírito atribulado e abatido. Não se arrependeu do que fizera; mas lamentou que Adolfo não estivesse em posição cabal de lhe realizar os seus sonhos e ambições.

“Se assim fosse, pensava Miloca, eu seria hoje feliz, porque esse amava-me.”

Tardias queixas eram aquelas. O tempo corria, e a moça com o seu orgulho se definhava na solidão povoada da sociedade a que aspirava desde os tempos da sua mediania.

CAPÍTULO V

Uma noite, estando no teatro, viu em um camarote fronteiro duas moças e dois rapazes; um dos rapazes era Adolfo. Miloca estremeceu; involuntariamente, não de amor, não de saudade, mas de inveja. Seria uma daquelas moças esposa dele? Ambas eram distintas, elegantes; ambas formosas. Miloca perguntou a Leopoldina se conhecia os dois rapazes; o marido da amiga foi quem lhe respondeu:

— Só conheço um deles; o mais alto.

O mais alto era Adolfo.

— Parece-me que também o conheço, disse Miloca, e foi por isso que lho perguntei. Não é um empregado do Tesouro?

— Talvez fosse, respondeu o deputado; agora é um amável vadio.

— Como assim?

— Herdou do padrinho, explicou o deputado.

Leopoldina que tinha assentado o binóculo para ver as moças perguntou:

— Será casado com alguma daquelas moças?

— Não; é amigo da família, respondeu o deputado; e parece que não está disposto a casar.

— Por quê? aventurou Miloca.

— Dizem que teve um amor infeliz outrora.

Miloca estremeceu de alegria, e pôs o binóculo para o camarote de Adolfo. Este pareceu perceber que era objeto das indagações e conversas das três personagens, e já havia conhecido a antiga amada; todavia, disfarçou e conversou alegremente com as moças do seu camarote.

Depois de algum silêncio, disse Miloca:

— Parece que o senhor acredita em romances; pois há quem conserva assim um amor a ponto de não querer casar?

E como se se arrependesse desta generalidade, emendou: Nos homens é difícil encontrar tamanha constância às afeições passadas.

— Nem eu lhe disse que ele conservava essa afeição, observou o deputado; esse amor infeliz do meu amigo Adolfo...

— É teu amigo? perguntou Leopoldina.

— É, respondeu o marido. E continuou: Esse amor infeliz do meu amigo Adolfo serviu para lhe dar uma triste filosofia a respeito de amores. Jurou não casar...

— E onde escreveu esse juramento?

— Não acredita que ele o cumpra? perguntou sorrindo o marido de Leopoldina.

— Francamente, não, respondeu Miloca.

Dias depois levou o deputado à casa o seu amigo Adolfo e o apresentou às duas senhoras. Adolfo falou a Miloca como pessoa de seu conhecimento, mas nenhuma palavra ou gesto revelou aos donos da casa o sentimento que ele tivera outrora. A mesma Miloca compreendeu que tudo estava extinto no coração do rapaz; mas não era fácil reviver a chama apagada? Miloca contava consigo, e reuniu todas as suas forças para uma luta suprema.

Infelizmente era verdade o que dissera o marido de Leopoldina. Adolfo parecia ter mudado completamente. Já não era o rapaz afetuoso, e tímido de outro tempo; mostrava-se agora gelado em coisas do coração. Não só o passado estava extinto, como nem era possível criar-lhe nenhum presente. Miloca compreendeu isto no fim de alguns dias, e todavia não desanimou.

Animou-a nesse propósito Leopoldina, que percebeu a tendência da amiga para o rapaz sem todavia conhecer uma sílaba do passado que havia entre ambos. Miloca negou a princípio, mas conveio-lhe dizer tudo, e mais do que isso, não pôde resistir, porque ela começava a amar de veras o rapaz.

— Não desanimes, lhe disse a amiga; estou que hás de triunfar.

— Quem sabe? murmurou Miloca.

Esta pergunta foi triste e desanimada. Era a primeira vez que ela amava, e isto lhe pareceu uma espécie de castigo que a Providência lhe infligia.

— Se ele me não corresponder, pensava Miloca, sinto que serei a mais desgraçada de todas as mulheres.

Adolfo percebeu o que se passava no coração da moça, mas pensou que era menos sincero o afeto que ela nutria. Quem lhe pintou claramente a situação foi o marido de Leopoldina, a quem esta havia contado tudo, com a certeza talvez da indiscrição dele. Se Adolfo ainda a amasse, seriam ambos felicíssimos; mas sem o amor dele que esperança teria a moça? Digamos a verdade toda; Adolfo era em toda a extensão da palavra um rapaz cínico, mas cobria o cinismo com uma capa de seda, que o fazia apenas indiferente; de maneira que se algum raio de esperança podia entrar no ânimo de Miloca bem depressa se lhe devia esvaecer.

E quem arrancará a esperança de um coração que ama? Miloca continuava a esperar, e de certo tempo em diante alguma coisa lhe fazia crer que a esperança não seria vã. Adolfo parecia começar a reparar nela, e a ter alguma simpatia. Estes sintomas foram crescendo a pouco e pouco, até que Miloca teve um dia certeza de que o dia da sua felicidade estava próximo. Contara com a sua admirável beleza, com os vivos sinais do seu afeto, com algum germe do passado não de todo extinto no coração de Adolfo. Um dia acordou confiada de que todas estas armas lhe haviam dado o triunfo.

Não tardou que começasse o período epistolar. Seria coisa fastidiosa reproduzir aqui as cartas que os dois namorados trocaram durante um mês. Qualquer das minhas leitoras (sem ofensa de ninguém) conhece mais ou menos o que se diz nesse gênero de literatura. Copiarei todavia dois trechos interessantes de ambos. Seja o primeiro de Adolfo:

... Como poderia crer que eu houvesse esquecido o passado? Doloroso foi ele para mim, mas ainda mais que doloroso, delicioso; porque o meu amor me sustentava naquele tempo, e eu era feliz, posto não fosse amado. A ninguém mais amei senão a ti; mas confesso que até há pouco, o mesmo amor que te votei outrora já havia desaparecido. Tiveste o condão de reavivar uma chama já apagada. Fizeste um milagre, que eu tinha por impossível. E confesso hoje, confesso sem hesitação, que tu vieste acordar um coração morto, e morto por ti mesma. Bem hajas tu! teu, serei teu até à morte!...

A estas calorosas expressões, respondia Miloca com igual ardor. De uma de suas cartas, a quinta ou sexta, copio estas palavras:

... Obrigada, meu Adolfo! tu és generoso, tu soubeste perdoar, porque soubeste amar outra vez aquela a quem devias ter ódio. Bem cruel fui eu em não conhecer a grandeza de tua alma! Hoje que te compreendo, choro lágrimas de sangue, mas ao mesmo tempo agradeço ao céu o ter-me dado a maior ventura desta vida, que é lograr a ventura que uma vez se repeliu... Se tu soubesses como eu te amo, escrava, pobre, mendiga, castigada por ti e desprezada por ti, amo-te, amar-te-ei sempre! etc., etc.

Numa situação como esta, o desenlace parecia claro; nada obstava que se casassem dali a um mês. Miloca era maior e não tinha nenhum parente. Adolfo era livre. Tal era a solução prevista por Leopoldina e seu marido; tal era a de Miloca.

Mas quem sabe o que nos guarda o futuro? E a que desvairamentos não arrasta o amor quando os corações são fracos? Um dia de manhã Leopoldina achou-se só; Miloca tinha desaparecido. Como, e por quê, e de que modo? Ninguém o soube. Com quem desaparecera, soube-se logo que fora Adolfo, que não voltou à casa do deputado.

Deixando-se arrastar pelo rapaz a quem amava, Miloca apenas consultou o seu coração; quanto a Adolfo, nenhuma idéia de vingança o dominara; cedeu a sugestões de libertinagem. Durante cerca de um ano, ninguém soube dos dois fugitivos. A princípio soube-se que estavam na Tijuca; depois desapareceram dali sem que Leopoldina alcançasse a notícia deles.

Um ano depois do acontecimento narrado acima, reapareceu na corte o fugitivo Adolfo. Correu logo que vinha acompanhado da interessante Miloca. Casados? Não; e esse passo dado no caminho do erro foi funesto à ambiciosa moça. Que outra coisa podia ser? O mal engendra o mal.

Adolfo parecia estar aborrecido da aventura; e todavia Miloca ainda o amava como no princípio. Iludiu-se a respeito dele, nesses últimos tempos, mas afinal compreendeu que entre a atual situação e o fervor dos primeiros dias havia um abismo. Ambos arrastaram a cadeia durante um ano mais, até que Adolfo embarcou para Europa sem dar notícia de si à infeliz moça.

Miloca desapareceu tempos depois. Uns dizem que se fora à cata de novas aventuras; outros que se matara. E havia razão para ambas estas versões. Se morreu a terra lhe seja leve!

ANEXO E

IDENTIDADE

Machado de Assis

Texto Fonte:

Obra Completa de Machado de Assis, Vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente em *A Gazeta de Notícias*, 14 de março de 1887.

Convenhamos que o fenômeno da semelhança completa entre dois indivíduos não parentes é coisa mui rara, — talvez ainda mais rara que um mau poeta calado. Pela minha parte não achei nenhum. Tenho visto parecenças curiosas, mas nunca ao ponto de estabelecer identidade entre duas pessoas estranhas.

Na família as semelhanças são naturais; e isso que fazia pasmar ao bom Montaigne, não traz o menor espanto ao mais soez dos homens. Os Ausos, povo antigo, cujas mulheres eram comuns, tinham um processo sumário para restituir os filhos aos pais: era a semelhança que, ao cabo de três meses, apresentasse o menino com algum dos cidadãos. Vá por conta de Heródoto. A natureza era assim um tabelião muito mais seguro. Mas que entre dois indivíduos de família e casta diferentes (a não serem os Drômios e os Menecmas dos poetas) a igualdade das feições, da estatura, da fala, de tudo, seja tal que se não possam distinguir um do outro, é caso para ser posto em letra de forma, depois de ter vivido três mil anos em um papiro, achado em Tebas. Vá por conta do papiro.

* * * * *

Era uma vez um faraó, cujo nome se perdeu na noite das velhas dinastias, — mas suponhamos que se chamava Pha-Nohr. Teve notícia de que existia em certo lugar do Egito um homem tão parecido com ele que era difícil discriminá-los. A princípio ouviu a notícia com indiferença, mas, depois de uma grande melancolia que teve, achaque dos últimos tempos, lembrou-se de deputar três homens que fossem procurar esse milagre e trazê-lo ao paço.

— Dêem-lhe o que pedir; se tiver dívidas, quero que as paguem; se amar alguma mulher, que a traga consigo. O essencial é que esteja cá e depressa, ou eu mando executar os três.

A corte respirou jubilosa. Após vinte anos de governo, era a primeira ameaça de morte que saía da real boca. Toda ela aplaudiu a pena; alguns ousaram propor uma formalidade simbólica, — que, antes de executar os três emissários, se lhes cortassem os pés para significar a pouca diligência empregada em cumprir os recados do faraó. Este, porém, sorriu de um modo mui particular.

Não tardou que os emissários tornassem a Mênfis com o menecma do rei. Era um pobre escriba, por nome Bachtan, sem pais, nem mulher, nem filhos, nem dívidas, nem concubinas. A cidade e a corte ficaram alvoroçadas ao ver entrar o homem, que era a própria figura do faraó. Juntos, só se podiam reconhecer pelos vestidos, porque o escriba, se não tinha majestade e grandeza, trazia certo ar tranqüilo e nobre, que as supria. Eram mais que dois homens parecidos; eram dois exemplares de uma só pessoa; eles mesmos não se distinguiam mais que pela consciência da personalidade. Pha-Nohr aposentou o escriba em uma câmara pegada à sua, dizendo que era para um trabalho de interesse público; e ninguém mais o viu durante dois meses. No fim desse tempo, Pha-Nohr, que instruíra o escriba em todas as matérias da administração, declarou-lhe uma noite que ia pô-lo no trono do Egito por algum tempo, meses ou anos. Bachtan ficou sem entender nada.

— Não entendes, escriba? O escriba agora sou eu. Tu és faraó. Fica aí com o meu nome, o meu poder e a minha figura. Não descobrirás a ninguém o segredo desta troca. Vou a negócios do Estado.

— Mas, senhor...

— Reinas ou morres.

Antes reinar. Bachtan obedeceu à ordem, mas suplicou ao rei que a demora não fosse muita; faria justiça, mas não tinha gosto ao poder, menos ainda nascera para governar o Egito. Trocaram de aposentos. O escriba rolou durante a noite inteira, sem achar cômodo, no leito da vindoura Cleópatra. De manhã, segundo o ajustado, foi o rei despedido com as vestes do escriba, dando-lhe o escriba, que fazia de faraó, algum dinheiro e muitas pedras preciosas. Dez guardas do paço acompanharam o ex-faraó até os subúrbios de uma cidade distante.

— Viva a vida! exclamou este, apenas perdeu de vista os soldados. Santo nome de Ísis e de Osíris! Viva a vida e a liberdade!

Ninguém, exceto o vento bochorno do Egito, ouviu essas primeiras palavras ditas por ele a todo o universo. O vento foi andando indiferente; mas o leitor, que não é vento, pede explicação delas. Quando menos, supõe que este homem é doido. Tal era também a opinião de alguns doutores; mas, graças ao regímen especialista da terra, outros queriam que o mal dele viesse do estômago, outros do ventre, outros do coração. Que mal? Uma coisa esquisita. Imagine-se que Pha-Nohr começara a governar com vinte e dois anos, tão alegre, expansivo e resoluto, que encantou a toda a gente; tinha idéias grandes, úteis e profundas. No fim, porém, de dois anos, mudou completamente de gênio. Tédio, desconfiança, aversão às pessoas, sarcasmos amiudados e, finalmente, umas crises melancólicas, que lhe levavam dias e dias. Durou isto dezoito anos.

Já sabemos que foi ao sair de uma daquelas crises que ele entregou o Egito ao escriba. A causa, porém, deste ato inexplicável é a mesma da singular troca de gênio. Pha-Nohr persuadira-se de que não podia conhecer o caráter nem o coração dos homens, através da linguagem curial, ataviada naturalmente, e que lhe parecia oblíqua, dúbia, sem vida própria nem contrastes. Vá que lhe não dissessem coisas rudes, nem ainda as verdades inteiras; mas, por que lhe não mostrariam a alma toda, menos esses desvãos secretos, que há em toda a casa? Desde que isto se lhe meteu em cabeça, caiu na ruim tristeza e longas hipocondrias; e, se lhe não aparece o menecma que pôs no trono, provavelmente morreria de desespero.

Agora tinha ímpetos de voar, de correr toda aquela abóbada de estanho que lá ficava acima dele, ou então ir conversar com os crocodilos, trepar aos hipopótamos, disputar as serpentes aos íbis. Pelo boi Ápis! pensava ele andando e gesticulando, ruim ofício era o meu. Cá levo agora a minha boa alegria e não a dou a troco de nada, nem do Egito nem de Babilônia.

* * * * *

— Charmion, quem será aquele homem que vem tão alegre? perguntou um tecelão, jantando à porta de casa com a mulher.

Charmion voltou os olhos cheios de mistérios do Nilo para o lado que o marido indicava. Pha-Nohr, logo que os viu, correu para eles. Era à entrada da cidade; podia ir buscar pousada e comida. Mas tão ansioso estava por sentir que não era rei e meter a mão nos corações e nos caracteres, que não hesitou em pedir-lhes algum bocado para matar a fome.

— Sou um pobre escriba, disse ele. Trago uma caixa de pedras preciosas, que me deu o faraó por achar que era parecido com ele; mas pedras não se comem.

— Comerás do nosso peixe e beberás do nosso vinho, disse-lhe o tecelão.

O vinho era ruim; o peixe fora mal crestado ao sol; mas para ele valiam mais que os banquetes de Mênfis, era o primeiro jantar da liberdade. Expandia-se o ex-faraó; ria, falava, interrogava, queria saber isto e aquilo, batia no ombro ao tecelão, e este ria-se também e contava-lhe tudo.

— A cidade é um covil de sacripantes; mais ruins que eles só os meus vizinhos aqui da entrada. Contarei a história de um ou dois e bastará para conhecer o resto.

Contou umas coisas juntamente ridículas e execráveis, que o hóspede ouviu aborrecido. Este, para desanojar-se, olhou para Charmion e notou que ela pouco mais fazia que fitá-lo com os seus grandes olhos cheios de mistérios do Nilo. Não amara a outra mulher; esta reduziu os seus quarenta e dois anos a vinte e cinco, ao passo que o tecelão prosseguia em dizer a má casta de vizinhos que a fortuna lhe dera. Uns perversos! e os que não eram perversos eram asnos, como um tal Phtataghuruh que...

“Que poder misterioso fez nascer tão linda criatura entre mecânicos?” dizia Pha-Nohr consigo.

Caiu a tarde. Pha-Nohr agradeceu o obséquio e quis ir-se embora; mas o tecelão não consentiu em deixá-lo; passaria ali a noite. Deu-lhe um bom aposento, ainda que pobre. Charmion foi adereçá-lo com as melhores coisas que tinha, deitando-lhe sobre a cama uma bonita colcha bordada — daquelas famosas colchas do Egito citadas por Salomão — e encheu-lhe o ar de aromas finíssimos. Era pobre, mas gostava do luxo.

Pha-Nohr deitou-se pensando nela. Era virtuoso; parecia-lhe que estava pagando mal os obséquios do marido e sacudia de si a imagem da moça. Os olhos, porém, ficavam; viu-os na escuridão, fitos nele, como dois fachos noturnos, e ouviu-lhe também a voz terna e súplice. Saltou da cama, os olhos desapareceram, mas a voz continuava, e, coisa extraordinária, intercalada com a do marido. Não podiam estar longe; colou o ouvido à parede. Ouviu que o tecelão propunha à mulher ficarem com a caixa das pedras preciosas do hóspede, indo buscá-la ao quarto; fariam depois alarido e diriam que eram ladrões. Charmion opunha-se; ele teimava, ela suplicava...

Pha-Nohr ficou embasbacado. Quem diria que o bom tecelão, tão obsequioso?... Não dormiu o resto da noite; gastou-a a andar e a agitar-se para que o homem lá não fosse. De manhã, dispôs-se a andar. O tecelão quis retê-lo, pediu-lhe um dia mais, ou dois, algumas horas; não alcançou nada. Charmion não ajudou o marido; trazia, porém, os mesmos olhos da véspera, fitos no hóspede, teimosos e enigmáticos. Pha-Nohr deu-lhe em lembrança uns brincos de cristal e um bracelete de ouro.

— Até um dia! murmurou-lhe ela ao ouvido.

Pha-Nohr entrou na cidade, achou pousada, deixou as suas coisas a bom recado e saiu para a rua. Morria por andar à toa, desconhecido, misturado à outra gente, falar e ouvir a todos, com franqueza, sem os atilhos do formalismo nem as composturas do paço. Toda a cidade estava em alvoroço, por causa da grande festa anual de Ísis. Grupos na rua, ou às portas, mulheres, homens, crianças, muito riso, muita conversa, uma algazarra de todos os diabos. Pha-Nohr ia a toda parte; foi ver aparelhar os barcos, entrou nos mercados, interrogando a todos. A linguagem era naturalmente rude, — às vezes obscena. No meio do tumulto recebeu alguns encontrões. Eram os primeiros, e mais lhe doeu a dignidade que a pessoa. Parece que chegou a desandar para casa; mas riu-se logo do melindre e tornou à multidão.

Na primeira rua em que entrou, viu duas mulheres que brigavam, agarradas uma à outra, com palavras e murros. Eram robustas e descaradas. Em volta, a gente fazia círculo, e animava-as, como se pratica ainda hoje com os cães. Pha-Nohr não pôde sofrer o espetáculo; primeiro, quis sair dali; mas tal pena teve das duas criaturas, que rompeu a multidão, penetrou no espaço em que elas estavam e separou-as. Resistiram; ele, não menos robusto, meteu-se de permeio. Então elas, vendo que não podiam ir uma à outra, despejaram nele a raiva; Pha-Nohr afasta-se, atravessa a multidão, elas perseguem-no, entre a risota pública, ele corre, elas correm, e, a pedrada e nome cru, o acompanham até longe. Uma das pedras feriu-lhe o pescoço.

“Vou-me daqui, pensou ele, entrando em casa. Em curando a ferida, embarco. Parece, na verdade, uma cidade de sacripantes.”

Nisto ouviu vozes na rua, e daí a pouco entrava-lhe em casa um magistrado acompanhado das duas mulheres e de umas vinte pessoas. As mulheres queixavam-se de que esse homem investira contra

elas. As vinte pessoas juraram a mesma coisa. O magistrado ouviu a explicação de Pha-Nohr; e, dizendo este que a sua melhor defesa era a ferida que trazia no pescoço, retorquiu-lhe o magistrado que as duas agravadas naturalmente haviam de defender-se, e multou-o. Pha-Nohr, esquecendo a abdicação temporária, gritou que lhe prendessem o magistrado.

— Outra multa, respondeu este gravemente; e o ferido não teve mais que pagar para se não descobrir.

Estava em casa, triste e acabrunhado, quando viu entrar, daí a dois dias, a bela Charmion debulhada em lágrimas. Sabendo da aventura, desamparou tudo, casa e marido, para vir tratar dele. Doía-lhe muito? Queria que ela lhe bebesse o sangue da ferida, como o melhor vinho do Egito e do mundo? Trazia um pacote com os objetos de uso pessoal.

— Teu marido? perguntou Pha-Nohr.

— Meu marido és tu!

Pha-Nohr quis replicar; mas os olhos da moça encerravam, mais que nunca, todos os mistérios do Egito. Além dos mistérios, tinha ela um plano. Dissera ao marido que ia com uma família amiga à festa de Ísis, e foi assim que saiu de casa.

— Olha, concluiu, para mais captar-lhe a confiança, aqui trouxe o meu par de crótalos, com que uso acompanhar as danças e as flautas. Os barcos saem amanhã. Alugarás um e iremos, não a Busíris, mas ao lugar mais ermo e áspero, que será para mim o seio da própria Ísis divina.

Cegueira do amor, em vão Pha-Nohr quis recuar e dissuadi-la. Tudo ficou ajustado. Como precisassem dinheiro, saiu ele a vender duas pedras preciosas. Nunca soubera o valor de tais coisas; umas foram-lhe dadas, outras foram-lhe compradas pelos seus mordomos. Contudo, tal foi o preço que lhe ofereceu por elas o primeiro comprador, que ele voltou as costas, por mais que este o chamasse para fazer negócio. Chegou-se a outro e contou-lhe o que se dera com o primeiro.

— Como se há de impedir que os velhacos abusem da boa-fé dos homens de bem? disse este com voz melíflua.

E, depois de examinar as pedras, declarou que eram boas, e perguntou se o dono lhes tinha alguma afeição particular.

— Para mim, acrescentou, é fora de dúvida que a afeição que se tem a um objeto torna-o mais vendável. Não me pergunte a razão; é um mistério.

— Não tenho a estas nenhuma afeição particular, acudiu Pha-Nohr.

— Bem, deixe-me avaliá-las.

Calculou baixinho, olhando para o ar, e acabou oferecendo metade do valor das pedras. Era tão superior esta segunda oferta à primeira, que Pha-Nohr aceitou-a com grandes alegrias. Comprou um barco, de boa acácia, calafetado de fresco, e voltou à pousada, onde Charmion lhe ouviu toda a história.

— A consciência daquele homem, concluiu Pha-Nohr, é em si mesma uma rara pedra preciosa.

— Não digas isso, meu divino sol. As pedras valiam o dobro.

Pha-Nohr, indignado, quis ir ter com o homem; mas a formosa Charmion reteve-o, era tarde e inútil. Tinham de embarcar na manhã seguinte. Veio a manhã, embarcaram, e no meio de tantos barcos que iam a Busíris puderam eles escapar-se e foram dar à outra cidade distante, onde acharam casa estreita e graciosa, um ninho de amor.

— Viveremos aqui até à morte, disse-lhe a bela Charmion.

Já não era a pobre namorada sem adornos; podia agora desbancar as ricas donas de Mênfis. Jóias, finas túnicas, vasos de aromas, espelhos de bronze, alcatifas por toda a parte e mulheres que a servissem, umas do Egito, outras da Etiópia; mas a melhor jóia de todas, a melhor alcatifa, o melhor espelho és tu, dizia ela a Pha-Nohr.

Não faltaram também amigos nem amigas, por mais que quisessem viver reclusos. Entre os homens, havia dois mais particularmente aceitos a ambos, um velho letrado e um rapaz que andara por Babilônia e outras partes. Na conversação, era natural que Charmion e as amigas ouvissem com prazer as narrativas do moço. Pha-Nohr deleitava-se com as palestras do letrado.

Desde longos anos que este compunha um livro sobre as origens do Nilo; e, conquanto ninguém o tivesse lido, a opinião geral é que era admirável. Pha-Nohr quis ter a glória de ouvir-lhe algum trecho; o letrado levou-o à casa dele, um dia, aos primeiros raios do sol. Abria o livro por uma longa dissertação sobre a origem da terra e do céu; depois vinha outra sobre a origem das estações e dos ventos; outra sobre a origem dos ritos, dos oráculos e do sacerdócio. No fim de três horas, pararam, comeram alguma coisa e entraram na segunda parte, que tratava da origem da vida e da morte, matéria de tanta ponderação, que não acabou mais, porque a noite os tomou em meio. Pha-Nohr levantou-se desesperado.

— Amanhã continuaremos, disse o letrado; acabada esta parte, trato logo da origem dos homens, da origem dos reinos, da origem do Egito, da origem dos faraós, da minha própria origem, da origem das origens, e entramos na matéria particular do livro, que são as origens do Nilo, antecedendo-as, porém, das origens de todos os rios do universo. Mas que lhe parece o que li?

Pha-Nohr não pôde responder; saiu furioso. Na rua teve uma vertigem e caiu. Quando voltou a si, a lua clareava o caminho, ergueu-se a custo e foi para casa.

— Maroto! serpente! dizia ele. Se eu fosse rei, não me aborrecias mais de meia hora. Vã liberdade, que me condenas à escravidão!

E assim pensando, ia cheio de saudades de Mênfis, do poder que emprestara ao escriba e até dos homens que lhe falavam tremendo e aos quais fugira. Trocara tudo por nada... Aqui emendou-se. Charmion valia por tudo. Já lá iam meses que viviam juntos; os indiscretos é que lhe empanavam a felicidade. Murmurações de mulheres, disputas de homens eram realmente matéria estranha ao amor de ambos. Construiu novo plano de vida; deixariam aquela cidade, onde não podiam viver para si. Iriam para algum lugar pobre e de pouca gente. Para que luxo externo, amigos, conversações frívolas? E ele cantarolava, andando: “Bela Charmion, palmeira única, posta ao sol do Egito...”

Chegou à casa, correu ao aposento comum, para enxugar as lágrimas à bela Charmion. Não achou nada, nem a moça, nem as pedras preciosas, nem as jóias, túnicas, espelhos, muitas outras coisas de valia. Não achou sequer o moço viajante, que provavelmente, à força de falar de Babilônia, despertou na dama o desejo de irem visitá-la juntos...

Pha-Nohr chorou de raiva e de amor. Não dormiu; no dia seguinte indagou, mas ninguém sabia de nada. Vendeu os poucos móveis e tapetes que lhe ficaram, e foi para uma cidadezinha próxima, no mesmo distrito. Levava esperanças de encontrá-la. Estava abatido e lúgubre. Para ocupar o tempo e sarar do abalo, meteu-se a aprendiz de embalsamador. A morte me ajudará a suportar a vida, disse ele.

A casa era das mais célebres. Não embalsamava só os cadáveres das pessoas ricas, mas também os das menos abastadas e até da gente pobre. Como os preços de segunda e terceira classes eram os mesmos de outras partes, muitas famílias mandavam para ali os seus cadáveres, para que os embalsamassem com os das pessoas nobres. Pha-Nohr começou pela gente ínfima, cujo processo de embalsamamento era mais sumário. Notou logo que ele e os companheiros de classe eram vistos com desdém pelos embalsamadores da segunda classe; estes chegavam-se muito aos da primeira, mas os da primeira não faziam caso de uns nem de outros. Não se mortificou com isso. Sacar ou não os

intestinos do cadáver, ingerir-lhe óleo de cedro ou vinho de palma, mirra e canela, era diferença de operação e de preço. Outra coisa o mortificou deveras.

Tinha ido ali buscar uma oficina de melancolia e deu com um bazar de chufas e anedotas. Certamente havia respeito, quando entrava uma encomenda; o cadáver era recebido com muitas atenções, gestos graves, caras lúgubres. Logo, porém, que os parentes o deixavam, recomeçavam as alegrias. As mulheres, se faleciam moças e bonitas, eram longamente vistas e admiradas por todos. A biografia dos mortos conhecidos era feita ali mesmo, lembrando este um caso, aquele outro. Operavam os corpos, gracejando, falando cada um dos seus negócios, planos, idéias, puxando daqui e dali, como se cortam sapatos. Pha-Nohr compreendeu que o uso encruara naquela gente a piedade e a sensibilidade.

“Talvez eu mesmo acabe assim”, pensou ele.

Deixou o ofício, depois de esperar algum tempo a ver se entrava o cadáver da bela Charmion. Exerceu outros, foi barbeiro, bateleiro, caçador de aves aquáticas. Cansado, exausto, aborrecido, apertaram-lhe as saudades do trono; resolveu tornar a Mênfis e ocupá-lo.

Toda a cidade, logo que o viu, clamou que era chegado o escriba parecido com o faraó, que ali estivera tempos atrás; e faziam-se grupos na rua e uma grande multidão o seguiu até ao paço.

— Muito parecido! exclamavam de um lado e de outro.

— Sim? perguntava Pha-Nohr, sorrindo.

— A única diferença, explicou-lhe um velho, é que o faraó está muito gordo.

Pha-Nohr estremeceu. Correu-lhe um frio pela espinha. Muito gordo? Era então impossível a permuta das pessoas. Deteve-se alguns instantes; mas acudiu-lhe logo ir assim mesmo ao paço, e, destronando o escriba, descobrir o segredo. Para que encobri-lo mais?

Entrou; a corte esperava-o, em redor do faraó, e reconheceu logo que era impossível agora confundilos, à vista da diferença na grossura dos corpos; mas a cara, a fala, o gesto eram ainda os mesmos. Bachtan perguntou-lhe placidamente o que é que queria; Pha-Nohr sentiu-se rei e declarou-lhe que o trono.

— Sai daí, escriba, concluiu; o teu papel está acabado.

Bachtan riu-se para os outros, os outros riram-se e o paço estremeceu com a gargalhada universal. Pha-Nohr fechou as mãos e ameaçou a todos; mas a corte continuou a rir. Bachtan, porém, fez-se sério e declarou que esse homem sedicioso era um perigo para o Estado. Pha-Nohr foi ali mesmo preso, julgado e condenado à morte. Na manhã seguinte, cumpriu-se a sentença diante do faraó e grande multidão. Pha-Nohr morreu tranqüilo, rindo do escriba e de toda a gente, menos talvez de Charmion: “Bela Charmion, palmeira única, posta ao sol do Egito...” A multidão, logo que ele expirou, soltou uma formidável aclamação:

— Viva Pha-Nohr!

E Bachtan, sorrindo, agradeceu.

ANEXO F

O SEGREDO DE AUGUSTA

Machado de Assis

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, em 1870.

CAPÍTULO I

São onze horas da manhã. D. Augusta Vasconcelos está reclinada sobre um sofá, com um livro na mão. Adelaide, sua filha, passa os dedos pelo teclado do piano.

— Papai já acordou? pergunta Adelaide à sua mãe.

— Não, responde esta sem levantar os olhos do livro.

Adelaide levantou-se e foi ter com Augusta.

— Mas é tão tarde, mamãe, disse ela. São onze horas. Papai dorme muito.

Augusta deixou cair o livro no regaço, e disse olhando para Adelaide:

— É que naturalmente recolheu-se tarde.

— Reparei já que nunca me despeço de papai quando me vou deitar. Anda sempre fora.

Augusta sorriu.

— És uma roceira, disse ela; dormes com as galinhas. Aqui o costume é outro. Teu pai tem que fazer de noite.

— É política, mamãe? perguntou Adelaide.

— Não sei, respondeu Augusta.

Comecei dizendo que Adelaide era filha de Augusta, e esta informação, necessária no romance, não o era menos na vida real em que se passou o episódio que vou contar, porque à primeira vista ninguém diria que havia ali mãe e filha; pareciam duas irmãs, tão jovem era a mulher de Vasconcelos.

Tinha Augusta trinta anos e Adelaide quinze; mas comparativamente a mãe parecia mais moça ainda que a filha. Conservava a mesma frescura dos quinze anos, e tinha de mais o que faltava a Adelaide, que era a consciência da beleza e da mocidade; consciência que seria louvável se não tivesse como conseqüência uma imensa e profunda vaidade. A sua estatura era mediana, mas imponente. Era muito alva e muito corada. Tinha os cabelos castanhos, e os olhos garços. As mãos compridas e bem feitas pareciam criadas para os afagos de amor. Augusta dava melhor emprego às suas mãos; calçava-as de macia pelica.

As graças de Augusta estavam todas em Adelaide, mas em embrião. Adivinhava-se que aos vinte anos Adelaide devia rivalizar com Augusta; mas por enquanto havia na menina uns restos da infância que não davam realce aos elementos que a natureza pusera nela. Todavia, era bem capaz de apaixonar um homem, sobretudo se ele fosse poeta, e gostasse das virgens de quinze anos, até porque era um pouco pálida, e os poetas em todos os tempos tiveram sempre queda para as criaturas descoradas.

Augusta vestia com suprema elegância; gastava muito, é verdade; mas aproveitava bem as enormes despesas, se acaso é isso aproveitá-las. Deve-se fazer-lhe uma justiça; Augusta não regateava nunca; pagava o preço que lhe pediam por qualquer coisa. Punha nisso a sua grandeza, e achava que o procedimento contrário era ridículo e de baixa esfera.

Neste ponto Augusta partilhava os sentimentos e servia aos interesses de alguns mercadores, que entendem ser uma desonra abater alguma coisa no preço das suas mercadorias.

O fornecedor de fazendas de Augusta, quando falava a este respeito, costumava dizer-lhe:

— Pedir um preço e dar a fazenda por outro preço menor, é confessar que havia intenção de esbulhar o freguês.

O fornecedor preferia fazer a coisa sem a confissão. Outra justiça que devemos reconhecer era que Augusta não poupava esforços para que Adelaide fosse tão elegante como ela. Não era pequeno o trabalho.

Adelaide desde a idade de cinco anos fora educada na roça em casa de uns parentes de Augusta, mais dados ao cultivo do café que às despesas do vestuário. Adelaide foi educada nesses hábitos e nessas idéias. Por isso quando chegou à corte, onde se reuniu à família, houve para ela uma verdadeira transformação. Passava de uma civilização para outra; viveu numa longa série de anos. O que lhe valeu é que tinha em sua mãe uma excelente mestra. Adelaide reformou-se, e no dia em que começa esta narração já era outra; todavia estava ainda muito longe de Augusta.

No momento em que Augusta respondia à curiosa pergunta de sua filha acerca das ocupações de Vasconcelos, parou um carro à porta.

Adelaide correu à janela.

— É D. Carlota, mamãe, disse a menina voltando-se para dentro.

Daí a alguns minutos entrava na sala a D. Carlota em questão. Os leitores ficarão conhecendo esta nova personagem com a simples indicação de que era um segundo volume de Augusta; bela, como ela; elegante, como ela; vaidosa, como ela. Tudo isto quer dizer que eram ambas as mais afáveis inimigas que pode haver neste mundo.

Carlota vinha pedir a Augusta para ir cantar num concerto que ia dar em casa, imaginado por ela para o fim de inaugurar um magnífico vestido novo. Augusta de boa vontade acedeu ao pedido.

— Como está seu marido? perguntou ela a Carlota.

— Foi para a praça; e o seu?

— O meu dorme.

— Como um justo? perguntou Carlota sorrindo maliciosamente.

— Parece, respondeu Augusta.

Neste momento, Adelaide, que por pedido de Carlota tinha ido tocar um noturno ao piano, voltou para o grupo.

A amiga de Augusta perguntou-lhe:

— Aposto que já tem algum noivo em vista?

A menina corou muito, e balbuciou:

— Não fale nisso.

— Ora, há de ter! Ou então aproxima-se da época em que há de ter um noivo, e eu já lhe profetizo que há de ser bonito...

— É muito cedo, disse Augusta.

— Cedo!

— Sim, está muito criança; casar-se-á quando for tempo, e o tempo está longe...

— Já sei, disse Carlota rindo, quer prepará-la bem... Aprovo-lhe a intenção. Mas nesse caso não lhe tire as bonecas.

— Já não as tem.

— Então é difícil impedir os namorados. Uma coisa substitui a outra.

Augusta sorriu, e Carlota levantou-se para sair.

— Já? disse Augusta.

— É preciso; adeus!

— Adeus!

Trocaram-se alguns beijos e Carlota saiu logo.

Logo depois chegaram dois caixeiros: um com alguns vestidos e outro com um romance; eram encomendas feitas na véspera. Os vestidos eram caríssimos, e o romance tinha este título: *Fanny*, por Ernesto Feydeau.

CAPÍTULO II

Pela uma hora da tarde do mesmo dia levantou-se Vasconcelos da cama. Vasconcelos era um homem de quarenta anos, bem apessoado, dotado de um maravilhoso par de suíças grisalhas, que lhe davam um ar de diplomata, coisa de que estava afastado umas boas cem léguas. Tinha a cara risonha e expansiva; todo ele respirava uma robusta saúde. Possuía uma boa fortuna e não trabalhava, isto é, trabalhava muito na destruição da referida fortuna, obra em que sua mulher colaborava conscienciosamente.

A observação de Adelaide era verídica; Vasconcelos recolhia-se tarde; acordava sempre depois do meio-dia; e saía às ave-marias para voltar na madrugada seguinte. Quer dizer que fazia com regularidade algumas pequenas excursões à casa da família. Só uma pessoa tinha o direito de exigir de Vasconcelos mais alguma assiduidade em casa: era Augusta; mas ela nada lhe dizia. Nem por isso se davam mal, porque o marido em compensação da tolerância de sua esposa não lhe negava nada, e todos os caprichos dela eram de pronto satisfeitos.

Se acontecia que Vasconcelos não pudesse acompanhá-la a todos os passeios e bailes, incumbia-se disso um irmão dele, comendador de duas ordens, político de opposição, excelente jogador de voltarete, e homem amável nas horas vagas, que eram bem poucas. O irmão Lourenço era o que se pode chamar um irmão terrível. Obedecia a todos os desejos da cunhada, mas não poupava de quando em quando um sermão ao irmão. Boa semente que não pegava.

Acordou, pois, Vasconcelos, e acordou de bom humor. A filha alegrou-se muito ao vê-lo, e ele mostrou-se de uma grande afabilidade com a mulher, que lhe retribuiu do mesmo modo.

— Por que acorda tão tarde? perguntou Adelaide acariciando as suíças de Vasconcelos.

— Porque me deito tarde.

— Mas por que se deita tarde?

— Isso agora é muito perguntar! disse Vasconcelos sorrindo.

E continuou:

— Deito-me tarde porque assim o pedem as necessidades políticas. Tu não sabes o que é política; é uma coisa muito feia, mas muito necessária.

— Sei o que é política, sim! disse Adelaide.

— Ah! explica-me lá então o que é.

— Lá na roça, quando quebraram a cabeça ao juiz de paz, disseram que era por política; o que eu achei esquisito, porque a política seria não quebrar a cabeça...

Vasconcelos riu muito com a observação da filha, e foi almoçar, exatamente quando entrava o irmão, que não pôde deixar de exclamar:

— A boa hora almoças tu!

— Aí vens tu com as tuas reprimendas. Eu almoço quando tenho fome... Vê se me queres agora escravizar às horas e às denominações. Chama-lhe almoço ou *lunch*, a verdade é que estou comendo.

Lourenço respondeu com uma careta.

Terminado o almoço, anunciou-se a chegada do Sr. Batista. Vasconcelos foi recebê-lo no gabinete particular.

Batista era um rapaz de vinte e cinco anos; era o tipo acabado do pândego; excelente companheiro numa ceia de sociedade equívoca, nulo conviva numa sociedade honesta. Tinha chiste e certa inteligência, mas era preciso que estivesse em clima próprio para que se lhe desenvolvessem essas qualidades. No mais era bonito; tinha um lindo bigode; calçava botins do Campas, e vestia no mais apurado gosto; fumava tanto como um soldado e tão bem como um *lord*.

— Aposto que acordaste agora? disse Batista entrando no gabinete do Vasconcelos.

— Há três quartos de hora; almocei neste instante. Toma um charuto.

Batista aceitou o charuto, e estirou-se numa cadeira americana, enquanto Vasconcelos acendia um fósforo.

— Viste o Gomes? perguntou Vasconcelos.

— Vi-o ontem. Grande notícia; rompeu com a sociedade.

— Deveras?

— Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação, e que do Gomes que foi só ficará lembrança. Parece incrível, mas o rapaz fala com convicção.

— Não creio; aquilo é alguma caçoada que nos quer fazer. Que novidades há?

— Nada; isto é, tu é que deves saber alguma coisa.

— Eu, nada...

— Ora essa! não foste ontem ao Jardim?

— Fui, sim; houve uma ceia...

— De família, sim. Eu fui ao Alcazar. A que horas acabou a reunião?

— Às quatro da manhã...

Vasconcelos estendeu-se numa rede, e a conversa continuou por esse tom, até que um moleque veio dizer a Vasconcelos que estava na sala o Sr. Gomes.

— Eis o homem! disse Batista.

— Manda subir, ordenou Vasconcelos.

O moleque desceu para dar o recado; mas só um quarto de hora depois é que Gomes apareceu, por demorar-se algum tempo em baixo conversando com Augusta e Adelaide.

— Quem é vivo sempre aparece, disse Vasconcelos ao avistar o rapaz.

— Não me procuram..., disse ele.

— Perdão; eu já lá fui duas vezes, e disseram-me que havias saído.

— Só por grande fatalidade, porque eu quase nunca saio.

— Mas então estás completamente ermitão?

— Estou crisálida; vou reaparecer borboleta, disse Gomes sentando-se.

— Temos poesia... Guarda debaixo, Vasconcelos...

O novo personagem, o Gomes tão desejado e tão escondido, representava ter cerca de trinta anos. Ele, Vasconcelos e Batista eram a trindade do prazer e da dissipação, ligada por uma indissolúvel amizade. Quando Gomes, cerca de um mês antes, deixou de aparecer nos círculos do costume, todos repararam nisso, mas só Vasconcelos e Batista sentiram deveras. Todavia, não insistiram muito em arrancá-lo à solidão, somente pela consideração de que talvez houvesse nisso algum interesse do rapaz.

Gomes foi portanto recebido como um filho pródigo.

— Mas onde te meteste? que é isso de crisálida e de borboleta? Cuidas que eu sou do mangue?

— É o que lhes digo, meus amigos. Estou criando asas.

— Asas! disse Batista sufocando uma risada.

— Só se são asas de gavião para cair...

— Não, estou falando sério.

E com efeito Gomes apresentava um ar sério e convencido.

Vasconcelos e Batista olharam um para o outro.

— Pois se é verdade isso que dizes, explica-nos lá que asas são essas, e sobretudo para onde é que queres voar.

A estas palavras de Vasconcelos, acrescentou Batista:

— Sim, debes dar-nos uma explicação, e se nós que somos o teu conselho de família, acharmos que a explicação é boa, aprovamo-la; senão, ficas sem asas, e ficas sendo o que sempre foste...

— Apoiado, disse Vasconcelos.

— Pois é simples; estou criando asas de anjo, e quero voar para o céu do amor.

— Do amor! disseram os dois amigos de Gomes.

— É verdade, continuou Gomes. Que fui eu até hoje? Um verdadeiro estróina, um perfeito pândego, gastando às mãos largas a minha fortuna e o meu coração. Mas isto é bastante para encher a vida? Parece que não...

— Até aí concordo... isso não basta; é preciso que haja outra coisa; a diferença está na maneira de...

— É exato, disse Vasconcelos; é exato; é natural que vocês pensem de modo diverso, mas eu acho que tenho razão em dizer que sem o amor casto e puro a vida é um puro deserto.

Batista deu um pulo...

Vasconcelos fitou os olhos em Gomes:

— Aposto que vais casar? disse-lhe.

— Não sei se vou casar; sei que amo, e espero acabar por casar-me com a mulher a quem amo.

— Casar! exclamou Batista.

E soltou uma estridente gargalhada.

Mas Gomes falava tão seriamente, insistia com tanta gravidade naqueles projetos de regeneração, que os dois amigos acabaram por ouvi-lo com igual seriedade.

Gomes falava uma linguagem estranha, e inteiramente nova na boca de um rapaz que era o mais doido e ruidoso nos festins de Baco e de Citera.

— Assim, pois, deixas-nos? perguntou Vasconcelos.

— Eu? Sim e não; encontrar-me-ão nas salas; nos hotéis e nas casas equívocas, nunca mais.

— *De profundis*... cantarolou Batista.

— Mas, afinal de contas, disse Vasconcelos, onde está a tua Marion? Pode-se saber quem ela é?

— Não é Marion, é Virgínia... Pura simpatia ao princípio, depois afeição pronunciada, hoje paixão verdadeira. Lutei enquanto pude; mas abati as armas diante de uma força maior. O meu grande medo era não ter uma alma capaz de oferecer a essa gentil criatura. Pois tenho-a, e tão fogosa, e tão virgem como no tempo dos meus dezoito anos. Só o casto olhar de uma virgem poderia descobrir no meu lodo essa pérola divina. Renasço melhor do que era...

— Está claro, Vasconcelos, o rapaz está doido; mandemo-lo para a Praia Vermelha; e como pode ter algum acesso, eu vou-me embora...

Batista pegou no chapéu.

— Onde vais? disse-lhe Gomes.

— Tenho que fazer; mas logo aparecerei em tua casa; quero ver se ainda é tempo de arrancar-te a esse abismo.

E saiu.

CAPÍTULO III

Os dois ficaram sós.

— Então é certo que estás apaixonado?

— Estou. Eu bem sabia que vocês dificilmente acreditariam nisto; eu próprio não creio ainda, e contudo é verdade. Acabo por onde tu começaste. Será melhor ou pior? Eu creio que é melhor.

— Tens interesse em ocultar o nome da pessoa?

— Oculto-o por ora a todos, menos a ti.

— É uma prova de confiança...

Gomes sorriu.

— Não, disse ele, é uma condição *sine qua non*; antes de todos tu debes saber quem é a escolhida do meu coração; trata-se de tua filha.

— Adelaide? perguntou Vasconcelos espantado.

— Sim, tua filha.

A revelação de Gomes caiu como uma bomba. Vasconcelos nem por sombras suspeitava semelhante coisa.

— Este amor é da tua aprovação? perguntou-lhe Gomes.

Vasconcelos refletia, e depois de alguns minutos de silêncio, disse:

— O meu coração aprova a tua escolha; és meu amigo, estás apaixonado, e uma vez que ela te ame...

Gomes ia falar, mas Vasconcelos continuou sorrindo:

— Mas a sociedade?

— Que sociedade?

— A sociedade que nos tem em conta de libertinos, a ti e a mim, é natural que não aprove o meu ato.

— Já vejo que é uma recusa, disse Gomes entristecendo.

— Qual recusa, pateta! É uma objeção, que tu poderás destruir dizendo: a sociedade é uma grande caluniadora e uma famosa indiscreta. Minha filha é tua, com uma condição.

— Qual?

— A condição da reciprocidade. Ama-te ela?

— Não sei, respondeu Gomes.

— Mas desconfias...

— Não sei; sei que a amo e que daria a minha vida por ela, mas ignoro se sou correspondido.

— Hás de ser... Eu me incumbirei de apalpar o terreno. Daqui a dois dias dou-te a minha resposta. Ah! se ainda tenho de ver-te meu genro!

A resposta de Gomes foi cair-lhe nos braços. A cena já roçava pela comédia quando deram três horas. Gomes lembrou-se que tinha *rendez-vous* com um amigo; Vasconcelos lembrou-se que tinha de escrever algumas cartas.

Gomes saiu sem falar às senhoras.

Pelas quatro horas Vasconcelos dispunha-se a sair, quando vieram anunciar-lhe a visita do Sr. José Brito. Ao ouvir este nome o alegre Vasconcelos franziu o sobrolho.

Pouco depois entrava no gabinete o Sr. José Brito.

O Sr. José Brito era para Vasconcelos um verdadeiro fantasma, um eco do abismo, uma voz da realidade; era um credor.

— Não contava hoje com a sua visita, disse Vasconcelos.

— Admira, respondeu o Sr. José Brito com uma placidez de apunhalar, porque hoje são 21.

— Cuidei que eram 19, balbuciou Vasconcelos.

— Anteontem, sim; mas hoje são 21. Olhe, continuou o credor pegando no *Jornal do Comércio* que se achava numa cadeira: quinta-feira, 21.

— Vem buscar o dinheiro?

— Aqui está a letra, disse o Sr. José Brito tirando a carteira do bolso e um papel da carteira.

— Por que não veio mais cedo? perguntou Vasconcelos, procurando assim espaçar a questão principal.

— Vim às oito horas da manhã, respondeu o credor, estava dormindo; vim às nove, idem; vim às dez, idem; vim às onze, idem; vim ao meio-dia, idem. Quis vir à uma hora, mas tinha de mandar um homem para a cadeia, e não me foi possível acabar cedo. Às três jantei, e às quatro aqui estou.

Vasconcelos puxava o charuto a ver se lhe ocorria alguma idéia boa de escapar ao pagamento com que ele não contava.

Não achava nada; mas o próprio credor forneceu-lhe ensejo.

— Além de que, disse ele, a hora não importa nada, porque eu estava certo de que o senhor me vai pagar.

— Ah! disse Vasconcelos, é talvez um engano; eu não contava com o senhor hoje, e não arranji o dinheiro...

— Então, como há de ser? perguntou o credor com ingenuidade.

Vasconcelos sentiu entrar-lhe n'alma a esperança.

— Nada mais simples, disse; o senhor espera até amanhã...

— Amanhã quero assistir à penhora de um indivíduo que mandei processar por uma larga dívida; não posso...

— Perdão, eu levo-lhe o dinheiro à sua casa...

— Isso seria bom se os negócios comerciais se arranjassem assim. Se fôssemos dois amigos é natural que eu me contentasse com a sua promessa, e tudo acabaria amanhã; mas eu sou seu credor, e só tenho em vista salvar o meu interesse... Portanto, acho melhor pagar hoje...

Vasconcelos passou a mão pelos cabelos.

— Mas se eu não tenho! disse ele.

— É uma coisa que o deve incomodar muito, mas que a mim não me causa a menor impressão... isto é, deve causar-me alguma, porque o senhor está hoje em situação precária.

— Eu?

— É verdade; as suas casas da Rua da Imperatriz estão hipotecadas; a da Rua de S. Pedro foi vendida, e a importância já vai longe; os seus escravos têm ido a um e um, sem que o senhor o perceba, e as despesas que o senhor há pouco fez para montar uma casa a certa dama da sociedade equívoca são imensas. Eu sei tudo; sei mais do que o senhor...

Vasconcelos estava visivelmente aterrado. O credor dizia a verdade.

— Mas enfim, disse Vasconcelos, o que havemos de fazer?

— Uma coisa simples; duplicamos a dívida, e o senhor passa-me agora mesmo um depósito.

— Duplicar a dívida! Mas isto é um...

— Isto é uma tábuca de salvação; sou moderado. Vamos lá, aceite. Escreva-me aí o depósito, e rasga-se a letra.

Vasconcelos ainda quis fazer objeção; mas era impossível convencer o Sr. José Brito. Assinou o depósito de dezoito contos.

Quando o credor saiu, Vasconcelos entrou a meditar seriamente na sua vida. Até então gastara tanto e tão cegamente que não reparara no abismo que ele próprio cavara a seus pés. Veio porém adverti-lo a voz de um dos seus algozes. Vasconcelos refletiu, calculou, recapitulou as suas despesas e as suas obrigações, e viu que da fortuna que possuía tinha na realidade menos da quarta parte. Para viver como até ali vivera, aquilo era nada menos que a miséria. Que fazer em tal situação? Vasconcelos pegou no chapéu e saiu.

Vinha caindo a noite. Depois de andar algum tempo pelas ruas entregue às suas meditações, Vasconcelos entrou no Alcazar. Era um meio de distrair-se. Ali encontraria a sociedade do costume.

Batista veio ao encontro do amigo.

— Que cara é essa? disse-lhe.

— Não é nada, pisaram-me um calo, respondeu Vasconcelos, que não encontrava melhor resposta.

Mas um pedicuro que se achava perto de ambos ouviu o dito, e nunca mais perdeu de vista o infeliz Vasconcelos, a quem a coisa mais indiferente incomodava. O olhar persistente do pedicuro aborreceu-o tanto, que Vasconcelos saiu.

Entrou no Hotel de Milão, para jantar. Por mais preocupado que ele estivesse, a exigência do estômago não se demorou.

Ora, no meio do jantar lembrou-lhe aquilo que não devia ter-lhe saído da cabeça: o pedido de casamento feito nessa tarde por Gomes. Foi um raio de luz.

"Gomes é rico, pensou Vasconcelos; o meio de escapar a maiores desgostos é este; Gomes casa-se com Adelaide, e como é meu amigo não me negará o que eu precisar. Pela minha parte procurarei ganhar o perdido... Que boa fortuna foi aquela lembrança do casamento!"

Vasconcelos comeu alegremente; voltou depois ao Alcazar, onde alguns rapazes e *outras pessoas* fizeram esquecer completamente os seus infortúnios.

Às três horas da noite Vasconcelos entrava para casa com a tranqüilidade e regularidade do costume.

CAPÍTULO IV

No dia seguinte o primeiro cuidado de Vasconcelos foi consultar o coração de Adelaide. Queria porém fazê-lo na ausência de Augusta. Felizmente esta precisava de ir ver à Rua da Quitanda umas fazendas novas, e saiu com o cunhado, deixando a Vasconcelos toda a liberdade.

Como os leitores já sabem, Adelaide queria muito ao pai, e era capaz de fazer por ele tudo. Era, além disso, um excelente coração. Vasconcelos contava com essas duas forças.

- Vem cá, Adelaide, disse ele entrando na sala; sabes quantos anos tens?
- Tenho quinze.
- Sabes quantos anos tem tua mãe?
- Vinte e sete, não é?
- Tem trinta; quer dizer que tua mãe casou-se com quinze anos.

Vasconcelos parou, a fim de ver o efeito que produziam estas palavras; mas foi inútil a expectativa; Adelaide não compreendeu nada.

O pai continuou:

- Não pensaste no casamento?
- A menina corou muito, hesitou em falar, mas como o pai instasse, respondeu:
- Qual, papai! Eu não quero casar...
 - Não queres casar? É boa! por quê?
 - Porque não tenho vontade, e vivo bem aqui.
 - Mas tu podes casar e continuar a viver aqui...
 - Bem; mas não tenho vontade.
 - Anda lá... Amas alguém, confessa.
 - Não me pergunte isso, papai... eu não amo ninguém.
- A linguagem de Adelaide era tão sincera que Vasconcelos não podia duvidar.
- Ela fala a verdade, pensou ele; é inútil tentar por esse lado...
- Adelaide sentou-se ao pé dele, e disse:
- Portanto, meu paizinho, não falemos mais nisso...
 - Falemos, minha filha; tu és criança, não sabes calcular. Imagina que eu e a tua mãe morremos amanhã. Quem te há de amparar? Só um marido.
 - Mas se eu não gosto de ninguém...
 - Por ora; mas hás de vir a gostar se o noivo for um bonito rapaz, de bom coração... Eu já escolhi um que te ama muito, e a quem tu hás de amar.
- Adelaide estremeceu.
- Eu? disse ela, Mas... quem é?

- É o Gomes.
- Não o amo, meu pai...
- Agora, creio; mas não negas que ele é digno de ser amado. Dentro de dois meses está apaixonada por ele.

Adelaide não disse palavra. Curvou a cabeça e começou a torcer nos dedos uma das tranças bastas e negras. O seio arfava-lhe com força; a menina tinha os olhos cravados no tapete.

— Vamos, está decidido, não? perguntou Vasconcelos.

— Mas, papai, e se eu for infeliz?...

— Isso é impossível, minha filha; hás de ser muito feliz; e hás de amar muito a teu marido.

— Oh! papai, disse-lhe Adelaide com os olhos rasos de água, peço-lhe que não me case ainda...

— Adelaide, o primeiro dever de uma filha é obedecer a seu pai, e eu sou teu pai. Quero que te cases com o Gomes; hás de casar.

Estas palavras, para terem todo o efeito, deviam ser seguidas de uma retirada rápida. Vasconcelos compreendeu isso, e saiu da sala deixando Adelaide na maior desolação.

Adelaide não amava ninguém. A sua recusa não tinha por ponto de partida nenhum outro amor; também não era resultado de aversão que tivesse pelo seu pretendente. A menina sentia simplesmente uma total indiferença pelo rapaz. Nestas condições o casamento não deixava de ser uma odiosa imposição. Mas que faria Adelaide? a quem recorreria? Recorreu às lágrimas.

Quanto a Vasconcelos, subiu ao gabinete e escreveu as seguintes linhas ao futuro genro:

Tudo caminha bem; autorizo-te a vires fazer a corte à pequena, e espero que dentro de dois meses o casamento esteja concluído.

Fechou a carta e mandou-a. Pouco depois voltaram de fora Augusta e Lourenço. Enquanto Augusta subiu para o quarto da *toilette* para mudar de roupa, Lourenço foi ter com Adelaide, que estava no jardim. Reparou que ela tinha os olhos vermelhos, e inquiriu a causa; mas a moça negou que fosse de chorar.

Lourenço não acreditou nas palavras da sobrinha, e instou com ela para que lhe contasse o que havia.

Adelaide tinha grande confiança no tio, até por causa da sua rudeza de maneiras. No fim de alguns minutos de instâncias, Adelaide contou a Lourenço a cena com o pai.

— Então, é por isso que estás chorando, pequena?

— Pois então? Como fugir ao casamento?

— Descansa, não te casarás; eu te prometo que não te hás de casar...

A moça sentiu um estremecimento de alegria.

— Promete, meu tio, que há de convencer a papai?

— Hei de vencê-lo ou convencê-lo, não importa; tu não te hás de casar. Teu pai é um tolo.

Lourenço subiu ao gabinete de Vasconcelos, exatamente no momento em que este se dispunha a sair.

— Vais sair? perguntou-lhe Lourenço.

— Vou.

— Preciso falar-te.

Lourenço sentou-se, e Vasconcelos, que já tinha o chapéu na cabeça, esperou de pé que ele falasse.

— Senta-te, disse Lourenço.

Vasconcelos sentou-se.

— Há dezesseis anos...

— Começas de muito longe; vê se abrevias uma meia dúzia de anos, sem o que não prometo ouvir o que me vais dizer.

— Há dezesseis anos, continuou Lourenço, que és casado; mas a diferença entre o primeiro dia e o dia de hoje é grande.

— Naturalmente, disse Vasconcelos. *Tempora mutantur et...*

— Naquele tempo, continuou Lourenço, dizias que encontraras o paraíso, o verdadeiro paraíso, e foste durante dois ou três anos o modelo dos maridos. Depois mudaste completamente; e o paraíso tornar-

se-ia verdadeiro inferno se tua mulher não fosse tão indiferente e fria como é, evitando assim as mais terríveis cenas domésticas.

— Mas, Lourenço, que tens com isso?

— Nada; nem é disso que vou falar-te. O que me interessa é que não sacrifiques tua filha por um capricho, entregando-a a um dos teus companheiros de vida solta...

Vasconcelos levantou-se:

— Estás doido! disse ele.

— Estou calmo, e dou-te o prudente conselho de não sacrificares tua filha a um libertino.

— Gomes não é libertino; teve uma vida de rapaz, é verdade, mas gosta de Adelaide, e reformou-se completamente. É um bom casamento, e por isso acho que todos devemos aceitá-lo. É a minha vontade, e nesta casa quem manda sou eu.

Lourenço procurou falar ainda, mas Vasconcelos já ia longe.

"Que fazer?" pensou Lourenço.

CAPÍTULO V

A oposição de Lourenço não causava grande impressão a Vasconcelos. Ele podia, é verdade, sugerir à sobrinha idéias de resistência; mas Adelaide, que era um espírito fraco, cederia ao último que lhe falasse, e os conselhos de um dia seriam vencidos pela imposição do dia seguinte.

Todavia era conveniente obter o apoio de Augusta. Vasconcelos pensou em tratar disso o mais cedo que lhe fosse possível. Entretanto, urgia organizar os seus negócios, e Vasconcelos procurou um advogado a quem entregou todos os papéis e informações, encarregando-o de orientá-lo em todas as necessidades da situação, quais os meios que poderia opor em qualquer caso de reclamação por dívida ou hipoteca. Nada disto fazia supor da parte de Vasconcelos uma reforma de costumes. Preparava-se apenas para continuar a vida anterior.

Dois dias depois da conversa com o irmão, Vasconcelos procurou Augusta, para tratar francamente do casamento de Adelaide. Já nesse intervalo o futuro noivo, obedecendo ao conselho de Vasconcelos, fazia corte prévia à filha. Era possível que, se o casamento não lhe fosse imposto, Adelaide acabasse por gostar do rapaz. Gomes era um homem belo e elegante; e, além disso, conhecia todos os recursos de que se deve usar para impressionar uma mulher.

Teria Augusta notado a presença assídua do moço? Vasconcelos fazia essa pergunta ao seu espírito no momento em que entrava na *toilette* da mulher.

— Vais sair? perguntou ele.

— Não; tenho visitas.

— Ah! quem?

— A mulher do Seabra, disse ela.

Vasconcelos sentou-se, e procurou um meio de encabeçar a conversa especial que ali o levava.

— Estás muito bonita hoje!

— Deveras? disse ela sorrindo. Pois estou hoje como sempre, e é singular que o digas hoje...

— Não; realmente hoje estás mais bonita do que costumavas, a ponto que sou capaz de ter ciúmes...

— Qual! disse Augusta com um sorriso irônico.

Vasconcelos coçou a cabeça, tirou o relógio, deu-lhe corda; depois entrou a puxar as barbas, pegou numa folha, leu dois ou três anúncios, atirou a folha ao chão, e afinal, depois de um silêncio já prolongado, Vasconcelos achou melhor atacar a praça de frente.

— Tenho pensado ultimamente em Adelaide, disse ele.

— Ah! por quê?

— Está moça...

— Moça! exclamou Augusta, é uma criança...

— Está mais velha do que tu quando te casaste...

Augusta franziu ligeiramente a testa.

— Mas então... disse ela.

— Então é que desejo fazê-la feliz e feliz pelo casamento. Um rapaz, digno dela a todos os respeitos, pediu-ma há dias, e eu disse-lhe que sim. Em sabendo quem é, aprovarás a escolha; é o Gomes. Casamo-la, não?

— Não! respondeu Augusta.

— Como, não?

— Adelaide é uma criança; não tem juízo nem idade própria... Casar-se-á quando for tempo.

— Quando for tempo? Estás certa se o noivo esperará até que seja tempo?

— Paciência, disse Augusta.

— Tens alguma coisa que notar no Gomes?

— Nada. É um moço distinto; mas não convém a Adelaide.

Vasconcelos hesitava em continuar; parecia-lhe que nada se podia arranjar; mas a idéia da fortuna deu-lhe forças, e ele perguntou:

— Por quê?

— Estás certo de que ele convenha a Adelaide? perguntou Augusta, eludindo a pergunta do marido.

— Afirmo que convém.

— Convenha ou não, a pequena não deve casar já.

— E se ela amasse?...

— Que importa isso? esperaria!

— Entretanto, Augusta, não podemos prescindir deste casamento... É uma necessidade fatal.

— Fatal? não compreendo.

— Vou explicar-me. O Gomes tem uma boa fortuna.

— Também nós temos uma...

— É o teu engano, interrompeu Vasconcelos.

— Como assim?

Vasconcelos continuou:

— Mais tarde ou mais cedo havias de sabê-lo, e eu estimo ter esta ocasião de dizer-te toda a verdade. A verdade é que, se não estamos pobres, estamos arruinados.

Augusta ouviu estas palavras com os olhos espantados. Quando ele acabou, disse:

— Não é possível!

— Infelizmente é verdade!

Seguiu-se algum tempo de silêncio. “Tudo está arranjado”, pensou Vasconcelos.

Augusta rompeu o silêncio.

— Mas, disse ela, se a nossa fortuna está abalada, creio que o senhor tem coisa melhor para fazer do que estar conversando; é reconstruí-la.

Vasconcelos fez com a cabeça um movimento de espanto, e como se fosse aquilo uma pergunta, Augusta apressou-se a responder:

— Não se admire disto; creio que o seu dever é reconstruir a fortuna.

— Não me admira esse dever; admira-me que mo lembres por esse modo. Dir-se-ia que a culpa é minha...

- Bom! disse Augusta, vais dizer que fui eu...
- A culpa, se culpa há, é de nós ambos.
- Por quê? é também minha?
- Também. As tuas despesas loucas contribuíram em grande parte para este resultado; eu nada te recusei nem recuso, e é nisso que sou culpado. Se é isso que me lanças em rosto, aceito.

Augusta levantou os ombros com um gesto de despeito; e deitou a Vasconcelos um olhar de tamanho desdém que bastaria para intentar uma ação de divórcio. Vasconcelos viu o movimento e o olhar.

— O amor do luxo e do supérfluo, disse ele, há de sempre produzir estas conseqüências. São terríveis, mas explicáveis. Para conjurá-las era preciso viver com moderação. Nunca pensaste nisso. No fim de seis meses de casada entraste a viver no turbilhão da moda, e o pequeno regato das despesas tornou-se um rio imenso de desperdícios. Sabes o que me disse uma vez meu irmão? Disse-me que a idéia de mandar Adelaide para a roça foi-te sugerida pela necessidade de viver sem cuidados de natureza alguma.

Augusta tinha-se levantado, e deu alguns passos; estava trêmula e pálida. Vasconcelos ia por diante nas suas recriminações, quando a mulher o interrompeu, dizendo:

- Mas por que motivo não impediu o senhor essas despesas que eu fazia?
- Queria a paz doméstica.
- Não! clamou ela; o senhor queria ter por sua parte uma vida livre e independente; vendo que eu me entregava a essas despesas imaginou comprar a minha tolerância com a sua tolerância. Eis o único motivo; a sua vida não será igual à minha; mas é pior... Se eu fazia despesas em casa o senhor as fazia na rua... É inútil negar, porque eu sei tudo; conheço, de nome, as rivais que sucessivamente o senhor me deu, e nunca lhe disse uma única palavra, nem agora lho censuro, porque seria inútil e tarde.

A situação tinha mudado. Vasconcelos começara constituindo-se juiz, e passara a ser co-réu. Negar era impossível; discutir era arriscado e inútil. Preferiu sofismar.

- Dado que fosse assim (e eu não discuto esse ponto), em todo caso a culpa será de nós ambos, e não vejo razão para que ma lances em rosto. Devo reparar a fortuna, concordo; há um meio, e é este: o casamento de Adelaide com o Gomes.
- Não! disse Augusta.
- Bem; seremos pobres, ficaremos piores do que estamos agora; venderemos tudo...
- Perdão, disse Augusta, eu não sei por que razão não há de o senhor, que é forte, e tem a maior parte no desastre, empregar esforços para a reconstrução da fortuna destruída.
- É trabalho longo; e daqui até lá a vida continua e gasta-se. O meio, já lho disse, é este: casar Adelaide com o Gomes.
- Não quero! disse Augusta, não consinto em semelhante casamento.

Vasconcelos ia responder, mas Augusta, logo depois de proferir estas palavras, tinha saído precipitadamente do gabinete. Vasconcelos saiu alguns minutos depois.

CAPÍTULO VI

Lourenço não teve conhecimento da cena entre o irmão e a cunhada, e depois da teima de Vasconcelos resolveu nada mais dizer; entretanto, como queria muito à sobrinha, e não queria vê-la entregue a um homem de costumes que ele reprovava, Lourenço esperou que a situação tomasse caráter mais decisivo para assumir mais ativo papel.

Mas, a fim de não perder tempo, e poder usar alguma arma poderosa, Lourenço tratou de instaurar uma pesquisa mediante a qual pudesse colher informações minuciosas acerca de Gomes. Este cuidava que o casamento era coisa decidida, e não perdia um só dia na conquista de Adelaide. Notou, porém,

que Augusta tornava-se mais fria e indiferente, sem causa que ele conhecesse, e entrou-lhe no espírito a suspeita de que viesse dali alguma oposição.

Quanto a Vasconcelos, desanimado pela cena da *toilette*, esperou melhores dias, e contou sobretudo com o império da necessidade. Um dia, porém, exatamente quarenta e oito horas depois da grande discussão com Augusta, Vasconcelos fez dentro de si esta pergunta:

"Augusta recusa a mão de Adelaide para o Gomes; por quê?"

De pergunta em pergunta, de dedução em dedução, abriu-se no espírito de Vasconcelos campo para uma suspeita dolorosa. "Amá-lo-á ela?" perguntou ele a si próprio.

Depois, como se o abismo atraísse o abismo, e uma suspeita reclamasse outra, Vasconcelos perguntou:

— Ter-se-iam eles amado algum tempo?

Pela primeira vez, Vasconcelos sentiu morder-lhe no coração a serpe do ciúme. Do ciúme digo eu, por eufemismo; não sei se aquilo era ciúme; era amor-próprio ofendido. As suspeitas de Vasconcelos teriam razão?

Devo dizer a verdade: não tinham. Augusta era vaidosa, mas era fiel ao infiel marido; e isso por dois motivos: um de consciência, outro de temperamento. Ainda que ela não estivesse convencida do seu dever de esposa, é certo que nunca trairia o juramento conjugal. Não era feita para as paixões, a não ser as paixões ridículas que a vaidade impõe. Ela amava antes de tudo a sua própria beleza; o seu melhor amigo era o que dissesse que ela era mais bela entre as mulheres; mas se lhe dava a sua amizade, não lhe daria nunca o coração; isso a salvava.

A verdade é esta; mas quem o diria a Vasconcelos? Uma vez suspeito de que a sua honra estava afetada, Vasconcelos começou a recapitular toda a sua vida. Gomes freqüentava a sua casa há seis anos, e tinha nela plena liberdade. A traição era fácil. Vasconcelos entrou a recordar as palavras, os gestos, os olhares, tudo que antes lhe foi indiferente, e que naquele momento tomava um caráter suspeito.

Dois dias andou Vasconcelos cheio deste pensamento. Não saía de casa. Quando Gomes chegava, Vasconcelos observava a mulher com desusada persistência; a própria frieza com que ela recebia o rapaz era aos olhos do marido uma prova do delito. Estava nisto, quando na manhã do terceiro dia (Vasconcelos já se levantava cedo) entrou-lhe no gabinete o irmão, sempre com ar selvagem do costume. A presença de Lourenço inspirou a Vasconcelos a idéia de contar-lhe tudo.

Lourenço era um homem de bom senso, e em caso de necessidade era um apoio. O irmão ouviu tudo quanto Vasconcelos contou, e concluindo este, rompeu o seu silêncio com estas palavras:

— Tudo isso é uma tolice; se tua mulher recusa o casamento, será por qualquer outro motivo que não esse.

— Mas é o casamento com o Gomes que ela recusa.

— Sim, porque lhe falaste no Gomes; fala-lhe em outro, talvez recuse do mesmo modo. Há de haver outro motivo; talvez Adelaide lhe contasse, talvez lhe pedisse para opor-se, porque tua filha não ama o rapaz, e não pode casar com ele.

— Não casará.

— Não só por isso, mas até porque...

— Acaba.

— Até porque este casamento é uma especulação do Gomes.

— Uma especulação? perguntou Vasconcelos.

- Igual à tua, disse Lourenço. Tu dás-lhe a filha com os olhos na fortuna dele; ele aceita-a com os olhos na tua fortuna...
- Mas ele possui...
- Não possui nada; está arruinado como tu. Indaguei e soube da verdade. Quer naturalmente continuar a mesma vida dissipada que teve até hoje, e a tua fortuna é um meio...
- Estás certo disso?
- Certíssimo!...

Vasconcelos ficou aterrado. No meio de todas as suspeitas, ainda lhe restava a esperança de ver a sua honra salva, e realizado aquele negócio que lhe daria uma excelente situação.

Mas a revelação de Lourenço matou-o.

- Se queres uma prova, manda chamá-lo, e dize-lhe que estás pobre, e por isso lhe recusas a filha; observa-o bem, e verás o efeito que as tuas palavras lhe hão de produzir.

Não foi preciso mandar chamar o pretendente. Daí a uma hora apresentou-se ele em casa de Vasconcelos. Vasconcelos mandou-o subir ao gabinete.

CAPÍTULO VII

Logo depois dos primeiros cumprimentos Vasconcelos disse:

- Ia mandar chamar-te.
- Ah! para quê? perguntou Gomes.
- Para conversarmos acerca do... casamento.
- Ah! há algum obstáculo?
- Conversemos.
- Gomes tornou-se mais sério; entrevia alguma dificuldade grande.
- Vasconcelos tomou a palavra.
- Há circunstâncias, disse ele, que devem ser bem definidas, para que se possa compreender bem...
- É a minha opinião.
- Amas minha filha?
- Quantas vezes queres que to diga?
- O teu amor está acima de todas as circunstâncias?...
- De todas, salvo aquelas que entenderem com a felicidade dela.
- Devemos ser francos; além de amigo que sempre foste, és agora quase meu filho... A discrição entre nós seria indiscreta...
- Sem dúvida! respondeu Gomes.
- Vim a saber que os meus negócios param mal; as despesas que fiz alteraram profundamente a economia da minha vida, de modo que eu não te minto dizendo que estou pobre.
- Gomes reprimiu uma careta.

- Adelaide, continuou Vasconcelos, não tem fortuna, não terá mesmo dote; é apenas uma mulher que eu te dou. O que te afianço é que é um anjo, e que há de ser excelente esposa.

Vasconcelos calou-se, e o seu olhar cravado no rapaz parecia querer arrancar-lhe das feições as impressões da alma. Gomes devia responder; mas durante alguns minutos houve entre ambos um profundo silêncio.

Enfim o pretendente tomou a palavra.

- Aprecio, disse ele, a tua franqueza, e usarei de franqueza igual.
- Não peço outra coisa...

— Não foi por certo o dinheiro que me inspirou este amor; creio que me farás a justiça de crer que eu estou acima dessas considerações. Além de que, no dia em que eu te pedi a querida do meu coração, acreditava estar rico.

— Acreditavas?

— Escuta. Só ontem é que o meu procurador me comunicou o estado dos meus negócios.

— Mau?

— Se fosse isso apenas! Mas imagina que há seis meses estou vivendo pelos esforços inauditos que o meu procurador fez para apurar algum dinheiro, pois que ele não tinha ânimo de dizer-me a verdade. Ontem soube tudo!

— Ah!

— Calcula qual é o desespero de um homem que acredita estar bem, e reconhece um dia que não tem nada!

— Imagino por mim!

— Entrei alegre aqui, porque a alegria que eu ainda tenho reside nesta casa; mas a verdade é que estou à beira de um abismo. A sorte castigou-nos a um tempo...

Depois desta narração, que Vasconcelos ouviu sem pestanejar, Gomes entrou no ponto mais difícil da questão.

— Aprecio a tua franqueza, e aceito a tua filha sem fortuna; também eu não tenho, mas ainda me restam forças para trabalhar.

— Aceitas?

— Escuta. Aceito D. Adelaide, mediante uma condição; é que ela queira esperar algum tempo, a fim de que eu comece a minha vida. Pretendo ir ao governo e pedir um lugar qualquer, se é que ainda me lembro do que aprendi na escola... Apenas tenha começado a vida, cá virei buscá-la. Queres?

— Se ela consentir, disse Vasconcelos abraçando esta tábua de salvação, é coisa decidida.

Gomes continuou:

— Bem, falarás nisso amanhã, e mandar-me-ás resposta. Ah! se eu tivesse ainda a minha fortuna! Era agora que eu queria provar-te a minha estima!

— Bem, ficamos nisto.

— Espero a tua resposta.

E despediram-se.

Vasconcelos ficou fazendo esta reflexão: "De tudo quanto ele disse só acredito que já não tem nada. Mas é inútil esperar: duro com duro não faz bom muro."

Pela sua parte Gomes desceu a escada dizendo consigo: "O que acho singular é que estando pobre viesse dizer-mo assim tão antecipadamente quando eu estava caído. Mas esperarás de balde: duas metades de cavalo não fazem um cavalo."

Vasconcelos desceu. A sua intenção era comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente. Uma coisa, porém, o embaraçava: era a insistência de Augusta em não consentir no casamento de Adelaide, sem dar nenhuma razão da recusa. Ia pensando nisto, quando, ao atravessar a sala de espera, ouviu vozes na sala de visitas.

Era Augusta que conversava com Carlota.

Ia entrar quando estas palavras lhe chegaram ao ouvido:

— Mas Adelaide é muito criança.

Era a voz de Augusta.

— Criança! disse Carlota.

— Sim; não está em idade de casar.

— Mas eu no teu caso não punha embargos ao casamento, ainda que fosse daqui a alguns meses, porque o Gomes não me parece mau rapaz...

— Não é; mas enfim eu não quero que Adelaide se case.

Vasconcelos colou o ouvido à fechadura, e temia perder uma só palavra do diálogo.

— O que eu não compreendo, disse Carlota, é a tua insistência. Mais tarde ou mais cedo Adelaide há de vir a casar-se.

— Oh! o mais tarde possível, disse Augusta.

Houve um silêncio.

Vasconcelos estava impaciente.

— Ah! continuou Augusta, se soubesses o terror que me dá a idéa do casamento de Adelaide...

— Por que, meu Deus?

— Por que, Carlota? Tu pensas em tudo, menos numa coisa. Eu tenho medo por causa dos filhos dela que serão meus netos! A idéa de ser avó é horrível, Carlota.

Vasconcelos respirou, e abriu a porta.

— Ah! disse Augusta.

Vasconcelos cumprimentou Carlota, e apenas esta saiu, voltou-se para a mulher, e disse:

— Ouvei a tua conversa com aquela mulher...

— Não era segredo; mas... que ouviste?

Vasconcelos respondeu sorrindo:

— Ouvei a causa dos teus terrores. Não cuidei nunca que o amor da própria beleza pudesse levar a tamanho egoísmo. O casamento com o Gomes não se realiza; mas se Adelaide amar alguém, não sei como lhe recusaremos o nosso consentimento...

— Até lá... esperemos, respondeu Augusta.

A conversa parou nisto; porque aqueles dois consortes distanciavam-se muito; um tinha a cabeça nos prazeres ruidosos da mocidade, ao passo que a outra meditava exclusivamente em si.

No dia seguinte Gomes recebeu uma carta de Vasconcelos concebida nestes termos:

Meu Gomes.

Ocorre uma circunstância inesperada; é que Adelaide não quer casar. Gastei a minha lógica, mas não alcancei convencê-la.

Teu Vasconcelos.

Gomes dobrou a carta e acendeu com ela um charuto, e começou a fumar fazendo esta reflexão profunda: "Onde acharei eu uma herdeira que me queira por marido?"

Se alguém souber avise-o em tempo.

Depois do que acabamos de contar, Vasconcelos e Gomes encontram-se às vezes na rua ou no Alcazar; conversam, fumam, dão o braço um ao outro, exatamente como dois amigos, que nunca foram, ou como dois velhacos que são.

ANEXO G

VIDROS QUEBRADOS

Machado de Assis

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente em *Gazeta Literária*, em 15/10/1883.

— Homem, cá para mim isto de casamentos são coisas talhadas no céu. É o que diz o povo, e diz bem. Não há acordo nem conveniência nem nada que faça um casamento, quando Deus não quer...

— Um casamento bom, emendou um dos interlocutores.

— Bom ou mau, insistiu o orador. Desde que é casamento é obra de Deus. Tenho em mim mesmo a prova. Se querem, conto-lhes... Ainda é cedo para o voltarete. Eu estou abarrotado...

Venâncio é o nome deste cavalheiro. Está abarrotado, porque ele e três amigos acabavam de jantar. As senhoras foram para a sala conversar do casamento de uma vizinha, moça teimosa como trinta diabos, que recusou todos os noivos que o pai lhe deu, e acabou desposando um namorado de cinco anos, escriturário no Tesouro. Foi à sobremesa que este negócio começou a ser objeto de palestra. Terminado o jantar, a companhia bifurcou-se; elas foram para a sala, eles para um gabinete, onde os esperava o voltarete habitual. Aí o Venâncio enunciou o princípio da origem divina dos matrimônios, princípio que o Leal, sócio da firma Leal & Cunha, corrigiu e limitou aos matrimônios bons. Os maus, segundo ele explicou daí a pouco, eram obra do diabo.

— Vou dar-lhes a prova, continuou o Venâncio, desabotoando o colete e encostando o braço no peitoril da janela que abria para o jardim. Foi no tempo da Campestre... Ah! os bailes da Campestre! Tinha eu então vinte e dois anos. Namorei-me ali de uma moça de vinte, linda como o sol, filha da viúva Faria. A própria viúva, apesar dos cinquenta feitos, ainda mostrava o que tinha sido. Vocês podem imaginar se me atirei ou não ao namoro...

— Com a mãe?

— Adeus! Se dizem tolices, calo-me. Atirei-me à filha; começamos o namoro logo na primeira noite; continuamos, correspondemo-nos; enfim, estávamos ali, estávamos apaixonados, em menos de quatro meses. Escrevi-lhe pedindo licença para falar à mãe; e, com efeito, dirigi uma carta à viúva, expondo os meus sentimentos, e dizendo que seria uma grande honra, se me admitisse na família. Respondeu-me oito dias depois que Cecília não podia casar tão cedo, mas que, ainda podendo, ela tinha outros projetos, e por isso sentia muito, e pedia-me desculpa. Imaginem como fiquei! Moço ainda, sangue na guelra, e demais apaixonado, quis ir à casa da viúva, fazer uma estralada, arrancar a moça, e fugir com ela. Afinal, sosseguei e escrevi a Cecília perguntando se consentia que a tirasse por justiça. Cecília respondeu-me que era bom ver primeiro se a mãe voltava atrás; não queria dar-lhe desgostos, mas jurava-me pela luz que a estava alumando, que seria minha e só minha...

Fiquei contente com a carta, e continuamos a correspondência. A viúva, certa da paixão da filha, fez o diabo. Começou por não ir mais à Campestre; trancou as janelas, não ia a parte nenhuma; mas nós escrevíamos um ao outro, e isso bastava. No fim de algum tempo, arranjei meio de vê-la, à noite, no quintal da casa. Pulava o muro de uma chácara vizinha, ajudado por uma boa preta da casa. A primeira coisa que a preta fazia era prender o cachorro; depois, dava-me o sinal, e ficava de vigia. Uma noite, porém, o cachorro soltou-se e veio a mim. A viúva acordou com o barulho, foi à janela dos fundos, e viu-me saltar o muro, fugindo. Supôs naturalmente que era um ladrão; mas no dia seguinte, começou a desconfiar do caso, meteu a escrava em confissão, e o demônio da negra pôs tudo em pratos limpos. A viúva partiu para a filha:

— Cabeça de vento! peste! isto são coisas que se façam? foi isto que te ensinei? Deixa estar; tu me pagas, tão duro como osso! Peste! peste!

A preta apanhou uma sova que não lhes digo nada: ficou em sangue. Que a tal mulherzinha era das arábias! Mandou chamar o irmão, que morava na Tijuca, um José Soares, que era então comandante do 6º batalhão da Guarda Nacional; mandou-o chamar, contou-lhe tudo, e pediu-lhe conselho. O irmão respondeu que o melhor era casar Cecília sem demora; mas a viúva observou que, antes de aparecer noivo, tinha medo que eu fizesse alguma, e por isso tencionava retirá-la de casa, e mandá-la para o convento da Ajuda; dava-se com as mães principais...

Três dias depois, Cecília foi convidada pela mãe a aprontar-se, porque iam passar duas semanas na Tijuca. Ela acreditou, e mandou-me dizer tudo pela mesma preta, a quem eu jurei que daria a liberdade, se chegasse a casar com a sinhá-moça. Vestiu-se, pôs a roupa necessária no baú, e entraram no carro que as esperava. Mal se passaram cinco minutos, a mãe revelou tudo à filha; não ia levá-la para a Tijuca, mas para o convento, de onde sairia quando fosse tempo de casar. Cecília ficou desesperada. Chorou de raiva, bateu o pé, gritou, quebrou os vidros do carro, fez uma algazarra de mil diabos. Era um escândalo nas ruas por onde o carro ia passando. A mãe já lhe pedia pelo amor de Deus que sossegasse; mas era inútil. Cecília bradava, jurava que era asneira arranjar noivos e conventos; e ameaçava a mãe, dava socos em si mesma... Podem imaginar o que seria.

Quando soube disto não fiquei menos desesperado. Mas, refletindo bem compreendi que a situação era melhor; Cecília não teria mais contemplação com a mãe, e eu podia tirá-la por justiça. Compreendi também que era negócio que não podia esfriar. Obtive o consentimento dela, e tratei dos papéis. Falei primeiro ao Desembargador João Regadas, pessoa muito de bem, e que me conhecia desde pequeno. Combinamos que a moça seria depositada na casa dele. Cecília era agora a mais apressada; tinha medo que a mãe a fosse buscar, com um noivo de encomenda; andava aterrada, pensava em mordças, cordas... Queria sair quanto antes.

Tudo correu bem. Vocês não imaginam o furor da viúva, quando as freiras lhe mandaram dizer que Cecília tinha sido tirada por justiça. Correu à casa do desembargador, exigiu a filha, por bem ou por mal; era sua, ninguém tinha o direito de lhe botar a mão. A mulher do desembargador foi que a recebeu, e não sabia que dizer; o marido não estava em casa. Felizmente, chegaram os filhos, o Alberto, casado de dois meses, e o Jaime, viúvo, ambos advogados, que lhe fizeram ver a realidade das coisas; disseram-lhe que era tempo perdido, e que o melhor era consentir no casamento, e não armar escândalo. Fizeram-me boas ausências; tanto eles como a mãe afirmaram-lhe que eu, se não tinha posição nem família, era um rapaz sério e de futuro. Cecília foi chamada à sala, e não fraqueou: declarou que, ainda que o céu lhe caísse em cima, não cedia nada. A mãe saiu como uma cobra.

Marcamos o dia do casamento. Meu pai, que estava então em Santos, deu-me por carta o seu consentimento, mas acrescentou que, antes de casar, fosse vê-lo; podia ser até que ele viesse comigo. Fui a Santos. Meu pai era um bom velho, muito amigo dos filhos, e muito sisudo também. No dia seguinte ao da minha chegada, fez-me um longo interrogatório acerca da família da noiva. Depois confessou que desaprovava o meu procedimento.

— Andaste mal, Venâncio; nunca se deve desgostar uma mãe...

— Mas se ela não queria?

— Havia de querer, se fosses com bons modos e alguns empenhos. Devias falar a pessoa de tua amizade e da amizade da família. Esse mesmo desembargador podia fazer muito. O que acontece é que vais casar contra a vontade da tua sogra, separas a mãe da filha, e ensinaste a tua mulher a desobedecer. Enfim, Deus te faça feliz. Ela é bonita?

— Muito bonita.

— Tanto melhor.

Pedi-lhe que viesse comigo, para assistir ao casamento. Relutou, mas acabou cedendo; impôs só a condição de esperar um mês. Escrevi para a Corte, e esperei as quatro mais longas semanas da minha vida. Afinal chegou o dia, mas veio um desastre, que me atrapalhou tudo. Minha mãe deu uma queda, e feriu-se gravemente; sobreveio erisipela, febre, mais um mês de demora, e que demora! Não morreu, felizmente; logo que pôde viemos todos juntos para a Corte, e hospedamo-nos no Hotel Pharoux; por sinal que assistiram, no mesmo dia, que era o 25 de março, à parada das tropas no Largo do Paço.

Eu é que não me pude ter, corri a ver Cecília. Estava doente, recolhida ao quarto; foi a mulher do desembargador que me recebeu, mas tão fria que desconfiei. Voltei no dia seguinte, e a recepção foi ainda mais gelada. No terceiro dia, não pude mais e perguntei se Cecília teria feito as pazes com a mãe, e queria desfazer o casamento. Mastigou e não respondeu nada. De volta ao hotel, escrevi uma longa carta a Cecília; depois, rasguei-a, e escrevi outra, seca, mas suplicante, que me dissesse se de veras estava doente, ou se não queria mais casar. Responderam-me vocês? Assim me respondeu ela.

— Tinha feito as pazes com a mãe?

— Qual! Ia casar com o filho viúvo do desembargador, o tal que morava com o pai. Digam-me, se não é mesmo obra talhada no céu?

— Mas as lágrimas, os vidros quebrados?...

— Os vidros quebrados ficaram quebrados. Ela é que casou com o filho do depositário, daí a seis semanas... Realmente, se os casamentos não fossem talhados no céu, como se explicaria que uma moça, de casamento pronto, vendo pela primeira vez outro sujeito, casasse com ele, assim de pé para mão? É o que lhes digo. São coisas arranjadas por Deus. Mal comparado, é como no voltarete: eu tinha licença em paus, mas o filho do desembargador, que tinha outra em copas, preferiu e levou o bolo.

— É boa! Vamos à espadilha.

ANEXO H

ETERNO! Machado de Assis

Texto-fonte:

Obra Completa, de Machado de Assis, vol. II, RJ: Nova Aguilar, 1994.
Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1899.

— Não me expliques nada, disse eu entrando no quarto; é o negócio da baronesa.

Norberto enxugou os olhos e sentou-se na cama, com as pernas pendentes. Eu, cavalcando uma cadeira, pousei a barba no dorso, e proferi este breve discurso:

— Mas, meu pateta, quantas vezes queres que te diga que acabes com essa paixão ridícula e humilhante? Sim, senhor, humilhante e ridícula, porque ela não faz caso de ti; e demais, é arriscado. Não? Verás se o é, quando o barão desconfiar que lhe arrastas a asa à mulher. Olha que ele tem cara de maus bofes.

Norberto meteu as unhas na cabeça, desesperado. Tinha-me escrito cedo, pedindo que fosse confortá-lo e dar-lhe algum conselho; esperara-me na rua, até perto de uma hora da noite, defronte da casa de pensão em que eu morava; contava-me na carta que não dormira, que recebera um golpe terrível, falava em atirar-se ao mar. Eu, apesar de outro golpe que também recebera, acudi ao meu pobre Norberto. Éramos da mesma idade, estudávamos medicina, com a diferença que eu repetia o terceiro ano, que perdera, por vadio. Norberto vivia com os pais; não me cabendo igual fortuna, por havê-los perdido, vivia de uma mesada que me dava um tio da Bahia e das dívidas que o bom velho pagava semestralmente. Pagava-as, e escrevia-me logo uma porção de coisas amargas, concluindo sempre que, pelo menos, fosse estudando até ser doutor. Doutor, para quê? dizia comigo. Pois se nem o sol, nem a lua, nem as moças, nem os bons charutos Vilegas eram doutores, que necessidade tinha eu de o ser? E tocava a rir, a folgar, a deixar correr semanas e credores.

Falei de um golpe recebido. Era uma carta do tio, vinda com a do Norberto, naquela mesma manhã. Abri-a antes da outra, e li-a com pasmo. Já me não tuteava; dizia cerimoniosamente: "Sr. Simeão Antônio de Barros, estou farto de gastar à toa o meu dinheiro com o senhor. Se quiser concluir os estudos, venha matricular-se aqui, e morar comigo. Se não, procure por si mesmo recursos; não lhe dou mais nada." Amarrotei o papel, finquei os olhos numa litografia muito ruim do Visconde de Sepetiba, que já achei pendente de um prego, no meu quarto de pensão, e disse-lhe os nomes mais feios, de maluco para baixo. Bradei que podia guardar o seu dinheiro, que eu tinha vinte anos, — o primeiro dos direitos do homem, anterior aos tios e outras convenções sociais.

A imaginação, madre amiga, apontou-me logo uma infinidade de recursos, que bastavam a dispensar os magros cobres de um velho avarento; mas, passada essa primeira impressão, e relida a carta, entrei a ver que a solução era mais árdua do que parecia. Os recursos podiam ser bons e até certos; mas eu estava tão afeito a ir à Rua da Quitanda receber a pensão mensal e a gastá-la em dobro, que mal podia adotar outro sistema.

Foi neste ponto que abri a carta do amigo Norberto e corri à casa dele. Já sabem o que lhe disse; viram que ele meteu as unhas na cabeça, desesperado. Saibam agora que, depois do gesto, disse com olhar sombrio que esperava de mim outros conselhos.

— Quais?

Não me respondeu.

— Que compres uma pistola ou uma gazua? algum narcótico?

— Para que estás caçoando comigo?

— Para fazer-te homem.

Norberto deu de ombros, com um laivozinho de escárnio ao canto da boca. Que homem? Que era ser homem senão amar a mais divina criatura do mundo e morrer por ela?

A Baronesa de Magalhães, causa daquela demência, viera pouco antes da Bahia, com o marido, que antes do baronato, adquirido para satisfazer a noiva, era Antônio José Soares de Magalhães. Vinham casados de fresco; a baronesa tinha menos trinta anos que o barão; ia em vinte e quatro. Realmente era bela. Chamavam-lhe, em família, Iaiá Lindinha. Como o barão era velho amigo do pai de Norberto, as duas famílias uniram-se desde logo.

— Morrer por ela? disse eu.

Jurou-me que sim; era capaz de matar-se. Mulher misteriosa! A voz dela entrava-lhe pelos ossos... E, dizendo isto, rolava na cama, batia com a cabeça, mordida os travesseiros. Às vezes, parava, arquejando; logo depois tornava às mesmas convulsões, abafando os soluços e os gritos, para que os não ouvissem do primeiro andar.

Já acostumado às lágrimas do meu amigo, desde a vinda da baronesa, esperei que elas acabassem, mas não acabavam. Descavalguei a cadeira, fui a ele, bradei-lhe que era uma criança, e despedi-me; Norberto pegou-me na mão, para que ficasse, não me tinha dito ainda o principal.

— É verdade; que é?

— Vão-se embora. Estivemos lá ontem, e ouvi que embarcam sábado.

— Para a Bahia?

— Sim.

— Então, vão comigo.

Contei-lhe o caso da carta, e as ordens de meu tio para ir matricular-me na Bahia, e estudar ao pé dele. Norberto escutou-me alvoroçado. Na Bahia? Iríamos juntos; éramos íntimos, os pais não recusariam este favor à nossa jovem amizade. Confesso que o plano pareceu-me excelente, e demo-nos a ele com afínco. A mãe, apesar de muita lágrima que teria de verter ao despegar-se do filho, cedeu mais prontamente do que supúnhamos. O pai é que não cedeu nada. Não houve rogos nem empenhos; o próprio barão, que eu tive a arte de trazer ao nosso propósito, não alcançou do velho amigo que deixasse ir o filho, nem ainda com a promessa de o aposentar em casa e velar por ele. O pai foi inflexível.

Podem imaginar o desespero do meu amigo. Na noite de sexta-feira estive em casa dela, com a família, até onze horas; mas, com o pretexto de passar comigo a última noite da minha estada aqui, veio realmente chorar tantas e tais lágrimas, como nunca as vi chorar jamais, nem antes nem depois. Não podia descrer da paixão, nem presumir consolá-la; era a primeira. Até então, ambos nós só conhecíamos os trocos miúdos do amor; e, por desgraça dele a primeira moeda grande que achara, não era ouro nem prata, senão ferro, duro ferro, como a do velho Licurgo, forjada como mesmo amargo vinagre.

Não dormimos. Norberto chorava, arrepelava-se, pedia a morte, construía planos absurdos ou terríveis. Eu, arrançando as malas, ia-lhe dizendo alguma coisa que o consolasse; era pior, era como se falasse de dança a uma perna dolorida. Consegui que fumasse um cigarro, depois outro, e afinal fumou-os às dúzias, sem acabar nenhum. Às três horas tratava do modo de fugir ao Rio de Janeiro, — não logo, mas daí a dias, no primeiro vapor. Tirei-lhe essa idéia da cabeça unicamente no interesse dele próprio.

— Ainda se fosse útil, vá, disse-lhe eu; mas ir sem certeza de nada, ir dar com o nariz na porta, porque a mulher, se não gosta de ti, e te vê lá, é capaz de perceber logo o motivo da tua viagem, e não te recebe.

- Que sabes tu?
 — Pode receber-te, mas não há certeza, acho eu. Crês que ela goste de ti?
 — Não digo que sim, nem que não.

Contou-me episódios, gestos, ditos, coisas ambíguas ou insignificantes; depois vinha uma reticência de lágrimas, murros no peito, clamor de angústia, a dor ia-se-me comunicando; padecia com ele, a razão cedia à compaixão, as nossas naturezas fundiam-se em uma só lástima. Daí esta promessa que lhe fiz.

— Tenho uma ideia. Vou com eles, já nos conhecemos, é provável que frequente a casa; eu então farei uma coisa: sondo-a a teu respeito. Se vir que nem pensa em ti, escrevo-te francamente que penses em outra coisa; mas se achar alguma inclinação, pouca que seja, aviso-te, e, ou por bem ou por mal, embarca.

Norberto aceitou alvoroçado a proposta; era uma esperança. Fez-me jurar que cumpriria tudo, que a observaria bem, sem temor, e, pela sua parte, jurou-me que não hesitaria um instante. E teimava comigo que não perdesse nada; que, às vezes, um indício pequeno valia muito, uma palavrinha era um livro; que, se pudesse, aludisse ao desespero em que o deixava. Para peitar a minha sagacidade, afirmou que o desengano matá-lo-ia, porque esse amor, eterno como era, iria fartar-se na morte e na eternidade. Não achei boca para replicar-lhe que isto era o mesmo que obrigar-me a só mandar boas notícias. Naquela ocasião, apenas sabia chorar com ele.

A aurora registrou o nosso pacto imoral. Não consenti que ele fosse a bordo despedir-se. Parti. Não falemos da viagem... Ó mares de Homero, flagelados por Euros, Bóreas e o violento Zéfiro, mares épicos, podeis sacudir Ulisses, mas não lhe dais as aflições do enjôo. Isso é bom para os mares de agora, e particularmente para aqueles que me levaram daqui à Bahia. Só depois de chegar ante a cidade, ousei aparecer à nossa dona magnífica, tão senhora de si, como se acabasse de dar um passeio apenas longo.

- Não tem saudades do Rio de Janeiro? disse-lhe eu logo, de intróito.
 — Certamente.

O barão veio indicar-me os lugares que a gente via do paquete, — ou a direção de outros. Ofereceu-me a casa dele, no Bonfim. Meu tio veio a bordo, e, por mais que quisesse fazer-se tético, senti-lhe o coração amigo. Via-me, único filho da irmã finada, — e via-me obediente. Não podia haver para mim melhores impressões de entrada. Divina juventude! as coisas novas pagavam-me em dobro as coisas velhas.

Dei os primeiros dias ao conhecimento da cidade; mas não tardou que uma carta do meu amigo Norberto me chamasse a atenção para ele. Fui ao Bonfim. A baronesa — ou Iaiá Lindinha, que era ainda o nome dado por toda a gente, — recebeu-me com tanta graça, e o marido era tão hospedeiro e bom, que me envergonhei da particular comissão que trazia. Mas durou pouco a vergonha, vi o desespero do meu amigo, e a necessidade de consolá-lo ou desenganá-lo era superior a qualquer outra consideração. Confesso até uma singularidade; agora que estavam separados entrou-me na alma a esperança de que ela não desgostasse dele, — justamente o que eu negava antes. Talvez fosse o desejo de o ver feliz; podia ser uma instigação da vaidade que me acenasse com a vitória em favor do desgraçado.

Naturalmente, conversamos do Rio de Janeiro. Eu dizia-lhe as minhas saudades, falava das coisas que estava acostumado a ver, das ruas que faziam parte da minha pessoa, das caras de todos os dias das casas, das afeições... Oh! as afeições eram os laços mais apertados. Tinha amigos: os pais de Norberto...

- Dois santos, interrompeu a moça; meu marido, que conhece o velho desde muitos anos, conta dele coisas curiosas. Sabe que casou por uma paixão fortíssima?

- Adivinha-se. O filho é o fruto expressivo do amor dos dois. Conheceu bem o meu pobre Norberto?
- Conheci; ia lá à casa muitas vezes.
- Não conheceu.

Iaiá Lindinha franziu levemente a testa.

— Perdoe-me se a desminto, continuei com vivacidade. Não conheceu a melhor alma, a mais pura e a mais ardente que Deus criou. Talvez que ache parcial por ser amigo. A verdade é que ninguém me prende mais ao Rio de Janeiro. Coitado do meu Norberto! Não imagina que homem talhado para dois ofícios ao mesmo tempo, arcanjo e herói, — para dizer à terra as delícias do céu, e para escalar o céu, se for preciso ir lá levar as lamentações humanas...

Só no fim desta fala compreendi que era ridícula. Iaiá Lindinha, ou não a entendeu assim, ou disfarçou a opinião; disse-me somente que a minha amizade era entusiasta, mas que o meu amigo parecia boa pessoa. Não era alegre, ou tinha crises melancólicas. Disseram-lhe que ele estudava muito...

— Muito.

Não insisti para não atropelar os acontecimentos... Que o leitor me não condene sem remissão nem agravo. Sei que o papel que eu fazia não era bonito; mas já lá vão vinte e sete anos. Confio do Tempo, que é um insigne alquimista. Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes; quando menos, em cascalho. Assim é que, se um homem de Estado escrever e publicar as suas memórias, tão sem escrúpulo, que lhes não falte nada, nem confidências pessoais, nem segredos do governo, nem até amores, amores particularíssimos e inconfessáveis, verá que escândalo levanta o livro. Dirão, e dirão bem, que o autor é um cínico, indigno dos homens que confiaram nele e das mulheres que o amaram. Clamor sincero e legítimo, porque o caráter público impõe muitos resguardos; os bons costumes e o próprio respeito às mulheres amadas constroem ao silêncio...

... Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Hão de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo, a maneira de amar, a de compor os ministérios e deitá-los abaixo, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que se faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículos tínhamos, se os relógios eram trazidos à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima. Daí a esperança que me fica, de não ser condenado absolutamente pela consciência dos que me lêem. Já lá vão vinte e sete anos!

Gastei mais de meio em bater à porta daquele coração, a ver se lá achava o Norberto; mas ninguém me respondia de dentro, nem o próprio marido. Não obstante, as cartas que mandava ao meu pobre amigo, se não levavam esperanças, também não levavam desenganos. Houve-as até mais esperançosas que desenganadas. A afeição que lhe tinha e o meu amor-próprio conjugavam as forças todas para espertar nela a curiosidade e a sedução de um mistério remoto e possível.

Já então as nossas relações eram familiares. Visitava-os a miúdo. Quando lá não ia três noites seguidas, vivia aflito e inquieto; corria a vê-los na quarta noite, e era ela que me esperava ao portão da chácara, para dizer-me nomes feios, ingrato, preguiçoso, esquecido. Os nomes foram cessando, mas a pessoa não deixava de estar ali à espera, com a mão prestes a apertar a minha, — às vezes, trêmula, — ou seria a minha que tremia; não sei.

- Amanhã não posso vir, dizia-lhe algumas noites, à despedida, baixo, no vão de uma janela.
- Por quê?

Explicava-lhe a causa, estudo ou alguma obrigação de meu tio. Nunca tentou dissuadir-me de promessa, mas ficava desconsolada. Comecei a escrever menos ao Norberto e a falar pouco de Iaiá Lindinha, como quem não ia à casa dela. Tinha fórmulas diferentes: "Ontem encontrei o barão no

largo do Palácio; disse-me que a mulher está boa". Ou então: "Sabes quem vi há três dias no teatro? A baronesa". Não relia as cartas, para não encarar a minha hipocrisia. Ele, pela sua parte, também ia escrevendo menos, e bilhetes curtos. Entre mim e a moça não aparecia mais o nome de Norberto; convencionamos, sem palavras, que era um defunto, e um triste defunto sem galas mortuárias.

Beirávamos o abismo, ambos teimando que era um reflexo da cúpula celeste, — incongruência para os que não andam namorados. A morte resolveu o problema, levando consigo o barão, por meio de um ataque de apoplexia, no dia vinte e três de março de 1861, às seis horas da tarde. Era um excelente homem, a quem a viúva pagou em preces o que lhe não dera em amor.

Quando eu lhe pedi, três meses depois, que, acabado o luto, casasse comigo, Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu. Ao contrário, respondeu que sim, mas não tão cedo; punha uma condição: que concluísse primeiro os estudos, que me formasse. E disse isto com os mesmos lábios, que pareciam ser o único livro do mundo, o livro universal, a melhor das academias, a escola das escolas. Apelei dela para ela; escutou-me inflexível. A razão que me deu foi que meu tio podia reear que, uma vez casado, interromperia a carreira.

— E com razão, concluiu. Ouça-me: só me caso com um doutor.

Cumprimos ambos a promessa. Durante algum tempo andou ela pela Europa, com uma cunhada e o marido desta; e as saudades foram então as minhas disciplinas mais duras. Estudei pacientemente; despeguei-me de todas as vadiagens antigas. Recebi o capelo na véspera da bênção matrimonial; e posso dizer, sem hipocrisia, que achei o latim do padre muito superior ao discurso acadêmico.

Semanas depois, pediu-me Iaiá Lindinha que viéssemos ao Rio de Janeiro. Cedi ao pedido, confesso que um pouco atordoado. Cá viria achar o meu amigo Norberto, se é que ele ainda residia aqui. Ia em mais de três anos que nos não escrevíamos; já antes disso as nossas cartas eram breves e sem interesse. Saberia do nosso casamento? Dos precedentes? Viemos; não contei nada a minha mulher.

Para quê? Era dar-lhe notícia de uma aleivosia oculta, dizia comigo. Ao chegar, pus esta questão a mim mesmo, se esperaria a visita dele, se iria visitá-lo antes; escolhi o segundo alvitre, para avisá-lo das coisas. Engenhei umas circunstâncias especiais, curiosas, acarretadas pela Providência, cujos fios ficam sempre ocultos aos homens. Não me ria, note-se bem; minha imaginação compunha tudo isso com seriedade.

No fim de quatro dias, soube que Norberto morava para os lados do Rio Comprido; estava casado. Tanto melhor. Corri a casa dele. Vi no jardim uma preta amamentando uma criança, outra criança de ano e meio, que recolhia umas pedrinhas do chão, acocorada.

— Nhô Bertinho, vai dizer a mamãe que está aqui um moço procurando papai.

O menino obedeceu; mas, antes que voltasse, chegava de fora o meu velho amigo Norberto. Conheci-o logo, apesar das grandes suíças que usava; lançamo-nos nos braços um do outro.

— Tu aqui? Quando chegaste?

— Ontem.

— Estás mais gordo, meu velho! Gordo e bonito. Entremos. Que é? continuou ele inclinando-se para Nhô Bertinho, que lhe abraçava uma das pernas.

Pegou dele, alçou-o, deu-lhe trinta mil beijos ou pouco menos; depois, tendo-o num braço, apontou para mim.

— Conheces este moço?

Nhô Bertinho olhava espantado, com o dedo na boca. O pai contou-lhe então que eu era um amigo de papai, muito amigo, desde o tempo em que vovô e vovó eram vivos...

— Teus pais morreram?

Norberto fez-me sinal que sim, e acudiu ao filho, que com as mãozinhas espalmadas pegava da cara do pai, pedindo-lhe mais beijos. Depois, foi à criança que mamava, não a tirou do regaço da ama, mas disse-lhe muitas coisas ternas, chamou-me para vê-la; era uma menina. Revia-se nela, encantado. Tinha cinco meses por ora; mas se eu voltasse ali quinze anos depois, veria que mocetona. Que bracinhos! que dedos gordos! Não podendo ter-se, inclinou-se e beijou-a.

— Entra, anda ver minha mulher. Jantas conosco.

— Não posso.

— Mamãe, está espiando, disse Nhô Bertinho.

Olhei, vi uma moça à porta da sala, que dava para o jardim; a porta estava aberta, ela esperava-nos. Subimos os cinco degraus; entramos na sala. Norberto pegou-lhe nas mãos, e deu-lhes dois beijos. A moça quis recuar, não pôde, ficou muito corada.

— Não te vexes, Carmela, disse ele. Sabes quem é este sujeito? É aquele Barros de quem te falei muitas vezes, um Simeão, estudante de medicina... A propósito, por que é que não me respondeste à participação do casamento?

— Não recebi nada, respondi.

— Pois afirmo que foi pelo correio.

Carmela ouvia o marido com admiração; ele tanto fez, que foi sentar-se ao pé dela, para lhe reter a mão, às escondidas. Eu fingia não ver nada; falava dos tempos acadêmicos, de alguns amigos, da política, da guerra, tudo para evitar que ele me perguntasse se estava ou não casado. Já me arrependia de ter ido ali; que lhe diria, se ele tocasse ao ponto e indagasse da pessoa? Não me falou em nada; talvez soubesse tudo.

A conversação prolongou-se; mas eu teimei em sair, e levantei-me; Carmela despediu-se de mim com muita afabilidade. Era bela; os olhos pareciam dar-lhe um resplendor de santa. Certo é que o marido tinha-lhe adoração.

— Viste-a bem? perguntou-me ele à porta do jardim. Não te digo o sentimento que nos prende, estas coisas sentem-se, não se exprimem. De que sorris? Achas-me naturalmente criança. Creio que sim; criança eterna, como é eterno o meu amor.

Entrei no tálburi, prometendo ir lá jantar um daqueles dias.

— Eterno! disse comigo. Tal qual o amor que ele tinha a minha mulher.

E, voltando-me para o cocheiro, perguntei-lhe:

— O que é eterno?

— Com perdão de V.S.^a, acudiu ele, mas eu acho que eterno é o fiscal da minha rua, um maroto que, se não lhe quebro a cara um destes dias, a minha alma se não salve. Pois o maroto parece eterno no lugar; tem aí não sei que compadres... Outros dizem que... Não me meto nisso... Lá quebrar-lhe a cara...

Não ouvi o resto: fui mergulhando em mim mesmo, ao zunzum do cocheiro. Quando dei por mim, estava na Rua da Glória. O demônio continuava a falar; paguei, e desci até à Praia da Glória, meti-me pela do Russell e fui sair à do Flamengo. O mar batia com força. Moderei o passo, e pus-me a olhar para as ondas que vinham ali bater e morrer. Cá dentro, ressoava, como um trecho musical, a pergunta

que fizera ao cocheiro: O que é eterno? As ondas, mais discretas que ele, não me contaram os seus particulares, vinham vindo, morriam, vinham vindo, morriam.

Ceguei ao Hotel de Estrangeiros ao declinar da tarde. Minha mulher esperava-me para jantar. Eu, ao entrar no quarto, peguei-lhe das mãos, e perguntei-lhe:

— O que é eterno, Iaiá Lindinha?

Ela, suspirando:

— Ingrato! é o amor que te tenho.

Jantei sem remorsos; ao contrário, tranqüilo e jovial. Coisas do Tempo! Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes...